UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

LEONARDO MEDEIROS VIEIRA

O TEMA DA RAZIA DE GADO (*BOĒLASÍA)* NA ÉPICA HOMÉRICA

Versão original

São Paulo
2016

LEONARDO MEDEIROS VIEIRA

O tema da razia de gado (*boēlasía)* na épica homérica

Versão original

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Christian Werner

São Paulo
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

V657t

Vieira, Leonardo Medeiros
O tema da razia de gado (boelasía) na épica homérica / Leonardo Medeiros Vieira ; orientador Christian Werner. - São Paulo, 2016.
167 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Letras Clássicas.

1. Epopeia (poesia épica). 2. Literatura Clássica. I. Werner, Christian , orient. II. Título.

VIEIRA, L. M. **O tema da razia de gado** (***boēlasía)*** **na épica homérica**. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profa. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

UXORI CARISSIMAE

RESUMO

VIEIRA, L. M. **O tema da razia de gado (*boēlasía)* na épica homérica**. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016.

O tema da razia de gado (*boēlasía*) é uma constante nos textos conservados da tradição épica grega arcaica, nos quais figura na forma de narrativas breves ou de referências alusivas. Apesar disso, pouco se escreveu acerca desse tema, e os poucos estudos realizados se concentraram apenas na consideração da recorrência *boēlasía* como um reflexo da importância do gado na 'economia da honra' típica dos poemas homéricos ou na sua explicação como um derivado de estruturas míticas herdadas do protoindo-europeu. É justamente essa lacuna que esta tese se propõe a atacar, por meio da recolha e cotejo de parte das narrativas e referências homéricas a essa atividade e do seu exame a partir dos referenciais teóricos e metodológicos oriundos da crítica oralista do *épos* arcaico, particularmente os métodos de análise temática que partem da recepção dos poemas.

Palavras-chave: Homero; Épica grega arcaica; crítica oralista; tema da razia de gado.

ABSTRACT

VIEIRA, L. M. **The cattle-raid (*boēlasía*) theme in the homeric epics**. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016.

The cattle-raid (*boēlasía*) theme is a constant in the preserved texts of the tradition of Greek archaic epic, wherein it appears either in the form of brief narratives or of allusive references. Nonetheless, little has been written about this theme, and the few studies there are have focused only in the consideration of the recurrence of the *boēlasía* as a reflex of the importance of cattle in the "honour economy" typical of the homeric poems or in its explanation as a derivation of mythical structures inherited from the proto-indoeuropeans. This dissertation aims precisely at such blind spot, recovering and comparing part of the homerical references to this activity and examinig them via theoretical and methodological insights originated in the oralist critical tradition of the archaic *épos*, particularly those theme-based analytical methods that take into consideration the reception of the poems.

Keywords: Homer; Greek epic poetry; oral theory; cattle-raid theme.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 08

2 HERÓIS LOUCOS POR GADO 17

2.1 GADO E RIQUEZA 17

2.2 A CIRCULAÇÃO HONORÍFICA DO GADO 24

2.3 A UBIQUIDADE DO ROUBO OU RAZIA DE GADO NA TRADIÇÃO ÉPICA GREGA 34

2.4 UM MODELO INTERPRETATIVO: O MITO PROTOINDO-EUROPEU DO ROUBO DE GADO INICIATÓRIO 38

3 O TEMA DA *BOELASIA* NA ÉPICA HOMÉRICA, A *ILÍADA* 43

3.1 AS RAZIAS DE GADO DE AQUILES 43

3.2 O JOVEM NESTOR ROUBA GADO 61

3.3 TOCAIA, PREDAÇÃO HUMANA E PREDAÇÃO ANIMAL NA ÉCFRASE DO ESCUDO DE AQUILES 78

3.4 O ROUBO DOS CAVALOS DE RESO COMO UMA MULTIFORMA PARTICULAR DA *BOELASIA*..... 101

3.5 OBSERVAÇÕES FINAIS.....110

4 O TEMA DA *BOELASIA* NA ÉPICA HOMÉRICA, A *ODISSEIA*..... 113

4.1 RAZIAS DE GADO ‘ILIÁDICAS’ NA *ODISSEIA*? 113

4.2 O ROUBO OU RAZIA DE GADO NO CONTEXTO DOS *APÓLOGOI* 127

4.3 OBSERVAÇÕES FINAIS.....154

5 CONCLUSÃO.....155

REFERÊNCIAS 158

1 Introdução

> Também há uma caverna dentro da cidade. Lá, dizem, as vacas de Nestor, e antes as de Neleu, eram guardadas. Essas vacas seriam de raça tessálica, oriundas de Íficles, o pai de Protesilau. Pois tais vacas, Neleu as exigia dos pretendentes como dons nupciais por sua filha. Por causa delas, Melampo, para agradar seu irmão Bias, chegou à Tessália e foi preso pelos vaqueiros de Íficles, mas recebeu as vacas como recompensa por aquilo que profetizou a pedido deste. Realmente, os homens de outrora deviam ser ávidos por acumular esse tipo de riqueza (rebanhos de cavalos e de bois), se de fato Neleu desejou que as vacas de Íficles fossem dele, e Euristeu, por causa da fama dos bois da Ibéria, ordenou a Héracles que roubasse a boiada de Gerião. E parece que também Érix, que reinava outrora na Sicília, possuía um tão violento desejo pelas vacas da Eriteia que lutou contra Héracles, propondo como prêmios, na luta, as vacas e o seu próprio reino. Também Homero, na *Ilíada*, havia dito como Ifidamante, o filho de Antenor, ofertou ao sogro cem bois como o início das dádivas nupciais. Esses fatos são confirmações do meu argumento de que os homens de outrora se compraziam sobretudo com bois.
>
> Pausânias[1]

Na passagem em epígrafe, proveniente da descrição daquilo que Pausânias julgava ser a capital do país homérico de Neleu e de seus descendentes (a cidade de Pilo), o antigo periegeta aponta um elemento constante na tradição mitopoética grega, a saber: o interesse profundo dos heróis de outrora pelos produtos da atividade do pastoreio e sua

---

[1] "Καὶ σπήλαιόν ἐστιν ἐντὸς τῆς πόλεως· βοῦς δὲ ἐνταῦθα τὰς Νέστορος καὶ ἔτι πρότερον Νηλέως φασὶν αὐλίζεσθαι. εἴη δ' ἂν Θεσσαλικὸν τὸ γένος τῶν βοῶν τούτων, Ἰφίκλου ποτὲ τοῦ Πρωτεσιλάου πατρός· ταύτας γὰρ δὴ τὰς βοῦς Νηλεὺς ἕδνα ἐπὶ τῇ θυγατρὶ ᾔτει τοὺς μνωμένους, καὶ τούτων ἕνεκα ὁ Μελάμπους χαριζόμενος τῷ ἀδελφῷ Βίαντι ἀφίκετο ἐς τὴν Θεσσαλίαν, καὶ ἐδέθη μὲν ὑπὸ τῶν βουκόλων τοῦ Ἰφίκλου, λαμβάνει δὲ μισθὸν ἐφ' οἷς αὐτῷ δεηθέντι ἐμαντεύσατο. ἐσπουδάκεσαν δὲ ἄρα οἱ τότε πλοῦτόν τινα συλλέγεσθαι τοιοῦτον, ἵππων καὶ βοῶν ἀγέλας, εἰ δὴ Νηλεύς τε γενέσθαι οἱ βοῦς ἐπεθύμησε τὰς Ἰφίκλου καὶ Ἡρακλεῖ κατὰ δόξαν τῶν ἐν Ἰβηρίᾳ βοῶν προσέταξεν Εὐρυσθεὺς ἐλάσαι τῶν Γηρυόνου βοῶν τὴν ἀγέλην. φαίνεται δὲ καὶ Ἔρυξ τότε ἐν Σικελίᾳ δυναστεύων δριμὺν οὕτως ἔχων ἐς τὰς βοῦς τὰς ἐξ Ἐρυθείας ἔρωτα, ὥστε καὶ ἐπάλαισε πρὸς τὸν Ἡρακλέα ἆθλα ἐπὶ τῇ πάλῃ καταθέμενος τάς τε βοῦς ταύτας καὶ ἀρχὴν τὴν ἑαυτοῦ. πεποίηκε δὲ καὶ Ὅμηρος ἐν Ἰλιάδι, ὡς Ἰφιδάμας ὁ Ἀντήνορος τὰ πρῶτα τῶν ἕδνων ἑκατὸν βοῦς τῷ πενθερῷ δοίη. ταῦτα μὲν τὸν λόγον μοι βεβαιοῖ, βουσὶ τοὺς τότε χαίρειν μάλιστα ἀνθρώπους", *Graeciae descriptio* (ed. Jones e Ormerod), IV, 36, 2-5.

disposição para adquiri-los mediante todos os modos possíveis, inclusive por meio da razia ou do roubo.

Nos textos integrantes das duas principais subtradições da poesia hexamétrica arcaica, aquelas construídas em torno das *personae* Homero e Hesíodo, esse interesse e a mencionada disposição tomam a forma de um conjunto de narrativas ou referências a situações de razia ou furto de animais pastoris, tais como o relato iliádico da razia de gado praticada pelo jovem Nestor (XI, 670-705), as duas menções hesiódicas à captura do gado de Gerião por Héracles (*Érga*, 287-294 e 979-983) e a narrativa hínica do furto das vacas de Apolo pelo pequeno Hermes *(H. H. a Hermes*, 62-141).[2]

Curiosamente, apesar da sua presença constante nas mencionadas tradições, essas situações de razia ou roubo de gado têm recebido pouca ou nenhuma atenção dos estudiosos da épica arcaica. Em parte, tal desinteresse pode ser explicado pela própria natureza muitas vezes sintética e alusiva desses testemunhos e pelo papel, em geral, secundário que eles desempenham nas economias narrativas dos textos nos quais estão inseridos. Assim, com a possível exceção do *Hino Homérico a Hermes,* não há notícia de um *épos* grego no qual a atividade de razia ou de roubo de gado tenha ocupado o primeiro plano da ação ou tenha atuado como motor da narrativa. Por outro lado, a ubiquidade e a importância profunda dos animais pastoris no mundo dos heróis e dos deuses representado no *épos* arcaico sugerem que essa atividade merece mais do que o lugar totalmente marginal que lhe foi atribuído pela tradição interpretativa.

É justamente essa lacuna que esta tese se propõe a atacar, por meio da recolha, cotejo e análise de parte das narrativas e referências a eventos de razia ou roubo de gado presentes nos textos supérstites da épica arcaica e do seu exame com base principalmente nos referenciais teóricos e metodológicos oriundos dos trabalhos pioneiros de M. Parry e A. Lord e de alguns de seus continuadores, particularmente os métodos de análise temática que partem da recepção dos poemas. Trata-se aqui, portanto, de uma abordagem que pode ser caracterizada como oralista e que, até onde foi possível averiguar, não havia sido antes aplicada (de forma sistemática) a esses componentes específicos do *épos* arcaico.

De fato, nos poucos estudos anteriores dedicados (em todo ou parte) à exploração dos atos de subtração de animais pastoris na poesia hexamétrica arcaica ou na tradição mitopoética grega como um todo, o esforço hermenêutico costumou concentrar-se, grosso

---

[2] Para uma listagem desses episódios e situações, cf., *infra*, p. 34-8.

modo, na interpretação de várias dessas passagens como derivações de estruturas míticas tidas como originárias, sejam elas protoindo-europeias ou mais antigas. Consequentemente, ao concederem prioridade analítica aos eventuais traços dessas estruturas presentes nas narrativas e demais evidências disponíveis, muitos desses estudos acabaram por desconsiderar, ou falsear, elementos importantes dos testemunhos para adequá-los a suas hipotéticas formas ancestrais. Além disso, os mesmos estudos raramente se dedicaram a observar as múltiplas relações entre uma dada referência ou narrativa de razia de gado e o seu enquadramento textual imediato, o que levou, por vezes, a propostas interpretativas que terminaram por enfatizar uma alteridade fundamental entre esses passos e os contextos nos quais encontram-se inseridos.

Em contraste com tais procedimentos 'extratextuais', procuraremos, nesta tese, explorar as diversas narrativas e referências a situações de apropriação de reses da poesia hexamétrica arcaica sem nos ocuparmos das suas possíveis origens. Meu ponto de partida é a atenção à própria natureza dos textos da épica arcaica como produtos de uma tradição de poesia oral, na qual atividades recorrentes tendem a ser desenvolvidas, em maior ou menor grau, por meio de padrões narrativos e fraseologia também recorrentes. Trata-se, aqui, de um princípio hermenêutico já apontado, dentre outros, por Adrian Kelly, quando esse comentador afirma, acerca dos poemas homéricos, que uma interpretação produtiva "*should proceed from the realization that Homeric poetry* [e também o restante do *épos* arcaico] *is characterized on every level by an aesthetic of repetition, because it is constructed of a large but finite number of repeated units*".[3]

Ora, uma vez que atos de subtração de animais pastoris também se repetem nos textos do *épos* arcaico (exibindo muitas vezes uma mesma dicção ou semelhante) é razoável supor que tais repetições também constituiriam manifestações ou instâncias de um (ou mais) elemento(s) do repertório de conteúdos tradicionais que compõe o sistema poético da épica arcaica.[4] Com base nesse raciocínio, esta tese se propõe justamente a formular e testar a hipótese de que boa parte dos eventos de rapina de animais pastoris presentes na épica grega arcaica podem ser compreendidos como multiformas de uma mesma estrutura temática genérica: o tema da razia ou do roubo de gado ou, para usar um

---

[3] Kelly (2007, p. 4). O que não implica, como ressalta Kelly na sequência, em uma fixidez textual, já que as possibilidades de combinação e recriação dos elementos tradicionais são bastante amplas.

[4] Para os poemas homéricos (e, imagina-se, a épica grega arcaica como um todo) como "*a system of interconnected poetic and cultural associations*", cf. Dué e Ebbott (2010, p. 16).

único termo, da *boēlasía*.[5] Assim, ao final desta investigação, esperamos ser capazes não apenas de apontar minimamente as características multiformes desse tema (a sua dicção, os seus motivos e seus padrões narrativos típicos), mas também de identificar as suas relações com outras estruturas do *épos* arcaico e parte do seu quadro tradicional de associações e referências.[6]

Evidentemente, nesse tipo de empreitada, a explicitação daquilo que se entende por 'tema' constitui a etapa inicial. A esse respeito, a escolha natural recai sobre a definição de tema proposta, na esteira de M. Parry, pelo próprio Albert Gates Lord, a saber: "*a group of ideas regularly used in telling a tale in the formulaic style of traditional song*".[7] Ora, é certo que o próprio Lord, ao longo do seu magistral *The Singer of Tales* (1960) e também na sua produção posterior, costuma empregar tal definição exclusivamente para referir-se aos elementos recorrentes (em geral) extensos e altamente estruturados/formalizados que boa parte da crítica oralista posterior, com base na obra de Walter Arend, prefere chamar de 'cenas típicas' (*e.g.,* uma assembleia, uma sequência de recepção de um hóspede, uma cena de armamento).[8] Apesar disso, consideramos que a mesma definição também pode ser aplicada àqueles elementos recorrentes da épica

---

[5] Acerca do termo *boēlasía* e do seu emprego nesta tese, cf. *infra,* p. 72-3.

[6] Ou sua 'referencialidade tradicional', conforme a expressão cunhada por Foley (1999, xi-34*, passim*) para referir-se a um repertório de conteúdos, significados e expectativas partilhado entre o aedo e seu público tradicional e vinculado a ocorrência de uma expressão, formula ou estrutura narrativa específica no decorrer da performance.

[7] Lord (2000 [1960], p. 68). Para uma evidência da influência fundamental de M. Parry na formulação do conceito de tema proposto por Lord, compare-se a resenha do primeiro acerca da obra *Die typsischen Scenen bei homer*, de Walter Arend, (disponível em A. Parry, 1971, p. 404-7) com os desenvolvimentos presentes em Lord (*op. cit*., p. 68-98).

[8] Acerca dessa questão, cf. Lord (2000 [1960], p. 68-98 *passim*) e Lord (1991, p. 27), cito: "*The 'theme' in oral-traditional epic, a repeated* **passage***, is as characteristic of oral-traditional composition as is the formula and for the same reason, its usefulness in composition. There are several important things to note about the 'theme'. First, it is not simply a repeated subject, such as a council, a feast, a battle, or a description of horse, hero, or heroine. It is that, but it is more than that. All those subjects occur repeatedly in written literature as well. The 'theme' in oral literature is distinctive because its content is expressed in more or less the same words every time the singer or storyteller uses it. It is a repeated passage rather than a repeated subject*". Acerca dos problemas inerentes ao conceito de tema proposto por Lord e da sua sobreposição com aquele de cena típica, vale conferir também Jensen (2011, p. 63-69) e M. Edwards (1992, p. 285-287).

arcaica que exibem um grau menor de estruturação/formalização, tal como as referências e narrativas de razia ou roubo de gado.

Ao fazer tal opção, buscamos apoio, mais uma vez, em uma importante observação de A. Kelly. De fato, ao comentar justamente os parâmetros que empregou para a identificação das unidades, ou itens, que compõem o repertório de conteúdos tradicionais perceptíveis no oitavo canto da *Ilíada*, esse comentador adverte:

> *The objects of the enquiry need not be formulaic, in the narrow sense(s) determined by previous scholarship, but rather of sufficient similarity and integrity in order to strike the impression of an audience during a performance. This may appear too subjective, too great a relaxation of schematic rigour, but it is unreasonable to expect an audience to differentiate between expressions on purely metrical grounds, for their impression of similarity will necessarily be more flexible than that of a researcher armed with a concordance, a written text, and the TLG search program. The Homeric Kunstsprache is a living organism for its audience, and rigid structural categorizations merely describe the poetry from a compositional rather than a semantic perspective. Hence there is no fundamental differentiation made in this book between the types of unit, and no adoption of a (further) specialized terminology for them.*[9]

Apesar de concordarmos fundamentalmente com Kelly, entendemos que a adoção de uma diferenciação (flexível) entre tipos de unidades e o consequente emprego de uma terminologia especializada são procedimentos importantes, mesmo que sejam motivados apenas pela conveniência dos pesquisadores. Portanto, ao longo dessa tese, utilizaremos de modo flexível a definição de Parry, nos aproximando de um desenvolvimento esboçado por René Nünlist e Irene de Jong quando, no glossário que integra os *prolegomena* de um recente comentário a *Ilíada*, tais autores definem tema do seguinte modo:

> ***Theme****: Recurrent sequences of events that are less clearly structured and less formulaic in their wording than actual type-scenes, e.g. supplication, scenes of battle and killing, intervention of a god, recognition. (...) Especially in German, but also in Anglophone scholarship, there is a resultant overlap with the term 'Motiv'/'motif', which is often used as synonymous with 'theme'. In the present context, 'motif' indicates short, recurrent narrative units present across genres (i.e. those less clearly tied to oral Homeric epic, e.g. 'the loyal*

[9] Kelly (2007, p. 14).

> *follower', 'intelligence vs. strength'), yielding an escalating sequence (with fluid borders): 'motif' – 'theme' – 'type-scene'.*[10]

Assim, se vazado nos termos apresentados acima, o objetivo desta tese pode ser formulado da seguinte forma: verificar se as referências e narrativas de atos de *boēlasía* presentes no *épos* arcaico apresentam indícios suficientes para afirmar que tal atividade, além de um motivo partilhado com o conjunto mais amplo da cultura mitopoética grega, constituiria também um tema do sistema poético que integra a tradição épica arcaica. Tal objetivo será realizado, conforme já dito, por meio da análise de parte dessas narrativas e referências. Acerca desse ponto, ressalte-se que optamos por restringir nosso *corpus* aos episódios e situações de *boēlasía* que integram o texto da *Ilíada* e da *Odisseia,* por entender que tais poemas, na qualidade de manifestações de duas subtradições poéticas intimamente relacionadas, permitiriam um campo mais adequado, pois amplo e (de certo modo) contínuo, para a circunscrição dos elementos típicos do tema em questão.

Por fim, antes de passarmos à descrição do plano da tese, gostaríamos de apresentar três pressupostos teórico-metodológicos que balizaram a sua produção como um todo. O primeiro deles é relativo à suspensão do julgamento acerca das circunstancias de composição, transmissão e recepção imediatas dos poemas arcaicos analisados, que serão tratados apenas como textos derivados de uma tradição de poesia oral ('*oral derived*' ou '*oral connected texts'*, na terminologia cunhada por John Miles Foley), ou seja: como poemas cujos elementos formadores são em grande parte originários de tradições que operavam por meio da composição, exposição e transmissão oral, mas cujos efetivos processos de criação, exposição e transmissão não podem ser identificados como totalmente orais (ou escritos). [11]

Já o segundo, é a convicção, sugerida pela obra de Albert Gates Lord, e desenvolvida por alguns de seus continuadores, de que a linguagem tradicional da poesia hexamétrica grega arcaica (a *Kunstsprache*) está profundamente ligada às estruturas narrativas (sejam elas as fórmulas, as cenas-típicas, os temas ou os padrões de enredo) e aos conteúdos tradicionais que ela veicula. Tal ligação, ou nexo, entre língua, forma e conteúdo permitiria ver na sobreposição de dicção entre dois textos derivados de uma

---

[10] Nünlist e Jong (2015, p. 175, grifo meu).

[11] Para '*oral derived*', cf. Foley (1997, p. 162) e Foley (*s.v.* Oral-derived text. In: Finkelberg, 2011, p. 603). Para '*oral connected*', Foley (1999, p. xiv).

mesma tradição oral um indício seguro do compartilhamento do mesmo material temático. [12]

Quanto ao terceiro pressuposto, trata-se da crença, formulada a partir da leitura dos trabalhos de Barbara Graziosi, Johannes Haubold e Jenny Strauss Clay (dentre outros), de que boa parte (se não todos) os poemas restantes do *épos* arcaico — pelo fato de compartilharem uma linguagem tradicional e um repertório original de temas, expressões e ferramentas narrativas — fazem parte de uma mesma tradição poética, podendo assim (com alguma cautela e apesar das suas diferentes particularidades genéricas e diversas datas de composição) serem recebidos, fruídos e interpretados como um conjunto.[13]

Ainda a título de indicações metodológicas, faz-se necessário um último esclarecimento. De modo a possibilitar a identificação dos possíveis elementos de dicção tradicional associados à prática da razia ou do roubo de gado, procuraremos fornecer, nas notas referentes aos trechos sublinhados dos textos gregos, indicações de paralelos acompanhadas de uma descrição contextual sumária. Vale ressaltar que esse aparato de expressões tradicionais — construído a partir da consulta a várias edições e comentários impressos (dentre os quais as edições formulares da *Ilíada* e da *Odisseia* produzidas por Pavese e Boschetti, 2003) e às ferramentas digitais disponibilizadas pelos projetos

---

[12] Cf. Lord (2000 [1960], p. 30-98 *passim)*, Foley (1999, p. xi-34 *passim)* e Nagy (1990, p. 22-23).

[13] Acerca da noção de que os poemas hexamétricos supérstites tradicionalmente atribuídos ou associados a Hesíodo (a *Teogonia* e os *Trabalhos e Dias*, mas também o *Áspis* e um conjunto de textos extremamente mutilado dentre os quais se destaca o *Catalogo das Mulheres*) e a Homero (basicamente a épica-heroica representada pela *Ilíada* e *Odisseia,* mas também a coleção de hinos hexamétricos transmitidos sob esse nome) constituiriam os dois principais ramos de uma mesma tradição de poesia hexamétrica arcaica, que comportaria também os poemas perdidos do *Ciclo épico*, conferir, dentre outros, Graziosi e Haubold (2005, p. 11-62, *passim*). Quanto à Clay (2006, p. vi-16), ela defende uma configuração um tanto diversa que, sem negar a unidade fundamental apontada por Graziosi e Haubold, defende uma autonomia genérica dos quatro hinos hexamétricos extensos conservados (Apolo, Deméter, Afrodite e Hermes) em relação as subtradições homéricas e hesiódica. Acerca de todos esses pontos, cf. também Werner (2013), que explora de forma breve uma série de problemas genéricos escamoteados pela metodologia dos três autores mencionados. Ressalte-se que, ao logo desta tese, expressões como *épos,* '*épos* arcaico', 'épica arcaica', 'tradição épica arcaica' ou, mesmo, '*corpus* hexamétrico arcaico' referem-se apenas aos *corpora* textuais hexamétricos tradicionalmente associados a Hesíodo, ao Ciclo Épico e a Homero (incluindo os hinos homéricos extensos), sem abarcar o ramo representado pelas possíveis tradições órficas (associadas as *personae* Orfeu e Museu) ou qualquer outra produção poética arcaica em hexâmetros (como os poemas de Empédocles).

Chicago Homer (ed. A. Kahane e M. Mueller) e *Thesaurus Linguae Graecae* (ed. M. Pantelia) — não é exaustivo, pois abarca apenas os elementos de dicção que considero relevantes para o estudo do eventual tema da razia ou do roubo de gado. Quanto a sua organização interna, foram adotadas as seguintes convenções:

a) em relação aos segmentos do hexâmetro e suas respectivas siglas, sigo o esquema adotado por B. Peabody (1975, p. 66-70) e também exposto por M. Clark (2004, p. 119-23), a saber: A1 (diérese após o primeiro dáctilo ou espondeu), A2 (cesura tritemímere), B1(cesura masculina ou pentemímere), B2 (cesura feminina ou trocaica), C1 (cesura heftemímere) e C2 (diérese bucólica).
b) quando um elemento citado ocupar a mesma sede métrica da fórmula ou expressão de entrada, tal fato será indicado pela colocação de um asterisco após a sua referência;
c) após a transcrição do elemento de entrada (em negrito), são elencados os seus possíveis paralelos, em ordem de 'progressivo' distanciamento dos padrões métrico, sintático e/ou estrutural presentes no elemento inicial (vale ressaltar que trata-se de uma organização despretensiosa, cujo propósito é apenas permitir uma visão de conjunto dos dados sem implicar qualquer hipótese diacrônica ou genética acerca da relação entre os elementos citados e/ou seus respectivos entornos textuais);
d) em conformidade com os pressupostos expostos acima, foram listados paralelos pertencentes a todos os poemas supérstites da épica arcaica;
e) de modo a possibilitar uma visão sinóptica dos paralelos e dos seus respectivos empregos no conjunto do *épos* arcaico, optou-se geralmente por transcrever uma porção significativa do texto e contexto dos elementos citados, excetuando quando tal texto e contextos forem idênticos aos do elemento de entrada.

Passando agora a descrição do plano da tese, esta investigação acerca do tema tradicional da *boēlasía* na épica arcaica será efetuada por meio de três capítulos. O primeiro deles, 'Heróis loucos por gado', objetiva colocar toda a investigação em

perspectiva, ao explorar as profundas conexões entre gado e riqueza no mundo dos heróis representado na épica arcaica e fornecer uma síntese dos processos de circulação honorífica de animais pastoris, que constituem o avesso das situações de razia ou roubo de gado. Esse mesmo capítulo fornece ainda um repertório das situações de roubo e razia de gado atestadas no *epós* arcaico e, por meio do comentário a um estudo influente acerca do tema, ilustra como esse objeto não será abordado nesta tese: como um reflexo de uma estrutura mítica protoindo-europeia.

Já o segundo capítulo, 'O tema da *boēlasía* na épica homérica, a *Ilíada*', apresenta um estudo detalhado de todas as situações de razia de animais pastoris presentes no texto iliádico, procurando mostrar como todas elas, da mais sintética àquela que é tradicionalmente considerada a mais anômala, são multiformas de uma mesma estrutura tradicional.

Por fim, o terceiro capítulo, 'O tema da *boēlasía* na épica homérica, a *Odisseia*', procura averiguar se o quadro geral das características da *boēlasía* formulado no capítulo anterior é compatível com a evidencia disponível na *Odisseia*. Ao longo desse capítulo, tal verificação é efetuada inicialmente por meio de um conjunto de brevíssimas referências e narrativas de razia de gado e, posteriormente, mediante o extenso episódio do roubo incidental dos animais de Polifemo por Odisseu e seus camaradas.

Finalmente, um último esclarecimento metodológico. Ao longo dessa tese, com o objetivo de aliviar a aparência do texto, a referência aos poemas homéricos será feita sem chamada, apenas por meio da indicação do livro, em algarismos romanos maiúsculos para a *Ilíada* e minúsculos para a *Odisseia*, e dos versos em questão. Excetuando as traduções desse último poema, a cargo de Werner (2014) e empregadas aqui com pequenas modificações pontuais, todas as outras traduções de Homero, de Hesíodo, das demais fontes antigas ou de quaisquer comentadores são minhas.[14]

[14] Quanto às edições, o texto de Homero é aquele de van Thiel para ambos os poemas. Já para as demais fontes antigas, sempre que uma edição impressa não for indicada na bibliografia, foram empregados os textos digitalizados que compõem o *corpus* online do *Thesaurus Linguae Graecae*, devidamente referidos na bibliografia.

2 Heróis loucos por gado

2.1 Gado e riqueza

Nos *Érga*, Hesíodo aponta dois conflitos como causas da destruição da quarta linhagem humana, o *génos* dos heróis. Segundo o poeta, entre os heróis, alguns foram destruídos em Tróia "por causa de Helena de bela cabeleira" (v. 165), enquanto outros, em Tebas, "lutando pelos rebanhos de Édipo" (μαρναμένους μήλων ἕνεκ' Οἰδιπόδαο, v. 163). A interpretação desse último verso tem sido, há muito, objeto de controvérsia entre os comentadores modernos.[1] Assim, enquanto alguns o tomam como um indício para a reconstrução de uma versão épica segundo a qual Édipo teria sido morto ao defender seus bois durante uma razia de gado; outros, por sua vez, optam por uma via interpretativa já antecipada pelos seguintes comentários dos escoliastas:

> * μήλων ἕνεκ' Οἰδιπόδαο: διὰ τῶν μήλων πᾶσαν δηλοῖ τὴν κτῆσιν, δι' ἣν οἱ τοῦ Οἰδίποδος παῖδες καὶ πόλεμον ᾔραντο πρὸς ἀλλήλους καὶ συναπέθανον ἀλλήλοις καὶ μιᾷ πυρᾷ παρεδόθησαν.
>
> * devido aos rebanhos de Édipo: através dos rebanhos, ele indica todo o patrimônio em razão do qual os filhos de Édipo empreenderam guerra um contra o outro, morreram juntos e foram colocados lado a lado em uma única pira.
>
> <μήλων ἕνεκ':> οἱ παλαιοὶ γὰρ ἐν τοῖς τετράποσι τὴν κτῆσιν εἶχον· ἀμέλει καὶ οἱ βασιλέων παῖδες ἐποίμαινον πρὸ τοῦ γάμου καὶ ταῖς νύμφαις πρόβατα καὶ βόας ἐχαρίζοντο· ὅθεν καὶ (Hom. Σ 593) "παρθένοι ἀλφεσίβοιαι".
>
> <devido aos rebanhos:> pois os antigos tinham nos rebanhos o patrimônio: de fato, também os filhos dos reis pastoreavam antes do casamento e costumavam agraciar as noivas com ovelhas e vacas, daí também (XVIII, 593) [a expressão] "moças dadoras de bois".[2]

---

[1] Cf.,*e.g,* Walcot (1979, p. 327-8) e, mais recentemente, Ercolani (2010, *ad loc*.) que, embora de modo titubeante, parece se inclinar para essa posição.

[2] *Schol. ad* v. 163 e 163a (ed. A. Pertusi).

Assim, conforme o primeiro escólio, cujo asterisco o identifica como proveniente de um tratado de Proclo, a expressão em questão indicaria não um conjunto de reses a ser apropriada ou defendida em uma situação de razia de gado, mas consistiria em uma sinédoque para indicar, por meio da categoria de posses mais emblemática, todo o conjunto do patrimônio de Édipo. Tal interpretação, que vê no passo hesiódico uma alusão ao famoso conflito entre Etéocles e Polinices em torno da herança paterna (incluindo a posição de líder supremo de Tebas), é reforçada pelo segundo escoliasta, que é taxativo acerca do *rationale* por traz da expressão: o profundo nexo, no mundo dos heróis de outrora, entre gado e riqueza.[3]

De fato, como já sugerido por meio do trecho de Pausânias reproduzido anteriormente, na dinâmica das sociedades representadas nos poemas que são objeto desta tese (qualquer que seja a relação entre tais representações e a realidade historicamente definida) o gado é caracterizado como um dos principais tipos de propriedade. Assim, em Homero, a posse de numerosos animais — "rebanhos de cavalos e bois", mas também de ovelhas, cabras e, mesmo, porcos — é uma característica constantemente enfatizada pelos personagens quando desejam fornecer evidências de uma prosperidade excepcional.

Desse modo, Eneias, em um discurso a Aquiles, vangloria-se de ter o soberano Erictônio entre seus antepassados, esse "que se tornou o mais opulento (*aphneiótatos*) dos homens mortais / para o qual três mil cavalos pastavam ao longo de um charco, / éguas, que se regozijavam com seus tenros potros".[4] Na mesma direção, o fiel porqueiro Eumeu, ao longo de uma crítica à depredação causada pelos pretendentes de Penélope, fornece ao mendigo cretense/Odisseu uma cuidadosa catalogação do enorme patrimônio de seu mestre. Segundo Eumeu (xiv, 96-108):

---

[3] Acerca do asterisco (recorde-se que a edição em questão foi consultada via *TLG*, portanto sem introdução e aparatos), cf. Dickey (2007, p. 41). Para uma defesa convincente dessa proposta interpretativa juntamente com uma revisão de toda a controvérsia, cf. Cingano (1992) e West (1978, *ad loc.*).

[4] "ὃς δὴ ἀφνειότατος γένετο θνητῶν ἀνθρώπων. / τοῦ τρισχίλιαι ἵπποι ἕλος κάτα βουκολέοντο / θήλειαι, πώλοισιν ἀγαλλόμεναι ἀταλῇσι", XX, 220-2. Nos sete versos seguintes, Eneias fornece ainda mais detalhes da prosperidade equina desse seu antepassado por meio da menção de doze potras excepcionais, que foram geradas a partir do cruzamento entre as éguas de Erictônio e o vento Bóreas e eram capazes de correr sobre a superfície do mar e sobre as espigas de um campo cerealífero sem danificá-las. Para outras referências ao excepcional patrimônio equino da linguagem dos dardânidas, conferir as alusões aos cavalos divinos (ancestrais dos cavalos do próprio Eneias) dados por Zeus a Trós como compensação (*poinḗ/ápoina*) pelo rapto de seu filho Ganimedes, em V, 259-272 e no extenso *Hino Homérico a Afrodite*, 200-217.

"ἦ γάρ οἱ ζωή γ' ἦν ἄσπετος· οὔ τινι τόσση
ἀνδρῶν ἡρώων, οὔτ' ἠπείροιο μελαίνης
οὔτ' αὐτῆς Ἰθάκης· οὐδὲ ξυνεείκοσι φωτῶν
ἔστ' ἄφενος τοσσοῦτον· ἐγὼ δέ κέ τοι καταλέξω.
δώδεκ' ἐν ἠπείρῳ ἀγέλαι· **τόσα πώεα οἰῶν**,
τόσσα συῶν συβόσια, τόσ' αἰπόλια πλατέ' αἰγῶν
βόσκουσι ξεῖνοί τε καὶ αὐτοῦ βώτορες ἄνδρες·
ἐνθάδε τ' **αἰπόλια πλατέ' αἰγῶν** ἕνδεκα πάντα
ἐσχατιῇ βόσκοντ', ἐπὶ δ' ἀνέρες ἐσθλοὶ ὄρονται.
τῶν αἰεί σφιν ἕκαστος ἐπ' ἤματι μῆλον ἀγινεῖ,
ζατρεφέων αἰγῶν ὅς τις φαίνηται ἄριστος.
αὐτὰρ ἐγὼ σῦς τάσδε φυλάσσω τε ῥύομαί τε
καί σφι συῶν τὸν ἄριστον ἐὺ κρίνας ἀποπέμπω."

"Sim, suas provisões eram incontáveis; tais nenhum
varão herói possui, nem no escuro continente
nem na própria Ítaca. Nem de vinte heróis
é tamanha a riqueza; e eu para ti contarei:
doze rebanhos bovinos no continente; tantos, de ovelhas,
tantos, de porcos machos, tantos, dispersos, de cabras
apascentam estrangeiros e varões pastores dele mesmo.
Aqui, rebanhos de cabras dispersos, onze no total,
nos confins se apascentam, e distintos varões vigiam.
Sempre um deles, a cada dia, leva-lhes uma cabeça,
das bem-nutridas cabras a que parecer a melhor.
Mas eu guardo e protejo essas porcas aqui
e o melhor dos porcos seleciono e envio-lhes".[5]

[5] Não existem evidências textuais unívocas para a determinação do número de animais que tradicionalmente constituiriam uma boiada, ou um rebanho de ovelhas ou cabras, ou uma vara de porcos em Homero. Em xii, 125-8, por exemplo, os rebanhos de vacas e de ovelhas de Hélio comportam (cada um) cinquenta animais; mas, em XI, 696-7, os trezentos animais escolhidos por Neleu como sua porção em um butim constituem apenas uma boiada (*agélē boōn*) e um grande rebanho de ovelhas (*pōy még'oiōn*). Apesar disso, estamos bem informados acerca do número de suínos sob os cuidados de Eumeu: seiscentas porcas reprodutoras, encerradas nas pocilgas, e trezentos e sessenta machos nos pastos (cf. xiv, 13-28). A grande disparidade entre o número de machos e fêmeas é enfatizada pelo poeta e descrita como o resultado do consumo incessante dos machos cevados pelos pretendentes.

Também Filécio — o fiel vaqueiro que encontramos no ato de trazer uma vaca estéril e cabras gordas para os pretendentes — fornece testemunho do incontável (*athésphatos*) número de bois possuídos pelo pai de Telêmaco no continente e da dimensão extraordinária desse patrimônio, afirmando ainda que "melhor não /vingaria, para um varão, a cepa de vacas larga-fronte".[6]

Ressalte-se, ainda, que mesmo em um poema como *Trabalhos e dias*, no qual a escala das atividades pastoris é bem distinta daquela representada em Homero, o interesse pelo gado também está presente. Com efeito, embora as vastas operações pastoris que dominam o ambiente rural da *Ilíada* e da *Odisseia* estejam ausentes nesse poema, parcas evidências textuais sugerem a presença de um cenário de criação e manejo de um pequeno número de animais de pastoreio como uma atividade secundária em relação ao trabalho principal na lavoura".[7]

Em todos esses testemunhos, o alto valor atribuído ao gado em geral resulta tanto do seu papel fundamental como elemento propiciador de subsistência (o seu valor como vitualha) como da sua função suplementar como símbolo de riqueza e de *status* nas representações mitopoéticas de uma cultura cuja mentalidade foi em grande parte moldada pela prática pastoril.[8]

---

[6] Cf. xx, 185-212 ("νῦν δ' αἱ μὲν γίνονται ἀθέσφατοι, οὐδέ κεν ἄλλως / ἀνδρί γ' ὑποσταχύοιτο βοῶν γένος εὐρυμετώπων", v. 211-12).

[7] A esse respeito, conferir o meticuloso estudo do regime agrário dos *Trabalhos e dias* efetuado por A. T. Edwards (2004, p. 127-158), que ressalta o considerável destaque dado, no poema, aos animais de tração (essenciais para a prática da lavoura, mas concorrentes diretos dos animais de pastoreio em relação aos cuidados de manejo e ao uso das áreas de pastagem). Uma consideração arguta acerca das razões para a diferença de escala entre o pastoreio homérico e hesiódico é fornecida por van Wees (2009, 450-1, grifo meu): *"some scholars argue that the economy of Greece in the 'Dark Age' was mainly pastoral, and that a fundamental shift to a predominantly agricultural regime occurred in the eighth century. The much greater emphasis on livestock in Homer than in Hesiod is cited as evidence for this,* ***but the contrast is a matter of poetic emphasis rather than historical reality****: Homer conjures up a picture of wealth on a "heroic" scale by describing vast herds and constant feasts of meat, but leaves no doubt that the staple foods are grain and wine rather than meat; Hesiod preaches his gospel of work by concentrating on cereals and vines as the most labor-intensive crops, but reveals that livestock are reared and eaten as well".*

[8] A importância do pastorialismo na formação do arcabouço cultural grego é muitas vezes explicada pela determinante influência indo-europeia e pela prática efetiva dessa atividade na Grécia da Idade do Bronze, dos Séculos Obscuros e do Período Arcaico. Acerca do profundo nexo entre gado e riqueza na cultura indo-europeia, conforme atestado, *e.g.*, no grego *próbata* e no latim *pecu* e *pecunia*, ver Benveniste (1995, v. 1, p.

De fato, embora os textos remanescentes da épica arcaica destaquem a importância fundamental da posse e do usufruto de propriedades fundiárias para as atividades produtivas e para a avaliação da estima social dos membros de uma comunidade, os mesmos textos sugerem que é a riqueza em animais que caracteriza de modo distintivo a condição econômica do grupo dos *basileîs*, a elite das comunidades épicas.[9] Tais indivíduos, além de possuírem extensas herdades (*klêroi* e, muitas vezes, *témenoi*) nas quais são praticadas a cultura cerealífera, a viticultura e a arboricultura, se destacam dos demais membros efetivos de uma comunidade pela posse adicional de numerosos animais, como mostram a sumária descrição do patrimônio de Tideu (que englobava abundantes campos cerealíferos, pomares e muitas reses, XIV, 121-4) e as referências à vasta riqueza em animais dos *basileîs* Erictônio e Odisseu.[10]

Possivelmente, essa forte ligação entre *basileîs* e gado é uma representação resultante da própria natureza da atividade de pastoreio em larga escala. Afinal, trata-se de um empreendimento demandante em termos de recursos humanos e de utilização de áreas de

---

35-58). Para um panorama das evidências (e dos problemas de interpretação) relativos aos sistemas de pastoreio da Grécia da Idade do Bronze e dos Séculos Obscuros, cf. McInerney (2010, 48-73).

[9] Para os *basileîs* como uma elite de líderes ou um conjunto de famílias (de qualquer forma, sempre os *áristoi*, os melhores) que se destacam dos membros efetivos restantes de uma dada comunidade (o 'povo' ou *dêmos*) pela riqueza, nascimento, capacidade de mobilização militar e política e pelos méritos pessoais e para uma pequena amostra dos problemas interpretativos referentes à natureza do 'ofício' de soberano (ou principal *basileús*) de uma comunidade ou território, cf. van Wees (1992, p. 31-32) e Raaflaub (1997a, 633-635).

[10] Acerca do papel (aparentemente proporcional) desempenhado pelo cultivo e pelo pastoreio na representação das práticas produtivas dos *basileîs* e da natureza adicional (e, portanto, prestigiosa) dessa última atividade, conferir van Wees (1992, 49-52). Para outras evidências, em Homero, da forte associação entre a posse de numerosos animais e o grupo socioeconômico dos *basileîs*, conferir a aplicação quase exclusiva dos adjetivos *polýrrēn, polýmēlos*, *polyíppos* ('rico em ovelhas', 'rico em reses' e 'rico em cavalos') aos membros desse grupo em: II, 705 e XIX, 490 (*polýmēlos*, aplicado na devida ordem a Fílaco, o pai de Íficles, e ao troiano Forbas, um protegido de Hermes); II, 106 e xi, 257 (*polýrrēn*, aplicado a Tiestes e Pélias); e XIII, 171 (*polyíppos,* aplicado ao troiano Mentor) — mas, em IX, 154, os homens ricos em reses e ricos em bois (*polýrrēnes*, *polyboûtai*) que passariam a honrar Aquiles com dádivas seriam os *basileîs* de suas respectivas comunidades ou os integrantes do *dêmos*? Vale notar também que até os nomes próprios cognatos desses adjetivos, como *Polýmēlos*/*Polymḗlē* e *Pólybos*, também parecem designar sobretudo membros da elite, cf.: XVI, 180 (*Polymḗlē*, mãe de Eudoro, um líder dos Mirmídones cujo pai é Hermes); XVI, 417 (*Polýmēlos*, um campeão troiano?); XI, 59 *Pólybos*, filho do *basileús* troiano Antenor); i, 399 (*Pólybos*, pai do pretendente Eurímaco); iv, 126 (*Pólybos*, aristocrata de Tebas do Egito, anfitrião de Menelau); xxii, 243 (*Pólybos*, artesão Feácio?); e xxii, 243 (*Pólybos*, um dos pretendentes).

pastagens, o que restringiria a sua prática aos indivíduos mais prósperos, fazendo do gado (em especial aquele de produção e manutenção mais custosa, como cavalos e bois) um símbolo de riqueza naturalmente exclusivo.[11] A esse respeito, é proveitoso lembrar que a catalogação (mencionada *supra*) do fabuloso patrimônio animal de Odisseu sugere o emprego, como pastores, de uma grande força de trabalho de servos e dependentes, da qual conhecemos apenas os números relativos aos porqueiros (Eumeu e mais quatro subordinados, auxiliados por quatro cães, cf. xiv, 1-28) e aos cabreiros (Melanteu e pelo menos mais dois subordinados, cf. xvii, 212-14) lotados em Ítaca.

Assim, como resultado da combinação dessas funções utilitária e simbólica, os animais pastoris figuram nos textos do *épos* arcaico como uma categoria de posses desejada e prestigiosa, desempenhando um papel importante em várias atividades relacionadas à atribuição e negociação da honra ou valor/estima social — ou ainda, para usar o termo grego, da *timḗ*.[12]

Com efeito, embora existam passagens indicativas de um uso comercial do gado nos poemas homéricos[13], esses *ktémata* são empregados sobretudo como artigos em um sistema

---

[11] Para o pastoreio em larga escala como um "empreendimento naturalmente seletivo" e para os animais como "símbolos naturalmente exclusivos de riqueza", cf. Howe (2008, p. 32-33). Segundo Walter Donlan (1997, p. 656), a prática (aludida em XI, 697 e xxi, 18-19) do roubo conjunto de gado e dos seus pastores ilustraria a alta demanda por recursos humanos típica do pastoreio em larga escala. Para uma descrição (em grande parte derivada da *História dos animais* aristotélica) das práticas de criação e manejo de equinos, bovinos, ovinos, caprinos e suínos entre os gregos antigos, conferir o meticuloso trabalho de Isager e Skydsgaard (1992, p. 83-101), que apontam o custo relativo (em termos de demandas de alimentação e taxas de reprodução) dos diferentes tipos de animais e ressaltam as condições especiais — espaço abundante, áreas de pastagem privilegiadas (localizadas nas proximidades de rios ou em zonas inundáveis) e disponibilidade de forragem natural de boa qualidade — necessárias para a criação de cavalos e bois no sistema extensivo (não confinado) que parece ser aquele representado nos poemas homéricos.

[12] Acerca desse difícil conceito (em Homero), conferir a sintética e eficiente explicação de Hans van Wees (1992, p. 69): "*honour, in general, is the abstract, immaterial 'value' that one has in one's own and others' eyes. In this sense it is the equivalent of our notion of status. But honour, in Homer, is also the actions and words by which others acknowledge one's status, the respect with which one is treated. In the latter sense, it corresponds to what we call deference*". De acordo com Cairns (s.v. Timê. In: Finkelberg, 2011, p. 879), esses dois sentidos de τιμή seriam indissociáveis, na medida em que um implicaria o outro. Para o papel da prosperidade material (e.g., a riqueza em gado) como uma das principais qualidades ou excelências *(aretaí)* constitutivas da *timḗ* aristocrática, cf. van Wees (*op. cit*., p. 71-3); Adkins (1972, p. 3); e Ulf (2009, p. 88-9).

[13] A melhor evidência textual para o uso do gado como moeda de troca em transações comerciais é o escambo de vinho por couros e vacas (e também por itens como bronze, ferro e cativos) praticado entre os aqueus e os

de trocas regulado por relações de reciprocidade efetuadas por meio de dons e contradons, sejam essas relações entre os integrantes de uma mesma comunidade, entre os *áristoi* de comunidades distintas, ou mesmo entre mortais e deuses.[14] Constituem exemplos dessas trocas a circulação de gado em vários contextos, tais como: na forma de prêmios em competições atléticas, como dádivas em contextos de hospitalidade entre membros da elite, na forma de recompensas por serviços prestados ou como compensação por danos e injúrias, como dádivas no estabelecimento de laços matrimoniais entre os *áristoi* e, por fim, como elemento central em frequentes rituais de comensalidade que unem, a um só tempo, tanto os homens entre si como estes aos deuses.

---

enviados de Euneu (filho de Jasão e soberano de Lemnos) no final do sétimo livro da *Ilíada* (v. 467-474). Outra possível evidência é a compra, "com seus próprios haveres" (*kteátessin heoîssin,* xiv, 452) do servo Messáulio pelo porqueiro Eumeu. Como sugere van Wees (1992, p. 396, n. 127), tais haveres seriam justamente os animais sob os cuidados do porqueiro — hipótese reforçada pelo fato de Eumeu se referir a esses animais como "o seu e meu sustento (*bíos*)" em uma fala a Telêmaco (xvii, 594). Ressalte-se que o gado bovino, em Homero, também figura como parâmetro de valor (uma provável extensão da sua função de símbolo de riqueza), o que permite ao poeta e aos seus personagens calcularem o valor relativo de diferentes *commodities* e também fixar um valor material para a compensação de injúrias ou danos sofridos (entendidos como uma destituição ou negação da *timḗ* adequada). Acerca desse último ponto, cf*., e.g.,* XXIII, 703 e 705 (uma trípode grande e uma cativa prendada são avaliados respectivamente em "doze bois", *dyōdekáboios*, e "quatro bois", *tessaráboios*); XXI, 79 e XXIII, 740-743 (o cativo Licaão, avaliado em "cem bois", *hekatómboios* é trocado em Lemnos por uma cratera de prata de valor comensurável); e xxii, 54-59 (Eurímaco, em uma tentativa de escapar da vingança de Odisseu, propõe o pagamento, por pretendente, de ouro e bronze no valor de vinte bois, *eeikosáboios*, como compensação, como *timḗ*, pelos danos praticados contra o patrimônio deste). Conferir, também, II, 448; VI, 236; XXIII, 886; e i, 430.

[14] Sobre o sistema de dons e contradons em Homero e a pluralidade de situações por ele cobertas, cf. Finley (1978, p. 64-7, 95-102 e 120-126), Scheid-Tissinier (1994) e Donlan (1997, p 659-665). Em relação ao conceito antropológico de 'reciprocidade' e à diferença entre as trocas regidas por ele e aquelas integrantes de relações comerciais, cf. a útil formulação de Seaford (2004, 68-9, destaque meu): "*Reciprocity is the voluntary, non-instantaneous exchange of goods or services that is based not on (supposed) equivalence between the items exchanged but rather* ***on the desire to create or maintain a relationship between the parties to the exchange****. But in trade (whether barter or with money) the transaction (if not the actual exchange of goods) is instantaneous, and the point of the exchange lies not in the relationship between the transactors but rather either in the utility of the items exchanged or, in the case of the sub-category market trade, in the profit made by the exchange*". Ressalte-se que é a natureza abertamente voluntária da doação inicial que permite o estabelecimento de um laço entre as partes, na medida em que ela (pela sua gratuidade) coloca o donatário em dívida para com o doador, criando a obrigação moral de retribuir o favor ou as dádivas anteriores. Acerca desse último ponto, cf. também Seaford (1998, p. 2-3) e van Wees (1998, p. 15-20).

2.2 A circulação honorífica do gado

Em relação ao primeiro tipo, cumpre destacar a presença de gado, ao lado de cativas e *keimḗlia* (objetos preciosos entesouráveis, tais como armas, utensílios ou lingotes de metal, mas também vestes preciosas), entre os prêmios (*áethla*) oferecidos por Aquiles aos competidores dos jogos fúnebres em homenagem a Pátroclo (XXIII, 249-897). Ao longo desse episódio, são postos em disputa "uma égua de seis anos, indomada, prenhe de uma mula" (v. 265-6, como segundo prêmio na prova dos aurigas), "uma mula / robusta, (...) de seis anos, penosíssima de domar" (v. 655-6, para o vencedor do pugilato) e um "boi grande e pingue" (v. 750, segundo prêmio na prova da corrida).[15]

Além disso, ao final da prova dos aurigas e durante uma altercação acerca de quem receberia o prêmio correspondente ao segundo lugar (que Aquiles desejava atribuir a Eumelo em detrimento do segundo colocado de fato, Antíloco), o jovem Nestórida, defendendo seu direto à égua prenhe, fornece a Aquiles uma lista de prêmios alternativos a serem dados àquele. Tal lista inclui, mais uma vez, *keimḗlia* (ouro e bronze), cativas, cavalos e, inclusive, ovelhas (v. 542-555). Dentre esses itens, Antíloco propõe a Aquiles que ofereça a Eumelo um prêmio "ainda maior" (v. 551, "*kaì meîzon áethlon*"), deixando claro que o que está em jogo é bem mais do que apenas o valor material intrínseco dos itens em disputa. De fato, embora esse valor desempenhe um papel importante, o essencial aqui é a *timḗ* agregada ao prêmio original (a égua), na sua condição de símbolo de deferência atribuído ao segundo colocado.[16]

---

[15] Conferir também o 'catálogo geral' de prêmios em XXIII, 256-61.

[16] A relação essencial entre a conquista ou obtenção de prêmios atléticos (*áethla*) e a aquisição de *timḗ* é adicionalmente ilustrada por uma fala de Nestor ao final da cena na qual Aquiles lhe atribui o prêmio (não reclamado) referente ao quinto lugar da prova dos aurigas (XXIII, 615-650). Ao final do seu longo discurso de agradecimento, o ancião (que não havia tomado parte na competição devido à idade avançada) identifica essa oferta como a expressão "da deferência com a qual convém que eu seja estimado entre os aqueus (τιμῆς ἧς τέ μ' ἔοικε τετιμῆσθαι μετ' Ἀχαιοῖς, v. 648)". Esse mesmo ato — assim como o fato de Aquiles alocar prêmios para quase todos os competidores das diversas provas (mesmo para os vencidos e para outros heróis que nem chegaram a competir, como Agamenão) — também ilustra como os critérios de alocação de prêmios nos jogos fúnebres em homenagem a Pátroclo estão inseridos nas práticas da troca ritualizada de dádivas entre os integrantes da elite homérica. Acerca desse último ponto, conferir as observações de Papakonstantinou (2002, p. 51-62) e de Perry (2014, p. 61), que apontam o fato de que os objetos distribuídos funcionam ao mesmo tempo como prêmios atléticos e como dádivas pessoais de Aquiles na qualidade de patrocinador/anfitrião dos jogos.

Outro exemplo de circulação honorífica de gado pode ser visto na troca ritualizada de dons de hospitalidade ou de aliança (*kseinēîa* ou *kseínia*) entre *áristoi* de comunidades distintas. Nessa prática, os presentes de despedida dados por um anfitrião ao seu hóspede estrangeiro ao final de um período de estadia — que deverão ter como contrapartida dádivas futuras quando os papeis de hóspede e anfitrião se inverterem — funcionam como a expressão da *timḗ* na qual que o hóspede é tido e como um símbolo concreto de uma relação de *ksenía* ou *kseinosýnē*, um vínculo de confiança, afeição e obrigações mútuas entre os indivíduos e suas respectivas famílias.[17] Nesse circuito de trocas, embora a preferência seja dada a objetos pertencentes à categoria dos *keimḗlia*, o gado também pode desempenhar um papel, como mostram as alusões de Menelau à possibilidade da oferta de uma parelha de mulas e de três cavalos (acompanhados do respectivo carro) como presentes de despedida (respectivamente xv, 80-85 e iv, 587-590).[18]

Os cavalos, particularmente, são *commodities* frequentemente empregadas em várias outras situações de troca honorífica, seja como recompensas por serviços prestados e façanhas excepcionais ou ainda como compensação por danos e injúrias.[19] Esse valor especial dos

---

[17] Sigo, aqui, van Wees (1992, p. 228-237), que distingue três tipos de permuta de dádivas de hospitalidade ou de aliança (*kseinēîa/kseínia)*. A primeira envolve a troca simultânea de símbolos de amizade com o propósito de iniciar ou demonstrar a existência de um pacto de *ksenía* (*e.g*, a permuta de armas entre Odisseu e Ífito, cf. xxi, 11-41). A segunda é relativa à oferta de dádivas ou de favores especialmente requisitados por um hóspede ao seu anfitrião (*e.g*, a panóplia solicitada por Tétis a Hefesto, cf. XVIII, 368-467) ou, ainda, ao oferecimento de ajuda militar, utensílios bélicos ou suprimentos a um aliado que se dirige para a guerra (*e.g.*, as dádivas de uma belíssima couraça e de uma égua a Agamenão, ofertadas respectivamente pelo cíprio Ciniras, em XI, 19-28, e por Equepolo, em XXIII, 295-297). Quanto à terceira, trata-se da oferta, mencionada *supra*, de dádivas de despedida. Cumpre ressaltar que, nos dois últimos tipos, a retribuição pelo favor ou dádiva inicialmente ofertados (embora pressuposta) está sujeita à eventualidade de uma solicitação ou visita futura do receptor original. Por fim, é preciso lembrar que os termos *kseinēîa* e *kseínia* também podem indicar simplesmente a dádiva básica de alimento, abrigo, proteção e ajuda para continuar uma jornada inerentes à recepção de um hóspede estrangeiro. Acerca desse último ponto, cf. Donlan (1982, p. 149).

[18] Cf. também a oferta de uma parelha de mulas como "dádivas esplêndidas" (*aglaà dôra*) dos mísios a Príamo em XXIV, 278. Para outras ocorrências dessa mesma fórmula aplicada a animais, cf. iv, 589 (mulas) e XVI, 381 e 867 (cavalos de Aquiles).

[19] *E.g.*: a) recompensas, V, 633-654 (alusão aos cavalos prometidos por Laomedonte a Héracles pelo salvamento de Hesíone); VIII, 281-291 (parelha e carro prometidos por Agamenão a Teucro, como *presbḗion*, pelo bom desempenho em combate); X, 299-331 (cavalos e carro de Aquiles prometidos por Heitor a Dolão pelo cumprimento de uma missão de espionagem); b) compensação, V, 259-272 (cavalos divinos oferecidos a Trós por Zeus pelo rapto de Ganimedes) e IX, 123-128 (oferta de doze cavalos premiados como parte das dádivas

cavalos deriva possivelmente não só do seu alto custo de produção e de manutenção, mas também da sua utilização, como animal de tração atrelado a um carro, no combate. Tais particularidades associam fortemente o cavalo ao guerreiro de elite, tornando-o um item único e o mais estimado animal pastoril do *épos* arcaico, como testemunha o cuidado de Homero em solicitar à musa iliádica que identifique, juntamente com o melhor guerreiro, os melhores cavalos do contingente aqueu (v. 761-779).[20]

Mas se cavalos (e mulas) são os animais preferidos nos contextos de troca mencionados acima, naquele relativo aos laços matrimoniais entre membros da elite a preferência é dada aos bois, ovelhas e cabras. De fato, esses animais geralmente figuram como um dos principais tipos de propriedade a serem transferidos na troca de dádivas que integra o casamento entre *áristoi* de comunidades distintas. Refiro-me aqui especificamente à prática de cortejar uma noiva por meio da promessa, ao chefe de sua família, de dons nupciais (*hédna* ou *eédna*), com o objetivo de ativar o mecanismo da reciprocidade e provocar um contra-dom específico: a concessão da moça em casamento. A esposa assim obtida passa, então, a representar o símbolo concreto e visível do laço de parentesco (e, portanto, da relação de aliança) estabelecido entre as duas famílias por meio das bodas.[21]

---

de desagravo de Agamenão a Aquiles). Além dessas instâncias, conferir também a oferta excepcional, formulada por Nestor em X, 204-217, de uma ovelha negra e de sua cria da parte de cada um dos comandantes aqueus como incentivo parcial para a apresentação de candidatos a uma missão de infiltração noturna no campo troiano.

[20] A condição particular dos cavalos é também evidenciada pelo fato de serem eles os únicos animais pastoris a portarem uma certa individualidade, recebendo (ocasionalmente) nomes próprios e genealogias (ou listas de antigos proprietários, tal como os artefatos valiosos). Acerca dessas questões, cf. nota 4, *supra*; XVI, 145-154 (genealogia e identificação dos cavalos de Aquiles); XXIII, 293-300 (identificação da parelha de Menelau na prova dos aurigas); Heath (*s.v.* Animals. In: Finkelberg, 2011); e Schnapp-Gourbeillon (1981, p. 169-178). Para um estudo esclarecedor acerca do emprego do carro nas narrativas de combate homéricas, cf. van Wees (1994).

[21] Sigo, aqui, a descrição dos procedimentos de corte entre os *basileîs* proposta por van Wees (2005, p. 1-10) e, especialmente, W. K. Lacey (1966, p. 55-61). Ambos esses autores, modificando o modelo anterior formulado por Finley (1954), admitem uma distinção entre, por um lado, a oferta imediata e incondicional de presentes da parte de um pretendente (*mnēstḗr*) ao *kýrios* (o *paterfamilias*) da noiva pretendida e/ou a própria noiva e, por outro, a promessa (cuja efetivação está condicionada ao estabelecimento de um acordo de casamento entre as partes) de transferência dos *hédna* para o *oîkos* de origem da nubente. Nesse esquema, o objetivo do primeiro tipo de dádivas (designadas genericamente por *dôra* e traduzidas como '*courting-gifts*' por van Wees) seria apenas conquistar a simpatia ou o favor da família da noiva (e dela mesma), estimulando-os a considerarem a oferta (mais vultosa) de *hédna* (*'marriage-gifts',* para van Wees), que constituiria a proposta

Novamente, tal como na permuta de presentes de despedida (que funcionam como a expressão da *timḗ* em que o hóspede é tido), os *hédna* oferecidos em troca de uma moça devem ser adequados ao *status* (*timḗ*) e à reputação (*kléos*) da qual ela e sua família gozam. Trata-se de um valor, de uma estima, que é, mais uma vez, expresso por meio de riquezas entesouráveis (*keimḗlia*) e, especialmente, gado.[22] Assim, a bela filha de um homem estimado e rico — como costumam ser as heroínas do *épos* arcaico − naturalmente inspiraria abundantes e valiosas dádivas. Tal moça, porém, também atrairia múltiplos pretendentes, dentre os quais apenas um poderia ser bem-sucedido ao provar seu valor superando os outros por meio da oferta dos melhores e mais numerosos dons nupciais.[23]

Nos textos conservados da épica grega arcaica, essa potencial disputa de dádivas entre os pretendentes à mão de uma mulher pode tomar a forma de uma grande competição, um grande *agṓn*, como aquele narrado em um conjunto de fragmentos relativos à disputa pela mão de Helena e integrantes do *Catálogo das Mulheres (ou Ehoiai)* da tradição hesiódica.[24]

---

de casamento propriamente dita. Além disso, ambos os autores também admitem, *grosso modo*, a hipótese (formulada inicialmente por Finley, 1954, p. 25-26) de que a efetivação do casamento também implicaria — para além da outorga da própria noiva — na transferência de contradons (geralmente designados como *dṓra*) da parte da família da nubente para o *oîkos* do futuro marido (do qual ela passa a fazer parte). Ressalte-se, ainda, que a existência desse último tipo de transferência (o 'dote', que se contrapõe ao primeiro tipo: o *bridewealth*) tem sido um motivo constante de desacordo entre os comentadores. Acerca desse último ponto, cf., por exemplo, Perysinakis (1991) e Lyons (*s.v.* Marriage. In: Finkelberg, 2011).

[22] O trácio Ifidamante, por exemplo, oferecera por sua esposa, a bela Teano, cem bois e havia prometido ainda um rebanho misto de mil cabras e ovelhas antes de dirigir-se para Tróia (XI, 221-247). Para outras referências a ofertas de gado como *hédna,* cf. XVIII, 593 e *Hino Homérico à Afrodite,* v. 118 (adjetivo *alphesiboía,* 'que traz/obtém muitos bois', aplicado a garotas em idade núbil); xviii, 274-280 (pretendentes exemplares trazem bois e ovelhas (como *hédna*?) para os parentes da nubente) e os seguintes fragmentos do *corpus* hesiódico): frag. 69 M/43a MW, v. 18-25 (Sísifo (?) oferece rebanhos de bois, ovelhas e cabras como inumeráveis dádivas, *myría hédna,* pela mão de Mestra); frag. 69 M/43a MW, v. 75-76 (Sísifo (?), após tocar bois, *boûs élasas*, procura obter a mão de Eurinome com *hédna*); e frag. 154c M/198 MW, v. 9-12 (Toas oferece muitíssimas ovelhas e bois como inumeráveis dons, *apereísia hédna*, por Helena).

[23] Para os *hédna* como a expressão também da qualidade do doador, cf. Lacey (1966, p. 55).

[24] Hesíodo, frags.154-156 M/196-200 MW. Acerca da estrutura e função do catálogo dos pretendentes de Helena na estrutura geral do *Catálogo das Mulheres*, ver Cingano (2005). Já que o tema do casamento ocupa uma posição central na *Odisseia*, também nesse poema existem numerosas referências ao procedimento de disputa de dádivas entre pretendentes e à caracterização do vitorioso como aquele que supera os outros na quantidade ou qualidade das dádivas, cf. por exemplo: vi, 158-159 (referente à Nausicaa); xv, 16-18; xvi, 73-77, 390-392; e xx, 334-335 (todas as quatro relativas à Penélope).

Nesses fragmentos, foram conservadas as entradas referentes a doze pretendentes (de um total estimado em 25 ou 30 heróis), juntamente com a indicação de alguns dos dons ofertados por cada um deles. Dentre as entradas, aquela referente a Ájax Telamônio (frag. 155 M/204 MW, v. 44-51) é particularmente interessante, pois, enquanto os outros heróis se limitaram à oferta de *keimḗlia*, escravas ou gado, o herói de Salamina ofereceu "feitos espantosos" (*thaumatà érga*): disse que tomaria o gado (bois e ovelhas) dos habitantes de oito cidades do Golfo Sarônico e o ofereceria como *hédna* pela mão de Helena.

Essa promessa de Ájax — ao mesmo tempo a oferta de um elemento costumeiro e valioso (gado), mas agora atrelado diretamente a uma gloriosa façanha — parece deslizar para outra modalidade de obtenção de noivas atestada no *épos* arcaico, na qual o pretendente (sem a oferta direta de *hédna*) deve provar seu valor seja ao triunfar em um teste ou competição estabelecida pelo pai da noiva, seja ao realizar um feito excepcional em benefício do mesmo.[25] Ressalte-se que, mesmo nessa modalidade, a utilização do gado como elemento propiciador das bodas também pode estar presente, como mostram as narrativas referentes à prova pela mão da bela Peró, que seria entregue apenas ao pretendente que roubasse (para seu pai, Neleu) "lunadas vacas larga-fronte / (...) do brioso Íficles [ou de Fílaco, o pai deste] – / (vacas) difíceis"[26]

Finalmente, para além dos contextos de troca já mencionados, é preciso lembrar que os animais pastoris, após abatidos, também circulam como porções de vianda, para homens, e como oferendas, para deuses, nos frequentes banquetes (*daîtes*) representados no *épos* arcaico.[27] Com efeito, quaisquer que sejam as ocasiões motivadoras desses banquetes (*e.g.*,

---

[25] Cf. Finley (1954, p. 10). Exemplos dessa modalidade incluiriam: a prova do arco pela mão de Penélope (xxi, 63-434); a prova de corrida pela mão de Atalanta (Hesíodo, frags. 47-52 M/72-76 MW; Apolodoro, *Biblioteca*, III,9,2); a corrida de carros pela mão de Hipodamia (Hesíodo, frag. 197 M/259a MW; Apolodoro, *Epítome*, 2,3,5); e a promessa feita por Príamo a Otrioneu de entregar-lhe Cassandra, sem necessidade de dons (*anáednon*), caso ele conseguisse expulsar os Aqueus de Tróia (XIII, 363-382).

[26] "ἕλικας βόας εὐρυμετώπους /... βίης Ἰφικληείης / ἀργαλέας", xi, 289-291. Para van Wees (1992, p. 99-100), situações como a promessa de Ájax e a prova por Peró permitem resolver a contradição − subjacente nas instâncias de corte competitiva do *épos* arcaico − acerca dos critérios (habilidade guerreira, o principal critério de excelência entre os *basileîs*, ou riqueza) para a escolha do vencedor (*ho áristos*), pois "*by setting suitors a task such as rustling cattle, the contradiction should be resolved, for success would simultaneously be proof of prowess and bring in wealth*". Acerca dessa questão, cf. também van Wees (2005, 2-3).

[27] Para *daís* (termo cognato do verbo *daíō/daíomai*, 'dividir/distribuir') como o termo central para designar o banquete em Homero, cf. Saïd (1979, p. 14-16) e Bakker (2013, p. 38). Para outras discussões acerca da terminologia do banquete homérico, cf. Rundin (1996, 179-205) e Wecowski (2014, p. 196-202).

sacrifícios comunitários ou privados, reuniões de líderes, celebrações de casamentos ou funerais, recepção de hóspedes ou outros eventos), eles se configuram como rituais de comensalidade centrados na repartição e no consumo de pão, vinho e, especialmente, da carne de animais (geralmente) pastoris sacrificados.[28]

Em Homero, tais banquetes — tanto aqueles oferecidos pelo líder de uma comunidade em larga escala ou apenas para os seus colaboradores mais importantes, como aqueles ofertados privadamente pelo senhor de um *oîkos* aos seus parentes, amigos e hóspedes estrangeiros — funcionam como uma das principais instâncias de reafirmação da coesão e da hierarquia interna de um dado grupo, constituindo um espaço privilegiado para a atualização dos laços de amizade e/ou de subordinação existentes entre os seus integrantes. [29] Além disso,

---

[28] Sobre os ingredientes do festim homérico, cf. Sherratt (2004, 304-306). Para uma instigante consideração acerca de como cada um dos poemas homéricos representa o consumo em larga escala de carne pelos seus personagens (totalmente idealizado na *Ilíada,* problematizado na *Odisseia*), cf. Bakker (2013, p. 49-52).

[29] Acerca da classificação dos festins esboçada acima, conferir a tipologia (nem sempre bem-sucedida) proposta por van Wees (1992, p. 32 e 44-46 e 1995, p. 164-179), que reconhece a existência, grosso modo, de três tipos básicos de comensalidade entre os *áristoi* (os frequentadores típicos dos festins homéricos). O primeiro deles é relativo a oferta ocasional de festins, (geralmente) para um grande número de convivas, por parte de um único anfitrião e de maneira liberal (ou seja: sem a expectativa de algum tipo de compensação imediata da parte de seus convidados) quando da realização de casamentos ou funerais de indivíduos ligados ao seu oîkos. Os exemplos mais importantes incluiriam o grande banquete fúnebre oferecido por Aquiles a "incontáveis mirmidões" em honra de Pátroclo (XXIII, 26-34) e o festim oferecido por Menelau a vizinhos e "muitos camaradas" (ou "parentes/dependentes", conforme a interpretação do termo *étēs*) por ocasião do duplo casamento de sua filha e de seu filho (iv, 1-19). O segundo tipo de comensalidade diz respeito a oferta, por parte do soberano ou principal *basileús* de uma dada comunidade, de banquetes ao círculo mais ou menos restrito dos seus conselheiros (os mais importantes dentre os outros *basileîs*, geralmente referidos como "anciãos", *gérontes,* ou "líderes e comandantes", *hegétores ēdè médontes*) por ocasião da discussão de temas de interesse comunal. A existência, em ambos os poemas, de referências a um "vinho dos anciões" (*geroúsion oînon*, cf. IV, 259 e xiii, 8) e, em XVII, 249, aos líderes do contingente grego bebendo às expensas públicas (lit. "bebem *dḗmia*", coisas do *dêmos*) sugere que o vinho (e a carne, como conjectura van Wees) consumidos nesses banquetes seriam fornecidos pelo povo — a quem os líderes deveriam (em último caso) obrigações por essa hospitalidade, como parece sugerir o famoso discurso de Gláuco a Sarpedão (XII, 310-328). Exemplos desses 'banquetes reais' (como são geralmente chamados por vários comentadores) seriam os festins oferecidos por Agamenão (na qualidade de *basileútatos*, líder/chefe máximo) aos principais líderes do contingente aqueu e que precedem momentos de deliberação dos mesmos (*e.g.,* em VII, 311-344 e IX, 68-172). Finalmente, um terceiro tipo de comensalidade envolveria festins privados e informais, por meio dos quais a aristocracia homérica reforçaria seus laços internos de amizade e de companheirismo. Esse último tipo teria como marca distintiva a sua natureza recíproca ou igualitária, na medida em que os eventos aos quais ele

por meio da oferta de libações e de porções do animal sacrificado aos deuses, esses mesmos banquetes (geralmente representados como a conclusão do rito sacrifical) também funcionam como mecanismos de reafirmação dos vínculos que unem o grupo (e os indivíduos que o compõem) ao mundo divino.[30]

Conforme descreveu Suzanne Saïd no seminal artigo *Les crimes des prétendants, la maison d' Ulysse et les festins de l' Odyssée*, essas funções sociopolítica e religiosa do banquete são efetuadas principalmente por meio do procedimento de partilha dos alimentos —especialmente da carne do animal sacrificado — entre os convivas, sejam eles mortais ou deuses.[31] Tal como em outras instâncias de distribuição mencionadas na épica arcaica (como aquela relativa à repartição do butim ou, mesmo, de glebas entre os habitantes de um território), o modelo de partilha geralmente empregado nos banquetes — cuja normatividade é muitas vezes destacada mediante o emprego da fórmula *daìs eĩsē,* 'festim justo/adequado' — pressupõe a existência de dois tipos diversos de porções. A porções ordinárias — alocadas para cada um dos convivas, que veêm assim marcada a sua condição de pares, de membros do grupo instituido pela comensalidade — se contrapõem porções suplementares ou especiais. Nesse último caso, tratam-se de porções diferenciadas quantitativa e/ou qualitativamente e alocadas (como sinal particular de deferência, de *timḗ*) para indivíduos que se destacam pela sua natureza (*e.g.,* divindades), por uma posição formal no interior do grupo (*e.g.*, a posição de anfitrião, de líder máximo de uma comunidade ou aquela de hóspede estrangeiro) ou por uma condição prestigiosa momentânea (*e.g.,* a condição resultante do acréscimo de prestígio derivado da realização de um grande feito em combate).[32]

---

se refere ocorreriam na forma seja de um ciclo de festins alternados entre *oîkoi* aristocráticos (como sugere a crítica de Telêmaco aos pretendentes, que deveriam ocupar-se "de outros banquetes, / comendo vossos bens, indo de uma casa a outra.", cf. i, 374-5), seja na forma de banquetes nos quais os próprios convidados contribuem com parte dos alimentos consumidos (como parece suceder na casa de Menelau em iv, 621-623). Para uma outra visão do festim homérico — que (sem se ocupar com as distinções aqui expostas) defende a tese de que o principal *basileús* (na qualidade de redistribuidor de bens para a comunidade) deve ser visto como o provedor por excelência dos banquetes públicos, apesar de eventuais contribuições do *dêmos* — cf. Donlan (1982, p. 163-167). Para uma reavaliação recente de toda a problemática do festim, cf. Wecowski (2014, p. 191-247).

[30] Saïd (1979 p. 13 e 22). Acerca dos desvios em relação à dimensão divina dos banquetes praticados pelos pretendentes, cf. Saïd (1979, p. 32-41).

[31] Saïd (1979); cf. também Bakker (2013, p. 36-42).

[32] Cf. Saïd (1979, p. 18-21). Acerca especificamente da distribuição do butim, conferir a cuidadosa discussão fornecida por van Wees (1992, p. 299-310).

Desse modo, se a simples participação em um banquete e o consequente recebimento de uma porção ordinária (muitas vezes designada de modo genérico apenas como *moîra,* parte) já são condições indicativas da fruição de um certo grau de honra ou estima social, alguns dos convivas são elevados a um patamar de *timḗ* hieraquicamente superior, ao serem agraciados com uma porção honorífica especial — geralmente chamada de *géras* ou indicada mediante o emprego do verbo cognato *geraínō*.

Como já mencionado, é principalmente por meio da distribuição da carne do animal sacrificado que esse complexo esquema de integração e hierarquização simultanea do grupo dos comensais opera. Assim, tomando como exemplo a primeira cena típica de sacrifício seguido por banquete da *Ilíada* (I, 447-474), é possível perceber que a alocação das partes começa logo após o abate, o esfolamento e o desmembramento da vítima, por meio da oferta — para a divindade tutelar da cerimônia e através do consumo pelo fogo sacrifical — dos fêmures, envolvidos em uma dupla camada de gordura e acrescidos de pedaços de carne crua retirados de todos os membros do animal imolado (I, 460-463).[33] Tal oferenda, juntamente com libações de vinho, constitui justamente o *géras* dos deuses, a grata dádiva que os homens não devem se furtar de oferecer às divindades em um 'festim justo/adequado' (*daìs eïsē*).[34]

Mas e quanto aos convivas mortais? Para esses (ou para alguns dentre eles) a partilha parece se iniciar com o consumo das entranhas das vítimas (I, 464), postas a assar e comidas ao mesmo tempo em que a oferenda divina é entregue ao fogo.[35] Contudo, a repartição real somente ocorre depois que a carcassa restante é retalhada e que a sua carne, já assada, é

---

[33] Acerca desse sacrifício e de sua estrutura típica, conferir os comentários de Kirk (1985, *ad loc.*)

[34] Nessa direção, Zeus (em XXIV, 66-70) explica o apreço especial que ele nutria em relação a Heitor (qualificado como o mais querido, *phíltatos*, dos mortais de Ílion) como resultado da constante piedade do líder troiano, que "não negligenciava em nada as caras dádivas. / Pois jamais o meu altar careceu do festim justo, / da libação e do odor de gordura — pois isso nós obtivemos como *géras* (ἐπεὶ οὔ τι φίλων ἡμάρτανε δώρων. / οὐ γάρ μοί ποτε βωμὸς ἐδεύετο δαιτὸς ἐΐσης / λοιβῆς τε κνίσης τε· τὸ γὰρ λάχομεν γέρας ἡμεῖς,)". Para a mesma afirmação aplicada a Príamo e ao seu povo, cf. IV, 44-49.

[35] Cf. também II, 425-427 e iii, 9-10. Stephanie West (In: Heubeck *et alli,* 1988, *ad* iii, 9 e iii, 40), comentando a oferta de *splágkhna* — "baço, rins e fígado, provavelmente também coração e pulmões" — para os recém-chegados Telêmaco e Atena/Mentor durante a realização de um festim entre os pílios (iii, 1-41), sugere que o consumo das entranhas já seria em si indicativo da fruição de uma honra particular. De modo semelhante, Kirk (1985, *ad* II, 425-6) indica que tal consumo seria restrito aos principais participantes do ritual sacrifical. Contudo, vale notar que, no banquete dos pretendentes que se inicia em xx, 246, as entranhas dos animais abatidos são (aparentemente) distribuídas entre todos os convivas (cf. v. 252), e o mendigo cretense/Odisseu (publicamente um suplicante) recebe a sua porção das próprias mãos de Telêmaco (v. 257-61).

retirada dos espetos (I, 464-66). Apesar de o exemplo específico escolhido aqui não contemplar uma descrição da partilha — culminando, antes, em dois versos, dos quais o primeiro sugere rapidamente a realização dos preparativos finais para o festim e o segundo focaliza o consumo dos alimentos[36] — outras instâncias de banquetes nos poemas homéricos (quer narrados como a sequência imediata de sacrifícios ou no contexto mais amplo dos rituais de hospitalidade) colocam em cena os convivas recebendo porções de vianda de um trinchador (*daitrós*), de arautos ou das mãos do próprio anfitrião.[37] Embora a maioria dessas passagens não precise a natureza específica das porções distribuídas, em algumas poucas elas são claramente caracterizadas como *géras,* como porções honoríficas especiais.

Assim, em um banquete frequentado pelos líderes do contingente grego e realizado após o combate singular entre Heitor e Ájax Telamônio, Agamenão (na qualidade de anfitrião e líder máximo dos aqueus) homenageia (cf. *gérairen*, em VII, 321) o herói de Salamina (que havia resistido a Heitor e por pouco não o matara) com a oferta de "pedaços do dorso alongado" (*nṓtoisin diēnekéesi*, v. 321) do boi sacrificado. De modo semelhante, no festim de casamento que abre o quarto canto da *Odisseia*, os hóspedes recém-chegados Telêmaco e Pisístrato — que já haviam sido servidos, pelo trinchador, com "travessas de carnes de todo tipo" (v. 57-8) — obtêm, das mãos de Menelau, porções extras de vianda oriundas do dorso do animal imolado. Neste último caso, trata-se de uma parte do próprio *géras* de Menelau, da porção especial que lhe fora servida em conformidade com a sua condição de anfitrião e de soberano de Esparta (v. 59-66).[38]

Portanto, em um festim justo/adequado (*daìs eḯsē*), a distribuição e a circulação da carne dos animais abatidos entre os convivas deve funcionar como um reflexo ideal da distribuição e da circulação da *timḗ* no interior do grupo. Tal modelo ou norma distributiva faz do banquete (à semelhança da partilha do butim) uma das principais instâncias de reconhecimento social, um evento por meio da qual a dignidade própria de um indivíduo

---

[36] "Mas depois que puserem fim ao esforço e prepararam o banquete, / começaram o festim, e o ânimo (deles) não carecia, em nada, do festim justo (αὐτὰρ ἐπεὶ παύσαντο πόνου τετύκοντό τε δαῖτα, / δαίνυντ', οὐδέ τι θυμὸς ἐδεύετο δαιτὸς ἐΐσης)", I, 467-8.

[37] Cf., por exemplo, XXIV, 626; i, 109-12; i, 141-43; iv, 57-58; xv, 140; xvi, 49-50; xvii, 258, xx, 279-283 e as ocorrências que serão comentadas a seguir.

[38] Cf. ainda viii, 469-483 (durante um festim entre os feácios, o hóspede Odisseu oferece ao aedo Demódoco, como signo da sua estima, parte do lombo suíno que lhe fora servido) e xiv, 413-441 (durante um jantar de servos na cabana de Eumeu, o pio porqueiro homenageia — cf. *gérairen* e *geraíreis* nos v. 437 e 441— seu hóspede mendigo cretense/Odisseu com pedaços do dorso do porco sacrificado).

'superiormente estimado' ou 'honrado ao máximo' (por um anfitrião e/ou por uma comunidade) é marcada de forma concreta pelo desfrute de "um assento de honra, de [mais e melhores] carnes e de [múltiplas] taças cheias" de vinho escolhido.[39]

Por fim, é preciso lembrar também que, em conformidade com a reciprocidade atuante nas interações sociais e religiosas representadas no *épos* arcaico, o gozo dos banquetes também cria obrigações, pois funciona como parte de um conjunto de prestações mútuas entre anfitriões e convivas. Assim, se um indivíduo ou uma comunidade honra ou agrada (cf. *kharízesthai*, em i, 61) os deuses ao verter libações e queimar "píngues coxas / de touros e de cabras" (I, 40-41), espera-se que as divindades retribuam com "uma graciosa recompensa" (*kharíessan amoibḗn*, iii, 58) — seja a realização de um voto (formulado na prece que acompanha o sacrifício) ou a simples manutenção da boa-vontade divina.[40] Se um anfitrião honra privadamente um grupo de camaradas com a oferta de um banquete, ele pode esperar, em resposta, um convite para outro festim ou a lealdade dos seus convivas e a disposição dos mesmos para participarem de uma empresa conjunta.[41] Finalmente, se os *basileîs* de uma comunidade saboreiam, à larga, carnes assadas e vinho melífluo em um banquete provido pela coletividade (ou pelo principal *basileús,* em nome da coletividade), espera-se que eles desempenhem funções de liderança nos conselhos e na guerra.[42]

---

[39] Para 'superiormente estimado' ou 'honrado ao máximo', cf. o emprego de *peritíō* (em tmese) e de *timáō* (modificado pelo superlativo *málista*) em IV, 257; VIII, 161 e XII, 310. Acerca do usufruto de um assento de honra e o consumo abundante de vinho de qualidade (além, é claro, do consumo de carnes, analisado *supra*) como manifestações de estima no banquete, cf.: IV, 257-264 (dentre os líderes aqueus, Idomeneu e Agamenão são superiormente estimados pois consomem à larga o vinho dos anciões, enquanto aqueles se contentam com apenas uma porção); IV, 338-348 (Menesteu e Odisseu consomem à larga carne e vinho nos banquetes que a comunidade aqueia prepara para seus líderes); VIII, 161-66 (Diomedes é superiormente estimado pelos aqueus, com "um assento de honra, carnes e de taças cheias"); XII, 310-328 (Gláuco e Sarpedão são honrados ao máximo pelos lícios, com "um assento de honra, carnes e de taças cheias") e os comentários de Saïd (1979, p. 20) e Assunção (2008, p. 1-16).

[40] Para a manutenção da boa vontade divina por meio de sacrifícios, cf. o discurso de Zeus citado *supra,* nota 34.

[41] Sobre a alternância de festins entre os *áristoi*, cf. nota 29, *supra*. Para a oferta de um banquete a camaradas antes ou depois da realização de uma empresa conjunta, cf. xiv, 245-251 (o cretense/Odisseu oferece um copioso banquete aos seus *hetaíroi* antes de uma expedição de pilhagem) e xv, 503-7 (Telêmaco promete um banquete como recompensa aos camaradas que o acompanharam a Pilo).

[42] Acerca do nexo entre os chamados 'banquetes dos anciões' ou 'banquetes reais', a participação em conselhos e a obrigação de lutar na linha de frente da batalha, cf. nota 29, *supra*, e os contextos das passagens elencadas

Em suma, tanto nos banquetes como nas outras práticas comentadas acima, a vasta circulação dos animais pastoris (sobretudo) entre a elite e em contextos vinculados à avaliação da consideração ou estima social de seus membros demonstra o alto valor atribuído a esse tipo de *ktêma*, de posse. Como já dito, trata-se de um valor em grande parte simbólico, que ultrapassa a função primordial de subsistência inerente ao gado e que faz dele um meio por excelência para o estabelecimento de trocas sociais significativas.

Contudo, como nos lembram alguns dos episódios mencionados por Pausânias na citação que abre este capítulo, o apetite dos heróis (e mesmo dos deuses) de outrora pelos animais pastoris nem sempre é saciado de forma amigável. Desse modo, em contraste com as instâncias de troca abordadas acima (todas marcadas por uma reciprocidade positiva, ou seja, na qual um benefício é respondido com outro), o gado também costuma circular de outra maneira nos textos do *épos* arcaico, constituindo mesmo um alvo preferencial de atos individuais de roubo ou de expedições de razia.[43]

2.3 A ubiquidade do roubo ou razia de gado na tradição épica grega

" Ἀμφίμεδον, τί παθόντες ἐρεμνὴν γαῖαν ἔδυτε
πάντες κεκριμένοι καὶ ὁμήλικες; οὐδέ κεν ἄλλως
κρινάμενος λέξαιτο κατὰ πτόλιν ἄνδρας ἀρίστους.
ἦ ὔμμ' ἐν νήεσσι Ποσειδάων ἐδάμασσεν
(110) ὄρσας ἀργαλέους ἀνέμους καὶ κύματα μακρά,
ἤ που ἀνάρσιοι ἄνδρες ἐδηλήσαντ' ἐπὶ χέρσου
βοῦς περιταμνομένους ἠδ' οἰῶν πώεα καλά,
ἠὲ περὶ πτόλιος μαχεούμενοι ἠδὲ γυναικῶν;"

"Anfimédon, o que sofrestes para baixar à terra lúgubre
todos seletos coetâneos? Ninguém, de outra forma,
distinguiria e escolheria, na cidade, melhores varões.
Estáveis numa nau, e subjugou-vos Posêidon,

---

na nota 39 *supra* . Para uma caracterização geral do banquete como espaço por excelência da *kháris*, cf. Saïd (1979, p. 23).

[43] Para o desdobramento do conceito de reciprocidade (cf., *supra*, n. 14) em uma modalidade positiva e outra negativa (na qual as partes envolvidas trocam danos ou injúrias), cf. Seaford (1998, p. 1) e van Wees (1998, p. 20 e 22-24). Para uma proveitosa classificação das diferentes trocas atestadas em Homero com base na tipologia da reciprocidade elaborada pelo antropólogo americano Marshall Sahlins (bastante diversa da adotada nesta tese), cf. Donlan (1982).

após instigar ventos difíceis e grandes ondas?
Varões hostis causaram-vos dano em terra firme,
ao quererdes bois apartar ou belos rebanhos de ovelhas?
Ou então lutáveis por uma cidade e mulheres?" (xxiv, 106-13) [44]

"ὦ μοι, ἀναιδείην ἐπιειμένε, κερδαλεόφρον,
πῶς τίς τοι πρόφρων ἔπεσιν πείθηται Ἀχαιῶν
ἢ ὁδὸν ἐλθέμεναι ἢ ἀνδράσιν ἶφι μάχεσθαι;
οὐ γὰρ ἐγὼ Τρώων ἕνεκ' ἤλυθον αἰχμητάων
δεῦρο μαχησόμενος, ἐπεὶ οὔ τί μοι αἴτιοί εἰσιν·
οὐ γὰρ πώ ποτ' ἐμὰς <u>βοῦς ἤλασαν</u> οὐδὲ μὲν ἵππους,
οὐδέ ποτ' ἐν Φθίῃ ἐριβώλακι βωτιανείρῃ
καρπὸν ἐδηλήσαντ', ἐπεὶ ἦ μάλα πολλὰ μεταξὺ
οὔρεά τε σκιόεντα θάλασσά τε ἠχήεσσα·
ἀλλὰ σοί, ὦ μέγ' ἀναιδὲς, ἅμ' ἑσπόμεθ' ὄφρα σὺ χαίρῃς,
τιμὴν ἀρνύμενοι Μενελάῳ σοί τε, κυνῶπα,
πρὸς Τρώων (...)" (I, 149-160)

"Oh coberto de impudência, zeloso do ganho!
Como poderia algum dos Aqueus, de boa vontade, obedecer aos teus discursos
para seguir viagem ou combater, pela força, contra varões?
Pois eu, por causa dos troianos lanceiros, não vim
para cá combater, já que, para mim, eles não são culpados de nada:
pois nunca tangeram os meus bois, nem cavalos;
nunca, na Ftia de grossos torrões, nutriz de varões,
eles destruíram o grão, visto que há muitíssimo no meio,
montanhas escuras e o mar ressoante.
Mas foi a ti, grande desavergonhado, que seguimos, para que te alegrasses,
procurando obter, para Menelau e para ti, olho-de-cão, compensação
da parte dos troianos (...)".

" Ὦ πέπον ἠπεροπευτὰ δολοφραδὲς ἦ σε μάλ' οἴω
πολλάκις **ἀντιτοροῦντα** δόμους εὖ ναιετάοντας
ἔννυχον οὔ χ' ἕνα μοῦνον ἐπ' οὔδεϊ φῶτα καθίσσαι
σκευάζοντα κατ' οἶκον ἄτερ ψόφου, οἷ' ἀγορεύεις.
πολλοὺς δ' ἀγραύλους ἀκαχήσεις **μηλοβοτῆρας**
οὔρεος ἐν βήσσῃς, ὁπόταν **κρειῶν ἐρατίζων**

[44] Para outra multiforma desses versos, conferir xi, 397-402 (Odisseu questiona a *psykhḗ* de Agamenão acerca das circunstâncias da sua morte, *infra*, p. 117).

ἀντήσῃς **ἀγέλῃσι βοῶν καὶ πώεσι μήλων**."

"Ó querido, enganador, ardiloso! Penso deveras que,
muitas vezes, penetrando nas casas boas de morar
durante a noite, tu farás sentar no chão não apenas um mortal,
ao recolheres, sem ruído, os pertences pela casa — julgando pelo modo como falas.
E a muitos **pastores** agrestes tu afligirás
nos vales da serra, quando, **ao desejar carne**,
te deparares **com boiadas e rebanhos de ovelhas**." (*H. H. Hermes*, 282-88)

Na primeira dessas três passagens, a *psykhḗ* de Agamenão, curiosa por encontrar (no Hades) a fina flor da juventude itacense, questiona o pretendente Anfimedonte acerca do fim dele e de seus camaradas, sugerindo três cenários prováveis para um tal acontecimento: morte no mar, morte em terra durante o cerco a uma cidade ou morte em terra durante uma expedição de razia de gado. Na segunda, Aquiles, durante sua altercação inicial com Agamenão, afirma não ter motivos pessoais para combater os troianos, já que a distância entre a Tróade e a Ftia o protegeria de eventuais ataques destes contra suas colheitas e gado. Na última, Apolo — em resposta ao elaborado discurso por meio do qual Hermes nega a autoria do furto anterior de suas cinquenta vacas — reconhece a natureza astuciosa de seu pequeno irmão e o caracteriza como um hábil e assíduo ladrão noturno de casas e de rebanhos. Em todas essas três passagens, portanto, a rapina ou subtração de animais pastoris é tratada como uma atividade ordinária do mundo dos heróis e dos deuses representado nos poemas homéricos e nos demais textos supérstites da épica arcaica.

Tal constatação é reforçada pela presença frequente, nesses textos, de narrativas e referências sintéticas a episódios ou situações de furto ou razia de animais. Assim, tomando como ponto de partida as ocorrências constantes na *Ilíada* e na *Odisseia*, é possível elencar: os ataques de Aquiles contra os rebanhos de Enéias e de Príamo no monte Ida (XI, 101-121; XX, 89-92 e 188-194), a investida do mesmo herói contra os animais apascentados pelos irmãos de Andrômaca (VI, 413-30), o roubo dos cavalos de Reso praticado por Odisseu e Diomedes ao longo de uma expedição de espionagem noturna no campo troiano (X, 203-579), a razia de gado retaliatória que o jovem Nestor lidera conta os epeus (XI, 670-705), a descrição da tocaia/razia de gado representada no escudo de Aquiles (XVIII, 509-540), o banquete funesto dos companheiros de Odisseu com as reses tomadas aos cícones (ix-39-61), o roubo incidental dos carneiros do ciclope Polifemo efetuado por Odisseu e seus companheiros (ix, 105-565), a tentativa de roubo das vacas de Íficles/Fílaco empreendida pelo adivinho Melampo (xi, 281-297; xv, 221-257), o ataque dos companheiros de Odisseu às

vacas de Hélio (xii, 261-414) e, por fim, a razia praticada pelos messênios contra as ovelhas de Ítaca e o roubo das mulas de Ífito (xxi, 1-41).[45]

Mas, como já antecipado acima, os episódios de ataque contra animais pastoris no *épos* arcaico não se restringem apenas aos poemas homéricos. Eles figuram também nos textos supérstites relativos à tradição de poesia hesiódica e na coleção de hinos hexamétricos tradicionalmente associada a Homero. Assim, a *Teogonia* refere-se, em duas passagens (v. 287-294, 979-983), à célebre captura do gado de Gerião efetuada por Héracles. Quanto aos *Érga,* a existência, nesse poema, de uma possível alusão a um episódio de razia de gado que teria provocado a morte de Édipo já foi comentada (v. 160-165). Já o *Scutum,* por sua vez, faz uma rápida referência aos frequentes ataques de Cicno (o filho de Ares e opositor de Héracles no poema) aos peregrinos que traziam hecatombes para o santuário de Delfos (v. 477-80). [46] Por fim, o mencionado roubo das cinquenta vacas de Apolo (v. 62-141) constitui um episódio central do extenso hino homérico dedicado a Hermes, desempenhando um papel fundamental

---

[45] Além das narrativas e referências elencadas acima e das três passagens citadas anteriormente (I, 152-6; xi, 397-402; xxiv, 109-113), a apropriação violenta de gado figura mais cinco vezes nos poemas homéricos, seja como uma atividade utilizada para caracterizar personagens ou na forma de atos potenciais; a saber: em XXIV, 253-264 (Príamo vitupera seus filhos sobreviventes, chamando-os de *harpaktêres* (usurpadores/predadores) de animais do próprio povo); em IX, 401-9 (Aquiles afirma a Odisseu que bois e ovelhas são saqueáveis); xvii, 468-474 (mendigo cretense/Odisseu contrasta negativamente os sofrimentos provenientes da condição de mendicante com aqueles resultantes do papel de defensor em uma situação de razia de gado); xx, 45-51 (Atena reforça a confiança de Odisseu ao garantir-lhe o sucesso em uma situação hipotética de razia de gado); xxiii, 350-58 (Odisseu afirma a Penélope que pretende repor parte das reses consumidas pelos pretendentes por meio de razias).

[46] O mesmo poema menciona, ainda, um enigmático conflito entre Anfitrião e Electrião (respectivamente o marido e o pai de Alcmena), durante o qual o primeiro, "encolerizado por causa de bois" (*khōsámenous perì bousí*, v. 12), teria matado o segundo e, na sequência, se exilado em Tebas com sua noiva. (*Scutum,* 11-12 e 77-82). Acerca desse episódio, conferir também o relato fornecido pelo Apolodoro (*Biblioteca*, II, 4, 6), que explica o homicídio de Electrião por Anfitrião não como o resultado de um conflito entre os dois, mas como um acidente ocorrido durante a recuperação do gado daquele que fora previamente roubado pelos táfios e teleboas. Para ocorrências de roubo ou razia de gado nos textos fragmentários do *épos* arcaico, cf. *Cypria*, arg. 3 e 11 (respectivamente: Dióscuros predam o gado de Idas e Linceu, Aquiles ataca o gado de Enéias no Ida) e os seguintes fragmentos do *corpus* hesiódico: frag. 155 M/204 MW, v. 44-51 (Ájax promete gado roubado como dons nupciais pela mão de Helena), frags. 35 M/37 MW e 199b M/261 MW (Melampo e o gado de Íficles), frag. 67 M/66 MW e 68 M/67b MW (Autólico como um ladrão de animais) e frag. 136 M/193 MW (ataque dos táfios ao gado de Electrião).

no processo de aquisição, pelo pequeno deus, do seu quinhão olímpico como divindade pastoril, profética e como mensageiro dos deuses.

Se a rápida catalogação efetuada acima comprova a ubiquidade da prática do roubo ou da razia de gado nos textos do *épos* arcaico (algo esperado, tendo em vista a importância atribuída aos animais pastoris nesses textos e o profundo impulso de acumulação de riquezas que costuma caracterizar seus heróis e, por vezes, deuses[47]), ela também provoca algumas questões. Seria possível identificar elementos ou características comuns a essas várias passagens (além, é claro, da disposição para adquirir gado de outrem sem o seu consentimento) que permitiriam entendê-las (todas ou parte delas) como instâncias de uma mesma estrutura? Caso a resposta à questão anterior seja positiva, como cada uma dessas instâncias se relacionaria com o seu contexto imediato e com as outras ocorrências da mesma estrutura em um dado poema ou tradição?

2.4 Um modelo interpretativo: o mito protoindo-europeu do roubo de gado iniciatório

Historicamente, a resposta à primeira dessas questões (aquela relativa à unidade da representação da *boēlasía* no *épos* arcaico) tem sido buscada por meio da reconstrução de componentes míticos (tidos como originários) que estariam subjacentes nas ocorrências de razia ou de furto de animais pastoris atestadas na tradição mitopoética grega. Alguns estudiosos, em particular, com base na constatação de que o ataque contra reses é um motivo frequente no *corpus* mítico de outros povos de origem indo-europeia, se sentiram inclinados a explicar as narrativas de roubo de gado gregas como derivações de estruturas existentes no protoindo-europeu.[48] Nas páginas seguintes, passaremos a apresentar — a título de exemplo e de modo a situar a especificidade da nossa abordagem na tradição interpretativa — uma dessas tentativas que se mostrou particularmente influente.

Trata-se, aqui, do esquema mítico proposto pelo historiador das religiões Bruce Lincoln em um artigo, *The Indo-European Cattle-Raiding Myth,* publicado em 1976. Nesse artigo, Lincoln descreve o que ele chama de versão protoindo-europeia de um complexo mítico que combinaria dois mitemas frequentes entre povos indo-europeus e não indo-europeus: aquele (quase universal) do combate e do triunfo de um herói contra um monstro de

---

[47] Acerca do impulso materialista típico dos heróis da épica arcaica, cf. van Wees (1992, p. 101-108).

[48] Cf. West (2007, p. 451-452) e Mallory & Adams (1997, *s.v.* Cow, p. 138b).

natureza ofídica e aquele (comum entre povos pastoris) do roubo do gado do vizinho.[49] Tal complexo — reconstruído essencialmente por meio de testemunhos indo-iranianos (a narrativa do combate do herói ou divindade védica Trita Āptya contra o dragão tricéfalo Viśvarūpa e aquela da luta entre o herói avéstico Thraētaona e o dragão tricéfalo Aži Dahāka), mas com numerosos paralelos em outros ramos indo-europeus — narraria como:

> *... an Indo- European hero whose name was *Trito, "Third," suffered at the hands of a monstrous figure, a three-headed serpent who was explicitly identified with the aboriginals of the area in which the myth was told. In the first encounter, this serpent stole some cattle belonging to the hero or to someone close to him, but in a second meeting (when-according to the Indo-Iranian version-the hero was aided by a warrior god and fortified by an intoxicating drink) he defeated the monster and recovered the cattle.*[50]

O complexo assim reconstituído, que configura o mito fundador da razia de gado (posto que a primeira), funcionaria como um modelo para o comportamento do guerreiro indo-europeu, justificando a apropriação de reses em geral como uma ação cujo objetivo não é simplesmente adquirir mais riqueza, mas sim recuperar o que fora prévia e injustamente surrupiado da comunidade indo-europeia por um agente externo.[51] Por fim, além dessa função, tal complexo deteria ainda um significado iniciatório, pois, como afirma Lincoln (se apoiando em Dumézil):

---

[49] Lincoln (1976, p. 44).

[50] Lincoln (1976, p. 58), cf. também o comentário pontual desse autor (*ibidem*, p. 64) acerca do emprego de *despicable stealth* por parte do tricéfalo em contraste com a *open force* de *Trito. Vale ressaltar que, para a formulação do núcleo da sua proposta, Lincoln se apoia em um vasto conjunto de estudos dedicados à mitologia indo-europeia comparada, incluindo particularmente trabalhos de Georges Dumézil, Louis Renou e Emile Benveniste. Para um tratamento mais recente e extensivo do (assim geralmente chamado) mito indo-europeu do extermínio do dragão (*dragon-slaying myth*), cf. Watkins (1995, especialmente cap. 27 a 29 e 48). Ainda acerca dessas questões, um resumo conveniente pode ser encontrado em Mallory & Adams (1997, *s.v.* Three-headed monster, p. 578-581).

[51] Lincoln (1976, p. 62-4). Na mesma direção, o fato de *Trito (o primeiro guerreiro indo-europeu e, assim, o protótipo da segunda função dumeziliana) combater um oponente representado por um monstruoso aborígene de natureza ofídica identificaria a narrativa da sua derrota como uma comemoração e, portanto, racionalização da conquista indo-europeia. Acerca dessa representação da potência ou campeão inimigo como simultaneamente uma serpente/dragão e um estrangeiro (ou melhor, um não indo-europeu), cf. Mallory & Adams (1997, p. 579b-580a).

> *the initiation of Indo-European warriors seems to have often involved a combat with a mock monster of triple form (...). In conquering this monster, the young warrior repeats the events of primordial times which are related in our myth. He becomes again *Trito, the first I-E warrior, and he assimilates himself to the entire I-E onslaught that overthrew aboriginal opponents in every corner.*[52]

De acordo com Lincoln, o relato hesiódico do ataque de Héracles contra o gado de Gerião (*Teogonia*, v. 287-94; 979-83) constituiria uma das derivações desse complexo original hipotético. Embora os elementos da ajuda divina e da beberagem fortificante estejam ausentes dessa versão, a identificação da estrutura protoindo-europeia subjacente estaria assegurada pelo fato de a conquista do gado acontecer como consequência da luta contra um oponente tricéfalo e de genealogia ofídica (pois descendente da górgona Medusa).[53]

Outros elementos da argumentação de Lincoln, contudo, não parecem tão convincentes, especialmente as consequências da sua interpretação duvidosa do texto da *Teogonia*. Com efeito, em uma tentativa de adaptar a evidência disponível ao alegado *background* protoindo-europeu do mito, ele propõe uma leitura inusitada da primeira passagem hesiódica relativa a Gerião — cujo texto transcrevo abaixo (*Teogonia*, v. 287-94):

> Χρυσάωρ δ' ἔτεκε τρικέφαλον Γηρυονῆα
> μιχθεὶς Καλλιρόῃ κούρῃ κλυτοῦ ᾽Ωκεανοῖο·
> τὸν μὲν ἄρ' ἐξενάριξε βίη ᾽Ηρακληείη
> βουσὶ πάρ' εἰλιπόδεσσι περιρρύτῳ εἰν ᾽Ερυθείῃ
> ἤματι τῷ, ὅτε περ <u>βοῦς ἤλασεν εὐρυμετώπους</u>
> Τίρυνθ' εἰς ἱερήν, διαβὰς πόρον ᾽Ωκεανοῖο,
> ᾽Ορθόν τε κτείνας καὶ βουκόλον Εὐρυτίωνα

[52] Lincoln (1976, p. 62). A obra de Dumézil citada é a primeira edição de *Mythes et dieux des Germains* (Paris: 1939, p. 92-106). Vale notar que, na segunda edição revista desse trabalho (cf. Dumézil, 1973 (1959), p. 68-71), o estudioso francês se mostra um tanto hesitante acerca do seu diagnóstico anterior do combate contra um falso monstro (que apresenta alguma característica tríplice) como um elemento derivado de ritos iniciatórios.

[53] Lincoln (1976, p. 57). Vale ressaltar que, ao subsumir o combate entre Héracles e Gerião nas proezas de *Trito (figura reconstruída a partir dos cognatos Trita e Thraētaona), Lincoln não propõe derivar também o herói grego desse protótipo protoindo-europeu. Segundo o autor (*op. cit*., p. 56), Héracles seria uma entidade totalmente distinta que acabou por incorporar a matança de Gerião na sua carreira heroica, substituindo, assim, o protagonista original do mito (provavelmente chamado *Trítos*).

σταθμῷ ἐν ἠερόεντι πέρην κλυτοῦ ᾽Ωκεανοῖο.[54]

Em relação ao texto acima, Lincoln defende erroneamente que o sujeito de todo o período subordinado que principia no verso 291 é Gerião — e não Héracles (o sujeito real, indicado por meio da expressão nominativa *bíē Hēraklēeíē* no v. 289).[55] Tal opção — mirabolante, diante da sintaxe e do contexto do próprio trecho hesiódico e de todas as representações textuais e visuais conhecidas do mito[56] — faz do tricéfalo o responsável pela morte do vaqueiro Euritião e do cão Orto, permitindo assim ao estudioso britânico acomodar, no sintético relato de Hesíodo, dois elementos fundamentais do seu complexo protoindo-europeu, a saber: a) o motivo da recuperação do gado, pois Héracles apenas recuperaria o gado que fora previamente furtado por Gerião ao boieiro Euritião — tal como (na versão avéstica) Thraētaona recupera mulheres raptadas por Aži Dahāka e (em uma versão latina do mesmo complexo) Hercules retoma as vacas que o aborígene e tricéfalo Caco lhe havia roubado na Colina Palatina; b) o motivo da triplicidade que caracteriza o herói matador da serpente aborígene, pois o Anfitriônida seria o terceiro oponente de Gerião, que havia lidado primeiro com Orto e Euritião.[57]

---

[54] "E Crisaor gerou o tricéfalo Gerioneu, / após se unir a Calírroe, filha do famoso Oceano. Mas matou-o a Força Heracleia, / junto aos bois de passo arrastado, em Eriteia circundada pela torrente, / no dia mesmo em que tocou os bois de larga fronte / para a sacra Tirinto, depois de atravessar o vau do Oceano/ e matar Orto e o boieiro Euritião, / em um paradouro brumoso, para lá do famoso Oceano. " Conferir, também, a segunda passagem hesiódica (*Teogonia*, 979-83), cito: "E a filha do Oceano — tendo a Crisaor de forte ânimo / se unido no amor da muito-áurea Afrodite — / Calírroe, pariu um rebento, o mais forte de todos os mortais,/ Gerioneu, que a Força Heracleia matou / por causa de bois de passo arrastado, em Eriteia circundada pela torrente (κούρη δ' ᾽Ωκεανοῦ Χρυσάορι καρτεροθύμῳ / μιχθεῖσ' ἐν φιλότητι πολυχρύσου ᾽Αφροδίτης / Καλλιρόη τέκε παῖδα βροτῶν κάρτιστον ἁπάντων, / Γηρυονέα, τὸν κτεῖνε βίη ᾽Ηρακληείη / βοῶν ἕνεκ' εἰλιπόδων ἀμφιρρύτῳ εἰν ᾽Ερυθείῃ)".

[55] Lincoln (1976, p. 55-6). Conforme essa interpretação, a tradução do trecho em questão ficaria assim: "... no dia mesmo em que ele (Gerioneu) tocou os bois de larga fronte/ para a sacra Tirinto, depois de atravessar o vau do Oceano/ e matar Orto e o boieiro Euritião, / em um paradouro brumoso, para lá do famoso Oceano. "

[56] Para uma rápida análise das representações textuais e visuais arcaicas e clássicas do mito de Gerião (incluindo a *Gerioneida* de Estesícoro) cf. Gantz (1993, p. 402-8) e, especialmente, Curtis (2011, p. 9-19). Para uma versão tardia, na qual o conflito entre Héracles e o tricéfalo já aparece integrado (como o décimo) ao ciclo dos dozes trabalhos de Héracles, cf. Apolodoro (*Biblioteca*, II, 5, 10) — a quem Lincoln (*op. cit.*, p. 55, n. 57) acusa de haver entendido mal Hesíodo.

[57] Lincoln (1976, p. 57-8). Acerca do conflito entre Hércules e Caco, cf. Gantz (1993, p. 408-9).

Ora, conforme pode ser verificado pela exposição acima, Lincoln não hesita em falsear o texto da *Teogonia* para adequá-lo a sua hipotética estrutura mítica. Além disso, ao concentrar todo o seu esforço analítico no desvelamento de uma alteridade fundamental do mito do roubo do gado de Gerião, Lincoln sequer se dá ao trabalho de atentar para os problemas causados pela sua proposta interpretativa. De fato, como harmonizar (se não por meio do falseamento do texto ou da proposição de uma deturpação) a alegada morte de Orto pelas mãos do tricéfalo com o verso 309, no qual aquele é explicitamente caracterizado como cão de Gerião (*kýna ... Gēryonêi*)?

Em contraste com esse procedimento 'extratextual', marcado pela busca de componentes originários, nos próximos capítulos, procederemos a um tratamento radicalmente distinto das referências e narrativas de *boēlasía* integrantes dos poemas homéricos. Tal tratamento, em lugar de abordá-las de modo isolado, procurará entendê-las como multiformas de um ou mais elementos do sistema poético do *épos* arcaico, valorizando assim tanto as suas características particulares (como seus respectivos enquadramentos imediatos) como os elementos comuns que elas partilham com as outras instâncias da mesma estrutura tradicional.

3 O tema da *boēlasía* na épica homérica, a *Ilíada*

3.1 As razias de gado de Aquiles

Durante o episódio da embaixada, em sua longa resposta ao discurso inicial de Odisseu, Aquiles reforça a rejeição aos presentes de desagravo prometidos por Agamenão para reconduzi-lo ao combate por meio de uma contraposição entre algo que não pode ser recuperado depois de perdido e bens que são sempre passíveis de aquisição de uma maneira ou de outra. Segundo o filho de Peleu (IX, 401-9):

> "οὐ γὰρ ἐμοὶ ψυχῆς ἀντάξιον οὐδ' ὅσα φασὶν
> Ἴλιον ἐκτῆσθαι εὖ ναιόμενον πτολίεθρον
> τὸ πρὶν ἐπ' εἰρήνης, πρὶν ἐλθεῖν υἷας Ἀχαιῶν,
> οὐδ' ὅσα λάινος οὐδὸς ἀφήτορος ἐντὸς ἐέργει
> Φοίβου Ἀπόλλωνος Πυθοῖ ἔνι πετρηέσσῃ.
> **ληιστοὶ μὲν γάρ τε βόες καὶ ἴφια μῆλα**,
> κτητοὶ δὲ τρίποδές τε καὶ ἵππων ξανθὰ κάρηνα·
> ἀνδρὸς δὲ ψυχὴ πάλιν ἐλθεῖν οὔτε λεϊστὴ
> οὔθ' ἑλετή, ἐπεὶ ἄρ κεν ἀμείψεται ἕρκος ὀδόντων."

> "A minha vida não é equivalente a tudo quanto dizem
> que possuía Ílion, cidade boa-de-morar,
> antes, nos tempos de paz, antes da vinda dos filhos dos Aqueus,
> nem a tudo que a soleira de pedra do flecheiro encerra,
> de Febo Apolo, em Pito rochosa.
> **Pois saqueáveis são bois e fortes ovelhas,**
> e adquiríveis são trípodes e cavalos baios.
> Mas a vida de um varão, de modo a que ela retorne, isso não é nem saqueável
> nem capturável, depois que passa pela barreira dos dentes. "

Ao citar bois e ovelhas como integrantes do segundo grupo e ao qualificá-los como *lēistoí,* 'passíveis de saque', Aquiles refere-se a uma prática que ele conhece bem, pois esse mesmo herói — que já havia outrora se servido de um cenário hipotético de rapina de animais em uma resposta a Agamenão[1] — figura como protagonista em três episódios de razia de gado

[1] I, 148-60, *supra*, p. 35.

mencionados na *Ilíada*, a saber: o seu ataque contra os animais apascentados pelos irmãos de Andrômaca (VI, 421-4) e as suas investidas contra os rebanhos de Eneias e os de Príamo (XI, 104-6; XX, 90-96 e 187-190).

Antes de passarmos a uma análise pormenorizada de cada um desses episódios, cabe destacar uma característica fundamental comum a todos eles: todos constituem histórias encaixadas (*embedded stories*) que tomam a forma de relatos curtos, por parte de Homero ou dos seus personagens, de eventos pertencentes a um momento do confronto troiano anterior àquele compreendido pela narrativa principal da *Ilíada*.[2] Esse momento, várias vezes referido ao longo do poema sempre que algum item do butim que ele possibilitou é mencionado, seria aquele das expedições acessórias organizadas pelos aqueus (em paralelo ao cerco troiano) contra alvos do interior e da região costeira da Tróade. Tratam-se de campanhas lideradas por Aquiles ou nas quais ele desempenhou um papel preponderante, como mostram as referências numerosas que atribuem a esse herói a destruição das cidades de Tebas-sob-Placo (I, 366-9; II, 688-694; VI, 413-27; IX, 186-8; XVI, 152-4; XXIII, 826-829), Lirnesso (II, 688-694, XVI, 56-7; XIX, 56-60 e 291-296; XX, 90-96 e 187-194), Pédaso (XX, 90-96), Lesbos (IX, 128-30 e 663-5), Tênedo (XI, 624-7) e Esquiro (XI, 966-68) e como testemunham as palavras do próprio Aquiles em IX, 321-333:

> "οὐδέ τί μοι περίκειται, ἐπεὶ πάθον ἄλγεα θυμῷ,
> αἰεὶ ἐμὴν ψυχὴν παραβαλλόμενος πολεμίζειν.
> ὡς δ' ὄρνις ἀπτῆσι νεοσσοῖσι προφέρῃσι
> μάστακ' ἐπεί κε λάβῃσι, κακῶς δέ τέ οἱ πέλει αὐτῇ,
> ὣς καὶ ἐγὼ πολλὰς μὲν ἀύπνους νύκτας ἴαυον,
> ἤματα δ' αἱματόεντα διέπρησσον πολεμίζων
> ἀνδράσι μαρνάμενος ὀάρων ἕνεκα σφετεράων.
> δώδεκα δὴ σὺν νηυσὶ πόλεις ἀλάπαξ' ἀνθρώπων,
> πεζὸς δ' ἕνδεκα φημὶ κατὰ Τροίην ἐρίβωλον.
> τάων ἐκ πασέων κειμήλια πολλὰ καὶ ἐσθλὰ
> ἐξελόμην, καὶ πάντα φέρων Ἀγαμέμνονι δόσκον
> Ἀτρείδῃ· ὃ δ' ὄπισθε μένων παρὰ νηυσὶ θοῇσι
> δεξάμενος διὰ παῦρα δασάσκετο, πολλὰ δ' ἔχεσκεν."

> "Não há vantagem alguma para mim, depois que sofri dores no coração,
> sempre arriscando a minha vida para lutar.

[2] Tratam-se, portanto, de analepses externas, conforme a nomenclatura narratológica empregada por Jong (2001, p. xi-xix e 2014, p. 78-87).

> E tal como um pássaro apresenta a seus filhotes implumes
> um bocado (sempre que pega algum) mas ele mesmo passa mal,
> assim também eu atravessava muitas noites insones
> e passava dias sangrentos combatendo,
> lutando contra varões por causa de suas esposas.
> Sim, doze cidades de homens saqueei com navios,
> e, a pé, eu digo que foram onze, ao longo da muito fértil Troia.
> De todas essas, muitos e preciosos tesouros
> tomei e, carregando tudo, entregava a Agamenão,
> o filho de Atreu. Mas ele, que ficava para trás junto as naus velozes,
> após receber, distribuía pouco e retinha muito." [3]

É, portanto, nesse contexto de destruição e pilhagem das povoações próximas de Troia (e dos seus respectivos territórios) que as atividades de Aquiles como predador de gado se inscrevem na *Ilíada*. A julgar pelos indícios restantes, essa também seria a situação no ramo da tradição épica arcaica representado pelos *Cypria,* conforme atestam os seguintes passos do sumário de Proclo (*Cypria*, arg. 11) e da *Epítome* de Apolodoro (III, 32-3), que provavelmente deriva seu relato de sumários tardios desse poema arcaico:

> (...) ἔπειτα τὴν χώραν ἐπεξελθόντες πορθοῦσι καὶ τὰς περιοίκους πόλεις (...). κἄπειτα ἀπελαύνει τὰς Αἰνείου βοῦς, καὶ Λυρνησσὸν καὶ Πήδασον πορθεῖ καὶ συχνὰς τῶν περιοικίδων πόλεων, καὶ Τρῶϊλον φονεύει. Λυκάονά τε Πάτροκλος εἰς Λῆμνον ἀγαγὼν ἀπεμπολεῖ".
>
> (...) em seguida, após realizarem uma incursão pelo território, (os gregos) devastam também as cidades vizinhas (...). E depois (Aquiles) tange as vacas de Eneias, e arrasa Lirnesso, Pédaso e muitas das cidades vizinhas, e mata Tróilo. E Pátroclo, após levar Licaão para Lemnos, o vende".

[3] Para van Wees (1992, p. 210-11), embora os ataques de Aquiles contra Tebas e Pédaso possam ser interpretados como agressões contra possíveis aliados dos troianos e/ou contra comunidades cujos líderes compartilham laços familiares estreitos com líderes troianos, o fato de os aqueus atacarem também *póleis* que dificilmente seriam entendidas como parte da coalisão troiana — como as insulares Tênedo, Ésquiro e Lesbos — indicaria que tais expedições teriam como principal motivação a busca por butim (como meio de angariar riquezas e de abastecer as tropas) e que suas vítimas seriam escolhidas ao acaso. Tal opinião parece encontrar suporte em um passo da *Odisseia* no qual Nestor refere-se aos sofrimentos que os aqueus padeceram ao vagarem com as naus "em busca de butim (*katà lēïda*) por onde quer que Aquiles comandasse" (iii, 105-6).

(...) παραλαβὼν δὲ Ἀχιλλεύς τινας τῶν ἀριστέων τὴν χώραν ἐπόρθει, καὶ παραγίνεται εἰς Ἴδην ἐπὶ τὰς Αἰνείου καὶ Πριάμου βόας. φυγόντος δὲ αὐτοῦ, τοὺς βουκόλους κτείνας καὶ Μήστορα τὸν Πριάμου τὰς βόας ἐλαύνει. αἱρεῖ δὲ καὶ Λέσβον καὶ Φώκαιαν, εἶτα Κολοφῶνα καὶ Σμύρναν καὶ Κλαζομενὰς καὶ Κύμην, μεθ' ἃς Αἰγιαλὸν καὶ Τῆνον, [τὰς ἑκατὸν καλουμένας πόλεις]· εἶτα ἑξῆς Ἀδραμύτιον καὶ Σίδην, εἶτα Ἔνδιον καὶ Λιναῖον καὶ Κολώνην. αἱρεῖ δὲ καὶ Θήβας τὰς Ὑποπλακίας καὶ Λυρνησσόν, ἔτι δὲ καὶ <Ἄντ>ανδρον καὶ ἄλλας πολλάς.

(...) e Aquiles, após se associar a alguns dos líderes, começa a devastar o território e vem para o Ida em busca das vacas de Eneias e de Príamo. (Mas) quando aquele foge, ele, após matar os boieiros e Mestor, o filho de Príamo, toca as vacas. E ele captura também Lesbos e Focaia; depois Colofão, Esmirna, Clazómena e Cime; depois dessas, Egialo e Teno [as chamadas cem cidades]; depois, na ordem, Adramitio e Side; em seguida, Endio, Lineo e Colone. E captura também Tebas-sob-Placo, Lirnesso e, ainda, [Antr]andro e muitas outras.[4]

Nessa direção, o primeiro dos episódios de razia de animais mencionados acima é bastante significativo, na medida em que ele integra uma narrativa da ruína de Tebas-sob-Placo, a cidade natal de Andrômaca, pelas mãos do filho de Peleu. Passemos ao texto (VI, 405-434):

(405) Ἀνδρομάχη δέ οἱ ἄγχι παρίστατο δάκρυ χέουσα,
ἔν τ' ἄρα οἱ φῦ χειρὶ ἔπος τ' ἔφατ' ἔκ τ' ὀνόμαζε·
"δαιμόνιε, φθίσει σε τὸ σὸν μένος, οὐδ' ἐλεαίρεις
παῖδά τε νηπίαχον καὶ ἔμ' ἄμμορον, ἣ τάχα χήρη
σεῦ ἔσομαι· τάχα γάρ σε κατακτανέουσιν Ἀχαιοὶ
(410) πάντες ἐφορμηθέντες. ἐμοὶ δέ κε κέρδιον εἴη
σεῦ ἀφαμαρτούσῃ χθόνα δύμεναι· οὐ γὰρ ἔτ' ἄλλη
ἔσται θαλπωρή, ἐπεὶ ἂν σύ γε πότμον ἐπίσπῃς,
ἀλλ' ἄχε'· οὐδέ μοι ἔστι πατὴρ καὶ πότνια μήτηρ.
ἤτοι γὰρ πατέρ' ἀμὸν ἀπέκτανε δῖος Ἀχιλλεύς,
(415) ἐκ δὲ πόλιν πέρσεν Κιλίκων εὖ ναιετάουσαν,
Θήβην ὑψίπυλον· κατὰ δ' ἔκτανεν Ἠετίωνα·
οὐδέ μιν ἐξενάριξε, σεβάσσατο γὰρ τό γε θυμῷ,
ἀλλ' ἄρα μιν κατέκηε σὺν ἔντεσι δαιδαλέοισιν
ἠδ' ἐπὶ σῆμ' ἔχεεν· περὶ δὲ πτελέας ἐφύτευσαν
(420) νύμφαι ὀρεστιάδες κοῦραι Διὸς αἰγιόχοιο.

[4] Para uma análise dessas passagens (e da relação entre Apolodoro e os poemas do ciclo), cf. West (2013, p. 11-16 e 118-122).

οἳ δέ μοι ἑπτὰ κασίγνητοι ἔσαν ἐν μεγάροισιν,
οἳ μὲν πάντες ἰῷ κίον ἤματι Ἄιδος εἴσω·
πάντας γὰρ κατέπεφνε[5] ποδάρκης δῖος Ἀχιλλεὺς
βουσὶν ἐπ' εἰλιπόδεσσι[6] καὶ ἀργεννῆς ὀίεσσι[7].
(425) μητέρα δ', ἣ βασίλευεν ὑπὸ Πλάκῳ ὑληέσσῃ,
τὴν ἐπεὶ ἂρ δεῦρ' ἤγαγ' ἅμ' ἄλλοισι κτεάτεσσιν,
ἂψ ὅ γε τὴν ἀπέλυσε λαβὼν ἀπερείσι' ἄποινα,
πατρὸς δ' ἐν μεγάροισι βάλ' Ἄρτεμις ἰοχέαιρα.
Ἕκτορ ἀτὰρ σύ μοί ἐσσι πατὴρ καὶ πότνια μήτηρ
(430) ἠδὲ κασίγνητος, σὺ δέ μοι θαλερὸς παρακοίτης.
ἀλλ' ἄγε νῦν ἐλέαιρε καὶ αὐτοῦ μίμν' ἐπὶ πύργῳ,
μὴ παῖδ' ὀρφανικὸν θήῃς χήρην τε γυναῖκα.
λαὸν δὲ στῆσον παρ' ἐρινεόν, ἔνθα μάλιστα

---

[5] **πάντας γὰρ κατέπεφνε** (v. 423, até B2): VI, 190* (Belerofonte mata todos os seus emboscadores lícios); IV, 397 (πάντας ἔπεφν', até A2, Tideu mata praticamente todos os seus cinquenta emboscadores cádmios).

[6] **βουσὶν ἐπ' εἰλιπόδεσσι** (v. 424, até B2): Hes. frag. 136 M/193 MW, v. 17* (καὶ τοὺς μὲν] Τάφι[ο]ι ναυσικλυτοὶ ἐξενά[ριξαν / βουσὶν ἐπ' εἰλι]πόδεσσι, táfios matam os filhos de Electrião em razia de gado); *Teog.*, 290* e 983* (τὸν μὲν ἄρ' ἐξενάριξε βίη Ἡρακληείη / βουσὶ πάρ' εἰλιπόδεσσι περιρρύτῳ εἰν Ἐρυθείῃ e Γηρυονέα, τὸν κτεῖνε βίη Ἡρακληείη / βοῶν ἕνεκ' εἰλιπόδων ἀμφιρρύτῳ εἰν Ἐρυθείῃ, Héracles mata Gerião em razia de gado); Hes. frag. 155 M/240 MW, v. 50 (τῶν ἔφατ' εἰλίποδάς τε βόας κ[α]ὶ [ἵ]φια μῆλα / συνελάσας δώσειν, Ájax promete gado rapinado, como *hédna*, pela mão de Helena); XVI, 488 (ἐν εἰλιπόδεσσι βόεσσι, símile: leão mata touro ao atacar rebanho); Hes. frag. 181 M/240 MW, v. 2 (ἔστι τις Ἑλλοπίη πολυλήϊος ἠδ' εὐλείμων /ἀφνειὴ μήλοισι καὶ εἰλιπόδεσσι βόεσσιν· descrição da região de Dodona); XV, 547 (εἰλίποδας βοῦς, rápida 'biografia' de Melanipo); viii, 60 (εἰλίποδας βοῦς, animais sacrificados em um festim entre os feácios); *H. H. Hermes*, 216 e 370 (διζήμενος εἰλίποδας βοῦς, Apolo procura o gado roubado por Hermes); IX, 466 e XXIII, 166 (πολλὰ δὲ ἴφια μῆλα καὶ εἰλίποδας ἕλικας βοῦς, respectivamente: animais sacrificados em um banquete oferecido ao jovem Fénix e animais consumidos na pira fúnebre de Patroclo); i, 92 e iv, 320 (μῆλ' ἀδινὰ σφάζουσι καὶ εἰλίποδας ἕλικας βοῦς, descrição do consumo dos animais de Odisseu pelos pretendentes); ix, 46 (πολλὰ δὲ μῆλα / ἔσφαζον παρὰ θῖνα καὶ εἰλίποδας ἕλικας βοῦς, companheiros de Odisseu banqueteiam-se após o saque de Ísmaros); *Érga*, 795 (εἰλίποδας ἕλικας βοῦς, parte do 'calendário agrícola'); Hes. frag. 154c M/198 MW, v. 11 (πο]λλὰ μάλ' ἄργυφα μ[ῆλ]α καὶ [εἰλίποδας ἕλικ]α[ς] βοῦς, animais ofertados por Toas, como *hédna,* por Helena); XXI, 448 (Φοῖβε, σὺ δ' εἰλίποδας ἕλικας βοῦς βουκολέεσκες / Ἴδης ἐν κνημοῖσι, Posidão lembra a Apolo o seu período como pastor dos bois de Laomedonte no Ida).

[7] **καὶ ἀργεννῆς ὀίεσσι** (v. 424, depois de B2): xvii, 472* (ὁππότ' ἀνὴρ περὶ οἶσι μαχειόμενος κτεάτεσσι / βλήεται, ἢ περὶ βουσὶν ἢ ἀργεννῆς ὀΐεσσιν, em discurso aos pretendentes, o mendigo cretense/Odisseu emprega um cenário hipotético de razia de gado); XVIII, 529 (τάμνοντ᾽ ἀμφὶ βοῶν ἀγέλας καὶ πώεα καλὰ / ἀργεννῶν οἰῶν, κτεῖνον δ' ἐπὶ μηλοβοτῆρας, tocaia/razia de gado representada no escudo de Aquiles); XVIII, 588 (ἐν καλῇ βήσσῃ μέγαν οἰῶν ἀργεννάων, representação de um pasto no escudo de Aquiles); III, 198 (ὅς τ' οἰῶν μέγα πῶϋ διέρχεται ἀργεννάων, símile: Príamo compara Odisseu a carneiro entre as ovelhas).

ἀμβατός ἐστι πόλις καὶ ἐπίδρομον ἔπλετο τεῖχος.”

(405) Mas Andrômaca postou-se perto dele, vertendo lágrimas,
e, após tomar-lhe a mão, disse-lhe:
“Homem estranho, o teu ardor te destruirá! Nem te apiedas
desta criança pequena e de mim, uma infeliz, que logo a tua viúva
serei, pois rapidamente te matarão os aqueus
(410) todos, após se lançarem contra ti. E para mim seria melhor,
ao ser privada de ti, mergulhar sobre a terra, pois não mais outro
conforto haverá, depois que tu encontrares o destino,
mas apenas dores. Já não tenho mais um pai e uma veneranda mãe.
Quanto ao meu pai, o divino Aquiles o matou
(415) e arrasou a cidade boa-de-morar dos cilícios,
Tebas de altos portões. Ele matou Eecião,
porém não o despojou, pois isso, ao menos, receou em seu ânimo.
Mas o cremou com suas armas brilhantes
e, em cima, ergueu um túmulo. Em volta, plantaram olmos
(420) as ninfas da montanha, filhas de Zeus porta-égide.
E os sete irmãos que eu tinha em casa,
todos foram para a mansão de Hades em um único dia,
pois a todos matou o divo Aquiles de pés velozes
junto aos bois de passo arrastado e brancas ovelhas.
(425) E quanto a minha mãe, que fora rainha sob Placo frondoso,
após tê-la trazido para cá com outras posses,
ele de novo a libertou, depois de receber incontável resgate.
Mas Ártemis frecheira a abateu, no palácio de seu pai.
Heitor, tu és para mim, então, pai, e veneranda mãe,
(430) e irmão; e és o meu vigoroso marido.
Mas vamos, agora apieda-te e permanece aqui sobre o bastião,
para que não faças dessa criança um órfão e da tua mulher uma viúva.
E posicione a hoste junto a figueira brava, lá onde é mais
exposta a cidade e onde a muralha parece escalável.”

A passagem acima integra a famosa cena do último encontro entre Heitor e sua família junto das Portas Esqueias. Nela, Andrômaca, que anteriormente havia se dirigido para a muralha aos prantos, se aproveita do breve momento durante o qual seu marido contempla, sorrindo, o pequeno Astíanax, para exortá-lo a deixar o campo de batalha e passar a comandar a hoste a partir da segurança das muralhas de Troia.

Em seu discurso comovente — que tem sido interpretado, pela crítica moderna, ora como uma súplica, ora como um lamento antecipatório, ora como uma repreensão gentil[8] — Andrômaca deriva toda a potência persuasiva a partir da evocação vívida da sua situação de dependência (e daquela de seu filho) em relação a Heitor. Trata-se de uma condição a qual ela se refere logo no princípio do texto, quando (após uma repreensão inicial a seu marido, v. 407) ela pressagia a morte futura deste e alude veladamente aos sofrimentos que tal acontecimento acarretará para si mesma (v. 408-13). Contudo, é somente nos versos seguintes (v. 413-430) que ela explora por completo a real dimensão dessa dependência, mediante o emprego de um conjunto de três analepses curtas que, ao rememorarem a destruição da sua família e cidade originárias, fazem lembrar a Heitor (e aos ouvintes e/ou leitores da *Ilíada*) porque ele constitui a única fonte possível de conforto (*thalpōrḗ*, v. 412) e proteção para ela. É justamente no interior desse conjunto que nosso primeiro episódio de razia de gado está inserido. Tratam-se de apenas quatro versos (v. 421-424) que, encaixados entre os relatos (um pouco mais desenvolvidos) referentes ao destino do pai e da mãe de Andrômaca (respectivamente, v. 414-420 e 425-28), narram como seus sete irmãos foram mortos por Aquiles enquanto pastoreavam gado.

À primeira vista, a natureza extremamente sucinta da narrativa da esposa de Heitor não parece revelar muito acerca desse feito de Aquiles em particular ou sobre a representação épica da razia de gado em geral.[9] Nada é dito, por exemplo, sobre o local, tempo, modo ou outra circunstância do ataque. Com efeito, todo o esforço narrativo é concentrado na indicação do evento terrível e repentino que privou Andrômaca (de uma só vez) do possível amparo dos seus

---

[8] Para súplica, cf. Kirk (1990, p. 213-18); lamento antecipatório (*proto-lament* ou *anticipatory góos*), Foley (1999, p. 187-198) e Tsagalis (2004, p. 118-129); repreensão gentil (*gentle rebuke*), Minchin (2007, p. 160-3 e 262-64); para a formulação de uma boa síntese das posições anteriores, cf. Graziosi e Haubold (2010, p. 18 e nota *ad* VI, 405-39) e, em particular, Ammone (2012, p. 160-7), que explora a natureza polimórfica do discurso de Andrômaca em função do seu propósito exortativo.

[9] Acerca da concisão narrativa que costuma caracterizar muitas analepses externas de personagens, conferir o seguinte comentário de Tsagalis (2004, 119-20): "*external analepses uttered by speaking characters are known for their allusive and elliptical nature. Their content is familiar to their addressee and the main interest of the speaker lies in the importance each analepsis has in the present context* [ou seja, na sua função argumentativa]. *Their role is not informational, as when the external narrator narrates one of them to provide background information or to increase the dramatic tension*". Acerca dessas questões e sobre a distinção, para uma dada história embutida, entre as suas funções 'argumentativa' ("*the function or significance which an embedded story told by a character has for the characters*") e 'chave' ("*the function or significance an embedded story told by a character has for the narratees*"), cf. Jong (2001, p. xi-xiv).

sete irmãos — cujo massacre, ressalte-se, é verbalizado duas vezes (οἳ μὲν πάντες .... Ἄιδος εἴσω / πάντας γὰρ κατέπεφνε, v. 422-3), a segunda das quais por meio de dicção tradicional também presente em narrativas iliádicas de emboscadas.[10]

Contudo, um olhar mais atento sobre esse microrrelato possibilita identificar a presença de elementos que o aproximam de outras situações de investida contra reses do *épos* arcaico. Nessa direção, cabe destacar que o verso mesmo que caracteriza a chacina dos irmãos de Andrômaca como um ataque específico a pastores — e não uma ação integrante da batalha campal diante dos muros de Tebas e/ou da tomada propriamente dita da cidade, como a morte de Eecião e a captura de sua esposa — é construído por meio da combinação de duas estruturas formulares recorrentes em outros contextos de razias de gado.

Em relação a essas estruturas, a consulta ao elenco de paralelos fornecido acima (cf. n. 6 e 7) mostra que a segunda delas, a fórmula ἀργεννῇς ὀίεσσι, também está presente (ainda que deslocada para o primeiro hemistíquio) em uma cena de tocaia e razia de gado integrante da representação da cidade em guerra na écfrase do escudo de Aquiles (XVIII, 509-540, *infra* p. 78-81). Além dessa instância, a mesma fórmula também ocorre, mantendo agora a posição métrica que ela ocupava no relato de Andrômaca, em um discurso no qual o mendigo cretense/Odisseu, buscando criticar o comportamento de Antínoo que o havia alvejado com uma banqueta, contrasta negativamente os sofrimentos provenientes da condição de mendicante com aqueles resultantes do papel de defensor em uma provável situação de razia de gado (xvii, 468-474).

Quanto à primeira estrutura, caracterizada pela aplicação do epíteto *eilíssō* a *boús,* no interior de um adjunto adverbial com preposição interposta, ela também ocorre (sempre na mesma posição métrica) nos dois trechos da *Teogonia* relativos à captura das vacas de Gerião por Héracles (v. 287-94 e 979-83) e (a crer nas conjecturas de quase uma legião de filólogos) em um fragmento do *Catálogo das Mulheres* que apresenta um quadro geral bastante semelhante àquele do relato de Andrômaca: o massacre dos filhos de Electrião, pelos táfios em uma razia de gado (frag. 136 M/193 MW, v. 10-20), cito:

> ̓Ηλεκτρύων ἵππ]οισι καὶ ἅρμασι κολλητ[οῖσιν
> ἤγαγε Λυσιδίκην] Πέλοπος περικαλλέα [κούρην.
> ἥ οἱ γείνατο παῖδ]ᾳς ὁμὸν λέχος εἰσαναβ[ᾶσα,

[10] Cf. nota 5, *supra*. Vale notar que, nas duas narrativas de emboscadas (frustradas) referidas, a expressão tradicional em questão é empregada para indicar o triunfo das vítimas; e não do agressor, como no (bem-sucedido) ataque de Aquiles.

Γοργοφόνον θ'] ἥρωα καὶ αἰχμητὴν Περ[ι-
....] Νομίον τε Κελαινέα τ' ᾽Αμ[φίμαχόν τε
Δηΐμαχόν] τε καὶ Ἐ̣ὐρύβιον κλειτόν τ' ᾽Ε[πίλαον.
καὶ τοὺς μὲν] Τάφι[ο]ι ναυσικλυτοὶ ἐξενά[ριξαν
βουσὶν ἔπ' εἰλι]πόδεσσιν, ᾽Ἐχινάῳν ἀ[πὸ νήσων
πλεύσαντες ν]ήεσσιν ἐπ' ε[ὐ]ρέα νῶτα θαλ[άσσης·
᾽Αλκμήνη δ' ἄρα] μούνῃ ἐλ[είπ]ετο χάρμα γο[νεῦσι,
Λυσιδίκης κο]ύρ[η] καὶ [᾽Ηλ]εκτρύων[ος ἀγαυοῦ).

Electrião, com cavalos e um carro bem ajustado,
conduziu (como esposa) Lisídice, a donzela esplendida de Pélops.
Esta gerou-lhe filhos, após subir no leito comum:
o herói Gorgófono e o lanceiro Peri-
..... Nomio e Celeneu e Anfímaco e
Deímaco e também Euribio ilustre e Epilao.
A esses os táfios, famosos pelas naus, mataram,
junto aos bois de passo arrastado, após das ilhas Esquínades
terem partido, com navios, sob o vasto dorso do mar.
E somente Alcmena restou, como uma alegria para seus genitores,
a filha de Lisídice e do ilustre Electrião. [11]

Assim como a narrativa de Andrômaca acerca da sorte de seus irmãos, também os outros dois episódios iliádicos de razia de gado associados a Aquiles compartilham com o texto acima um cenário similar de ataque repentino contra as reses de pastores isolados.[12] Nesses episódios, inclusive, a situação de isolamento das vítimas é ressaltada por meio da indicação do sítio ermo onde o ataque ocorreu: os cimos do Ida. Trata-se aqui, como são geralmente as montanhas no imaginário grego, de um local costumeiro para as atividades de pastoreio, mas também de um

[11] Ainda acerca da combinação entre *boús* e *eilíssō* (*supra*, n. 6), vale notar que ela também é empregada — seja na forma ἐν/καὶ εἰλιπόδεσσι βόεσσι (depois de B2), ou εἰλίποδας βοῦς (depois de C2), ou εἰλίποδάς τε βόας (entre A1 e C1?) ou ainda εἰλίποδας ἕλικας βοῦς (após B2 ou entre A1 e C2) — em vários outros contextos relativos a gado, tais como cenas pastoris, símiles que colocam em cena o ataque de feras contra gado, descrições ou menções a sacrifícios/banquetes (inclusive em menções ao consumo das reses de Odisseu pelos pretendentes), ofertas de *hédna* (inclusive na promessa de Ájax de pilhar gado pela mão de Helena) e trechos do *H. H. a Hermes* referentes aos animais roubados a Apolo.

[12] O mesmo valeria para a cena de tocaia/razia de gado representada no escudo de Aquiles (cf. *infra*, p. 78-81) e (com ressalvas) para o 'episódio' hesiódico do ataque de Héracles contra a boiada de Gerião, que tem lugar em uma ilha remotíssima, "para lá do famoso Oceano" (*Teog*, 294).

espaço marginal e selvagem que propicia encontros inesperados e potencialmente perigosos para aqueles que nele perambulam.[13] Passemos ao primeiro desses episódios (XI, 101-121):

αὐτὰρ ὃ βῆ ῥ ἮΙσόν τε καὶ Ἄντιφον ἐξεναρίξων,
υἷε δύω Πριάμοιο, νόθον καὶ γνήσιον, ἄμφω
εἰν ἑνὶ δίφρῳ ἐόντας· ὃ μὲν νόθος ἡνιόχευεν,
Ἄντιφος αὖ παρέβασκε περικλυτός· **ὥ ποτ' Ἀχιλλεὺς**
(105) <u>Ἴδης ἐν κνημοῖσι</u>[14] δίδη μόσχοισι λύγοισι,
<u>ποιμαίνοντ' ἐπ' ὄεσσι λαβών</u>,[15] καὶ ἔλυσεν ἀποίνων.
δὴ τότε γ' Ἀτρείδης εὐρὺ κρείων Ἀγαμέμνων
τὸν μὲν ὑπὲρ μαζοῖο κατὰ στῆθος βάλε δουρί,
Ἄντιφον αὖ παρὰ οὖς ἔλασε ξίφει, ἐκ δ' ἔβαλ' ἵππων.
(110) σπερχόμενος δ' ἀπὸ τοῖιν ἐσύλα τεύχεα καλὰ,
γιγνώσκων· καὶ γάρ σφε πάρος παρὰ νηυσὶ θοῇσιν
εἶδεν, ὅτ' ἐξ Ἴδης ἄγαγεν πόδας ὠκὺς Ἀχιλλεύς.
ὡς δὲ λέων ἐλάφοιο ταχείης νήπια τέκνα
ῥηϊδίως συνέαξε λαβὼν κρατεροῖσιν ὀδοῦσιν
(115) ἐλθὼν εἰς εὐνήν, ἁπαλόν τέ σφ' ἦτορ ἀπηύρα·
ἣ δ' εἴ πέρ τε τύχῃσι μάλα σχεδόν, οὐ δύναταί σφι
χραισμεῖν· αὐτὴν γάρ μιν ὑπὸ τρόμος αἰνὸς ἱκάνει·
καρπαλίμως δ' ἤϊξε διὰ δρυμὰ πυκνὰ καὶ ὕλην
σπεύδουσ' ἱδρώουσα κραταιοῦ θηρὸς ὑφ' ὁρμῆς·
(120) ὣς ἄρα τοῖς οὔ τις δύνατο χραισμῆσαι ὄλεθρον
Τρώων, ἀλλὰ καὶ αὐτοὶ ὑπ' Ἀργείοισι φέβοντο.

Mas ele pôs se a caminho para matar Íso e Antifo,

---

[13] Para um apanhado geral dos usos e das características associadas as montanhas no imaginário grego, cf. Buxton (1992), que destaca a sua natureza marginal e selvagem, o seu papel como berço de divindades e local de educação de heróis e, por fim, a sua função como espaço privilegiado de reviravoltas (orig. *reversals*), ou seja: como *loci* nos quais "*things normally separate are brought together, as the distinctions of the city collapsed*" (*op. cit*., p. 9). Essa última caraterística descreve (dentre outros fenômenos) os muitos encontros (sexuais ou não) entre divindades e pastores isolados atestados na tradição mitopoética grega.

[14] **Ἴδης ἐν κνημοῖσι** (v. 105, até B2): II, 821* (Αἰνείας, τὸν ὑπ' Ἀγχίσῃ τέκε δῖ' Ἀφροδίτη / <u>Ἴδης ἐν κνημοῖσι</u> θεὰ βροτῷ εὐνηθεῖσα, nascimento de Eneias, filho de Afrodite e de Anquises, no Ida); XXI, 449* (Apolo como boieiro no Ida); XXI, 559 (φεύγω πρὸς πεδίον Ἰλήϊον, ὄφρ' ἂν ἵκωμαι / <u>Ἴδης τε κνημοὺς</u> κατά τε ῥωπήϊα δύω, Antenor cogita evitar Aquiles e se refugiar no Ida).

[15] **ποιμαίνοντ' ἐπ' ὄεσσι** (v. 106, até B2), VI, 25* (<u>ποιμαίνων δ' ἐπ' ὄεσσι</u> μίγη φιλότητι καὶ εὐνῇ, concepção dos gêmeos Ésepo e Pedaso, pela ninfa Abarbárea e o troiano Bucolião).

dois filhos de Príamo, um bastardo e o outro legítimo, que estavam ambos
em um mesmo carro. O bastardo segurava as rédeas,
Antifo ilustre, por sua vez, seguia ao lado. **Esses, certa vez, Aquiles,**
nas escarpas do Ida, prendeu com ramos de vime/junco,
após capturá-los quando pastoreavam ovelhas, e soltou mediante resgate.
Então, o Atrida Agamenão, de vasto poder,
atingiu o primeiro acima do seio e através do peito com a sua lança;
mas a Antifo, ele o golpeou junto à orelha com a espada e o lançou para fora do carro.
E prontamente os despojou das belas armas,
os reconhecendo, pois, outrora, junto as naus velozes, os
tinha visto, quando o velocípede Aquiles os trouxera do Ida.
E tal como um leão as crias pequenas de uma corsa veloz
facilmente despedaça, ao tomá-las nos dentes poderosos
após ter vindo até a toca, e rouba-lhes a vida tenra;
mas ela, mesmo se calha de estar bem perto, não pode
socorrê-los, pois um tremor terrível a toma;
e subitamente ela dispara, através dos arbustos cerrados e da floresta,
apressando-se, transpirando, devido ao assalto da fera possante:
assim daqueles dois ninguém podia afastar a destruição
dentre os troianos, mas eram eles próprios afugentados pelos argivos.

No passo acima, parte da série inicial de vitórias da *aristeía* de Agamenão, a anedota biográfica que costuma acompanhar a morte de alguns heróis iliádicos menores toma a forma de uma narrativa acerca de um encontro funesto das vítimas com Aquiles em uma razia de gado.[16] Assim como no episódio dos irmãos de Andrômaca, o ataque do filho de Peleu contra os rebanhos apascentados por Iso e Antifo também é narrado de forma extremamente concisa, ocupando pouco mais de dois versos (v. 104-106). Contudo, ao contrário do que acontece naquela narrativa, nesta os dois filhos de Príamo surpreendidos por Aquiles nas escarpas do Ida não são mortos, mas libertados após (um provável ato de súplica seguido de) o recebimento de resgate.

O fato de essa brevíssima analepse encontrar-se inserida justamente no momento em que Iso e Antifo são massacrados no campo de batalha ao mesmo tempo que permite amplificar a resposta emocional do público diante da cena imediata da morte desses heróis malfadados —

[16] Para a identificação desse passo como uma instância de 'breve obituário expandido' *(expanded short obituary)* — um tipo de versão em miniatura e a cargo do narrador/poeta dos *góoi*, os lamentos pessoais estilizados proferidos por personagens — e para uma descrição da estrutura desse elemento típico (que pode incluir, como no exemplo em questão, um símile), cf. Tsagalis (2004, p. 179-188).

que foram poupados por Aquiles, mas caíram de novo em mãos aqueias, dessa vez nas mãos de um herói que declaradamente não faz prisioneiros — também aproxima o passo em questão de outro trecho iliádico com o qual ele partilha elementos de estrutura e motivos. Refiro-me, aqui, ao episódio da morte de Licaão (XXI, 34-135), o desventurado filho de Príamo que Aquiles, durante a sua *aristeía* furiosa motivada pela morte de Pátroclo, encontra junto das margens do Xanto e que ele executa após recusar-lhe a súplica. [17]

Tal como no passo relativo a Iso e Antifo, também naquele referente a Licaão uma analepse externa nos informa que esse príncipe troiano já havia se deparado com Aquiles antes, quando o Pelida, ao penetrar durante a noite (*ennýkhios promolṓn,* v. 37) no pomar (*alṓē*) de seu pai, o capturara após surpreendê-lo no ato de cortar ramos de figueira para confeccionar um rebordo de carruagem. Após sua captura em um local (ao menos temporariamente) isolado e naquilo que parece ser uma incursão noturna surpresa do filho de Peleu, Licaão é vendido como escravo em Lemnos, mas consegue retornar à Tróade apenas para tornar a encontrar (dessa vez no campo de batalha) um (agora) inflexível Aquiles e para ser morto por ele. Vale ressaltar que, nessa analepse, o elemento de surpresa da investida de Aquiles e a situação de despreparo de sua vítima são indicados tanto de forma indireta, mediante o destaque dado à ocupação pacífica de Licaão, como direta, por meio do verso "e, para ele, veio então, como um mal inesperado, o divino Aquiles" (τῷ δ᾽ἂρ ἀνώιστον κακὸν ἤλυθε δῖος Ἀχιλλεύς, v. 39), que resume toda a situação a partir da focalização do surpreso troiano. [18]

Além de Iso e Antifo, também Eneias figura na *Ilíada* como uma das vítimas das razias praticadas por Aquiles nas pastagens do Ida. De forma semelhante ao que ocorre em relação a Licaão, esse encontro anterior entre Eneias e Aquiles é rememorado (dessa vez, por meio de duas analepses) durante o extenso episódio do confronto entre os dois heróis no campo de batalha iliádico (XX, 75-352). Passemos aos textos (XX, 79-102 e 176-198):

> Αἰνείαν δ' ἰθὺς λαοσσόος ὦρσεν Ἀπόλλων
> (80) ἀντία Πηλείωνος, ἐνῆκε δέ οἱ μένος ἠύ·
> υἱέι δὲ Πριάμοιο Λυκάονι εἴσατο φωνήν·

[17] A inflexibilidade de Agamenão em relação à tomada de prisioneiros no campo de batalha, exemplificada pela rejeição à súplica que lhe é endereçada pelos troianos Pisandro e Hipóloco na sequência do texto (v. 122-148), encontra sua melhor expressão na mordaz crítica que ele dirige a Menelau, que se mostrava propenso a aceitar a proposta de resgate de um vencido, em VI, 37-65.

[18] Para outra referência as façanhas noturnas de Aquiles, conferir IX, 323-327 e os comentários de Dué e Ebbott (2010, p. 43-49).

τῷ μιν ἐεισάμενος προσέφη Διὸς υἱὸς Ἀπόλλων·
“Αἰνεία, Τρώων βουληφόρε, ποῦ τοι ἀπειλαὶ,
ἃς Τρώων βασιλεῦσιν ὑπίσχεο οἰνοποτάζων,
(85) Πηλείδεω Ἀχιλῆος ἐναντίβιον πολεμίζειν;”
τὸν δ' αὖτ' Αἰνείας ἀπαμειβόμενος προσέειπε·
Πριαμίδη, τί με ταῦτα καὶ οὐκ ἐθέλοντα κελεύεις
ἀντία Πηλείωνος ὑπερθύμοιο μάχεσθαι;
οὐ μὲν γὰρ νῦν πρῶτα ποδώκεος ἄντ' Ἀχιλῆος
(90) στήσομαι, ἀλλ' ἤδη με <u>καὶ ἄλλοτε δουρὶ φόβησεν</u>[19]
ἐξ Ἴδης, ὅτε <u>βουσὶν ἐπήλυθεν</u>[20] ἡμετέρῃσι,
πέρσε δὲ Λυρνησσὸν καὶ Πήδασον· <u>αὐτὰρ ἐμὲ Ζεὺς</u>
<u>εἰρύσαθ'</u>[21], <u>ὅς μοι ἐπῶρσε μένος λαιψηρά τε γοῦνα</u>.[22]
ἦ κ' ἐδάμην ὑπὸ χερσὶν Ἀχιλλῆος καὶ Ἀθήνης,
(95) ἥ οἱ πρόσθεν ἰοῦσα τίθει φάος ἠδ' ἐκέλευεν
ἔγχεϊ χαλκείῳ Λέλεγας καὶ Τρῶας ἐναίρειν.
τῷ οὐκ ἔστ' Ἀχιλῆος ἐναντίον ἄνδρα μάχεσθαι·
αἰεὶ γὰρ πάρα εἷς γε θεῶν, ὃς λοιγὸν ἀμύνει.
καὶ δ' ἄλλως τοῦ γ' ἰθὺ βέλος πέτετ', οὐδ' ἀπολήγει
(100) πρὶν χροὸς ἀνδρομέοιο διελθέμεν. εἰ δὲ θεός περ
ἶσον τείνειεν πολέμου τέλος, οὔ κε μάλα ῥέα
νικήσει, οὐδ' εἰ παγχάλκεος εὔχεται εἶναι.”

E Apolo, atiçador da hoste, incitou Eneias a postar-se diretamente
(80) contra o Pelida e infundiu-lhe força valente.
A Licaão, então, o filho de Príamo, ele se assemelhou na voz
e, após tomar essa aparência, Apolo, filho de Zeus, disse:
“Eneias, conselheiro dos troianos, onde estão as jactâncias

---

[19] καὶ ἄλλοτε δουρὶ φόβησεν (v. 90): XX, 187*.

[20] **βουσὶν ἐπήλυθεν** (v. 91, antes de C2): XV, 630 (αὐτὰρ ὅ γ' ὥς τε λέων ὀλοόφρων <u>βουσὶν ἐπελθών</u>, símile: leão ataca vacas que pastam em um charco sob a proteção de um pastor inexperiente); vi, 132* (A1| αὐτὰρ ὁ <u>βουσὶ μετέρχεται</u> ἢ ὀΐεσσιν / ἠὲ μετ' ἀγροτέρας ἐλάφους· κέλεται δέ ἑ γαστὴρ/ μήλων πειρήσοντα καὶ ἐς πυκινὸν δόμον ἐλθεῖν, símile: Odisseu, a ponto de encontrar-se com Nausica e suas criadas, é comparado a leão em busca de presas); X, 485 (ὡς δὲ λέων <u>μήλοισιν</u> ἀσημάντοισιν <u>ἐπελθὼν</u>, símile: Diomedes, ao matar os trácios adormecidos, é comparado a um leão que ataca reses desprovidas de pastor).

[21] αὐτὰρ ἐμὲ Ζεὺς / εἰρύσαθ' (v. 92-3): XX, 194

[22] **ὅς μοι ἐπῶρσε μένος λαιψηρά τε γοῦνα** (v. 92): XXII, 204* (Apolo auxilia Heitor, permitindo que ele fuja temporariamente diante de Aquiles); XXII, 144 (ὣς ἄρ' ὅ γ' ἐμμεμαὼς ἰθὺς πέτετο, τρέσε δ' Ἕκτωρ/ τεῖχος ὕπο Τρώων, **λαιψηρὰ δὲ γούνατ'** ἐνώμα, Heitor foge diante de Aquiles); X, 358 (γνῶ ῥ' ἄνδρας δηΐους, <u>λαιψηρὰ δὲ γούνατ'</u> ἐνώμα/ φευγέμεναι, Dolão foge diante de Diomedes e Odisseu).

que, bebendo vinho, tu dizias aos líderes dos troianos:
(85) que lutarias face a face contra o Pelida Aquiles".
E a ele, por sua vez, Eneias, respondendo, disse:
Priâmida, porque a mim, que não o quero, ordenas isto:
que eu lute contra o magnânimo Pelida?
Pois agora não é a primeira vez que contra Aquiles de pés velozes
(90) eu me oporei, mas já outrora ele me afugentou, com sua lança,
para fora do Ida, quando atacou nossas vacas
e destruiu Lirnesso e Pédaso. Mas Zeus me
protegeu, ele que me estimulou o vigor e os rápidos joelhos,
ou eu teria sido submetido pelas mãos de Aquiles e de Atena,
(95) que, indo adiante dele, punha luz e lhe ordenava
que destruísse, com a lança bronzea, os leleges e os troianos.
Assim, não é possível para varão lutar contra Aquiles,
pois sempre ao lado dele está um dos deuses, que lhe evita a ruína.
Além disso, o dardo dele voa direito e não desiste
(100) antes de penetrar na pele de um homem. Mas se um deus
estendesse de forma igual o termo da refrega, ele não
venceria muito facilmente, nem se se vangloriasse de ser todo de bronze.

(176) οἳ δ' ὅτε δὴ σχεδὸν ἦσαν ἐπ' ἀλλήλοισιν ἰόντες,
τὸν πρότερος προσέειπε ποδάρκης δῖος Ἀχιλλεύς·
"Αἰνεία, τί σὺ τόσσον ὁμίλου πολλὸν ἐπελθὼν
ἔστης; ἦ σέ γε θυμὸς ἐμοὶ μαχέσασθαι ἀνώγει
(180) ἐλπόμενον Τρώεσσιν ἀνάξειν ἱπποδάμοισι
τιμῆς τῆς Πριάμου; ἀτὰρ εἴ κεν ἔμ' ἐξεναρίξῃς,
οὔ τοι τοὔνεκά γε Πρίαμος γέρας ἐν χερὶ θήσει·
εἰσὶν γάρ οἱ παῖδες, ὃ δ' ἔμπεδος οὐδ' ἀεσίφρων.
ἦ νύ τί τοι Τρῶες τέμενος τάμον ἔξοχον ἄλλων,
(185) καλὸν φυταλιῆς καὶ ἀρούρης, ὄφρα νέμηαι,
αἴ κεν ἐμὲ κτείνῃς; χαλεπῶς δέ σ' ἔολπα τὸ ῥέξειν.
ἤδη μὲν σέ γε φημι <u>καὶ ἄλλοτε δουρὶ φοβῆσαι</u>.
ἦ οὐ μέμνῃ ὅτε πέρ σε βοῶν ἄπο, <u>μοῦνον ἐόντα</u>,[23]
σεῦα κατ' Ἰδαίων ὀρέων ταχέεσσι πόδεσσι

[23] **μοῦνον ἐόντα** (v. 188, depois de C2), múltiplos paralelos (dezesseis ao todo), dentre eles: *e.g.*: IV, 388 (Tideu isolado entre os muitos cádmios); XI, 467* e XVII, 94 (respectivamente, Odisseu e Menelau isolados entre os troianos no campo de batalha); x, 157* (Odisseu, sozinho, perambula pela ilha de Circe); xvi, 105*, xx, 30 e 40, xxii, 107* e xxii, 38 (isolamento de Odisseu em contraste com a multidão de pretendentes).

(190) καρπαλίμως; τότε δ' οὔ τι μετατροπαλίζεο φεύγων.
ἔνθεν δ' ἐς Λυρνησσὸν ὑπέκφυγες· αὐτὰρ ἐγὼ τὴν
πέρσα μεθορμηθεὶς σὺν Ἀθήνῃ καὶ Διὶ πατρί,
<u>ληιάδας δὲ γυναῖκας ἐλεύθερον ἦμαρ ἀπούρας</u>[24]
ἦγον· <u>ἀτὰρ σὲ Ζεὺς ἐρρύσατο</u> καὶ θεοὶ ἄλλοι.
(195) ἀλλ' οὐ νῦν σε ῥύεσθαι ὀίομαι, ὡς ἐνὶ θυμῷ
βάλλεαι· ἀλλά σ' ἔγωγ' ἀναχωρήσαντα κελεύω
ἐς πληθὺν ἰέναι, μηδ' ἀντίος ἵστασ' ἐμεῖο,
πρίν τι κακὸν παθέειν· ῥεχθὲν δέ τε νήπιος ἔγνω.”

(176) Mas quando, indo um contra o outro, já estavam perto,
àquele disse primeiro o velocípede e divino Aquiles:
“Eneias, porque tu, tendo se distanciado tanto da tua tropa,
estás aí parado? Acaso o ânimo te ordena lutar comigo
(180) na expectativa de, entre os troianos domadores de cavalos, se assenhorar
da prerrogativa de Príamo? Mas, se porventura me matasses,
Príamo, por causa disso, não poria esse privilégio na tua mão:
ele tem filhos, é firme e não é um tolo.
Ou os troianos separaram para ti um domínio superior aos outros,
(185) um belo, de pomar/vinha e lavoura, para o possuíres
se acaso me matares? Dificilmente, eu confio, tu farás isso.
(Pois) afirmo que já te afugentei outrora com minha lança.
Ou não te lembras quando, a ti que estavas só, para longe dos bois
te pus a correr Ida abaixo, com pés velozes,
(190) desabaladamente? Então, fugindo, não virastes para trás.
De lá, fugiste para Lirnesso. Mas eu a cidade
destruí, após me lançar para lá com a ajuda de Atena e de Zeus pai
e, depois de privá-las dos dias de liberdade, as mulheres como cativas
levei. Mas a ti salvaram Zeus e os outros deuses.
(195) Agora penso que não te salvarão, como em teu ânimo
meteste. Mas eu te ordeno que, após bater em retirada,
reentres na turba. E não te coloques contra mim,
antes que sofras um mal. Ocorrido o fato, até um tolo compreende.

---

[24] **ληιάδας δὲ γυναῖκας ἐλεύθερον ἦμαρ ἀπούρας** (v. 193): XVI, 831* (Τρωϊάδας δὲ ..., diante de Pátroclo moribundo, Heitor jacta-se aludindo ao desejo daquele de saquear Troia e fazer das troianas cativas); VI, 831* (ἐλεύθερον ἦμαρ ἀπούρας, em resposta ao apelo de sua esposa, Heitor alude ao eventual cativeiro dela como consequência da queda de Troia).

Na primeira dessas duas passagens, Eneias, em resposta à repreensão exortativa que lhe dirige Apolo/Licaão, lança mão de um relato de suas experiências prévias com o filho de Peleu para justificar a sua resistência em enfrentá-lo.[25] Segundo o líder dos dardânios, apenas a ajuda de Zeus permitiu que ele escapasse de Aquiles durante um ataque surpresa desse herói contra as vacas que ele apascentava no Ida. Ainda segundo Eneias, essa razia campestre ocorreu no decurso de uma incursão aqueia que envolveu também a destruição das cidades vizinhas de Lirnesso e Pédaso (v. 89-96).[26]

Mais uma vez, a natureza extremamente sintética dessa narrativa aparenta ser um empecilho para o seu emprego em uma investigação dos componentes tradicionais do ato de razia ou do roubo de gado. Um exame mais atento, porém, revela informações úteis. Em primeiro lugar, convém destacar que o assalto de Aquiles contra a boiada de Eneias é narrado, aqui, por meio de dicção tradicional semelhante àquela presente em alguns símiles que põem em cena o ataque de feras contra gado.[27]Além disso, se considerarmos que Eneias relata efetivamente apenas a razia de gado — sem englobar a queda de Lirnesso e Pédaso, que ele apenas menciona —, a sua alusão a léleges (os habitantes de Pédaso) e troianos como vítimas de Aquiles (v. 96) parece indicar que ele não estava sozinho no momento do ataque, mas acompanhado por outros pastores.[28]

Por fim, um possível indício complementar pode ser encontrado a partir do exame da expressão τίθει φάως, referente a uma ação de Atena no verso noventa e cinco. Desde os comentadores antigos (*schol.* bT *ad* v. 95 ex.), o termo *pháos* nessa expressão tem sido

---

[25] Para uma discussão (acompanhada da indicação de paralelos) acerca da natureza dos discursos de Licaão/Apolo e de Eneias, conferir M. W. Edwards (1991, p. 302-4).

[26] Em II, 688-93, o ataque de Aquiles contra Lirnesso (durante o qual ele teria matado o marido de Briseida diante das muralhas, cf. XIX, 282-300) é combinado com a destruição da Tebas de Eecião, cuja localização no sopé do Monte Placo — possivelmente um contraforte meridional do Ida, cf. Kirk (1990, *ad* VI, 395-7) — sugere que o massacre dos irmãos de Andrômaca também integra o conjunto das razias do filho de Peleu nos pastos do Ida.

[27] Cf. nota 20, *supra*. Vale registrar, também, que elementos da dicção do passo em questão também ocorrem no relato paralelo de Aquiles (v. 187-194, cf. notas 19 e 21 *supra*) e nas cenas de fuga de Dolão diante de Diomedes e de Odisseu e, principalmente, de Heitor diante de Aquiles (cf. nota 22, *supra*).

[28] Para a diferença de escopo entre o relato de Eneias e aquele de Aquiles, cf. M. W. Edwards (1991, *ad* XX, 188-90). Para a hipótese de que Eneias estaria acompanhado por um grupo modesto de troianos e léleges, cf. Eustácio (*Commentarii ad Iliadem*, IV, 377, 9-11). Ressalte-se que, na versão de Apolodoro (*supra*, p. 46), Eneias tinha como companheiros um grupo de boieiros e Mestor, o filho de Príamo, que apascentava as vacas de seu pai.

frequentemente compreendido com base no seu valor metafórico de salvação/proteção/socorro. Trata-se, aqui, de uma acepção já atestada em vários passos, tais como: "rompeu uma falange troiana e trouxe luz/salvação/proteção para os camaradas" ("Τρώων ῥῆξε φάλαγγα, φόως δ' ἑτάροισιν ἔθηκεν", VI, 6), "volta para trás, após levares luz/salvação/proteção para as naus" ("ἀλλὰ πάλιν τρωπᾶσθαι, ἐπὴν φάος ἐν νήεσσι / θῇῃς", XVI, 96-7), "não fui uma luz/salvação/proteção para Pátroclo, nem para os outros camaradas" ("οὐδέ τι Πατρόκλῳ γενόμην φάος οὐδ' ἑτάροισι / τοῖς ἄλλοις", XVIII, 102-3), "a ver se tu te tornas/se eu me torno uma luz/salvação/proteção para os dânaos" ("αἴ κέν/ἤν πού τι φόως Δαναοῖσι γένηαι/γένωμαι", VIII, 282 = XI, 797 ≈ XVI, 39), "assim, a luz/salvação está nas (nossas) mãos, e não na batalha débil" ("τὼ ἐν χερσὶ φόως, οὐ μειλιχίῃ πολέμοιο, XV, 741), e, por fim, "e, para aquele, ele veio como uma luz e afastou o dia implacável" (καὶ τῷ μὲν φάος ἦλθεν, ἄμυνε δὲ νηλεὲς ἦμαρ", XVII, 615). [29]

Contudo, outra interpretação provável é indicada por Eustácio de Tessalônica, que entende *pháos* no passo em questão com base no seu sentido literal e sugere que o ataque de Aquiles ao gado de Eneias deve ser visualizado como um evento noturno. Segundo Eustáquio (*Commentarii ad Iliadem*, IV, 376, 27-29): "a (expressão) < πρόσθεν ἰοῦσα ἐτίθει φάος> permite inferir que Aquiles atacou Eneias, que pastoreava os rebanhos do pai, ao emboscá-lo durante a noite, tal como ele também capturou Licaão ao perambular de noite; daí Aquiles precisar de luz".[30]

Embora o motivo apresentado por Eustácio como suporte acessório para o seu raciocínio pareça esdrúxulo — afinal, a execução de ações furtivas e noturnas em Homero de modo algum implica a necessidade de iluminação, como demonstra o extenso episódio da *dolonia* —, o que torna a sua interpretação sedutora é o fato de ela permitir o reconhecimento de um paralelo adicional com a captura de Licaão, um evento que guarda associações temáticas estreitas com situações de razia de gado. De qualquer modo, é preciso ressaltar que que a adoção da leitura

---

[29] Cf. Leaf (1900, *ad* XX, 95), M. W. Edwards (1991, *ad* XX, 94-5) e, para uma breve discussão acerca da referencialidade tradicional de alguns desses passos, Kelly (2007, p. 277, item 143). Vale registrar, ainda, que alguns comentadores preferem entender *pháos*, na passagem em questão e em praticamente todas as outras mencionadas aqui, como 'vitória'. Acerca dessa última interpretação metafórica (levemente distinta da primeira), cf. Willcok (1999, *ad* XX, 95) e Russo (in Russo *et alii*, 1992, *ad* xvii, 317-19).

[30] "Τὸ δὲ «πρόσθεν ἰοῦσα ἐτίθει φάος» δίδωσι συλλογίζεσθαι ὅτι νυκτιλοχῶν ἐπῆλθεν ὁ Ἀχιλλεὺς τῷ Αἰνείᾳ βουκολοῦντι τὰ τοῦ πατρός, ὥσπερ καὶ τὸν Λυκάονα ἐννύχιος εἷλε προμολών. διὸ καὶ ἐδέετο φωτὸς ὁ Ἀχιλλεύς".

proposta por Eustácio obviamente não impede que a luz fornecida por Atena seja interpretada como um sinal do seu apreço ou cuidado para com Aquiles e/ou da eventual vitória deste. Nessa direção, um possível paralelo poderia ser encontrado no passo da *Odisseia* no qual Atena, adiantando-se (*pároithe*), ilumina o caminho de Odisseu e Telêmaco com uma lâmpada dourada, enquanto os dois removem as armas que decoravam o *mégaron* e preparam, assim, a futura matança dos pretendentes (xix, 31-43).[31]

Em contraste com o relato de Eneias — que apenas rememora de forma seca a sua fuga do Ida e procura justificá-la ao destacar o apoio concedido a Aquiles por Atena — aquele fornecido pelo filho de Peleu é bem mais desenvolvido. Nessa narrativa, que integra, na qualidade de precedente vergonhoso, um discurso de desafio[32], Aquiles zomba de Eneias, ao enfatizar o modo desenfreado de sua retirada (v. 189-190) e explorar um importante elemento que o líder dos dardânios havia deixado de lado, a saber: ele fora afugentado pelo Pelida não apenas uma, mas duas vezes. De fato, conforme esse relato, após a sua debandada Ida abaixo, Eneias (aqui descrito como sozinho, cf. v. 188) havia buscado refúgio na vizinha Lirnesso, de onde também tivera de fugir após Aquiles tomar a cidade (v. 191-194).

Essa justaposição, observável no relato de Aquiles, entre um evento de razia de gado e a tomada de uma *pólis* aproxima tal passo das reminiscências de Andrômaca acerca da destruição de sua família e cidade originárias pelo filho de Peleu (VI, 413-28). Embora a natureza específica desse último passo — não uma narrativa unificada, mas um conjunto de três analepses semi-independentes e expostas em um estilo semelhante ao de um catálogo[33] — não permita estabelecer uma sequência clara para os eventos, é razoável supor que, também nele, o ataque campestre contra as reses dos irmãos de Andrômaca poderia ser tradicionalmente concebido como um ato prévio em relação à batalha campal diante dos muros de Tebas-sob-Placo e ao saque da cidade. Seja qual for a verdade acerca desse último ponto, a questão essencial é que tal justaposição, como veremos a seguir, longe de constituir uma característica única dos episódios de razia de gado associados a Aquiles, é uma constante nos outros exemplos iliádicos dessa atividade.

---

[31] Provavelmente é essa passagem que Eustácio tem em mente ao aludir, na sequência do comentário reproduzido acima, ao papel de Atena como portadora da luz na *Odisseia*.

[32] Cf. M. W. Edwards (1991, *ad* XX, 178-98), para estrutura e paralelos.

[33] Cf. Graziosi e Haubold (2010, *ad* VI, 421-4).

3.2 O jovem Nestor rouba gado

Além do filho de Peleu, também Nestor figura na *Ilíada* como predador do gado alheio. De modo semelhante ao que ocorre em relação a Aquiles, a atividade predatória do líder pílio também é apresentada como um acontecimento externo à narrativa principal do poema, sendo relatada por meio de uma história encaixada (*embedded story*). Contudo, em contraste com as passagens analisadas acima, tal relato não se refere a um momento anterior ou pré-iliádico (*prequel*?) do conflito troiano, mas a uma época bem mais recuada: aquela da juventude (*hḗbē*) longíqua do velho soberano de Pilo — um herói que já sobrevivera a duas gerações de seus compatriotas e que agora (na temporalidade interna do relato iliádico) reina sobre a terceira (II, 250-2). O episódio de razia de gado de Nestor integra, portanto, um conjunto de quatro analepses heterodiegéticas[34] que põem em cena eventos da juventude desse ancião e que ele narra aos seus camaradas de cerco troiano esperando alcançar dois propósitos persuasivos interligados, a saber: insistir, mediante o apelo à natureza paradigmática de suas experiências, na validade do seu conselho e (assim) no seu direito de aconselhar (função apologética) e, por meio do mesmo expediente, impelir os mais jovens à ação (função exortativa).[35]

Esse forte intento persuasivo das reminiscências de Nestor é particularmente visível na narrativa acerca da sua participação decisiva em uma série de conflitos (incluindo uma razia de gado) entre os pílios e seus vizinhos epeus. Tal percepção é reforçada pelo fato de a referida narrativa estar inserida em um longo discurso parenético (XI, 656-803) que o velho líder pílio dirige a Pátroclo quando este é enviado a sua tenda, por Aquiles, para confirmar a identidade de um herói ferido (o médico Macaão). Na discussão a seguir, deixaremos de lado o trecho final dessa parênese (versos 764-803, que incluem uma segunda analepse) para nos concentrarmos

---

[34] "*Analepses that do not form part of the fabula at all, that is, those that recount events that belong to a diferent stoyline altogether, are called heterodiegetic analepses*", Jong (2014, p. 80).

[35] Acerca das funções apologética e exortativa das reminiscências de Nestor, conferir especialmente Austin (1966, p. 300-303). Além do episódio a ser explorado a seguir, as outras três analepses narradas por Nestor são: o seu papel como conselheiro no conflito entre os lápidas e os centauros (I, 259-274), o seu combate individual contra o campeão Ereutálio por ocasião de um conflito entre os pílios e árcades (VII, 132-157) e a sua participação nos jogos fúnebres do líder epeu Amarinceu (XXIII, 629-645). Para um tratamento extenso (com abundante bibliografia) de todas essas histórias embutidas (ou 'paranarrativas', como prefere o autor), cf. Alden (2000, p. 74-111).

na análise da seção referente à narrativa de Nestor e ao seu enquadramento imediato (v. 656-763):[36]

"τίπτε τ᾽ἂρ ὧδ᾽ Ἀχιλεὺς ὀλοφύρεται υἷας Ἀχαιῶν,
ὅσσοι δὴ βέλεσιν βεβλήαται; οὐδέ τι οἶδε
πένθεος, ὅσσον ὄρωρε κατὰ στρατόν· οἱ γὰρ ἄριστοι
ἐν νηυσὶν κέαται βεβλημένοι οὐτάμενοί τε.
(660) βέβληται μὲν ὃ Τυδείδης κρατερὸς Διομήδης,
οὔτασται δ᾽ Ὀδυσεὺς δουρικλυτὸς ἠδ᾽ Ἀγαμέμνων·
βέβληται δὲ καὶ Εὐρύπυλος κατὰ μηρὸν ὀιστῷ·
τοῦτον δ᾽ ἄλλον ἐγὼ νέον ἤγαγον ἐκ πολέμοιο
ἰῷ ἀπὸ νευρῆς βεβλημένον. αὐτὰρ Ἀχιλλεὺς
(665) ἐσθλὸς ἐὼν Δαναῶν οὐ κήδεται οὐδ᾽ ἐλεαίρει.
ἦ μένει εἰς ὅ κε δὴ νῆες θοαὶ ἄγχι θαλάσσης
Ἀργείων ἀέκητι πυρὸς δηίοιο θέρωνται,
αὐτοί τε κτεινώμεθ᾽ ἐπισχερώ; οὐ γὰρ ἐμὴ ἶς
ἔσθ᾽ οἵη πάρος ἔσκεν ἐνὶ γναμπτοῖσι μέλεσσιν.
(670) <u>εἴθ᾽ ὡς ἡβώοιμι βίη δέ μοι ἔμπεδος εἴη</u>,[37]
ὡς ὁπότ᾽ Ἠλείοισι καὶ ἡμῖν <u>νεῖκος ἐτύχθη</u>[38]
ἀμφὶ βοηλασίῃ, ὅτ᾽ ἐγὼ κτάνον Ἰτυμονῆα
ἐσθλὸν Ὑπειροχίδην, ὃς ἐν Ἤλιδι ναιετάασκε,
ῥύσι᾽ <u>ἐλαυνόμενος</u>. ὃ δ᾽ ἀμύνων ᾗσι βόεσσιν
(675) <u>ἔβλητ᾽ ἐν πρώτοισιν ἐμῆς ἀπὸ χειρὸς ἄκοντι</u>,[39]
κὰδ δ᾽ ἔπεσεν, λαοὶ δὲ περίτρεσαν <u>ἀγροιῶται</u>.[40]

---

[36] Para uma excelente análise das estratégias de persuasão empregados por Nestor em seu discurso como um todo, cf. Ammone (2012, p. 204-217).

[37] **εἴθ᾽ ὡς ἡβώοιμι βίη δέ μοι ἔμπεδος εἴη** (v. 670): VII, 157 e XXIII, 629 (Nestor relembra, respectivamente, o seu combate individual com o campeão árcade Ereutálio e a sua participação nos jogos fúnebres de Amarinceu); xiv, 468 e 503 (εἴθ᾽ ὥς/ὡς νῦν, o mendigo cretense/Odisseu narra a Eumeu e seus camaradas uma tocaia noturna (e fictícia) sob os muros de Troia).

[38] **νεῖκος ἐτύχθη** (v. 671, após C2): xxi, 303* (Antínoo narra ao mendigo cretense/Odisseu o incidente inicial do conflito entre os lápitas e os centauros); *H. H. Hermes*, 269* (μή τις τοῦτο πύθοιτο πόθεν τόδε <u>νεῖκος ἐτύχθη</u>, durante o seu primeiro confronto verbal com Apolo, Hermes afirma ao irmão que a causa do conflito entre eles — a acusação de roubo de gado — é inverossímil).

[39] **ἔβλητ᾽ ἐν πρώτοισιν ἐμῆς ἀπὸ χειρὸς ἄκοντι** (v. 675): XII, 306 (com substituição de ἐμῆς por θοῆς, símile: um leão faminto, ao atacar ovelhas em um redil, enfrenta a oposição de pastores e cães).

[40] **ἀγροιῶται** (após C2, v. 676): XI, 549* (símile: cães e homens campônios, ἀνέρες ἀγροιῶται, repelem o ataque noturno de um leão a um estábulo de bois); XV, 272* (símile: cães e homens campônios, ἀνέρες ἀγροιῶται,

<u>λῃΐδα</u>[41] δ᾽ ἐκ πεδίου <u>συνελάσσαμεν</u>[41] <u>ἤλιθα πολλὴν</u>,[42]
<u>πεντήκοντα βοῶν ἀγέλας</u>,[43] <u>τόσα πώεα οἰῶν</u>,[44]
<u>τόσσα συῶν συβόσια</u>,[44] <u>τόσ᾽ αἰπόλια πλατέ᾽ αἰγῶν</u>,[45]

---

perseguem um veado ou uma cabra selvagem, mas sua caçada é interrompida pela chegada de um leão); xi, 293* (Melampo, na sua tentativa de roubar o gado de Íficles, é tolhido por dolorosas cordas e por boieiros campestres, βουκόλοι ἀγροιῶται); xxi, 85 (durante a prova do arco, Eumeu e Filécio, os fiéis porqueiro e boieiro de Odisseu, são chamados de tolos campônios, νήπιοι ἀγροιῶται, pelo pretendente Antínoo); *Scutum*, 39* (Anfitrião, acabada a sua expedição contra os táfios e telebóas, dirige-se para junto de sua esposa, sem visitar primeiro seus escravos e pastores do campo, ποιμένας ἀγροιώτας); Hes. frag. 67 M/66 MW (βου]κόλοι ἀγροιῷ[ται, Autólico como um ladrão de animais?).

[41] **λῃΐδα ... συνελάσσαμεν** (v. 677): *H. H. Hermes,* 330 (Φοῖβε πόθεν ταύτην μενοεικέα <u>λῃΐδ' ἐλαύνεις</u>).

[42] **ἤλιθα πολλήν** (v. 677, após C2): v, 484* (qualifica a cobertura de folhas que Odisseu utiliza como cama e cobertor nos confins da Esquéria); ix, 330* (qualifica a cobertura de estrume sob a qual Odisseu esconde o cajado do ciclope, após afiá-lo); xiv, 215* (aplicado ao substantivo *dýē*, infortúnio, durante o primeiro relato do *background* do Odisseu/cretense); xix, 443* (qualifica a camada de folhas sobre a toca do javali que fere o jovem Odisseu durante uma caçada no Párnaso).

[43] **πεντήκοντα βοῶν ἀγέλας** (v. 678): *H. H. Hermes*, 437* (<u>πεντήκοντα βοῶν</u> ἀντάξια ταῦτα μέμηλας, valor de troca, estabelecido por Apolo, para a lira inventada por seu irmão Hermes); *H. H. Hermes,* 74 (<u>πεντήκοντ'</u> ἀγέλης ἀπετάμνετο <u>βοῦς</u> ἐριμύκους, Hermes rouba cinquenta vacas de Apolo); XV, 323* (οἳ δ' ὥς τ' ἠὲ <u>βοῶν ἀγέλην</u> ἢ πῶϋ μέγ' οἰῶν, símile: duas feras, em um súbito ataque noturno, alvoroçam um rebanho de bois ou de ovelhas cujo pastor está ausente); XVIII, 528* (τάμνοντ᾽ ἀμφὶ <u>βοῶν ἀγέλας</u> καὶ πώεα καλὰ / ἀργεννέων οἰῶν, cena de tocaia/razia de gado do escudo de Aquiles); xii, 299* (εἴ κέ τιν' ἠὲ <u>βοῶν ἀγέλην</u> ἢ πῶϋ μέγ' οἰῶν, Odisseu previne seus companheiros acerca do gado do sol); xii, 129-30 (ἑπτὰ <u>βοῶν ἀγέλαι</u>, τόσα δ' οἰῶν πώεα καλά, Circe previne Odisseu acerca do gado do sol); II, 480 (ἠΰτε <u>βοῦς ἀγέληφι</u> μέγ' ἔξοχος ἔπλετο πάντων / ταῦρος· ὃ γάρ τε βόεσσι μεταπρέπει ἀγρομένῃσι, símile: Agamenão comparado a touro); XI, 729 (<u>βοῦν ἀγελαίην</u>, pílios sacrificam uma rês a Atena); xvii, 181 e xx, 251 (ἵρευον δὲ σύας σιάλους καὶ <u>βοῦν ἀγελαίην</u>, pretendentes abatem animais na casa de Odisseu); XXIII, 846 (διὰ <u>βοῦς ἀγελαίας</u>, símile/medida de distância) e x, 410 (ὡς δ' ὅτ' ἂν ἄγραυλοι πόριες περὶ <u>βοῦς ἀγελαίας</u>, símile: companheiros circundam Odisseu, que voltara de junto de Circe, como bezerros circundam vacas que retornam do pasto); xxii, 299 (οἱ δ' ἐφέβοντο κατὰ μέγαρον <u>βόες ὣς ἀγελαῖαι</u>, símile: pretendentes, em pânico, são comparados a vacas fugindo de um moscardo); XI, 696 (ἐκ δ᾽ ὁ γέρων ἀγέλην τε βοῶν).

[44] **τόσα πώεα οἰῶν, / τόσσα συῶν συβόσια,** τόσ᾽ αἰπόλια πλατέ᾽ αἰγῶν: (v. 678-9)**:** xiv, 100-1* (δώδεκ' ἐν ἠπείρῳ ἀγέλαι· <u>τόσα πώεα οἰῶν</u>, / <u>τόσσα συῶν συβόσια</u>, <u>τόσ' αἰπόλια πλατέ' αἰγῶν</u>, Eumeu descreve a riqueza de Odisseu);

[45] **αἰπόλια πλατέ᾽ αἰγῶν** (v. 679): xiv, 101* (cf. nota anterior) e 103 (ἐνθάδε αἰπόλια πλατέ' αἰγῶν**,** Eumeu descreve a riqueza de Odisseu); II, 474 (símile: comandantes aqueus organizam seus contingentes tão facilmente como cabreiros separam seus vastos rebanhos); *Teogonia*, 445* (Hécate, ao lado de Hermes, como divindade encarregada do aumento ou diminuição de boiadas, de rebanhos de ovelhas e de vastos rebanhos de cabras).

(680) ἵππους δὲ ξανθὰς ἑκατὸν καὶ πεντήκοντα
πάσας θηλείας,[46] πολλῇσι δὲ πῶλοι ὑπῆσαν.
καὶ τὰ μὲν ἠλασάμεσθα Πύλον Νηλήιον εἴσω
ἐννύχιοι[47] προτὶ ἄστυ· γεγήθει δὲ φρένα Νηλεύς,
οὕνεκά μοι τύχε πολλὰ νέῳ πόλεμόνδε κιόντι.
(685) κήρυκες δ᾽ ἐλίγαινον ἅμ᾽ ἠοῖ φαινομένηφι,
τοὺς ἴμεν οἷσι χρέως ὠφείλετ᾽[48] ἐν Ἤλιδι δίῃ·
οἳ δὲ συναγρόμενοι Πυλίων ἡγήτορες ἄνδρες
δαίτρευον· πολέσιν γὰρ Ἐπειοὶ χρεῖος ὄφειλον[48],
ὡς ἡμεῖς παῦροι κεκακωμένοι ἐν Πύλῳ ἦμεν·
(690) ἐλθὼν γάρ ἐκάκωσε βίη Ἡρακληείη
τῶν προτέρων ἐτέων, κατὰ δ᾽ ἔκταθεν ὅσσοι ἄριστοι.
δώδεκα γὰρ Νηλῆος ἀμύμονος υἱέες ἦμεν·
τῶν οἶος λιπόμην, οἳ δ᾽ ἄλλοι πάντες ὄλοντο.
ταῦθ᾽ ὑπερηφανέοντες Ἐπειοὶ χαλκοχίτωνες
(695) ἡμέας ὑβρίζοντες ἀτάσθαλα μηχανόωντο.[49]

---

[46] **πάσας θηλείας** (v. 681): *H. H. Hermes*, 192* (βοῦς ἀπὸ Πιερίης διζήμενος ἐνθάδ' ἱκάνω / πάσας θηλείας, πάσας κεράεσσιν ἑλικτάς, / ἐξ ἀγέλης, Apolo questiona um ancião acerca dos seus animais perdidos); xxi, 23 (Ἴφιτος αὖθ' ἵππους διζήμενος, αἵ οἱ ὄλοντο / δώδεκα θήλειαι, ὑπὸ δ' ἡμίονοι ταλαεργοί, referência ao gado roubado a Ifito); iv, 636* (δώδεκα θήλειαι, ὑπὸ δ' ἡμίονοι ταλαεργοί, itacense Noemão descreve a Antínoo os cavalos que possui na Élide); XX, 222 (τοῦ τρισχίλιαι ἵπποι ἕλος κάτα βουκολέοντο / θήλειαι, πώλοισιν ἀγαλλόμεναι ἀταλῇσι, Eneias descreve a riqueza de seu antepassado Erictônio).

[47] **ἐννύχιοι** (até A2, v. 683): XXI, 37* (Aquiles, em uma incursão noturna, captura Licaão no pomar de Príamo); iii, 178* (navios de Nestor o levam para Geresto durante a noite); *Teog.,* 10* (musas lançam-se do cimo do Hélicon durante a noite, cantando); *Scutum*, 32* (Zeus, dolosamente, deixa o Olimpo durante a noite para se unir a Alcmena); XI, 716 (ἔννυχος, até A1); *H. H. Hermes*, 284 (ἔννυχος, até A1, durante o seu primeiro confronto verbal com Hermes, Apolo caracteriza o irmão como um hábil e assíduo ladrão noturno de casas e de rebanhos, cf. p. 35-6, *supra*).

[48] **χρέως ὠφείλετ(ο)** (v. 686), **χρεῖος ὄφειλον** (v. 688) e **χρεῖος μέγ᾽ ὀφείλετ(ο)** (v. 698): xxi, 17 (ἦλθε μετὰ χρεῖος, τό ῥά οἱ πᾶς δῆμος ὄφελλε· / μῆλα γὰρ ἐξ Ἰθάκης Μεσσήνιοι ἄνδρες ἄειραν / νηυσὶ πολυκλήισι τριηκόσι' ἠδὲ νομῆας, jovem Odisseu é enviado a Messêne para negociar a compensação por uma razia de gado); iii, 367 (ἀτὰρ ἠῶθεν μετὰ Καύκωνας μεγαθύμους / εἶμ' ἔνθα χρεῖός μοι ὀφέλλεται, Mentor/Atena anuncia a sua partida, alegando a necessidade de cobrar uma dívida junto aos Caucônes).

[49] **ὑβρίζοντες ἀτάσθαλα μηχανόωντο** (v. 695, depois de A1): iii, 207, xvii, 588, xx, 370 (caracterização dos pretendentes em discursos de Telêmaco, Penélope e Teoclímeno); xx, 170 (ὑβρίζοντες ἀεικέα μηχανόωνται, caracterização dos pretendentes em um discurso do mendigo cretense/Odisseu).

ἐκ δ᾽ ὁ γέρων <u>ἀγέλην τε βοῶν</u>[43] καὶ <u>πῶυ μέγ᾽ οἰῶν</u>[50]
εἵλετο, κρινάμενος <u>τριηκόσι᾽ ἠδὲ νομῆας</u>.[51]
καὶ γὰρ τῷ <u>χρεῖος μέγ᾽ ὀφείλετ</u>᾽[48] ἐν Ἤλιδι δίῃ,
τέσσαρες ἀθλοφόροι ἵπποι αὐτοῖσιν ὄχεσφιν,
(700) ἐλθόντες μετ᾽ ἄεθλα. περὶ τρίποδος γὰρ ἔμελλον
θεύσεσθαι· τοὺς δ᾽ αὖθι ἄναξ ἀνδρῶν Αὐγείας
κάσχεθε, τὸν δ᾽ ἐλατῆρ᾽ ἀφίει ἀκαχήμενον ἵππων.
τῶν ὁ γέρων ἐπέων κεχολωμένος ἠδὲ καὶ ἔργων
ἐξέλετ᾽ ἄσπετα πολλά· τὰ δ᾽ ἄλλ᾽ ἐς δῆμον ἔδωκε
(705) δαιτρεύειν, <u>μή τίς οἱ ἀτεμβόμενος κίοι ἴσης</u>.[52]
ἡμεῖς μὲν τὰ ἕκαστα διείπομεν, ἀμφί τε ἄστυ
ἔρδομεν ἱρὰ θεοῖς· οἳ δὲ τρίτῳ ἤματι πάντες
ἦλθον ὁμῶς αὐτοί τε πολεῖς καὶ μώνυχες ἵπποι
πανσυδίῃ· μετὰ δέ σφι Μολίονε θωρήσσοντο,
(710) παῖδ᾽ ἔτ᾽ ἐόντ᾽, οὔ πω μάλα εἰδότε θούριδος ἀλκῆς.
ἔστι δέ τις Θρυόεσσα πόλις αἰπεῖα κολώνη
τηλοῦ ἐπ᾽ Ἀλφειῷ, νεάτη Πύλου ἠμαθόεντος·
τὴν ἀμφεστρατόωντο διαρραῖσαι μεμαῶτες.
ἀλλ᾽ ὅτε πᾶν πεδίον μετεκίαθον, ἄμμι δ᾽ Ἀθήνη
(715) ἄγγελος ἦλθε θέουσ᾽ ἀπ᾽ Ὀλύμπου θωρήσσεσθαι
ἔννυχος· οὐδ᾽ ἀέκοντα Πύλον κάτα λαὸν ἄγειρεν,
ἀλλὰ μάλ᾽ ἐσσυμένους πολεμίζειν. οὐδέ με Νηλεὺς
εἴα θωρήσσεσθαι, ἀπέκρυψεν δέ μοι ἵππους·
οὐ γάρ πώ τί μ᾽ ἔφη ἴδμεν πολεμήια ἔργα.
(720) ἀλλὰ καὶ ὧς ἱππεῦσι μετέπρεπον ἡμετέροισι
καὶ πεζός περ ἐών, ἐπεὶ ὧς ἄγε νεῖκος Ἀθήνη.
ἔστι δέ τις ποταμὸς Μινυήιος εἰς ἅλα βάλλων
ἐγγύθεν Ἀρήνης, ὅθι μείναμεν Ἠῶ δῖαν
ἱππῆες Πυλίων· τὰ δ᾽ ἐπέρρεον ἔθνεα πεζῶν.
(725) ἔνθεν πανσυδίῃ σὺν τεύχεσι θωρηχθέντες
ἔνδιοι ἱκόμεσθ᾽ ἱερὸν ῥόον Ἀλφειοῖο.
ἔνθα Διὶ ῥέξαντες ὑπερμενεῖ ἱερὰ καλά,
ταῦρον δ᾽ Ἀλφειῷ, ταῦρον δὲ Ποσειδάωνι,
αὐτὰρ Ἀθηναίῃ γλαυκώπιδι βοῦν ἀγελαίην,

---

[50] **πῶϋ μέγ᾽ οἰῶν** (após C1, v. 696): XV, 323* e xii, 299* (cf. *supra,* n. 43); III, 198 (ὅς τ' <u>οἰῶν μέγα πῶϋ</u> διέρχεται ἀργεννάων, símile: Príamo compara Odisseu a carneiro entre as ovelhas).

[51] **τριηκόσι' ἠδὲ νομῆας** (v. 697): xxi, 19* (razia messênia contra o gado de Ítaca, n. 48 *supra*).

[52] **μή τίς οἱ ἀτεμβόμενος κίοι ἴσης** (v. 705): ix, 42 e 549 (δασσάμεθ᾽, μή τίς μοι ἀτεμβόμενος κίοι ἴσης, distribuição, entre Odisseu e seus homens, do saque de Ísmaros e das reses roubadas ao ciclope Polifemo).

(730) δόρπον ἔπειθ᾽ ἑλόμεσθα κατὰ στρατὸν ἐν τελέεσσι,
καὶ κατεκοιμήθημεν ἐν ἔντεσιν οἷσιν ἕκαστος
ἀμφὶ ῥοὰς ποταμοῖο. ἀτὰρ μεγάθυμοι Ἐπειοὶ
ἀμφίσταντο δὴ ἄστυ διαρραῖσαι μεμαῶτες.
ἀλλά σφιν προπάροιθε φάνη μέγα ἔργον Ἄρηος.
(735) εὖτε γὰρ ἠέλιος φαέθων ὑπερέσχεθε γαίης,
συμφερόμεσθα μάχῃ Διί τ᾽ εὐχόμενοι καὶ Ἀθήνῃ.
ἀλλ᾽ ὅτε δὴ Πυλίων καὶ Ἐπειῶν ἔπλετο νεῖκος,
πρῶτος ἐγὼν ἕλον ἄνδρα, κόμισσα δὲ μώνυχας ἵππους,
Μούλιον αἰχμητήν· γαμβρὸς δ᾽ ἦν Αὐγείαο,
(740) πρεσβυτάτην δὲ θύγατρ᾽ εἶχε ξανθὴν Ἀγαμήδην,
ἣ τόσα φάρμακα ᾔδη ὅσα τρέφει εὐρεῖα χθών.
τὸν μὲν ἐγὼ προσιόντα βάλον χαλκήρεϊ δουρί,
ἤριπε δ᾽ ἐν κονίῃσιν. ἐγὼ δ᾽ ἐς δίφρον ὀρούσας
στῆν ῥα μετὰ προμάχοισιν· ἀτὰρ μεγάθυμοι Ἐπειοὶ
(745) ἔτρεσαν ἄλλυδις ἄλλος, ἐπεὶ ἴδον ἄνδρα πεσόντα
ἡγεμόν᾽ ἱππήων, ὃς ἀριστεύεσκε μάχεσθαι.
αὐτὰρ ἐγὼν ἐπόρουσα κελαινῇ λαίλαπι ἶσος,
πεντήκοντα δ᾽ ἕλον δίφρους, δύο δ᾽ ἀμφὶς ἕκαστον
φῶτες ὀδὰξ ἕλον οὖδας ἐμῷ ὑπὸ δουρὶ δαμέντες.
(750) καί νύ κεν Ἀκτορίωνε Μολίονε παῖδ᾽ ἀλάπαξα,
εἰ μή σφωε πατὴρ εὐρὺ κρείων ἐνοσίχθων
ἐκ πολέμου ἐσάωσε καλύψας ἠέρι πολλῇ.
ἔνθα Ζεὺς Πυλίοισι μέγα κράτος ἐγγυάλιξε·
τόφρα γὰρ οὖν ἑπόμεσθα δι᾽ἀσπιδέος πεδίοιο,
(755) κτείνοντές τ᾽ αὐτοὺς ἀνά τ᾽ ἔντεα καλὰ λέγοντες,
ὄφρ᾽ ἐπὶ Βουπρασίου πολυπύρου βήσαμεν ἵππους
πέτρης τ᾽ Ὠλενίης, καὶ Ἀλησίου ἔνθα κολώνη
κέκληται· ὅθεν αὖτις ἀπέτραπε λαὸν Ἀθήνη.
ἔνθ᾽ ἄνδρα κτείνας πύματον λίπον· αὐτὰρ Ἀχαιοὶ
(760) ἂψ ἀπὸ Βουπρασίοιο Πύλονδ᾽ ἔχον ὠκέας ἵππους,
πάντες δ᾽ εὐχετόωντο θεῶν Διὶ Νέστορί τ᾽ ἀνδρῶν.
ὣς ἔον, εἴ ποτ᾽ ἔην γε, μετ᾽ ἀνδράσιν. αὐτὰρ Ἀχιλλεὺς
οἶος τῆς ἀρετῆς ἀπονήσεται· ἦ τέ μιν οἴω
πολλὰ μετακλαύσεσθαι ἐπεί κ᾽ ἀπὸ λαὸς ὄληται”.

“Porque Aquiles lamenta assim os filhos dos aqueus,
quantos foram atingidos por dardos? Nada ele sabe
da tamanha aflição que acometeu toda a tropa, pois os melhores
jazem nas naus, atingidos por dardos e golpeados.

(660) Atingido foi o Tidida, o forte Diomedes,
e golpeado Odisseu, de lança-ilustre, e Agamenão.
Atingido foi também Eurípilo, na coxa, por uma flecha.
E este outro eu trouxe há pouco da batalha,
atingido por uma seta que partiu de um arco. Mas Aquiles,
(665) embora nobre, não cuida dos danãos nem se apieda.
Acaso ele espera até o momento em que as naus velozes, perto do mar,
à revelia dos argivos, sejam consumidas pelo fogo destrutivo,
e que nós mesmos sejamos mortos um depois do outro? Ah!, a minha força não
é como aquela que antes existia nos membros flexíveis.
(670) Quisera eu fosse jovem, e o meu vigor firme,
como quando entre os eleus e nós surgiu uma contenda
por causa de uma razia de gado. Quando matei Itimoneu,
nobre filho de Hipíroco, que vivia na Élide,
ao tomar gado em represália. Ele, ao guardar suas vacas,
(675) foi atingido entre os dianteiros por um dardo que partiu de minha mão
e tombou. E o povo campônio fugiu em redor.
Mas nós reunimos, da planície, um imenso butim:
cinquenta rebanhos de bois, tantos rebanhos de ovelhas,
tantas varas de porcos, tantos vastos rebanhos de cabras,
(680) cento e cinquenta bestas baias —
todas fêmeas, muitas com potros embaixo.
E tudo isso tocamos para dentro de Pilo Neleia,
de noite, (tomando) a direção da cidade. E Neleu alegrou-se em seu ânimo
porque a mim, que fora novo para a guerra, couberam muitas coisas.
(685) E com o nascer da aurora, arautos começaram a clamar
para virem aqueles aos quais um débito era devido na Élide divina.
E os líderes dos pílios, após se reunirem,
começaram a fazer a partilha, pois a muitos os epeus deviam um débito,
já que nós, em Pilo, éramos poucos e oprimidos.
(690) É que, após ter ido para lá, a Força Heracleia nos afligiu
em anos anteriores, e quantos eram os melhores foram mortos.
Pois doze éramos nós, os filhos do excelente Neleu,
dos quais eu, sozinho, sobrei; os outros todos foram mortos.
Tornando-se arrogantes por causa disso, os epeus cobertos de bronze
(695) começaram a tramar atos insolentes, nos ultrajando.
Do butim (então), o velho Neleu uma boiada e um grande rebanho de ovelhas
tomou, tendo escolhido trezentas com seus pastores.
É que também para ele um grande débito era devido na Élide divina:
quatro cavalos ganhadores de prêmios, com o respectivo carro,

(700) que tinham ido para competições, pois por uma trípode iam
correr. Esses, Augias, soberano de homens, lá os
reteve; mas mandou embora o auriga, afligido pelos cavalos.
Agastado com essas coisas, palavras e atos, o velho
reservou para si incontáveis (reses). O restante deu ao povo
(705) para distribuir, para que ninguém lhe fosse embora sem parcela adequada.
Tratávamos, então, de cada coisa e em torno da cidade
fazíamos oferendas aos deuses. Mas, no terceiro dia, eles todos
vieram, muitos homens e cavalos de-casco-inteiriço,
com toda a pressa. E com eles, se armavam os dois Molíones —
(710) ainda garotos, ainda não muito conhecedores da coragem animosa.
Há uma cidade, Trioessa, uma colina escarpada,
longe, junto ao Alfeu, no extremo de Pilo arenosa.
Essa eles começaram a cercar, ávidos por destruí-la.
Mas quando acossavam toda a planície, Atena, para nós,
(715) veio correndo do Olimpo como mensageira, para nos armarmos,
de noite. E reuniu, ao longo de Pilo, uma hoste não indisposta,
mas de homens muito havidos por combater. Neleu, então, não
permitiu que eu me armasse e escondeu meus cavalos,
pois dizia que eu não conhecia nada ainda dos trabalhos de guerra.
(720) Mesmo assim eu me distinguia entre os nossos cavaleiros,
embora estivesse a pé, pois Atena conduziu assim o combate.
Há um rio, o Minieu, que deságua no mar
perto de Arene. Nesse ponto esperamos a Aurora divina,
nós, os cavaleiros dos Pílios; atrás seguiam companhias de peões.
(725) Daí, após vestirmos com pressa nossas armaduras,
chegamos à corrente sagrado do Alfeu ao meio dia.
Lá, tendo oferecido belas vítimas a Zeus supremo,
oferecemos um touro ao Alfeu, um touro a Posidão,
e a Atena glaucópida uma vaca da manada.
(730) Em seguida, tomamos nossa refeição em nossos postos ao longo da tropa,
e cada um dormiu vestido com sua armadura
junto às correntes do rio. Os magnânimos epeus, porém,
postados em torno da cidade, estavam ávidos por destruí-la,
mas, ante disso, surgiu para eles a grande peleja de Ares,
(735) pois, quando Hélio radiante se postou sobre a Terra,
nós nos engajamos no combate, orando a Zeus e a Atena.
E no momento mesmo em que começou a luta entre pílios e epeus,
fui eu o primeiro a vencer um varão, e capturei seus cavalos de-casco-inteiriço:
Múlio lanceiro, que era genro de Augias

(740) pois desposara a sua filha mais velha, a loira Agamede,
que conhecia todos os fármacos que a vasta terra nutre.
A ele, quando atacava, eu atingi com uma lança de ponta bronzea,
e ele caiu na poeira. E eu, após me lançar para o seu carro,
postei-me entre os combatentes dianteiros. Mas os magnânimos epeus
(745) fugiram cada um para um lado depois que viram o homem caído,
que era o líder dos cavaleiros e costumava ser o melhor no combate.
Mas eu acometi sobre eles, qual uma negra tempestade,
e tomei cinquenta carros, e, em cada um deles, dois
homens, após serem subjugados pela minha lança, morderam o chão com os dentes.
(750) E até os dois garotos Molíones, filhos de Actor, eu teria matado,
se o pai, o sacudidor da terra de vasto poder, não os
tivesse salvado da batalha, após tê-los escondido com muita névoa.
Então Zeus concedeu aos pílios uma grande força:
pois nós seguimos através da vasta planície,
(755) os matando e recolhendo belas armaduras,
até que conduzimos nossos carros à Bouprásio, rica em trigo,
à Pedra Olénia e ao lugar onde a colina 'de Alesio'
é chamada, de onde Atena fez voltar nossa tropa.
Lá, após matar o último homem, o deixei. Mas os aqueus
(760) começaram a guiar os cavalos velozes de volta, de Bouprásio para Pilo,
e todos glorificaram Zeus, entre os deuses, e Nestor entre os varões.
Assim era eu (se é que era mesmo) entre os varões. Mas Aquiles
será o único a tirar proveito da sua excelência. Na verdade, penso que ele
lamentará muito depois, quando a hoste for destruída"

Como é possível perceber acima, a narrativa de Nestor acerca do *neîkos* entre pílios e epeus é estruturada como um díptico, uma composição em dois blocos.[53] O primeiro desses blocos — que principia com uma expressão de nostalgia pela juventude perdida, um elemento comum a outras recordações paradigmáticas desse ancião (v. 670, n. 37 *supra*) — é centrado no relato de uma razia de gado retaliatória que ele liderou contra os epeus (v. 671-684) e na exposição da divisão do butim resultante em Pilo, no dia seguinte (v. 685-8; 696-8; 703-5). Ainda neste bloco, encaixada entre os versos que descrevem a divisão da pilhagem, está a rememoração das causas remotas e das razões recentes que motivaram o ataque do filho de Neleu: o enfraquecimento dos pílios como consequência de um conflito anterior com Héracles

[53] Cf., *e.g*, Alden (2000, p. 95), Martin (2003, p. 60) e Frame (2009, § 2.2).

(v. 689-693) e as agressões ultrajantes (talvés razias de gado) cometidas pelos epeus contra vários dos pílios (v. 694-695) e, em particular, por Augias contra Neleu (v. 698-702).[54] Nesse último caso, o ultraje é especificado: Augias se apoderara de quatro cavalos (e do respectivo carro) que pertenciam a Neleu e que haviam sido enviados à Élide para participarem de uma competição. Não satisfeito, ele também enviara de volta o auriga dos cavalos — para contar o ocorrido, como sugere a referência aos *épea* que encolerizaram Neleu (v. 703). Tal comportamento do líder epeu (um ato de insulto calculado) é condizente com o quadro fornecido por Nestor para a contenda como um todo: os arrogantes epeus — caracterizados por meio de dicção tradicional aplicada aos pretendentes na *Odisseia*, cf. n. 49, *supra* — procuravam afirmar sua superioridade à custa dos seus vizinhos pílios, os sujeitando a ultrajes constantes em um momento em que estes estavam em desvantagem como resultado do conflito com Héracles.[55]

Quanto ao segundo bloco, ele abarca o cerco de uma hoste epeia à Trioessa, junto ao rio Alfeu, no terceiro dia após os feitos de Nestor (v. 704-13), o aviso noturno de Atena aos pílios e a concentração imediata da hoste pília junto ao rio Minieu (v. 714-24), a marcha dos mesmos, no dia seguinte, até a região do Alfeu e a sua preparação para o combate iminente (v. 725-32), e, por fim, ao raiar do novo dia, o embate entre as duas hostes, compreendendo a vitória pília e a fuga dos epeus para fora da região de Pilo (v. 732-761).

---

[54] Conferir especialmente as referências aos débitos dos epeus para com muitos dos pílios (χρέως ὠφείλετ(ο) e χρεῖος ὄφειλον, v. 686 e 688) e ao grande débito que havia para Neleu na Élide (χρεῖος μέγ' ὀφείλετ(ο), v. 698). Conforme esclarece Benedetto Bravo (1980, p. 954), *khréos* designa, aqui, a reparação que o praticante de um delito deve (idealmente) pagar à parte ofendida.

[55] Segundo van Wees (1992, p. 195-199) e Raaflaub (1997b, p. 2-3), as motivações e a dinâmica do *neîkos* entre pílios e epeus se adequariam, portanto, a um padrão comum nos poemas homéricos: o desenvolvimento de um confronto intercomunitário a partir de conflitos privados entre membros da elite de duas ou mais comunidades. No caso em questão, o fato essencial é que as ofensas privadas contínuas dos epeus motivaram uma retaliação pública por parte dos pílios na forma da razia de gado liderada por Nestor. O caráter público (ou semipúblico) dessa retaliação fica visível se considerarmos os procedimentos empregados na partilha do butim resultante: a realização de uma reunião presidida pelos líderes (*hēgḗtores*) dos pílios e convocada por seus arautos; a partilha (proporcional) do butim entre os membros da comunidade que haviam sofrido perdas com os atos dos epeus (aí incluídos os líderes, como o próprio Neleu); e a realização de sacrifícios públicos (v. 685-89, 705-7). O próximo estágio daquilo que é, claramente agora, um conflito intercomunitário é a mobilização total (cf. *pántes*, v. 707) do exército epeu para efetuar um ataque retaliatório contra Trioessa (uma *pólis* situada na fronteira do território pílio) e a batalha campal que se segue entre epeus e pílios (v. 707-761).

Como mostra essa rápida análise, cada um dos blocos do relato de Nestor tem no seu cerne uma situação de confronto. No caso do segundo, trata-se da batalha campal entre dois exércitos nas cercanias de uma *pólis* que é tão familiar para o público da *Ilíada.* No passo em questão, tal batalha toma a forma de uma *aristeía* condensada de Nestor, um jovem e inexperiente herói que — embora participando da luta contra a vontade de seu pai e em desvantagem (como um peão) — mata o líder da hoste inimiga (Múlio), captura os cavalos e carro dele, e passa a liderar uma vitória (inesperada) da hoste pília, dizimando, ao longo do processo, nada menos do que cem outros oponentes.[56]

Em comparação com aquelas do trecho comentado acima, as características e circunstâncias do confronto que integra o primeiro bloco do relato são bem mais difíceis de precisar. Mais uma vez, parte dessa dificuldade deriva da própria concisão narrativa do episódio de razia de gado, que expõe em apenas doze versos o ataque pílio, um extenso catálogo do butim capturado e o retorno dos agressores para o seu território (v. 682-4).

Em relação ao ataque propriamente dito (v. 672-676), ele parece tomar a forma de uma breve escaramuça durante a qual Nestor e seu provável bando investem contra os animais guardados por Itimoneu e sua comitiva. O caráter campestre desse conflito, já evidente na referência ao vasto número de reses que ele proporciona, é reforçado pela aplicação do termo *agroiōtēs* ao grupo que acompanha o líder epeu (v. 676). Trata-se, aqui, de um adjetivo que é geralmente empregado para qualificar pastores nas suas outras seis ocorrências no *corpus*

[56] Para uma análise dos elementos típicos dessa narrativa de combate condensada, conferir Fenik (1968, p. 113-14). Para a sua caracterização como uma *aristeía*, cf. Martin (2003, p. 59) e, especialmente, Pedrick (1983, p. 63-6), que entende a resistência de Neleu em consentir que seu filho se arme como uma variação das cenas típicas de armamento que precedem as *aristeíai*. Ainda acerca dessa narrativa, as considerações de van Wees (1994) quanto ao emprego do carro no combate homérico permitem questionar a impressão de que ela colocaria em cena uma batalha entre unidades de cavalaria autônomas, como parece sugerir, *e.g*, Frame (2009, § 2.4 e 2.2, respectivamente) ao referir-se a uma "*force of horsemen*", acerca do contingente epeu, e "*a battle between horsemen*", acerca do combate como um todo. Em vez disso, o que estaria representado aqui é o emprego ordinário do carro — como meio de transporte no campo de batalha, eventual arma ofensiva (principalmente em perseguições) e, não menos importante, símbolo de *status* — por parte de líderes/combatentes de elite e em meio a uma massa de seguidores que lutam a pé e sem formação específica determinada. Dada essa dimensão simbólica do carro (ou melhor, da parelha de cavalos, que é o elemento essencial) e sua estreita relação com a liderança, ao apoderar-se do carro de Múlio e tornar-se, assim, o líder dos cavaleiros pílios, Nestor também se apodera, de modo exemplar, do seu posto natural de comandante máximo da hoste da sua comunidade.

supérstite da épica arcaica.[57] De forma análoga ao que ocorre no episódio da batalha campal subsequente, também nessa escaramuça campestre o protagonismo do jovem filho de Neleu se manifesta na sua vitória sobre o campeão dos adversários e na consequente dispersão dos seguidores deste (v. 675-6).

Uma vez suprimida a resistência de Itimoneu e dispersos os seus pastores, os invasores se lançam sobre os animais disponíveis na planície epeia e reunem um imenso butim (*lēḗs,* v. 677), que o velho líder pílio passa a enumerar meticulosamente (v. 677-681). Tal enumeração, vale destacar, é efetuada por meio de dicção tradicional também presente em vários contextos semelhantes ao longo do *épos* arcaico, dentre os quais: em símiles iliádicos cujas imagens colocam em cena gado ou o assalto de animais selvagens contra gado e no 'episódio' de tocaia/razia de gado que integra a écfrase do escudo de Aquiles (cf. n. 43 e 50 *supra*); na catalogação minuciosa do patrimônio de Odisseu por Eumeu (*supra,* p. 19) e em mais dois passos odisseicos que antecipam a investida dos companheiros do herói itacense contra as vacas de Hélio (cf. n. 43 e 50, *supra*); e, por fim, em trechos relativos as cinquenta vacas que Hermes rouba a Apolo no hino homérico extenso dedicado ao primeiro deus (cf. n. 43 e 46, *supra*). Ressalte-se, ainda, que esse emprego de dicção tradicional associada ao ambiente pastoril em geral, a gado ou à prática da razia ou do roubo de gado não é uma exclusividade dos versos referentes à enumeração do butim pílio, mas também ocorre (ainda que em grau menor) ao longo de todo o primeiro bloco do relato de Nestor. Nessa direção, vale destacar que a seção seguinte do bloco, a rememoração da distribuição do butim em Pilo, também apresenta paralelos textuais com os episódios da razia messênia contra o gado de Ítaca e com a partilha do saque de Ísmaros e das reses roubados ao ciclope Polifemo (cf. n. 48, 51 e 52, *supra*).

Ainda acerca da enumeração do gado conquistado, é curioso observar como Nestor atribui aqui uma diversidade para o butim pílio (que inclui bois, ovelhas, cabras, porcos, éguas e seus potros e, ainda, os pastores mencionados na sequência do relato, v. 697) que parece não condizer com a sua caracterização inicial do ataque como uma *boēlasía* (v. 672). Com efeito, tal termo — um hápax composto a partir da combinação entre *boûs* (boi) e *elaúnō* (impelir,

[57] Cf. n. 40, *supra*. Ressalte-se que tais ocorrências incluem dois símiles iliádicos (dentre os quais, um põe em cena o ataque de um leão contra gado), uma das duas narrativas da *Odisseia* acerca da tentativa de apropriação do gado de Íficles/Fílaco por Melampo e, por fim, um fragmento hesiódico bastante mutilado, mas que comporta um conjunto de vocábulos bem sugestivo, a saber: Hermes, Autólico, noite, estábulos e pastores agrestes.

tocar) — designaria antes apenas uma 'rapina de bois' e não a obtenção de um conjunto de animais tão heterogêneo.[58]

Como entender, então, o emprego dessa palavra? Bastaria simplesmente dizer que Nestor utiliza de forma genérica um vocábulo derivado de *boûs* porque esse é (juntamente com os cavalos) o animal pastoril mais prezado? Uma consulta à evidência disponível mostra que se trata de bem mais do que isso. De fato, o termo *boēlasía* aqui (reforçado pela utilização reiterada de *elaúnō* nos v. 674, 677 e 682) parece refletir de modo emblemático o emprego constante de *elaúnō* e seus derivados para expressar o ato de tocar bois (por vezes, acompanhados de outros animais) em outras situações de investida contra reses do *épos* arcaico. Esse é, por exemplo, o contexto das expressões tradicionais βοῦς ἤλασαν e βοῶν ἐλάσαντες/ἐλόωντες, que ocorrem seja em um discurso no qual Aquiles faz referência a (improváveis) razias de gado troianas, seja no 'episódio' hesiódico da conquista dos bois de Gerião e na narrativa hínica do roubo das vacas de Apolo, seja em passos da investida itacense contra as vacas de Hélio.[59]

---

[58] Cf. a utilização posterior do termo por Plutarco para designar a apropriação dos bois de Teseu por Pirítoo (*Teseu*, 30, 1-2) e a glosa "ἀμφὶ βοηλασίης: περὶ βοῶν ἀπελασίας" conservada nos escólios iliádicos (*schol*. D *ad* v. 672). Entre os modernos, conferir a abonação "*driving of oxen, cattle-lifting*" do *LSJ* (*s.v*) e, para a etimologia, Chantraine (1999 [1968-80]*, s.v.* βοῦς e ἐλαύνω), que aponta o epíteto tradicional ἱππηλάτα como um compósito paralelo. Vale ressaltar que o único termo do *épos* arcaico que comporta a noção genérica presente no vocábulo português 'gado' ou no francês *bétail* (ou seja, o conjunto de animais pastoris, sem especificação de espécie ou tamanho) é o plural *próbata*, conforme demonstrou Benveniste (1995, p. 35-42).

[59] Respectivamente: I, 159 (οὐ γὰρ πώ ποτ' ἐμὰς βοῦς ἤλασαν οὐδὲ μὲν ἵππους, entre B1 e C1, *supra*, p. 35); *Teog*., 291 (ἤματι τῷ, ὅτε περ βοῦς ἤλασεν εὐρυμετώπους / Τίρυνθ' εἰς ἱερήν) e *H. H. Hermes*, 102 (βοῦς ἤλασεν εὐρυμετώπους, entre B1 e C1); xii, 343, 353 e 398 (Ἠελίοιο βοῶν ἐλάσαντες/ἐλόωντες ἀρίστας, após B2). Conferir ainda: xv, 235 (ἀλλ' ὁ μὲν ἔκφυγε κῆρα καὶ ἤλασε βοῦς ἐριμύκους / ἐς Πύλον ἐκ Φυλάκης, após um período de encarceramento, Melampo obtém os bois de Fílaco); xx, 51 (καί κεν τῶν ἐλάσαιο βόας καὶ ἴφια μῆλα, Atena reforça a confiança de Odisseu ao garantir-lhe o sucesso em uma situação hipotética de emboscada/razia de gado); *H. H. Hermes*, 355 (εἰς Πύλον εὐθὺς ἐλῶντα βοῶν γένος εὐρυμετώπων, Hermes tange as vacas roubadas a Apolo); *H. H. Hermes*, 379 (ὡς οὐκ οἴκαδ' ἔλασσα βόας, Hermes nega haver se apropriado das vacas do irmão); xii, 290-2 (τῷ ἐδίδου, ὃς μὴ ἕλικας βόας εὐρυμετώπους / ἐκ Φυλάκης ἐλάσειε βίης Ἰφικληείης / ἀργαλέας. τὰς δ' οἶος ὑπέσχετο μάντις ἀμύμων / ἐξελάαν, Neleu oferece sua filha a quem for capaz de lhe trazer os bois de Íficles e Melampo promete fazê-lo); Hes. frag. 155 M/240 MW, v. 50 (τῶν ἔφατ' εἰλίποδάς τε βόας κ[α]ὶ [ἴ]φια μῆλα / συνελάσας δώσειν, Ájax promete capturar gado, *como hédna*, pela mão de Helena); *H. H. Hermes,* 74-5 (πεντήκοντ' ἀγέλης ἀπετάμνετο βοῦς ἐριμύκους. / πλανοδίας δ' ἤλαυνε διὰ ψαμαθώδεα χῶρον, momento do roubo das vacas de Apolo), 94-6 (τόσσον φὰς συνέσευε βοῶν ἴφθιμα κάρηνα. / πολλὰ δ' ὄρη σκιόεντα καὶ αὐλῶνας κελαδεινοὺς / καὶ πεδί' ἀνθεμόεντα διήλασε κύδιμος Ἑρμῆς, Hermes toca o gado roubado a Apolo); 105-6 (ἔνθ' ἐπεὶ εὖ βοτάνης ἐπεφόρβει βοῦς ἐριμύκους / καὶ τὰς μὲν συνέλασσεν ἐς

Voltando ao relato de Nestor, os versos subsequentes, relativos ao retorno dos agressores para o seu território (v. 682-84), revelam outra característica fundamental do ataque pílio: a sua provável natureza noturna. Com efeito, embora Nestor não especifique o momento preciso da sua investida contra o território epeu, ele indica que o butim capturado foi conduzido a Pilo durante a noite por meio da aplicação, no v. 683, do adjetivo *ennýkhios* ao seu bando. Essa ambientação noturna ou parcialmente noturna para a razia de gado pília, ao mesmo tempo que reforça a sua caracterização como uma ação surpresa, também a aproxima de outros eventos iliádicos já comentados, como o (possível) ataque noturno de Aquiles contra os rebanhos de Eneias e a incursão furtiva do mesmo herói que resultou na sua captura de Licaão. Em relação a esse último episódio, convém lembrar que a sua natureza noturna também é indicada por meio do adjetivo *ennýkhios* (cf. *ennýkhios promolṓn,* XXI, 37)*,* que figura ainda (praticamente na mesma posição métrica) em um passo do *H. H. a Hermes* no qual Apolo caracteriza o pequeno deus como um habilidoso ladrão noturno de casas e de rebanhos (v. 284, p. 35-6, *supra*).[60]

Por fim, a atenção ao provável caráter noturno da *boēlasía* de Nestor também facilita o reconhecimento do profundo contraste que atravessa o seu relato como um todo. Trata-se aqui do contraste, já aludido, entre um assalto campestre e noturno de um bando contra pastores isolados e uma batalha diurna entre hostes nas cercanias de uma *pólis*, entre um evento repentino que possibilita a aquisição de um butim de animais pastoris agrupados em rebanhos e bandos e outro que leva à captura apenas dos espólios típicos do combate iliádico ordinário: os cavalos e os implementos de guerra (os *éntea kalá*, v. 755) dos vencidos.[61]

αὔλιον, Hermes esconde o gado roubado em uma gruta); 340-2 (κλέψας δ' ἐκ λειμῶνος <u>ἐμὰς βοῦς</u> ᾤχετ' <u>ἐλαύνων</u> / ἑσπέριος παρὰ θῖνα πολυφλοίσβοιο θαλάσσης / εὐθὺ Πύλον δ' <u>ἐλάων</u>, Apolo narra a Zeus o roubo de suas vacas); e, por fim, Cingano (2005, p. 147). Para a combinação entre *boûs* e *elaúnō* em outros contextos, cf.: Hes. frag. 69 M/43 a MW, v. 76 (βοῦς ἐλάσα[ς, antes de A2, Sísifo toca gado (roubado?), como *hédna,* pela mão de Eurinome); iii, 422 (ἐλάσῃ δὲ βοῶν ἐπιβουκόλος ἀνήρ, preparativos e sacrifício em Pilo), xviii, 371 (εἰ δ' αὖ καὶ βόες εἶεν ἐλαυνέμεν, competição hipotética de manejo de arado), *H. H. Hermes*, 402 (εἰς φῶς <u>ἐξήλαυνε βοῶν</u> ἴφθιμα κάρηνα, Hermes conduz as vacas roubadas para fora de seu esconderijo, devolvendo-as a Apolo). Conforme o exemplo do ancião pílio, passo a utilizar aqui o termo *boēlasía* para referir-me à prática da razia ou do roubo de animais pastoris em geral, incluindo bois, cabras, carneiros, porcos, etc., mas também cavalos e mulas.

[60] Para as outras quatro ocorrências de *ennýkh(i)os* no *corpus* hexamétrico arcaico, cf. nota 47, *supra*.

[61] Para uma avaliação antiga desse contraste, cf. *schol.* bT *ad* XI, 715*b ex.* e bT *ad* XI, 719*b ex.,* que apontam a oposição entre um confronto repentino ("ἀφνίδιος") e campestre ("πρὸς ἀγροίκους") e outro que envolve guerreiros preparados e experientes ("πρὸς παρασκευασθέντας ... πολεμιστάς/ πρὸς ἐμπείρους").

Essa percepção das duas situações de confronto do relato de Nestor como eventos não apenas narrativamente justapostos, mas também como portadores de naturezas contrastantes foi explorada por Pierre Vidal-Naquet em dois trabalhos célebres: *Le chasseur noir et l'origine de l'ephébie athénienne* e *Retour au chasseur noir*, cujas primeiras versões foram publicadas, respectivamente, em 1968 e 1986.[62] Nesses artigos, o historiador francês, partindo de uma aplicação pioneira da antropologia estrutural de Lévi-Strauss aos fenômenos do mundo antigo, afirma que o referido contraste é mais um exemplo de um complexo cultural que estaria presente (de forma mais ou menos explícita) em vários outros testemunhos e práticas gregas e, talvez, até indo-europeias.[63]

Segundo Vidal-Naquet, trata-se da contraposição entre dois modelos distintos de combate, um combate de jovens (*néoi*) e outro de adultos (*ándres*), que é efetuada por meio de um conjunto complexo de oposições binárias: ação noturna *versus* diurna, ação baseada no artifício ou astúcia ("*cunning/ruse*") *versus* enfrentamento direto e face a face, ação individual ou efetuada em pequenos grupos *versus* experiência de combate como parte de uma tropa ou hoste, combate sem armas ou com armas leves *versus* emprego de implementos de guerra completos e, por fim, ação ligada a espaços marginais e zonas fronteiriças (*e.g.*, partes mais distantes do campo ou zonas montanhosas) *versus* operações que se desenrolam em áreas próximas de *póleis*.[64]

Uma vez compreendidos a partir desse quadro, a *boēlasía* pília e a batalha campal subsequente tomariam a forma de "opostos simétricos", comportando entre si a mesma relação antitética que existiria entre os fenômenos centrais da análise de Vidal-Naquet, a saber: a condição de adolescente participante de (prováveis) ritos de puberdade/de iniciação tribal, como a criptia espartana e uma forma arcaica da efebia ateniense, e aquela de hoplita (um membro da infantaria pesada, mas antes de tudo um cidadão adulto de pleno direito).[65] Além

---

[62] Dentre as várias versões dos artigos em questão, foram consultadas a tradução inglesa da segunda versão do primeiro artigo (Vidal-Naquet, 1986) e uma reedição da versão (francesa) final do segundo (Vidal-Naquet, 2009).

[63] Vale ressaltar que, para além do seu alicerce estruturalista, Vidal-Naquet também dialoga com estudiosos de orientações diversas, dentre os quais Arnold van Gennep, Georges Dumézil, Angelo Brelich, Henri Jeanmaire e, especificamente naquilo que concerne à análise do relato de Nestor, Benedetto Bravo.

[64] Cf. Vidal-Naquet (1986, p. 111-13 e 117-19), Vidal-Naquet (2009, p. 218, 224-27 e 250) e Bravo (1980, p. 956-7).

[65] "*I have said enough to indicate how, by a procedure that Levi-Strauss would term a logical inversion, the krypteia dramatizes the moment when the young elite Spartan leaves his childhood behind him forever*" e "*in historical*

disso, a própria presença desse sistema de oposições nas reminiscências do velho líder pílio permitiria tomar os dois eventos que a constituem como homólogos dos fenômenos mencionados, o que faria do relato como um todo uma narrativa iniciática da passagem do jovem Nestor da condição social de 'efebo' para aquela de 'hoplita'.[66]

Por fim, tal interpretação encontraria suporte adicional em dois elementos que apontam como Nestor era avaliado por aqueles que estavam ao seu redor. O primeiro deles é a tentativa de Neleu em impedir que seu filho participe do confronto iminente entre as hostes pília e epeia por meio da recusa em conceder-lhe os implementos de guerra típicos do guerreiro adulto de elite: couraça/armas e cavalos (v. 717-19). Essa atitude enfatizaria a natureza (ainda) efébica de Nestor, que estaria apto a tomar parte em um evento furtivo e noturno de razia de animais (uma emboscada, segundo Schnapp-Gourbeillon, 1981, p. 159), mas não em um confronto cerrado entre hostes em plena luz do dia. Quanto ao segundo (apontado por Bader, 1980, p. 34), trata-se da aclamação que os membros da hoste pília dirigem a Nestor após o seu desempenho excepcional na batalha campal (v. 761), que pode ser interpretada tanto como um reconhecimento do novo *status* marcial do jovem filho de Neleu (agora um guerreiro adulto) quanto como uma afirmação da sua nova condição de líder da hoste pília.

Antes de mais nada, cumpre ressaltar que a aproximação proposta por Vidal-Naquet entre os eventos da narrativa de Nestor e possíveis ritos históricos de iniciação tribal/puberdade apresenta vários problemas. O principal deles é o fato, apontado por Fritz Graf (2003, p. 12-15), de as próprias práticas utilizadas pelo historiador francês como fontes principais de *comparanda* não serem compatíveis com uma aplicação criteriosa do conceito antropológico de ritos de iniciação tribal/de puberdade, especialmente por não envolverem todos os membros de um determinado grupo etário. Ainda segundo esse comentador (*op. cit*., p. 18-20), mesmo a admissão de apenas uma origem (e não de uma função) ligada a rituais iniciatórios para tais práticas — assim como para quaisquer outros rituais e narrativas mitopoéticas gregas — também comportaria problemas, pois tende a favorecer uma explicação exclusivamente

---

terms, the ephebe in Archaic and Classical Greece was a pre-hoplite. By virtue of this, in the symbolic enactments that are the rites of passage, he was an anti-hoplite", Vidal-Naquet (1986, p. 113 e 120, grifos meus). Para a condição de efebo e de hoplita como opostos simétricos, cf. Vidal-Naquet (1986, p. 113).

[66] "*Toute la séquence n'a décidément de sens que si l'on admet que dans les temps «homériques», je veux dire ici ceux du poète, l'opposition, dont je parle depuis le début de cet essai, entre l'éphèbe et l'adulte, fonctionne parfaitement. Franchissant le cap, Nestor est désormais (...) de l 'autre côté de l'hébè. Nous avons là, je suppose, une pratique normale du monde d'Ulysse*", Vidal-Naquet (2009, p. 227, grifo meu).

diacrônica para os elementos dos ritos e mitos em questão, sem considerar as suas funções sincrônicas em uma dada sociedade, tempo e, no caso de narrativas, nos textos que as encerram.[67]

Na mesma direção, ao comentar os exemplos homéricos do processo de transição de adolescentes para a idade adulta, van Wees (1997, p. 18) afirma que eles não envolveriam um elemento ritual significativo. Segundo esse autor, narrativas como a *boēlasía* de Nestor, a expedição de lavagem de roupas de Nausícaa, a viagem de Telêmaco ao continente, a caçada de Odisseu no Parnaso e a missão diplomática do mesmo herói junto aos messênios constituiriam *"not a rite of passage in the strict sense, but an informal, secular and personal passage into adulthood"*.

Por fim, mesmo admitindo-se que Nestor, à semelhança de Telêmaco por ocasião da sua viagem ao continente (cf. iii, 364), teria recorrido ao grupo dos seus *homḗlikoi* (coetâneos) para executar sua ação retaliatória, ainda assim o episódio da querela entre pílios e epeus não seria comparável, como quer Peter Walcot (1979, p. 335), a um jogo ritual concebido para iniciar como guerreiros os jovens de ambos os lados.[68] Da mesma forma, a opção pília por um assalto furtivo e noturno contra os rebanhos de seus vizinhos também não precisaria ser explicada como um eco "da razia de gado ritual por meio da qual o jovem guerreiro estabelece sua virilidade/hombridade (*manhood*)" (Walcot, *op. cit*., p. 336). Em primeiro lugar, aquilo que o referido autor destaca como uma das principais características ritualísticas do conflito, o padrão continuado de ataque e resposta (*op. cit.*, p. 335), é apenas o efeito da reciprocidade negativa atuante nas querelas homéricas. Quanto à opção pela razia de gado como forma de represália, ela pode ser explicada como uma estratégia resultante da própria fragilidade militar pília (cf. v. 689-93), conforme aponta van Wees (1992, p. 198, grifos meus) ao afirmar que "*given their inferior numbers, they* [*scilicet: the Pylians*] *would not normally have stood a chance in* <u>*open battle*</u>*, whereas* <u>*raiding tactics, relying on surprise and daring*</u>*, gave them a chance of getting even with the enemy*".

---

[67] Por fim, vale ressaltar que o mesmo comentador (*op. cit*., p. 19-20) também questiona (de modo bastante convincente) a utilidade do clássico esquema tripartite proposto por van Gennep (separação, liminaridade e incorporação, cf. van Gennep, 1960, p. 11) como critério para identificar uma dada narrativa mitopoética como iniciática.

[68] Ressalte-se que, ao contrário do que ocorre em relação aos companheiros de Telêmaco, não há qualquer informação textual acerca da idade dos demais componentes do bando pílio.

Apesar dessas questões, a importância do complexo cultural descrito por Vidal-Naquet para uma investigação das características tradicionais do ato de razia ou roubo de gado é inegável. De fato, com exceção da polaridade entre jovens e adultos e da conexão sugerida entre juventude e atos furtivos e noturnos, as demais características arroladas como elementos iniciais dos pares de opostos parecem fornecer um quadro plausível para a *boēlasía* do filho de Neleu e, talvez, para os outros episódios de apropriação de reses comentados *supra*. Nas seções seguintes, continuaremos a examinar a aplicabilidade desse modelo e de suas derivações, durante a análise de outras duas situações de apropriação de animais presentes na *Ilíada* e também mencionadas, ainda que brevemente, por Vidal-Naquet, a saber: a representação da tocaia/razia de gado que integra a écfrase do escudo de Aquiles (XVII, 509-540, reproduzida a seguir) e o roubo de cavalos presente no episódio da *dolonia* (X, 405-579). Passemos à primeira dessas passagens:

3.3 Tocaia, predação humana e predação animal na écfrase do escudo de Aquiles

τὴν δ᾽ ἑτέρην πόλιν ἀμφὶ δύω στρατοὶ εἵατο λαῶν
(510) τεύχεσι λαμπόμενοι· δίχα δέ σφισιν ἥνδανε βουλή,
ἠὲ διαπραθέειν ἢ ἄνδιχα πάντα δάσασθαι,
κτῆσιν ὅσην πτολίεθρον ἐπήρατον ἐντὸς ἔεργεν.
οἳ δ᾽ οὔ πω πείθοντο, λόχῳ δ᾽ ὑπεθωρήσσοντο.
τεῖχος μέν ῥ᾽ ἄλοχοί τε φίλαι καὶ νήπια τέκνα
(515) ῥύατ᾽ ἐφεσταότες, μετὰ δ᾽ ἀνέρες οὓς ἔχε γῆρας·
οἳ δ᾽ ἴσαν· ἦρχε δ᾽ ἄρά σφιν Ἄρης καὶ Παλλὰς Ἀθήνη,
ἄμφω χρυσείω, χρύσεια δὲ εἵματα ἕσθην,
καλὼ καὶ μεγάλω σὺν τεύχεσιν, ὥς τε θεώ περ,
ἀμφὶς ἀριζήλω· λαοὶ δ᾽ ὑπολίζονες ἦσαν.
(520) οἳ δ᾽ ὅτε δή ῥ᾽ ἵκανον ὅθι σφίσιν εἶκε λοχῆσαι
ἐν ποταμῷ, ὅθι τ᾽ ἀρδμὸς ἔην πάντεσσι βοτοῖσιν,
ἔνθ᾽ ἄρα τοί γ᾽ ἵζοντ᾽ εἰλυμένοι αἴθοπι χαλκῷ.
τοῖσι δ᾽ ἔπειτ᾽ ἀπάνευθε δύω σκοποὶ εἵατο λαῶν
δέγμενοι, ὁππότε <u>μῆλα ἰδοίατο</u>[69]; <u>καὶ ἕλικας βοῦς</u>.[70]

[69] **μῆλα ἰδοίατο** (v. 524): IV, 476 (μῆλα ἰδέσθαι, cenário pastoral da concepção do troiano Simoésio).

[70] **καὶ ἕλικας βοῦς** (após C2, v. 524): xii, 136* (μῆλα φυλασσέμεναι πατρώϊα <u>καὶ ἕλικας βοῦς</u>, Circe instrui Odisseu acerca do gado do sol); xxiv, 66* (μῆλα κατεκτάνομεν μάλα πίονα <u>καὶ ἕλικας βοῦς</u>, psique de

(525) οἳ δὲ τάχα προγένοντο, <u>δύω δ᾽ ἅμ᾽ ἕποντο νομῆες</u>[71]
τερπόμενοι σύριγξι· δόλον δ᾽ οὔ τι προνόησαν.
οἳ μὲν τὰ προϊδόντες ἐπέδραμον, ὦκα δ᾽ ἔπειτα

Agamenão descreve para aquela de Aquiles a pira funerária do filho de Peleu); *H. H. Hermes*, 567* (ταῦτ' ἔχε Μαιάδος υἱὲ καὶ ἀγραύλους <u>ἕλικας βοῦς</u>, após a reconciliação final entre os dois irmãos, Apolo concede a Hermes o cuidado dos bois); IX, 466* e XXIII, 166* (πολλὰ δὲ ἴφια μῆλα καὶ εἰλίποδας <u>ἕλικας βοῦς</u>, respectivamente: animais sacrificados em um banquete oferecido ao jovem Fénix e animais consumidos na pira fúnebre de Patroclo); i, 92* e iv, 320* (μῆλ' ἀδινὰ σφάζουσι καὶ εἰλίποδας <u>ἕλικας βοῦς,</u> descrição do consumo dos animais de Odisseu pelos pretendentes); ix, 46* (ἔσφαζον παρὰ θῖνα καὶ εἰλίποδας <u>ἕλικας βοῦς</u>, companheiros de Odisseu banqueteiam-se após o saque de Ísmaros); *Érga*, 795* (τῇ δέ τε μῆλα καὶ εἰλίποδας <u>ἕλικας βοῦς</u>, parte do 'calendário agrícola'); Hes. frag. 154c M/198 MW, v. 11* (πο]λλὰ μάλ' ἄργυφα μ[ῆλ]α καὶ [εἰλίποδας <u>ἕλικ]α[ς] βοῦς</u>, animais ofertados por Toas, como *hédna,* por Helena); XXI, 448 (εἰλίποδας <u>ἕλικας βοῦς</u>, Posidão lembra a Apolo o seu período como pastor dos bois de Laomedonte); *H. H. Hermes*, 116 (<u>ἕλικας βοῦς</u> ἕλκε θύραζε, Hermes conduz dois bois para um sacrifício/banquete junto ao Alfeu); xi, 289 (τῷ ἐδίδου ὃς μὴ <u>ἕλικας βόας</u> εὐρυμετώπους, Neleu impõe aos pretendentes de sua filha o roubo da boiada de Íficles); *Érga*, 452 (<u>ἕλικας βόας</u>, parte do 'calendário agrícola'); XV, 633 (θηρὶ μαχέσσασθαι <u>ἕλικος βοὸς</u> ἀμφὶ φονῇσιν, símile: leão ataca um rebanho guardado por um boeieiro inexperiente); xii, 355 (βοσκέσκονθ' ἕλικες καλαὶ βόες εὐρυμέτωποι, companheiros de Odisseu atacam as vacas de Hélio); XII, 293 (λέονθ' ὣς <u>βουσὶν ἕλιξιν</u>, símile curto: Sarpedão comparado a leão que ataca gado); xxii, 292 (ἦ ῥα βοῶν ἑλίκων ἐπιβουκόλος, fecho de um discurso de Filécio, durante a matança dos pretendentes).

[71] **δύω δ᾽ ἅμ᾽ ἕποντο νομῆες** (após B2, v. 525): xvii, 214* e xx, 175* (Melanteu, na companhia de dois outros pastores, traz reses para o festim dos pretendentes).

τάμνοντ'[72] ἀμφὶ βοῶν ἀγέλας[73] καὶ πώεα καλὰ[74]
ἀργεννέων οἰῶν[75], κτεῖνον δ᾽ ἐπὶ μηλοβοτῆρας.[76]
(530) οἳ δ᾽ ὡς οὖν ἐπύθοντο πολὺν κέλαδον παρὰ βουσὶν
εἰράων προπάροιθε καθήμενοι, αὐτίκ᾽ ἐφ᾽ ἵππων
βάντες ἀερσιπόδων μετεκίαθον, αἶψα δ᾽ ἵκοντο.
στησάμενοι δ᾽ ἐμάχοντο μάχην ποταμοῖο παρ᾽ ὄχθας,
βάλλον δ᾽ ἀλλήλους χαλκήρεσιν ἐγχείῃσιν. [77]
(535) ἐν δ᾽ Ἔρις ἐν δὲ Κυδοιμὸς ὁμίλεον, ἐν δ᾽ ὀλοὴ Κήρ,
ἄλλον ζωὸν ἔχουσα νεούτατον, ἄλλον ἄουτον,
ἄλλον τεθνηῶτα κατὰ μόθον ἕλκε ποδοῖιν·
εἶμα δ᾽ ἔχ᾽ ἀμφ᾽ ὤμοισι δαφοινεὸν αἵματι φωτῶν.

---

[72] **τάμνοντ᾽ ἀμφὶ βοῶν ἀγέλας καὶ πώεα καλὰ** (v. 528): xi, 402 e xxiv, 112 (βοῦς περιταμνόμενον/ομένους ἠδ' οἰῶν πώεα καλά, respectivamente: razia de gado em um questionamento de Odisseu à psique de Agamenão e dessa última àquela do pretendente Anfimedonte); *H. H. Hermes*, 74 (πεντήκοντ' ἀγέλης ἀπετάμνετο βοῦς ἐριμύκους, Hermes rouba as vacas de Apolo).

[73] **τάμνοντ᾽ ἀμφὶ βοῶν ἀγέλας καὶ πώεα καλὰ** (v. 528): XI, 678* (πεντήκοντα βοῶν ἀγέλας, τόσα πώεα οἰῶν, parte da enumeração do gado roubado pelo jovem Nestor); XV, 323* (οἳ δ' ὥς τ' ἠὲ βοῶν ἀγέλην ἢ πῶϋ μέγ' οἰῶν, símile: duas feras, em um súbito ataque noturno, alvoroçam um rebanho de bois ou de ovelhas cujo pastor está ausente); xii, 299* (εἴ κέ τιν' ἠὲ βοῶν ἀγέλην ἢ πῶϋ μέγ' οἰῶν, Odisseu previne seus companheiros acerca do gado do sol); xii, 129-30 (ἑπτὰ βοῶν ἀγέλαι, τόσα δ' οἰῶν πώεα καλά, Circe previne Odisseu acerca do gado do sol); II, 480 (ἠΰτε βοῦς ἀγέληφι μέγ' ἔξοχος ἔπλετο πάντων / ταῦρος, símile: Agamenão comparado a touro); XI, 729 (βοῦν ἀγελαίην, pílios sacrificam uma rês a Atena); xvii, 181 e xx, 251 (ἵρευον δὲ σύας σιάλους καὶ βοῦν ἀγελαίην, pretendentes abatem animais na casa de Odisseu); XXIII, 846 (διὰ βοῦς ἀγελαίας, símile/medida de distância) e x, 410 (ὡς δ' ὅτ' ἂν ἄγραυλοι πόριες περὶ βοῦς ἀγελαίας, símile: companheiros circundam Odisseu, que voltara de junto de Circe, como bezerros circundam vacas que retornam do pasto); xxii, 299 (οἱ δ' ἐφέβοντο κατὰ μέγαρον βόες ὣς ἀγελαῖαι, símile: pretendentes, em pânico, são comparados a vacas fugindo de um moscardo); XI, 696 (ἐκ δ᾽ ὁ γέρων ἀγέλην τε βοῶν, parte do butim obtido por Nestor que Neleu reserva para si).

[74] **καὶ πώεα καλὰ** (v. 528): xi, 402*, xxiv, 112* e xii, 129* (πώεα καλὰ, *supra* n. 72 e 73).

[75] **ἀργεννέων οἰῶν** (v. 529): VI, 424 (βουσὶν ἐπ' εἰλιπόδεσσι καὶ ἀργεννῇς ὀίεσσι, Aquiles ataca os rebanhos guardados pelos irmãos de Andrômaca); xvii, 472 (ὁππότ' ἀνὴρ περὶ οἶσι μαχειόμενος κτεάτεσσι / βλήεται, ἢ περὶ βουσὶν ἢ ἀργεννῇς ὀΐεσσιν, em discurso aos pretendentes, o mendigo cretense/Odisseu emprega um cenário hipotético de razia de gado); XVIII, 588 (μέγαν οἰῶν ἀργεννάων); III, 198 (ὅς τ' οἰῶν μέγα πῶϋ διέρχεται ἀργεννάων, símile: Príamo compara Odisseu a carneiro entre as ovelhas).

[76] **κτεῖνον δ᾽ ἐπὶ μηλοβοτῆρας** (v. 529): *H. H. Hermes*, 286* (πολλοὺς δ' ἀγραύλους ἀκαχήσεις μηλοβοτῆρας, Apolo caracteriza Hermes como ladrão de rebanhos).

[77] **στησάμενοι δ᾽ ἐμάχοντο μάχην ποταμοῖο παρ᾽ ὄχθας, / βάλλον δ᾽ ἀλλήλους χαλκήρεσιν ἐγχείῃσιν** (v. 533-4): ix, 54-5 (στησάμενοι δ' ἐμάχοντο μάχην παρὰ νηυσὶ θοῇσι, / βάλλον δ'ἀλλήλους χαλκήρεσιν ἐγχείῃσιν, batalha campal após o saque de Ísmaros).

ὡμίλευν δ᾽ ὥς τε ζωοὶ βροτοὶ ἠδ᾽ ἐμάχοντο,
(540) νεκρούς τ᾽ ἀλλήλων ἔρυον κατατεθνηῶτας.

E, em torno da outra cidade, estavam acampadas duas hostes de guerreiros,
(510) luzindo com suas armas. Dois pareceres lhes apraziam:
ou arrasá-la por completo, ou dividir tudo em dois,
todas as posses que a adorável cidade encerrava dentro.
Mas os sitiados não concordavam e armavam-se, às ocultas, para uma tocaia.
As muralhas, as esposas queridas e crianças pequenas
(515) as guardavam, de pé sobre elas, acompanhadas dos varões que a velhice detinha; enquanto os outros avançavam. Os lideravam Ares e Palas Atena — ambos de ouro e vestidos com vestes áureas,
belos e grandes com suas armas como os deuses que são;
ambos à parte, salientes, enquanto, embaixo, a tropa era menor.
(520) Mas quando chegaram ao lugar que lhes pareceu conveniente para tocaiar,
em um rio, onde havia uma aguada para todas as bestas,
lá tomaram posição, revestidos com bronze flamante.
E, para eles, em seguida, dois vigias se posicionaram longe da hoste,
aguardando o momento em que vissem as ovelhas e os bois de chifres curvos.
(525) Esses logo surgiram, e, com eles, seguiam dois pastores,
deleitando-se com suas siringes, pois o ardil não pressentiram.
Ao vê-los adiante, os outros assaltaram. Em seguida, rapidamente
cortaram o acesso à boiada e ao belo rebanho
de brancas ovelhas e mataram os pastores.
(530) Mas os sitiantes, quando o grande clamor de junto dos bois perceberam,
sentados diante do local de assembleia, montaram imediatamente nos seus carros puxados por cavalos de pés ligeiros, seguiram atrás e rapidamente chegaram.
Tendo disposto, então, a batalha, eles começaram a lutar junto aos bancos do rio,
atingindo-se uns aos outros com lanças brônzeas.
(535) E com eles a Disputa, com eles o Tumulto se misturavam, e a funesta Ruína
que, segurando um varão recém-ferido mas vivo e outro ainda ileso,
um terceiro já morto arrastava pelos pés ao longo da agitação do combate.
Em torno dos ombros, ela portava uma veste rubra com o sangue dos mortais.
Eles se engajavam no combate, tal como viventes mortais, e lutavam,
e, tomando-os uns dos outros, arrastavam os cadáveres dos mortos.

No passo acima, referente à representação da cidade em guerra na écfrase do escudo de Aquiles, os habitantes de uma *pólis* cercada por dois batalhões de inimigos, após recusarem uma proposta de rendição, aproveitam um momento de distração dos seus atacantes, que estavam reunidos em assembleia, para montarem uma investida surpresa contra os mesmos. Tal

investida toma a forma de um ataque contra o gado dos sitiantes, cujos animais são cercados em uma aguada, junto a um rio. Ao contrário do que acontece na *boēlasía* relatada por Nestor, aqui a ação de pilhagem não chega a ser consumada, pois o barulho das reses assustadas alerta os sitiantes, que se dirigem ao encontro dos inimigos. Na sequência, essa razia frustrada dá lugar a uma feroz e sangrenta batalha campal junto aos bancos do rio.[78]

Conforme pode ser conferido acima, a razia de gado integrante do escudo de Aquiles compartilha várias características com as outras situações de apropriação de reses já abordadas, tais como a presença de uma dicção tradicional fortemente associada ao ambiente pastoril em geral e que encontra paralelos em um conjunto de contextos já evocado — a saber: outros eventos de razia ou roubo de gado, símiles, descrições ou menções a sacrifícios/banquetes, ofertas de *hédna* e trechos do *Hino Homérico a Hermes*[79] — e a representação do ataque surpresa contra pastores e rebanhos como um evento justaposto à investida contra uma *pólis.*

De fato, em relação a essa última característica, vale registrar a ocorrência de elementos tradicionais que também compõem o motivo do ataque contra uma cidade nos outros passos examinados, tais como a menção ao cerco (comparar XVII, 509 a XI, 713 e 733-2), a presença de formas verbais indicativas do ato consumado de destruição ou do desejo de destuir a cidade em questão (comparar XVIII, 511 a VI, 415, XX, 92 e 191-2, XI, 713 e 733-2) e a ocorrência de expressões relacionadas ao butim alcançado ou que se espera alcançar (em geral mulheres e *keimḗlia*, comparar XVIII, 511-2 a VI, 425-6 e XX, 193). Nessa direção, o emprego da fórmula

---

[78] Para uma discussão das dificuldades de interpretação desse passo (em particular, acerca da atribuição das diferentes ações aos sitiantes ou sitiados) conferir o comentário de M. W. Edwards (1991, p. 218-221). Acerca das funções desempenhadas pela écfrase do escudo de Aquiles como um todo e das possíveis relações entre as vinhetas nela representadas e a narrativa principal da *Ilíada*, cf. Taplin (1980) e Alden (2000, p. 48-73). Além da razia que integra a passagem em questão e daquela relatada por Nestor, outro exemplo de ataque campestre que dá lugar a uma batalha campal retaliatória pode ser encontrado no relato fictício da funesta expedição contra o Egito capitaneada pelo cretense/Odisseu. Em ambas as formas desse logro – narradas pelo mendigo respectivamente para Eumeu (xiv, 243-284) e Antínoo (xvii, 424-444) – os companheiros de tropa desobedecem a orientação de seu comandante, que preferia uma abordagem mais cautelosa e furtiva, e começam a devastar abertamente os campos dos egípcios. Como resultado, os habitantes de uma cidade das redondezas, alertados pelos sobreviventes, preparam durante a noite uma expedição retaliatória que alcança os saqueadores no princípio do outro dia e os massacra em uma batalha campal. Para van Wees (1992, p. 209-210), o fato de o bando do cretense ser constituído pela tripulação de nove navios pode explicar o excesso de confiança que levou seus integrantes a desistirem das "táticas de emboscada" aconselhadas por seu líder e lançarem-se à pilhagem aberta dos campos egípcios.

[79] Para a dicção, conferir o elenco de paralelos fornecido acima.

ἄλοχοί (τε φίλαι) καὶ νήπια τέκνα (v. 514) para designar as esposas e filhos da cidade sitiada também é significativo, pois, conforme demonstra Werner (2008), trata-se de uma expressão profundamente associada, na *Ilíada*, ao motivo do cerco a uma cidade, sendo geralmente empregada para designar "um grupo de vitimas reais ou potenciais da guerra" e, assim, evocar o destino final dos habitantes de uma *pólis* conquistada: o escravizamento da população feminina e o assassinato em massa dos infantes, a população masculina remanescente.

Contudo, apesar dessas similaridades, o 'episódio' em questão também apresenta algumas particularidades significativas. Em primeiro lugar, ao contrário do que ocorre na narrativa de Nestor e naquela do próprio Aquiles acerca do seu encontro com Eneias no Ida, o ato de *boēlasía* aqui não é descrito como anterior ao cerco e/ou à batalha campal nas cercanias da cidade, mas figura entre ambos. Além disso, em conformidade com a natureza genérica e idealizada da vinheta da *pólis* em guerra, o ataque sorrateiro não é representado como o ato de um líder individual e de seu bando de seguidores, mas parece envolver todos os combatentes da cidade ameaçada sob a liderança ideal de Ares e de Atena.[80] Por fim, em contraste com as outras situações de razia de gado examinadas, nas quais o procedimento furtivo dos atacantes e a consequente condição de surpresa e despreparo das vítimas podem apenas ser inferidos a partir do cenário isolado e/ou noturno da ação, aqui tais elementos são plenamente explicitados, e o evento como um todo é descrito como um *dólos* (um ardil ou astúcia, v. 526) e, de forma mais específica, como um *lókhos* (uma tocaia/emboscada, v. 513).

---

[80] Acerca da natureza generalizante das cenas representadas no escudo de Aquiles, cf. M. W. Edwards (1991, p. 208-9). Para o caráter idealizado das vinhetas relativas à cidade em paz e à cidade em guerra, particularmente naquilo que concerne a relação entre líderes e povo, cf. Haubold (2000, p. 81-2). Vale ressaltar que, embora as analepses narradas por Andrômaca, por Eneias, pelo próprio Aquiles e pelo poeta atribuam explicitamente os atos de razia de gado relatados apenas ao filho de Peleu, creio que tais passos obedecem a uma convenção homérica, identificada por van Wees (1997, p. 671-2) e atuante também nas cenas de combate campal, segundo a qual ações realizadas por um líder em companhia de um cortejo (seleto ou não) de camaradas são muitas vezes representadas explicitamente como atos individuais do primeiro. Conforme sintetiza esse comentador (*op. cit.*, p. 671): "*the story focuses on leading heroes so hard that one who has only his own men for company is thought of as 'alone,' but Homer takes it for granted that wherever a leader goes, his companions go with him. In the rare event of a leader actually leaving his followers, he does so only after putting someone else in charge of them (...); at all other times, followers may be barely mentioned but their presence is tacitly assumed. It is impossible to tell, however, how many companions are supposed to be at their leader's side at any particular moment. Sometimes it seems that most of his contingent is with him; at other times, perhaps only his own band, or only a few of his closest friends.*" No caso dos episódios mencionados, a natureza furtiva da ação favorece a hipótese da presença de um cortejo seleto de camaradas.

Essa identificação da cena de ataque contra reses no escudo de Aquiles como um *lókhos,* "uma manifestação típica do *dólos* [que, como tal,] envolve o ocultamento e a surpresa", constitui um indício fundamental para a investigação das características tradicionais do ato de razia ou roubo de gado.[81] De fato, como pretendo demonstrar a seguir, os escassos episódios de *boēlasía* disponíveis parecem compartilhar algumas características e elementos distintivos com aqueles tidos como *lókhoi,* a ponto de ambas as situações poderem ser descritas como estruturas estreitamente relacionadas no sistema poético da épica homérica e, talvez, do *épos* arcaico como um todo.[82] Assim, antes de prosseguir com a análise do episódio em questão, efetuarei um breve excurso para comentar dois estudos que, na esteira de Vidal-Naquet, procuraram individuar os contornos tradicionais da ação furtiva nos poemas homéricos e da contraposição desta ao enfrentamento aberto.[83]

Segundo A. T. Edwards (1985, p. 18), que dedica um extenso capítulo da sua monografia *Achilles in the Odyssey* ao "tema da emboscada", o termo *lókhos* e o verbo *lokháō*, em Homero, designariam geralmente "*a stratagem employing a small number of picked men and relying upon planning and dissimulation rather than speed and force*". Tal estratagema, na medida em que constitui uma manifestação do *dólos* e da capacidade intelectiva que lhe serve de suporte, a *mêtis* ou inteligência astuta, se contraporia ao *pólemos*, o combate frontal entre campeões e massas de infantaria em campo aberto, cujas qualidades fundamentais seriam a *bíē* e/ou o *krátos* (força/violência e vigor inatos).[84]

---

[81] Para a citação, cf. Werner (2004, p. 30). Para outras evidências textuais da relação entre *lókhos* e *dólos*, cf. VI, 187-189 (emboscada lícia contra Belerofonte), iv, 351-463 (tocaia de Menelau contra Proteu); iv, 512-37 (tocaia de Egisto contra Agamenão) e *Teogonia*, 154-182 (tocaia de Crono e Gaia contra Urano).

[82] Para a épica homérica como "*a system of interconnected poetic and cultural associations*", cf. Dué e Ebbott (2010, p. 16). Para afirmações semelhantes aplicadas ao conjunto do *épos* arcaico, cf. Graziosi e Haubold (2005, p. 18-62 *passim*) e Clay (2006, p. 3-16).

[83] Ressalte-se que a expressão 'na esteira de Vidal-Naquet' não se refere a uma continuidade de métodos ou mesmo de propósitos entre o estudioso francês, que emprega uma abordagem estruturalista e explora um vasto conjunto de práticas e testemunhos históricos, míticos e poéticos, e os autores a serem mencionados, dedicados apenas à épica arcaica e cujos referências teóricos estão alinhados, grosso modo, à crítica oralista da mesma. Por meio dessa expressão, refiro-me apenas à clara influência (embora nem sempre declarada) exercida pelo modelo de Vidal-Naquet sobre os últimos.

[84] Cf. Edwards (1985, p. 18-19) e, para o *locus* clássico da distinção entre *pólemos* e *lókhos,* I, 225-28. Ainda acerca da contraposição entre os grupos *mêtis/dólos/lókhos* e *bíē/krátos/pólemos* nessa taxonomia homérica do combate, cf. Dué e Ebbott (2010, p. 34-36 e 71-3).

Ainda segundo Edwards, e em conformidade com a multiformidade inerente ao *épos* arcaico, a situação ou ação de *lókhos* tanto pode figurar no texto épico de forma bastante sintética, a exemplo da frechada sorrateira de Páris contra o distraído Diomedes em XI, 369-79, como pode ser desenvolvida de modo extenso e tomar a forma de um longo episódio, tal como a tocaia de Menelau contra Proteu (iv, 351-463) e mesmo a *mnēstērophonía* ou matança dos pretendentes (cuja preparação e execução ocupa boa parte da segunda metade da *Odisseia*).[85] Contudo, seja o ato de *lókhos* apresentado apenas como um "*unespected, tricky attack*" (tal como aquele de Paris), seja como um episódio extenso, ele tende a comportar (ainda que de forma variável e, por vezes, implícita) um conjunto mais ou menos homogêneo de características e elementos que, em uma hipotética forma plena, podem ser organizados segundo o seguinte esquema narrativo:[86]

a) Planejamento: etapa que engloba a seleção do grupo de participantes (geralmente qualificados como *áristoi*) e de seus líderes (em geral dois) e a escolha ou caracterização do cenário adequado para o ato de *lókhos* (muitas vezes um lugar isolado, que favoreça o ataque furtivo);[87]

b) Ocultação: a representação dos participantes no ato de tocaia em si (*e. g.,* agachados ou deitados na vegetação junto a uma estrada ou sob as muralhas de uma cidade), à espera do momento certo para o ataque (por vezes, com a ajuda de *skópoi*, espias) e experimentando toda a pressão física e psicológica que acompanha tal ação;

c) Ataque: exposição da investida surpresa dos emboscadores (em geral representada como um rápido movimento para fora do esconderijo e em direção aos alvos), da consequente situação de despreparo das vítimas (que muitas vezes estão envolvidas em alguma atividade pacífica ou simplesmente dormem) e do resultado final da ação (por vezes, uma única e excepcional vítima derrota um grande número de emboscadores).

---

[85] Cf. Edwards (1985, p. 20, 35-38). Em relação ao ataque de Paris contra Diomedes, vale notar que o líder troiano prepara e efetua seu disparo ocultando-se atrás da estela funerária de Ilo, local que é referido na sequência como (posto de) tocaia (cf. ἐκ λόχου ἀμπήδησε, v. 379). Para uma rápida análise dos laços temáticos entre o emprego sorrateiro do arco e os *lókhoi*, cf. Dué e Ebbott (2010, p. 57-62).

[86] Cf. Edwards (1985, p. 20, para a citação, e p. 20-24 e 35-8, para a sequência). Para a proposição de uma estrutura tradicional ligeiramente diferente, cf. Dué e Ebbot (2010, p. 69-80).

[87] Ou, como sintetiza Edwards (1985, p. 23): *"the λόχος requires planning and preparation in order to control space, time, and the element of surprise to the maximum advantage of the ambushers*".

Naturalmente, cada uma das características e elementos elencados acima implicou, do ponto de vista diacrônico, no desenvolvimento de uma dicção e procedimentos narrativos típicos que, conforme a especificidade de cada situação ou multiforma do *lókhos*, podiam ser empregados por extenso, figurarem de forma bastante sintética ou até mesmo serem em grande parte suprimidos. De qualquer modo, a simples ocorrência, em um determinado passo, de vários elementos associados ao padrão narrativo exposto *supra* seria suficiente para indicar ao público que a estrutura tradicional da tocaia ou emboscada está em operação, mesmo que os termos *lókhos* e *lokháō* não estejam presentes. Nessa direção, Edwards lista a expedição de espionagem noturna de Odisseu e Diomedes no acampamento troiano (a famosa *dolonia*), a infiltração clandestina do herói itacense em Troia (a *ptocheía*, relatada por Helena em iv, 235-264), o ardil montado por Hefesto para capturar e ridicularizar os amantes Ares e Afrodite (viii, 266-364) e, por fim, a aventura de Odisseu e seus camaradas junto ao ciclope Polifemo (a *ciclopia*, em ix, 105-566) — além da já mencionada *mnēstērophonía* — como eventos que comportam os motivos e a estrutura de uma emboscada/tocaia, mas não apresentam os termos *lókhos* e *lokháō*.[88]

Na medida em que incorpora (com algumas alterações) o quadro exposto acima e explora detidamente elementos e argumentação apenas mencionados por Edwards, o segundo estudo a ser comentado, de autoria de Casey Dué e Mary Ebbott (2010), pode ser caracterizado como uma ampliação do primeiro. De fato, enquanto Edwards (com o objetivo claro de produzir um desenho inicial da estrutura em questão) opta por privilegiar situações e eventos identificados nominalmente como *lókhoi*, Dué e Ebbott tomam como fio condutor da sua investigação a *dolonia*, sob a alegação de que este episódio constitui a mais extensa multiforma conhecida do tema do *lókhos* na tradição épica arcaica.[89]

Para essas autoras (*op. cit.*, p. 32-33, 34-35, 80-87), defensoras de uma aplicação mais ousada dos referênciais teóricos oralistas, o aspecto polimórfico da *dolonia* — episódio que combina duas missões paralelas de reconhecimento/espionagem (da parte de Odisseu e Diomedes contra os troianos e de Dolão contra os aqueus), uma emboscada (de Odisseu e Diomedes contra Dolão), uma investida sorrateira ou razia em campo inimigo e um roubo incidental de cavalos — ilustraria bem o funcionamento daquilo que elas entendem como um "tema abrangente do combate alternativo" ("*overarching theme of alternative warfare", op. cit.,* p. 86) que teria no ato específico de tocaia (*lókhos*) a sua atividade mais representativa,

[88] Cf. Edwards (1985, p. 20, n. 11 e 37-8)

[89] Cf. Dué e Ebott (2010, p. 10, 29 e 34).

mas englobaria também outros tipos de combate não convencional ("*irregular or guerrilla warfare"*), dentre os quais a razia ou o roubo de gado.

Além disso, o mesmo episódio também apresenta um elemento que, apesar de praticamente negligenciado por Edwards em seu estudo, é apontado por Dué e Ebbott (2010, p. 32) como uma característica-chave ("*key characteristic"*) dos atos e situações que elas agrupam sob o rótulo geral de *lókhos*, a saber: um cenário noturno. Com efeito, à semelhança do que ocorre na *dolonia*, a noite parece figurar como o período oportuno para a execução de atos furtivos em vários *lókhoi* atestados no *épos* arcaico, já que ela tanto favorece o ocultamento e a dissimulação necessários aos perpetradores como costuma ser o momento no qual a vigilância das vítimas, ao ser vencida pelo sono, fraqueja.[90]

Segundo essas duas comentadoras (*op. cit.,* p. 34-87 *passim*), tais argumentos encontrariam suporte adicional no episódio da captura de Licaão por Aquiles (XXI, 34-135), na *ciclopia* (na qual parte decisiva da ação acontece no ambiente duplamente sombrio da noite e do antro de Polifemo), nas tocaias fictícias narradas pelo mendigo cretense/Odisseu para Atena e Eumeu (xiii, 250-86 e xiv, 459-506), na tocaia de Menelau contra Proteu (que ocorre durante o dia, mas contra uma vítima adormecida), no ataque sorrateiro de Crono contra Urano (*Teog*., 154-210, cf. v. 176: ἦλθε δὲ <u>νύκτ' ἐπάγων</u> μέγας Οὐρανός) e no saque de Troia como consequência do embuste do cavalo de madeira (cf. viii, 483-521 e, para a ambientação noturna, *Iliàs Mikrá,* arg. 5 e frag. 14 West e *Ilíou Pérsis, arg 1-2*). A essa listagem poderiam ser acrescentados ainda o hipotético ataque surpresa contra Troia imaginado por Heitor (VIII, 497-522, passo que compartilha vários elementos com a tocaia representada no escudo de Aquiles) e dois eventos para os quais a atestação de um cenário noturno (na épica arcaica) depende das hipóteses modernas de reconstrução dos poemas do ciclo, a saber: a emboscada de Odisseu contra Heleno no Ida (*Iliàs Mikrá*, arg. 2, cf. West, 2013, p. 166-169 e 179-80) e o episódio noturno do furto do Paládio (*Iliàs Mikrá*, arg. 4, cf. West, *op. cit.,*199-203 e Gantz, 1999, p. 641-43).[91]

Ainda segundo Dué e Ebbott (*op. cit.*, p. 50-62), a mesma predileção pelo cenário noturno também explicaria porque os protagonistas de alguns dos *lókhoi* são representados empregando vestuário e armamento inusitados ou pouco comuns na peleja iliádica ordinária,

---

[90] Cf. Dué e Ebbott (2010, p. 34-87 *passim*).

[91] Quanto à tocaia marítima dos pretendentes contra Telêmaco, a evidência disponível em xvi, 363-69 mostra que ela é um empreendimento noturno e diurno, apesar do que afirmam Dué e Ebbott (*op. cit.*, p. 76).

mas adequados para a ação furtiva e/ou noturna, tais como apetrechos feitos de peles de animais (que, ao contrário das armaduras e elmos metálicos, não refletem luz) e o arco.[92]

Por fim, convém mencionar ainda um último traço dos *lókhoi* apontado por Dué e Ebbott. Trata-se do fato de tais empreendimentos furtivos serem frequentemente apresentados como um tipo de recurso alternativo ou, mesmo, extremo, como um modo de lidar com uma situação desesperadora ou de vencer um inimigo que não pôde (ou não pode) ser batido de forma direta e aberta.[93] Acerca dessa questão, um exemplo particularmente instrutivo pode ser encontrado no estratagema do cavalo de madeira, uma côncava tocaia (*koîlos lókhos*, iv, 277 e viii, 515) que acaba por garantir a queda de Troia após nove anos de combates infrutíferos. A bem da verdade, essa propriedade antiaporética não seria uma exclusividade dos *lókhoi*, mas constituiria um traço comum de qualquer empreendimento efetuado sob o signo da *mêtis* ou de outras qualidades/capacidades a ela relacionadas, como afirmam reiteradamente Detienne e Vernant em um estudo clássico.[94]

Na qualidade de *lókhos*, portanto, o ataque ardiloso contra pastores e rebanhos representado na écfrase do escudo de Aquiles comporta várias das características e elementos mencionados *supra,* tais como: a ênfase na natureza furtiva da empreitada (já evidenciada pelo emprego do hápax *hypothōrḗssomai*, no v. 513, para indicar uma preparação velada); o destaque dado à seleção do local adequado para a ação; a representação da ocultação, da espreita atenta (efetuada com o auxílio de espias), da espera pelo instante certo e da investida súbita; e, por fim, o realce dado à situação de despreparo das surpreendidas vítimas. Além disso, também o contexto gerador desse ataque parece se adequar bem à descrição proposta por Dué e Ebbott para as circunstâncias motivadoras dos *lókhoi*, pois tal empreendimento furtivo pode ser interpretado como uma estratégia alternativa dos habitantes da cidade sitiada para enfraquecer seus atacantes e, assim, escapar da aporia imposta pelo cerco.

---

[92] Tal dado, o emprego de armamento leve como consequência de uma ambientação noturna, é mais uma evidência de como a descrição fornecida por essas autoras para o modo de operação do *lókhos* (e para a sua contraposição ao *pólemos*) parece retomar, em detalhes, o esquema proposto por Vidal-Naquet para a oposição entre combate furtivo e enfrentamento aberto. Curiosamente, Vidal-Naquet não é citado por Dué e Ebbott, mas apenas por Edwards (1985, p. 21, n. 13).

[93] Cf. Dué e Ebbott (2010, p. 61 e 70-1) e o posicionamento titubeante perceptível em Edwards (1985, p. 23 e 39-40).

[94] Cf. Detienne e Vernant (2008 [1974], p. 19-20, 31-54, 58.

Por outro lado, é preciso ressaltar também que o referido episódio apresenta algumas características que desafiam os esquemas expostos acima. Em primeiro lugar, nada indica aqui que o ataque contra os rebanhos seja concebido como uma ação noturna. A bem da verdade, as referências ao armamento convencional (cf. εἰλυμένοι αἴθοπι χαλκῷ, v. 523) e ao fato de os animais ainda estarem a pastar, e não recolhidos em um cercado ou abrigo para a noite, sugerem antes um cenário diurno.[95] Na mesma direção, a existência de outros *lókhoi* nos quais não há indicação explícita acerca do momento do ataque (o que pode não ser tão significativo, dada a natureza sintética das narrativas) ou nos quais a ação pode ser caracterizada como diurna permite relativizar a alegada centralidade da noite para essa forma de enfrentamento. Entre os integrantes do primeiro grupo, constam eventos como a armadilha que garante a vitória de Licurgo sobre Areíto (narrada por Nestor em VII, 123-161) e as emboscadas dos cinquenta cádmios contra Tideu (IV, 370-400) e da elite dos lícios contra Belerofonte (VI, 187-190). Quanto ao segundo, é possível citar o ardil de Hefesto contra Ares e Afrodite — cuja ambientação diurna é evidenciada pelo fato de ser o próprio Hélio quem desempenha o papel de espia para o deus coxo (cf. viii, 300-2) — e o episódio da *ptocheía* (que, além daquela da *Odisseia*, também integraria a narrativa da *Iliàs Mikrá,* cf. arg. 4), no qual o detalhe referente ao disfarce de Odisseu como mendigo pode indicar uma infiltração diurna na *pólis* troiana.[96]

Além disso, o exame atento desse episódio também evidencia as limitações de uma abordagem baseada exclusivamente em oposições polares. Com efeito, se a investida dos sitiados desponta como um ato praticado sob a influência da *mêtis* e, portanto, planejado para

---

[95] Para a prática de recolher as reses em um redil ou abrigo para a noite, conferir *e.g.*: X, 183-88 (símile: sentinelas do campo aqueu comparadas a pastores e cães que protegem as reses recolhidas em um cercado, *aulḗ*, do ataque noturno de uma fera); XI, 544-557 e XVII, 657-67 (símiles: cães e pastores repelem o ataque noturno de um leão a um estábulo, *messaúlios*, de bois); ix, 306-315, 336-49, 436-452 (Polifemo apascenta seus animais durante o dia e os recolhe no interior de seu antro e no redil junto à entrada do mesmo ao anoitecer); *H. H. à Afrodite*, 168-171 (símile/indicação temporal: ao fim do dia, pastores recolhem bois e ovelhas do pasto para o abrigo, *aûlis*). Conferir ainda as observações de Isager e Skydsgaard (1992, p. 97-98) e de Tandy (*s.v.* Livestock. In: Finkelberg, 2011, p. 486).

[96] Conferir, contudo, a discussão em West, *op. cit.*, p. 167-9 e 195-99 e Gantz, *op. cit.,* p. 641-43. Quanto à composição do grupo de emboscadores, que não condiz com a seletividade proposta para atos furtivos, conferir p. 82-3, *supra*. Ressalte-se, ainda, que também não há qualquer traço que autorize postular uma cisão entre jovens *versus* adultos no interior desse grupo e supor que os primeiros *"participent à l'aguet plutôt qu'à la bataille [rangée], et que cela paraissait si évident au poète qu'il n'éprouvait pas le besoin de préciser davantage"*, como quer Vidal-Naquet (2009, p. 227).

surpreender um adversário (em geral mais poderoso) ao atacá-lo dolosamente no momento ou conjuntura em que ele está mais vulnerável (no caso em questão, quando os rebanhos dos sitiantes pastam praticamente desprotegidos), nem por isso ela deixa de ser também um ato de *bíē,* de força. Ora, no contexto maior do confronto entre sitiantes e sitiados, a *bíē* dos últimos, longe de estar excluída da ação, é antes potencializada por meio do estratagema astucioso que eles empregam e que eventualmente poderia lhes permitir virar o jogo contra seus inimigos.[97] Nessa direção, uma formulação precisa é fornecida por Werner (2004, p. 36) quando, ao comentar a clássica descrição de Detienne e Vernant (2008 [1974], p. 17-30) acerca das características da *mêtis,* pondera:

> Quero acrescentar, porém, que, embora astúcia e força se oponham no imaginário, isso não significa que um mesmo agente não possa fazer uso de ambas ao longo de uma ação. O que importa é que ou força ou astúcia podem ser decisivas dadas as contingencias de uma determinada ação (...).

Tal situação, que indicaria não uma oposição radical, mas sim uma certa complementariedade entre *mêtis* e *bíē* (variável, é claro, conforme as contingências dos atos representados, e já indicada pela menção conjunta a Ares e Atena), também pode ser verificada em outros *lókhoi* atestados no *épos* arcaico, a exemplo da tocaia de Menelau contra Proteu (iv, 351-463).[98] Nesse episódio, conforme o plano elaborado por Eidotea (*boulḗ*, v. 462), Menelau e seus sócios devem, disfarçados sob peles de focas, espreitar Proteu até que ele adormeça entre seus animais, "como pastor no rebanho de ovelhas" (νομεὺς ὣς πώεσι μήλων, v. 413). Em seguida, fazendo uso do vigor e da força (cf. "καὶ τότ' ἔπειθ' ὕμιν μελέτω κάρτος τε βίη τε", v. 415), devem lançar-se sobre ele e contê-lo até que ele pare de se metamorfosear e os inquira, momento no qual devem cessar a força e soltar o ancião (καὶ τότε δὴ σχέσθαι τε βίης λῦσαί τε γέροντα, v. 422).

---

[97] Para a emboscada representada no escudo como um modo dos sitiantes aumentarem a sua força por meio da astúcia, cf. Mueller (2009, p. 76).

[98] Vale conferir também os comentários de Werner acerca da complementariedade entre *mêtis* e *bíē* na *dolonia* (*op. cit.,* p. 66) e, especialmente, acerca da relação entre essas suas faculdades nos *lókhoi* narrados no segundo e no terceiro canto de Demódoco (*op. cit.,* p. 77, grifo meu), cito: "(...) a tática do cavalo de pau tambem exige que a força dos guerreiros prevaleça após sairem do cavalo, embora sua tarefa seja facilitada pelo fato do ataque ser de surpresa e à noite. Já a armadilha de Hefesto é eficaz graças, unicamente, à habilidade técnica do deus, que consegue [, no entanto,] criar laços que, mesmo contra o deus da guerra, são *kráteroi* (fortes, viii, 336)".

Essa mesma combinação entre *mêtis* e *bíē* na forma de um ato de espreita seguido por uma investida brusca e violenta transparece ainda em uma brevíssima referencia do *Scutum* hesiódico à origem da hostilidade de Apolo para com Cicno, o opositor de Héracles no poema. Segundo o poeta do *Scutum* (v. 479-80), após ter sido vencido por Héracles e recebido os devidos ritos funerários, Cicno tivera seu túmulo encoberto pelo rio Anauro a mando de Apolo, pois esse filho de Ares, "espiando, costumava espoliar, por meio da força, quem quer que trouxesse para Pito / esplêndidas hecatombes".[99] Vale ressaltar que, nesse último passo, a natureza dolosa da espreita efetuada por Cicno é ressaltada por meio do emprego do verbo *dokeúō*. Trata-se aqui, como apontam Detienne e Vernant (2008 [1974], p. 2, 34-36, *passim*), de um termo geralmente associado, no universo cultural grego, ao estado de premeditação vigilante típico do comportamento de seres dotados de *mêtis*, sendo, por exemplo, empregado, na *Teogonia*, para indicar a vigília atenta por meio da qual Crono tenta impedir o surgimento de um possível sucessor (v. 463-7) e a espreita que integra o expediente malicioso (*tekhnḕn ...kakḗn*, v. 770) do cão Cérbero, que festeja aqueles que ingressam no Hades, "mas depois não (os) permite sair, pois, espiando / come quem ele pegar se dirigindo para fora dos portões".[100]

Retornando agora ao eixo principal de nossa investigação, é possível afirmar, uma vez observadas as ponderações feitas logo acima e aquelas indicadas ao final da seção anterior (*supra,* p. 76-8), que o modelo do enfrentamento furtivo proposto inicialmente por Vidal-Naquet para um largo conjunto de fenômenos do universo cultural grego e posteriormente retomado e reformulado, naquilo que concerce ao *épos* arcaico e sob a forma do tema do *lókhos*, por A. T. Edwards e por C. Dué e M. Ebbott proporciona uma descrição bastante razoável das características tradicionais do ato de razia de gado nos episódios analisados.

De fato, se a pertinência desse modelo para a investida contra pastores e rebanhos representada no escudo de Aquiles (um *lókhos* nominal e detalhado) é inquestionável, a sua validade mesmo para eventos apresentados de forma sintética, como a *boēlasía* de Nestor e os sumaríssimos atos de razia de gado atribuídos a Aquiles, também pode ser comprovada com base nos elementos (já comentados) que apontam para a natureza furtiva da ação, como a presença de um cenário isolado e/ou noturno, o destaque dado à situação de surpresa e despreparo das vítimas por meio da indicação da sua atividade pacífica ou a simples

---

[99] "(...) ὅτι ῥα κλειτὰς ἑκατόμβας / ὅστις ἄγοι Πυθοῖδε βίῃ σύλασκε δοκεύων", *Scutum*, 479-80.

[100] "ἐξελθεῖν δ' οὐκ αὖτις ἐᾷ πάλιν, ἀλλὰ δοκεύων / ἐσθίει, ὅν κε λάβῃσι πυλέων ἔκτοσθεν ἰόντα", *Teogonia*, 772-3.

justaposição do evento como um todo a uma situação contrastante de enfrentamento convencional nas cercanias de uma *pólis*. Vistos dessa forma, tais episódios poderiam ser descritos como uma modalidade abreviada dos *lókhoi,* desenvolvida sob a forma apenas de um "*unespected, tricky attack*", à semelhança do que defende Edwards a propósito da frechada sorrateira de Páris contra Diomedes (XI, 369-79).[101]

Tal hipótese, que permitiria reforçar as sugestões de Dué e Ebbott acerca da ligação estreita entre atos de *boēlasía* e *lókhoi*, encontra suporte adicional no exame das consequências de um fato até então apenas mencionado aqui. Trata-se da sobreposição de dicção entre os episódios de razia de gado analisados, outras situações de *lókhoi* e/ou *boēlasía* e um conjunto complexo de contextos relativos a gado, com destaque para os símiles que colocam em cena o ataque de feras selvagens contra rebanhos. Ora, longe de ser apenas o resultado mecânico (e, portanto, destituído de significado específico) da economia formular típica do processo de composição oral, essa sobreposição pode ser interpretada como um indício de que todos esses passos, na medida em que compartilham de uma mesma linguagem tradicional, também partilhariam (em graus variados) numerosas associações temáticas.[102]

Em relação aos símiles, esses laços temáticos são bastante evidentes. De fato, à semelhança do que ocorre nos eventos de razia de gado, o cenário de grande parte das imagens dos símiles (particularmente na *Ilíada*) é dominado pelo ambiente campestre frequentado pelo pastor e seus rebanhos, seja esse ambiente aquele dos campos de pousio, dos prados e das zonas inundáveis nas proximidades dos cursos d'água (em suma, as terras baixas), seja aquele das colinas, das encostas e, principalmente, do terreno montanhoso e arborizado que compõe a *eskhatiḗ* ou borda, a zona marginal para além das terras cultivadas que constitui a fronteira de uma dada comunidade e que é habitada pelos animais selvagens.[103]

---

[101] Cf. A. T. Edwards (1985, p. 37).

[102] Para os pressupostos teóricos desse raciocínio, basicamente a indissociabilidade entre dicção e temas (ou seja, entre forma e conteúdo) no interior de uma dada tradição de poesia oral, cf. p. 13-14, s*upra*)

[103] Para os episódios de razia de gado, conferir o local do ataque de Nestor (a planície epeia, conforme XI, 677), aquele da razia representada no escudo de Aquiles (a beira de um rio, XVIII, 520-21) e o cenário montanhoso das investidas de Aquiles contra os rebanhos apascentados pelos filhos de Príamo e por Eneias (as escarpas do Ida, cf. XI, 105 e XX, 91-2 e 188-9). Para os símiles, conferir, as passagens reproduzidas a seguir. Acerca da prevalência do ambiente campestre da caça e do pastoreio nos símiles da *Ilíada* (e da sua ocorrência também na écfrase do escudo de Aquiles), cf. Redfield (1994 [1975], p. 186-192) e M. W. Edwards (1991, p. 34-37). Para uma descrição cuidadosa do ambiente rural homérico e dos seus diversos seguimentos (a saber: *pedíon* ou planície*, agrós(oí)* ou campo(s)*, agroû eskhatiḗ* ou extremo do campo e *eskhatiḗ),* cf. Donlan (1989).

Nessas áreas isoladas, os pastores vivem uma existência marginal, tanto em comparação com o cotidiano dos habitantes do núcleo 'urbano' (*ásty* ou *pólis*, no seu sentido mais restrito), como em relação àquele dos ocupantes das pequenas glebas dedicadas à lavoura. Desprovidos de famílias, eles habitam em abrigos transitórios (paradouros ou *stathmoí*) e dormem em cabanas.[104] Além disso, estão sempre perambulando com os rebanhos que lhes foram confiados e ficam, portanto, continuamente sujeitos ao ataque daqueles que desejam a carne de suas reses, sejam esses outros homens ou, no caso dos símiles, feras selvagens, conforme ilustram os exemplos abaixo (XV, 630-638, XVI, 351-356 e XVIII, 573-586):[105]

(630) αὐτὰρ ὅ γ' ὥς τε λέων ὀλοόφρων βουσὶν ἐπελθών,[106]
αἵ ῥά τ' ἐν εἰαμενῇ ἕλεος μεγάλοιο νέμονται
μυρίαι, ἐν δέ τε τῇσι νομεὺς οὔ πω σάφα εἰδὼς
θηρὶ μαχέσσασθαι ἕλικος βοὸς[107] ἀμφὶ φονῇσιν·

[104] Traduzo por 'paradouro' (um regionalismo gaúcho para "lugar onde o gado manso costuma passar a noite", segundo o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0*) o grego *stathmós*, glosado pelo *LSJ* como "*standing-place for animals, farmstead, steading*". Para Mary O. Knox (1971, p. 27-31), *stathmós* (em contexto campestre) designaria a totalidade de uma 'estância' ou 'rancho' dedicado apenas à atividade de pastoreio. Segundo a autora (*op. cit.*, p. 30), um estabelecimento pastoral como esse consistiria em uma cabana, *klisía,* para os pastores (por vezes mais de uma é mencionada, cf. *H. H. a Afrodite,* 69 e 75), em um pátio adjacente, *aulḗ* (também *méssaulos*), no qual os animais eram mantidos soltos ou em recintos, e (algumas vezes) também em uma área de pastagem cercada. Ainda segundo Knox, tais estabelecimentos deveriam ser visualizados como pequenos pontos de abrigo, entre os quais os pastores migrariam conforme as estações e a condição dos pastos.

[105] No caso da terceira passagem, trata-se na verdade não de um símile, mas de uma vinheta da écfrase do escudo de Aquiles — dessa vez integrante da seção dedicada as imagens da lida agrícola sazonal (XVIII, 541-589) — que, no entanto, é idêntica àqueles em tema e linguagem (cf. notas 111 e 112, *infra*). Para Lonsdale (1990, p. 121), o fato de essa vinheta portar várias semelhanças com aquela do ataque sorrateiro contra os rebanhos dos sitiantes (XVII, 509-540) é mais um indício da proximidade entre predação humana e animal ora em discussão. Sobre a marginalidade dos pastores, conferir Redfield (1994 [1975], p. 186-92) e Haubold (2000, p. 17-20), que sugerem também que parte dessa condição deriva do fato de o pastoreio ser em geral representado como uma atividade típica de servos e dependentes (jovens?), mas apenas ocasional para membros das famílias poderosas — que apascentariam, quando moços e talvez na qualidade de supervisores, os rebanhos de seus pais. Acerca desse último ponto, conferir também os comentários de van Wees (1992, p. 49-53) acerca dos processos produtivos e da divisão do trabalho no interior dos *oîkoi* dos *basileîs,* as referências as atividades pastoris de Iso e Antifo, dos irmãos de Andrômaca e de Eneias feitas acima e ainda os seguintes passos: xiii, 221-225 (para os jovens aristocratas) e, para servos e dependentes, XXI, 447-8, xv, 363-70, xx, 185-236 e xvii, 20-1.

[106] Cf. nota 20, *supra*.

[107] Cf. nota 70, *supra*.

ἤτοι ὃ μὲν πρώτῃσι καὶ ὑστατίῃσι βόεσσιν
(635) αἰὲν ὁμοστιχάει, ὃ δέ τ' ἐν μέσσῃσιν ὀρούσας
βοῦν ἔδει, αἳ δέ τε πᾶσαι ὑπέτρεσαν· ὣς τότ' Ἀχαιοὶ
θεσπεσίως ἐφόβηθεν ὑφ' Ἕκτορι καὶ Διὶ πατρὶ
πάντες, ὃ δ' οἶον ἔπεφνε Μυκηναῖον Περιφήτην.

(630) Mas ele (Heitor), qual um leão malévolo ao atacar vacas
que pastam na várzea de um grande pântano,
inúmeras, e, entre elas, está um pastor que ainda não sabe bem
combater uma fera pela carcaça/junto à carcaça de uma vaca de chifres curvos;
este sempre com as primeiras e com as últimas
(635) emparelha o passo, mas a fera, após lançar-se entre as do meio,
devora uma vaca, enquanto as outras todas fogem apavoradas — assim os aqueus
foram afugentados de modo indizível por Heitor e por Zeus pai,
todos eles, mas Heitor matou apenas Perifetes de Micenas.

(351) ὡς δὲ λύκοι <u>ἄρνεσσιν ἐπέχραον ἢ ἐρίφοισι</u>[108]
σίνται ὑπ' ἐκ μήλων αἱρεύμενοι, αἵ τ' ἐν ὄρεσσι
ποιμένος ἀφραδίῃσι διέτμαγεν· οἳ δὲ ἰδόντες
αἶψα διαρπάζουσιν ἀνάλκιδα θυμὸν ἐχούσας·
(355) ὣς Δαναοὶ Τρώεσσιν ἐπέχραον· οἳ δὲ φόβοιο
δυσκελάδου μνήσαντο, λάθοντο δὲ θούριδος ἀλκῆς.

(351) E tal como a anhos e cabritos lobos atacam,
vorazes, que arrebatam dos rebanhos as reses que, nos montes,
devido a estultícia do pastor, se dispersaram; e os lobos, ao perceberem,
rapidamente as despedaçam já que elas têm um ânimo débil —
(355) assim os dânaos atacavam os troianos, mas estes para a fuga
de triste clamor voltaram as mentes e esqueceram-se da coragem impetuosa.

---

[108] **ἄρνεσσιν ἐπέχραον ἢ ἐρίφοισι** (depois de A1, v. 352): XXIV, 262 (τοὺς μὲν ἀπώλεσ' Ἄρης, τὰ δ' ἐλέγχεα πάντα λέλειπται,/ ψεῦσταί τ' ὀρχησταί τε χοροιτυπίῃσιν ἄριστοι, / <u>ἀρνῶν ἠδ' ἐρίφων</u> ἐπιδήμιοι ἁρπακτῆρες, depois de B1, Príamo chora a morte de Heitor e incidentalmente de outros filhos no combate e vitupera os sobreviventes, chamando-os de mentirosos, dançarinos, peritos em coro e rapinadores de cordeiros e cabritos do próprio povo); ix, 220 (ἀρνῶν ἠδ' ἐρίφων, Odisseu descreve animais no covil do ciclope); xvii, 242 (ἀρνῶν ἠδ' ἐρίφων, em uma prece, Eumeu relembra sacrifícios de Odisseu a ninfas); xix, 398 (ἀρνῶν ἠδ' ἐρίφων, animais sacrificados por Autólico a Hermes); ix, 226 (ἐρίφους τε καὶ ἄρνας, depois de C1, companheiros de Odisseu sugerem roubo dos animais do ciclope).

(573) ἐν δ᾽ ἀγέλην ποίησε βοῶν ὀρθοκραιράων.[109]
αἳ δὲ βόες χρυσοῖο τετεύχατο κασσιτέρου τε,
(575) μυκηθμῷ[110] δ᾽ ἀπὸ κόπρου ἐπεσσεύοντο νομόνδε
πὰρ ποταμὸν κελάδοντα, παρὰ ῥοδανὸν δονακῆα.
χρύσειοι δὲ νομῆες ἅμ᾽ ἐστιχόωντο βόεσσι
τέσσαρες, ἐννέα δέ σφι κύνες πόδας ἀργοὶ ἕποντο.
σμερδαλέω δὲ λέοντε δύ᾽[111] ἐν πρώτῃσι βόεσσι
(580) ταῦρον ἐρύγμηλον ἐχέτην· ὃ δὲ μακρὰ μεμυκὼς
ἕλκετο· τὸν δὲ κύνες μετεκίαθον ἠδ᾽ αἰζηοί.
τὼ μὲν ἀναρρήξαντε βοὸς μεγάλοιο βοείην
ἔγκατα καὶ μέλαν αἷμα λαφύσσετον·[112] οἱ δὲ νομῆες
αὖτως ἐνδίεσαν ταχέας κύνας ὀτρύνοντες.
(585) οἳ δ᾽ ἤτοι δακέειν μὲν ἀπετρωπῶντο λεόντων,
ἱστάμενοι δὲ μάλ᾽ ἐγγὺς ὑλάκτεον ἔκ τ᾽ ἀλέοντο.

(573) E nele fez um rebanho de bois de chifres direitos.
As vacas foram feitas de ouro e estanho.
(575) Com mugidos, elas se apressavam do estábulo para o pasto,
ao longo de um rio ruidoso, ao longo de um caniçal balançante.
Vaqueiros áureos seguiam em fila junto com os bois,
quatro, e nove cães de rápidos pés os acompanhavam.
Mas dois leões assustadores, entre as primeiras vacas,
(580) capturavam um touro de sonoro mugido. Este, com grandes mugidos,

---

[109] **βοῶν ὀρθοκραιράων** (v. 573): VIII, 231* (ἔσθοντες κρέα πολλὰ βοῶν ὀρθοκραιράων, Agamenão chama suas tropas a ação por meio da lembrança do oferecimento de um banquete em Lemnos); xii, 348* (εἰ δὲ χολωσάμενός τι βοῶν ὀρθοκραιράων, Eurímaco convence seus camaradas a sacrificarem as vacas do sol); *H. H. Hermes*, 220* (ἴχνια μὲν τάδε γ' ἐστὶ βοῶν ὀρθοκραιράων, Apolo, a procura de suas vacas roubadas, descobre os estranhos rastros deixados pela ação de Hermes).

[110] **μυκηθμῷ** (v. 575): xii, 265* (μυκηθμοῦ τ' ἤκουσα βοῶν αὐλιζομενάων / οἰῶν τε βληχήν, ao se aproximar de Trinácia, Odisseu escuta os mugidos das reses de Hélio).

[111] **λέοντε δύ(ω)** (v. 579): V, 554* (οἴω τώ γε λέοντε δύω ὄρεος κορυφῇσιν /ἐτραφέτην, símile: dupla de leões monteses devasta os paradouros dos homens, arrebatando bois e ovelhas, até ser morta); X, 297* (βάν ῥ' ἴμεν ὥς τε λέοντε δύω διὰ νύκτα μέλαιναν, símile curto: Diomedes e Odisseu, ao partirem para sua missão de espionagem noturna, são comparados a uma dupla de leões que caçam à noite): *Scutum*, 402* (ὡς δὲ λέοντε δύω ἀμφὶ κταμένης ἐλάφοιο, símile: dois leões disputam um cervo morto).

[112] **ἔγκατα καὶ μέλαν αἷμα λαφύσσετον** (v. 583): XI, 176 (πρῶτον, ἔπειτα δέ θ' αἷμα καὶ ἔγκατα πάντα λαφύσσει, símile: leão, em um ataque noturno, afugenta um rebanho e devora uma rês); XVII, 64 (πρῶτον, ἔπειτα δέ θ' αἷμα καὶ ἔγκατα πάντα λαφύσσει, símile: pastores e cães não conseguem impedir que um leão devore a melhor rês do rebanho).

era arrastado, enquanto os cães lançavam-se atrás e também os homens robustos.
Os leões então, após rasgarem o couro do grande boi,
as entranhas e o negro sangue começaram a devorar. Mas os boieiros
em vão os perseguiam, instigando os rápidos cães.
(585) Estes esquivavam-se de morder os leões,
mas, parando bem perto, latiam e se arredavam.

De modo bastante sugestivo para nossa investigação, essa convergência entre as situações de *boēlasía* e as cenas de agressão de feras contra gado presentes nos símiles vai além do mero compartilhamento de um mesmo ambiente campestre e marginal, mas parece abarcar também elementos relativos às circunstâncias da ação e ao modo de operação dos predadores. Assim, de forma semelhante ao que ocorre no evento de *lókhos/boēlasía* representado no escudo de Aquiles, nos símiles citados acima os predadores surpreendem os rebanhos em um contexto provavelmente diurno, enquanto eles se encontram a pastar, e sob a guarda de pastores (e cães) ineficientes, desatentos ou, simplesmente, débeis em comparação com as feras. Ademais, o fato de o leão do primeiro símile burlar a vigilância do pastor ao atacar as reses do meio e de os lobos do segundo, após um ato de observação (cf. ἰδόντες, v. 352), escolherem como vítimas justamente os animais tresmalhados sugere um movimento de espreita seguida por uma investida brusca e violenta, conforme já apontado a propósito da referida vinheta do escudo, da emboscada de Menelau contra Proteu (também um ataque contra um pastor), dos atos de razia de gado de Cícno e mesmo do procedimento malicioso do cão Cérbero.[113]

Também a alta incidência da ambientação noturna nas imagens dos símiles contribui para reforçar a tese da existência de uma proximidade entre a representação da predação animal veiculada neles e aquela da predação humana presente nos episódios de roubo ou razia de gado (entendidos aqui como um tipo de *lókhos*). De fato, em onze dos cerca de vinte e dois símiles longos da *Ilíada* e da *Odisseia* que põem em cena o ataque de feras contra gado essa

[113] Cf. também Lonsdale (1990, p. 45), para quem a ausência de referências ao rugido dos leões em Homero poderia ser interpretada como parte de uma representação desse animal como "*a stealthy creature".* Já para Schapp-Gourbeillon (1981, p. 41 e 50-52) haveria um contraste entre o modo de operação dos leões ("*sans ... ruse ou ... duplicité, même dans le cas de ataques de nuit*") e dos lobos ("*vol rusé*") nos símiles, e não uma semelhança como defendido acima. Para a representação da ineficiência dos pastores nas situações de razia de gado já analisadas, basta lembrar que os filhos de Eecião, Itimoneu e os *mēlobotêres* distraídos do episódio do escudo são mortos; que Iso e Antifo são capturados, assim como trezentos pastores dos rebanhos epeios; e, por fim, que Eneias e os *agroiôtai* que acompanhavam Itimoneu fogem.

ambientação noturna é verificável, quer por meio de uma menção explícita, quer mediante a referência ao recinto (*aulḗ*, *méssaulos* ou *pykinòs dómos*) ou ao paradouro (*stathmós*) no qual as reses estão confinadas durante a noite, conforme pode ser conferido nos trechos abaixo (V, 135-43, XI, 548-57 e XV, 323-7):[114]

(323) οἳ δ' ὥς τ' ἠὲ βοῶν ἀγέλην[115] ἢ πῶυ μέγ' οἰῶν[116]
θῆρε δύω κλονέουσι, μελαίνης νυκτὸς ἀμολγῷ[117]
(325) ἐλθόντ' ἐξαπίνης σημάντορος οὐ παρεόντος,
ὣς ἐφόβηθεν Ἀχαιοὶ ἀνάλκιδες· ἐν γὰρ Ἀπόλλων
ἧκε φόβον, Τρωσὶν δὲ καὶ Ἕκτορι κῦδος ὄπαζεν.

(323) E tal como a um rebanho de bois ou a um grande rebanho de ovelhas

---

[114] Para o predomínio (mas não exclusividade) da ambientação noturna em contextos de *lókhoi*, cf. p. 86-9 *supra*. Para uma listagem dos símiles que veiculam o ataque de animais selvagens a gado, conferir os seis passos citados acima e a seguir, XVI, 751-4 e as demais passagens listadas por Lonsdale (1990, p. 143) sob a rubrica *marauding lion similes*, a saber: V,161-62; V, 554-58; X, 183-86; X, 485-86; X, 172-78; XXI, 172-76; XII, 299-306; XV, 586-88; XVI, 487-89; XVII, 61-69; XVII, 109-12 e 657-64; XX, 164-73; XXIV, 41-43; vi, 130-34; e xxii, 402-405.

[115] Cf. nota 43, *supra*.

[116] Cf. nota 50, *supra*.

[117] **μελαίνης νυκτὸς ἀμολγῷ** (após B2, v. 324): *H. H. Hermes*, 67* (ὁ δ' ἄρα κρειῶν ἐρατίζων / ἆλτο κατὰ σκοπιὴν εὐώδεος ἐκ μεγάροιο, / ὁρμαίνων δόλον αἰπὺν ἐνὶ φρεσὶν οἷά τε φῶτες / φηληταὶ διέπουσι μελαίνης νυκτὸς ἐν ὥρῃ, cedendo ao seu desejo por carne, Hermes se prepara para roubar dolosamente as vacas de Apolo e é comparado, pelo poeta, a um ladrão noturno), 290* (ἐκ λίκνου κατάβαινε μελαίνης νυκτὸς ἑταῖρε. / τοῦτο γὰρ οὖν καὶ ἔπειτα μετ' ἀθανάτοις γέρας ἕξεις· / ἀρχὸς φηλητέων κεκλήσεαι ἤματα πάντα, durante o primero enfrentamento entre os irmãos, Apolo caracteriza Hermes como companheiro da noite negra e líder dos ladrões) e 358* (ἐν λίκνῳ κατέκειτο μελαίνῃ νυκτὶ ἐοικὼς / ἄντρῳ ἐν ἠερόεντι κατὰ ζόφον (..), ao narrar o roubo de suas vacas para Zeus, Apolo destaca a natureza dissimulada de Hermes que, após completar o furto, fingia dormir em seu berço); XI, 173* (οἳ δ' ἔτι κὰμ μέσσον πεδίον φοβέοντο βόες ὥς, / ἅς τε λέων ἐφόβησε μολὼν ἐν νυκτὸς ἀμολγῷ, símile: leão, em ataque noturno, afugenta uma boiada e devora uma rés), XXII, 28* e 317 (símiles: Aquiles comparado à estrela Sírio); iv, 481* (ὥς οἱ ἐναργὲς ὄνειρον ἐπέσσυτο νυκτὸς ἀμολγῷ, na mesma noite em que os pretendentes partem para emboscar Telêmaco, Penélope recebe a visita de um sonho apaziguante enviado por Atena); *H. H. a Hermes*, 7 = *H. H. Hermes* (18), 7 (... ἔνθα Κρονίων / νύμφῃ ἐϋπλοκάμῳ μισγέσκετο νυκτὸς ἀμολγῷ, / ὄφρα/εὖτε κατὰ γλυκὺς ὕπνος ἔχοι λευκώλενον Ἥρην, descrição da natureza secreta e noturna da concepção de Hermes, o que aponta para a furtividade característica do próprio deus). Acerca do sentido, bastante controverso, da expressão (*en*) *nyktòs amolgôi,* cf. LSJ (*s.v.*ἀμολγός), Chantraine (1999 [1968-80]*, s.v.* ἀμέλγω) e Vergados (2013, *ad. v.* 7). A tradução por 'na calada da noite' acima, segue aquela de Ordep Serra (2006, *ad loc.*).

duas feras alvoraçam na calada da noite negra,
(325) surgindo subitamente, quando o pastor não está presente,
assim os débeis aqueus foram afugentados, pois Apolo neles
provocou a fuga e concedia a vantagem a Heitor e aos troianos

(548) ὡς δ' αἴθωνα λέοντα βοῶν ἀπὸ μεσσαύλοιο
ἐσσεύαντο κύνες τε καὶ ἀνέρες ἀγροιῶται,[118]
(550) οἵ τέ μιν οὐκ εἰῶσι βοῶν ἐκ πῖαρ ἑλέσθαι
πάννυχοι ἐγρήσσοντες· ὃ δὲ κρειῶν ἐρατίζων[119]
ἰθύει, ἀλλ' οὔ τι πρήσσει· θαμέες γὰρ ἄκοντες
ἀντίον ἀΐσσουσι θρασειάων ἀπὸ χειρῶν
καιόμεναί τε δεταί, τάς τε τρεῖ ἐσσύμενός περ·
(555) ἠῶθεν δ' ἀπὸ νόσφιν ἔβη τετιηότι θυμῷ·
ὣς Αἴας τότ' ἀπὸ Τρώων τετιημένος ἦτορ
ἤϊε πόλλ' ἀέκων· περὶ γὰρ δίε νηυσὶν Ἀχαιῶν.

(548) E tal como um fulvo leão, de um cercado de bois,
expulsam cães e homens campônios,
(550) que não o permitem obter a gordura dos bois,
ao velarem por toda a noite; ele, ávido por carne,
ataca, mas nada consegue, pois dardos cerrados
sobre ele avançam, disparados por mãos intrépidas,
e tochas em chamas, que ele teme apesar de impetuoso;
(555) e, na aurora, para longe ele vai, com o coração afligido —
assim Ájax, com o coração afligido, dos troianos
se afastava, muito contrariado, pois temia muito pelas naus dos Aqueus.

(135) καὶ πρίν περ θυμῷ μεμαὼς Τρώεσσι μάχεσθαι·
δὴ τότε μιν τρὶς τόσσον ἕλεν μένος ὥς τε λέοντα
ὅν ῥά τε ποιμὴν ἀγρῷ ἐπ' εἰροπόκοις ὀΐεσσι[120]

---

[118] Cf. nota 40, *supra*.

[119] **κρειῶν ἐρατίζων** (após C1, v. 551= XVII, 660): *H. H. a Hermes*, v. 64* (conferir nota 116, *supra*) e 287* (πολλοὺς δ' ἀγραύλους ἀκαχήσεις μηλοβοτῆρας / οὔρεος ἐν βήσσῃς, ὁπόταν κρειῶν ἐρατίζων / ἀντήσῃς ἀγέλῃσι βοῶν καὶ πώεσι μήλων, Apolo caracteriza Hermes como predador de rebanhos, *supra* p. 35-6).

[120] **ἐπ' εἰροπόκοις ὀΐεσσι** (após B2, v. 137) *H. H. a Hermes,* 288* (ἀντῇς βουκολίοισι καὶ εἰροπόκοις ὀΐεσσιν, verso alternativo ao citado na nota anterior); ix, 443 (... τὸ δὲ νήπιος οὐκ ἐνόησεν, / ὥς οἱ ὑπ' εἰροπόκων ὀΐων στέρνοισι δέδεντο, companheiros de Odisseu escapam de Polifemo atados sob o velo das ovelhas); *Teog.,* 446 (ποίμνας τ' εἰροπόκων ὀίων, Hécate, ao lado de Hermes, como divindade encarregada do aumento ou

χραύσῃ μέν τ' αὐλῆς ὑπεράλμενον οὐδὲ δαμάσσῃ·
τοῦ μέν τε σθένος ὦρσεν, ἔπειτα δέ τ' οὐ προσαμύνει,
(140) ἀλλὰ κατὰ σταθμοὺς δύεται, τὰ δ' ἐρῆμα φοβεῖται·
αἳ μέν τ' ἀγχιστῖναι ἐπ' ἀλλήλῃσι κέχυνται,
αὐτὰρ ὃ ἐμμεμαὼς βαθέης ἐξάλλεται αὐλῆς·
ὣς μεμαὼς Τρώεσσι μίγη κρατερὸς Διομήδης.

(135) e se antes estava ardoroso no ânimo para lutar com os Troianos,
agora um vigor três vezes maior o arrebatou, como um leão
que um pastor, no campo, velando as ovelhas lanosas,
fere, quando ele salta no aprisco, mas não o subjuga;
o pastor excita-lhe o vigor, mas não socorre as suas ovelhas;
(140) ele escapa ao longo do paradouro, enquanto elas, abandonadas, fogem
e ficam amontoadas, umas sobre as outras, bem juntas;
mas a fera, ardorosa, salta fora do aprisco profundo —
assim ardoroso, o forte Diomedes misturou-se aos Troianos.

Dentre os símiles reproduzidos *supra*, o primeiro se destaca por expressar de forma clara um elemento que costuma ser apenas sugerido nas demais comparações, qual seja: à semelhança do que ocorre na cena de *lókhos/boēlasía* representada no escudo de Aquiles, o ataque das feras selvagens é em geral concebido como um evento súbito e furtivo (cf. ἐλθόντ' ἐξαπίνης, v. 325) que sobressalta pastores e/ou rebanhos. Se as reses já estão recolhidas, como no terceiro símile imediatamente acima, tal evento toma a forma de um salto para fora da escuridão e para dentro do redil (cf. αὐλῆς ὑπεράλμενον, v. 138); por outro lado, se elas ainda se encontram a pastar, como na primeira comparação da serie anterior, ele é representado como um pulo para fora do esconderijo e na direção das vítimas (cf. ἐν μέσσῃσιν ὀρούσας, v. 635).[121]

Em suma, tal como nos episódios de *boēlasía* já analisados, também nos símiles o isolamento geográfico e social dos pastores, somado a sua inépcia marcial, à inclinação para distrações prazeirosas (como a música e o sono) e à consequente falta de vigilância dos mesmos, acaba por permitir que os rebanhos que eles apascentam se tornem alimento para predadores mais fortes ou mais habilidosos. Tal quadro, que corresponde a uma mesma representação das condições e dos perigos da atividade de pastoreio, é traduzido de forma precisa por J. Haubold

diminuição de boiadas, de rebanhos de ovelhas e de vastos rebanhos de cabras); *Erga,* 234 (εἰροπόκοι δ' ὄιες μαλλοῖς καταβεβρίθασι).

[121] Acerca da representação da ação nos símiles leoninos de ataque a gado, cf. Lonsdale (1990, p. 46-47).

quando esse comentador afirma, em relação tanto aos símiles quanto à narrativa de ambos os poemas homéricos, que:

> *Failure of the shepherd is the rule, not the exception. If some passages remind us that without herdsmen things would be even worse, this can only strengthen our impression that the shepherd of early Greek epic stands at the centre of a paradox: he is indispensable and yet ineffective. There must be someone who looks after the flocks, but because of the peculiar nature of his task he cannot be successful*.[122]

Retornando, agora, aos *lókhoi* em sentido estrito é importante lembrar que muitos deles têm lugar em zonas campestres isoladas, locais bastante semelhantes ao ambiente das razias de gado e das imagens dos símiles. É nesse cenário ermo, longe dos olhares dos outros itacenses, que Antínoo propõe aos outros pretendentes armar uma segunda emboscada para Telêmaco (que se demorava junto aos seus porqueiros, após retornar de Esparta), de modo a "pegá-lo no campo *(ep' agroû)*, longe da urbe, / ou na senda" (xvi, 364-392). Em outro passo do mesmo poema (xiii, 256-73), é o próprio Odisseu, sob o disfarce de uma das suas *personae* cretenses, que afirma a Atena ter matado um desafeto quando este retornava do campo (*agróthen*), após tê-lo emboscado perto de uma estrada, com a ajuda de um companheiro e sob a cobertura de uma noite muito escura (*nýkx mála dnopherḗ*).[123]

Diante de todos esses paralelos, portanto, e com base na hipótese de que todos ou boa parte desses *lókhoi*, símiles que colocam em cena a predação de animais pastoris por feras e situações de roubo ou razia de gado devem compartilhar um mesmo conjunto de associações temáticas tradicionais — afinal, eles partilham dicção tradicional, e tema e dicção são inseparáveis —, como não entender que vários dos elementos e motivos explorados acima,

---

[122] Haubold (2000, p. 20). Acerca da inclinação dos pastores do *épos* arcaico para distrações e para o devaneio, conferir também Gutzwiller (1991). Além de XI, 548-57, para outros exemplos de símiles (praticamente todos veiculando o mesmo cenário de vigília noturna) nos quais os pastores obtêm sucesso na defesa dos seus animais ou nos quais o resultado final do seu embate com as feras selvagens não é indicado, conferir, e.g., X, 183-189, XII, 299-308, XVII, 108-13 e XVII, 657-677. Para a vigilância, especialmente a noturna, como modo de evitar um ataque surpresa, cf. VIII, 517-22; X, 96-101, 159-161, 180-193; XXIV, 798-800 e as observações de Detienne e Vernant (1974, p. 37-38) acerca da vigilância e resistência ao sono como características dos seres dotados de *mḗtis*.

[123] Para exemplos iliádicos, conferir as emboscadas frustradas contra Tideu e Belerofonte (IV, 370-400 e VI, 187-190, respectivamente), que também têm como cenário o isolamento de uma via durante a viagem de retorno. Acerca do campo e do caminho de retorno para casa como cenários típicos de emboscada, cf. A. T. Edwards (1985, p. 22-31 *passim*).

relativos ao isolamento e despreparo das vítimas e ao ataque surpresa e técnica ardilosa dos atacantes, também não estariam potencialmente presentes mesmo naqueles eventos apresentados de forma sintética, como a *boēlasía* de Nestor e os sumaríssimos atos de razia de gado praticados por Aquiles no Ida?

Em relação ao episódio de Nestor, por exemplo, embora o velho líder pílio não dramatize o assalto, apenas a simples menção a um membro da elite morto "no ato de defender seus bois" (ἀμύνων ᾗσι βόεσσιν, XI, 674) e na companhia de "campônios" (*agroiôtai,* XI, 676) já coloca toda a ação, como vimos, em um cenário bastante diverso daquele da peleja iliádica convencional. Trata-se, aqui, de um cenário que sugere, metonimicamente e para um público familiarizado com os protocolos e conteúdos tradicionais do *épos* arcaico, que Nestor e seu bando agiram com astúcia e acabaram por surpreender Itimoneu e seus camaradas em um local isolado, quando estes não antecipavam o ataque.[124]

3.4 O roubo dos cavalos de Reso como uma multiforma particular da *boēlasía*

Mas se a presença desse cenário campestre e pastoril (indicado, de resto, por meio de dicção tradicional) é uma característica determinante dos episódios de roubo ou de razia de gado já analisados — mais até do que uma ambientação noturna, que, como mostra o ataque contra rebanhos representado no escudo de Aquiles, não é indispensável —, o que dizer da rapina de cavalos integrante da *dolonia* (X, 469-579), na qual tal cenário está praticamente ausente? Quais seriam as implicações dessa ausência para a consideração do referido passo como um evento de *boēlasía* e, consequentemente, para o quadro que vem sendo desenhado aqui acerca da estrutura e associações tradicionais dessa atividade? Essas são algumas das questões que passaremos a enfrentar a seguir, por meio de um exame sumário do passo em questão, cujo texto transcrevo parcialmente abaixo (X, 432-41, 469-514 e 526-42):

> "ἀλλὰ τίη ἐμὲ ταῦτα διεξερέεσθε ἕκαστα;
> εἰ γὰρ δὴ μέματον Τρώων καταδῦναι ὅμιλον,
> Θρήικες οἵδ' ἀπάνευθε νεήλυδες, ἔσχατοι ἄλλων,

[124] Para a aplicação desse mesmo raciocínio aos episódios de razia de gado associados a Aquiles, cf. Dué e Ebbott (2010, p. 76-77). Nessa perspectiva, as expressões destacadas *supra* funcionariam como *sémata,* ou seja, como índices que apontam para uma rede de conteúdos tradicionais implicados. Acerca desse ponto, cf. Foley (1999, 1-34 *passim*).

(435) ἐν δέ σφιν ᾽Ρῆσος βασιλεὺς πάις ᾽Ηιονῆος.
τοῦ δὴ καλλίστους ἵππους ἴδον ἠδὲ μεγίστους·
λευκότεροι χιόνος, θείειν δ' ἀνέμοισιν ὁμοῖοι·
ἅρμα δέ οἱ χρυσῷ τε καὶ ἀργύρῳ εὖ ἤσκηται·
τεύχεα δὲ χρύσεια πελώρια, θαῦμα ἰδέσθαι,
(440) ἤλυθ' ἔχων· τὰ μὲν οὔ τι καταθνητοῖσιν ἔοικεν
ἄνδρεσσιν φορέειν, ἀλλ' ἀθανάτοισι θεοῖσιν."
(...)
τὼ δὲ βάτην προτέρω διά τ' ἔντεα καὶ μέλαν αἷμα·
(470) αἶψα δ' ἐπὶ Θρῃκῶν ἀνδρῶν τέλος ἷξον ἰόντες.
οἳ δ' εὗδον καμάτῳ ἀδηκότες,[125] ἔντεα δέ σφιν
καλὰ παρ' αὐτοῖσι χθονὶ κέκλιτο εὖ κατὰ κόσμον
τριστοιχεί· παρὰ δέ σφιν ἑκάστῳ δίζυγες ἵπποι.[126]
᾽Ρῆσος δ' ἐν μέσῳ εὗδε· παρ' αὐτῷ δ' ὠκέες ἵπποι[127]
(475) ἐξ ἐπιδιφριάδος πυμάτης ἱμᾶσι δέδεντο.
τὸν δ' ᾽Οδυσεὺς προπάροιθεν ἰδὼν Διομήδεϊ δεῖξεν·
"οὗτός τοι, Διόμηδες, ἀνήρ, οὗτοι δέ τοι ἵπποι,
οὓς νῶιν πίφαυσκε Δόλων ὃν ἐπέφνομεν ἡμεῖς.
ἀλλ' ἄγε δὴ πρόφερε κρατερὸν μένος· οὐδέ τί σε χρὴ
(480) ἑστάμεναι μέλεον σὺν τεύχεσιν, ἀλλὰ λύ' ἵππους.
ἠὲ σύ γ' ἄνδρας ἔναιρε, μελήσουσιν δ' ἐμοὶ ἵπποι."[128]
ὣς φάτο, τῷ δ' ἔμπνευσε μένος γλαυκῶπις ᾽Αθήνη,
κτεῖνε δ' ἐπιστροφάδην· τῶν δὲ στόνος ὄρνυτ' ἀεικὴς

[125] **καμάτῳ ἀδηκότες** (entre A2 e C2, v. 471): X, 98* (μὴ τοὶ μὲν καμάτῳ ἀδηκότες ἠδὲ καὶ ὕπνῳ/ κοιμήσωνται, Agamenão propõe a Nestor verificar se os sentinelas da hoste aqueia cederam ao cansaso e ao sono); xii, 281*(ὅς ῥ' ἑτάρους καμάτῳ ἀδηκότας ἠδὲ καὶ ὕπνῳ/ οὐκ ἐάᾳς γαίης ἐπιβήμεναι, Euríloco, citando a exaustão de seus camaradas, rechaça a proposta de Odisseu de evitar Trinácia); *H. H. Apolo*, 461* (ἔλθωσιν καμάτῳ ἀδηκότες, após sua epifania, Apolo dirige-se aos aterrados marinheiros cretenses); X, 312 e 399 (οὐδ' ἐθέλουσι/ νύκτα φυλασσέμεναι, καμάτῳ ἀδηκότες αἰνῷ, parte das instruções da missão de espionagem de Dolão: verificar se os aqueus mantêm a vigilância noturna ou se cederam ao cansaso e ao sono).

[126] **παρὰ δέ σφιν ἑκάστῳ δίζυγες ἵπποι** (v. 174): V, 195* (παρὰ δέ σφιν ἑκάστῳ δίζυγες ἵπποι/ ἑστᾶσι, Pandaro faz referência às parelhas e carros que ele havia deixado na sua Lícia natal).

[127] **ὠκέες ἵπποι** (v. 475 e 527): fórmula geralmente aplicada a uma parelha de cavalos já atrelada (ou a ser atrelada ou desatrelada) a uma carruagem (cerca de 34 vezes)*, e.g.:* X, 520; III, 263; V, 240, 257 e 275; XVI, 148; iii, 478; iv, 28; *Scutum*, 61, 307 e 350).

[128] **μελήσουσιν δ' ἐμοὶ ἵπποι** (v. 481): V, 228* (ἠὲ σὺ τόνδε δέδεξο, μελήσουσιν δ' ἐμοὶ ἵπποι, Pandaro e Enéias definem uma estratégia para fazer face a Diomedes).

ἄορι θεινομένων, ἐρυθαίνετο δ' αἵματι γαῖα.[129]
(485) ὡς δὲ λέων μήλοισιν ἀσημάντοισιν ἐπελθὼν,
αἴγεσιν ἢ ὀίεσσι, κακὰ φρονέων ἐνορούσῃ,
ὣς μὲν Θρήικας ἄνδρας ἐπῴχετο Τυδέος υἱός,
ὄφρα δυώδεκ' ἔπεφνεν. ἀτὰρ πολύμητις Ὀδυσσεὺς,
ὅν τινα Τυδείδης ἄορι πλήξειε παραστὰς,
(490) τὸν δ' Ὀδυσεὺς μετόπισθε λαβὼν ποδὸς ἐξερύσασκε,
τὰ φρονέων κατὰ θυμὸν, ὅπως καλλίτριχες ἵπποι[130]
ῥεῖα διέλθοιεν μηδὲ τρομεοίατο θυμῷ
νεκροῖς ἀμβαίνοντες· ἀήθεσσον γὰρ ἔτ' αὐτῶν.
ἀλλ' ὅτε δὴ βασιλῆα κιχήσατο Τυδέος υἱός,
(495) τὸν τρισκαιδέκατον μελιηδέα θυμὸν ἀπηύρα
ἀσθμαίνοντα· κακὸν γὰρ ὄναρ κεφαλῆφιν ἐπέστη
τὴν νύκτ' Οἰνείδαο πάις διὰ μῆτιν Ἀθήνης.
τόφρα δ' ἂρ' ὁ τλήμων Ὀδυσεὺς λύε μώνυχας ἵππους,[131]
σὺν δ' ἤειρεν ἱμᾶσι καὶ ἐξήλαυνεν ὁμίλου
(500) τόξῳ ἐπιπλήσσων, ἐπεὶ οὐ μάστιγα φαεινὴν
ποικίλου ἐκ δίφροιο νοήσατο χερσὶν ἑλέσθαι.
ῥοίζησεν δ' ἄρα πιφαύσκων Διομήδεϊ δίῳ.
αὐτὰρ ὃ μερμήριζε μένων ὅ τι κύντατον ἔρδοι·
ἢ ὅ γε δίφρον ἑλών, ὅθι ποικίλα τεύχε' ἔκειτο,
(505) ῥυμοῦ ἐξερύοι ἢ ἐκφέροι ὑψόσ' ἀείρας,

---

[129] **κτεῖνε δ' ἐπιστροφάδην· τῶν δὲ στόνος ὄρνυτ' ἀεικὴς / ἄορι θεινομένων, ἐρυθαίνετο δ' αἵματι γαῖα** (v. 483-4): XXI, 20-1 (τύπτε ἐπιστροφάδην·τῶν δὲ στόνος ὤρνυτ' ἀεικὴς / ἄορι θεινομένων, ἐρυθαίνετο δ' αἵματι ὕδωρ, Aquiles chacina os troianos no rio); xxii, 308-9 e xxiv, 184-5 (τύπτον / κτεῖνον ἐπιστροφάδην, τῶν δὲ στόνος ὤρνυτ' ἀεικὴς / κράτων τυπτομένων, δάπεδον δ' ἅπαν αἵματι θῦε, Odisseu, Telêmaco, Eumeu e Filécio chacinam os pretendentes).

[130] **καλλίτριχες ἵπποι** (v. 491): fórmula geralmente aplicada a uma parelha de cavalos já atrelada (ou a ser atrelada ou desatrelada) a uma carruagem (cerca de 16 vezes)*, e.g.:* V, 323; VIII, 348, 433 e 503; iii, 475; v, 380; xv, 215; *Scutum*, 372; *H. H. Selene*, 10).

[131] **μώνυχας ἵππους** (v. 498 e 537): fórmula geralmente aplicada a uma parelha de cavalos já atrelada (ou a ser atrelada ou desatrelada) a uma carruagem (cerca de 34 vezes) *e.g.:* X, 537, V, 236 (νῶϊ δ' ἐπαΐξας μεγαθύμου Τυδέος υἱὸς /αὐτώ τε κτείνῃ καὶ ἐλάσσῃ μώνυχας ἵππους, Pândaro, em diálogo com seu parceiro Eneias, cogita a possibilidade de Diomedes matá-los e capturar a parelha do filho de Anquises); XXIII, 536 (λοῖσθος ἀνὴρ ὥριστος ἐλαύνει μώνυχας ἵππους, Aquiles cometa a derrota de Eumelo na prova corrida de carros que integra os jogos fúnebres de Pátroclo); X, 564 (ὣς εἰπὼν τάφροιο διήλασε μώνυχας ἵππους, Odisseu conduz os cavalos de Reso através do fosso aqueu); XI, 738 (πρῶτος ἐγὼν ἕλον ἄνδρα, κόμισσα δὲ μώνυχας ἵππους, / Μούλιον αἰχμητήν, o jovem Nestor captura a parelha de Múlio).

ἢ ἔτι τῶν πλεόνων Θρῃκῶν ἀπὸ θυμὸν ἕλοιτο.
ἕως ὃ ταῦθ' ὥρμαινε κατὰ φρένα, τόφρα δ' ᾽Αθήνη
ἐγγύθεν ἱσταμένη προσέφη Διομήδεα δῖον·
“νόστου δὴ μνῆσαι, μεγαθύμου Τυδέος υἱέ,
(510) νῆας ἔπι γλαφυράς, μὴ καὶ πεφοβημένος ἔλθῃς,
μή πού τις καὶ Τρῶας ἐγείρῃσιν θεὸς ἄλλος.”
ὣς φάθ', ὃ δὲ ξυνέηκε θεᾶς ὄπα φωνησάσης·
καρπαλίμως δ' ἵππων ἐπεβήσετο.[132] κόψε δ' ᾽Οδυσσεὺς
τόξῳ· τοὶ δ' ἐπέτοντο θοὰς ἐπὶ νῆας ᾽Αχαιῶν”.
(...)
(526) οἳ δ' ὅτε δή ῥ' ἵκανον ὅθι σκοπὸν Ἕκτορος ἔκταν,
ἔνθ' ᾽Οδυσεὺς μὲν ἔρυξε Διὶ φίλος ὠκέας ἵππους·[127]
Τυδείδης δὲ χαμᾶζε θορὼν ἔναρα βροτόεντα
ἐν χείρεσσ' ᾽Οδυσῆι τίθει, ἐπεβήσετο δ' ἵππων·[132]
(530) μάστιξεν δ' ἵππους, τὼ δ' οὐκ ἄκοντε πετέσθην[133]
νῆας ἔπι γλαφυράς· τῇ γὰρ φίλον ἔπλετο θυμῷ.
Νέστωρ δὲ πρῶτος κτύπον ἄιε φώνησέν τε·
“ὦ φίλοι, ᾽Αργείων ἡγήτορες ἠδὲ μέδοντες,
ψεύσομαι, ἢ ἔτυμον ἐρέω; κέλεται δέ με θυμός.
(535) ἵππων μ' ὠκυπόδων[134] ἀμφὶ κτύπος οὔατα βάλλει.
αἳ γὰρ δὴ ᾽Οδυσεύς τε καὶ ὁ κρατερὸς Διομήδης
ὧδ' ἄφαρ ἐκ Τρώων ἐλασαίατο μώνυχας ἵππους·[131]
ἀλλ' αἰνῶς δείδοικα κατὰ φρένα μή τι πάθωσιν
᾽Αργείων οἱ ἄριστοι ὑπὸ Τρώων ὀρυμαγδοῦ.”
(540) οὔ πω πᾶν εἴρητο ἔπος, ὅτ' ἄρ' ἤλυθον αὐτοί.
καί ῥ' οἳ μὲν κατέβησαν ἐπὶ χθόνα, τοὶ δὲ χαρέντες
δεξιῇ ἠσπάζοντο ἔπεσσί τε μειλιχίοισι.

---

[132] **ἵππων ἐπεβήσετο** e **ἐπεβήσετο δ' ἵππων** (v. 513 e 529): V, 46 (ἵππων ἐπιβησόμενον), 255 (ἵππων ἐπιβαινέμεν) e 328 (ἵππων ἐπιβὰς); XVI, 343 (ἵππων ἐπιβησόμενον); *Scutum*, 286 (ἵππων ἐπιβάντες); XVIII, 531-2 (αὐτίκ᾽ ἐφ᾽ ἵππων/βάντες ἀερσιπόδων), sempre indicando o ato de montar em um carro.

[133] **μάστιξεν δ' ἵππους, τὼ δ' οὐκ ἄκοντε πετέσθην/ νῆας ἔπι γλαφυράς· τῇ γὰρ φίλον ἔπλετο θυμῷ** (v. 530-1): XI, 519-20 (μάστιξεν δ᾽ ἐλάαν (v. l.: ἵππους), τὼ δ᾽ οὐκ ἀέκοντε πετέσθην/ νῆας ἔπι γλαφυράς· τῇ γὰρ φίλον ἔπλετο θυμῷ); V, 768 (μάστιξεν δ᾽ ἵππους· τὼ δ᾽ οὐκ ἀέκοντε πετέσθην); VIII, 117 (μάστιξεν δ᾽ ἵππους); V, 366, VII, 45, XV, 192, XXII, 400, iii, 484 e 494 (μάστιξεν δ᾽ ἐλάαν, τὼ δ᾽ οὐκ ἀέκοντε πετέσθην), fórmulas sempre aplicadas à condução de carros.

[134] **ἵππων μ' ὠκυπόδων** (v. 535): expressão geralmente aplicada, ao longo do épos arcaico, a uma parelha de cavalos já atrelada (ou a ser atrelada ou desatrelada) a uma carruagem (cerca de 22 vezes), *e.g.:* II, 383; V, 296; V, 732, XVIII, 263; *Erga,* 816, *Scutum,* 96).

“Mas por que me questionais sobre cada uma dessas coisas?
Se estais ávidos por penetrar na turba dos troianos,
estes trácios aqui, que são recém-chegados, estão apartados, os últimos de todos.
(435) Entre eles está o soberano Reso, filho de Eioneu.
Dele são os cavalos mais belos que eu já vi, e maiores.
Brancos como a neve! Na corrida, iguais aos ventos!
O carro dele é bem ornamentado com ouro e prata.
Armas de ouro e terríveis, um assombro de ver,
(440) ele chegou portando, do tipo que não convêm a um homem
mortal carregar, mas sim aos deuses imortais”.
(...)
Foram, então, adiante, através das armas e do sangue negro,
(470) e, avançando, rapidamente chegaram ao contingente dos varões trácios.
Eles dormiam, fartos de cansaço, e suas armas,
belas, jaziam no chão junto deles, bem ordenadas em
três fileiras. Junto de cada um deles estava sua parelha de cavalos.
Mas Reso dormia no meio, e, junto dele, os rápidos cavalos
(475) tinham sido atados com correias à extremidade do rebordo do carro.
Ao vê-lo adiante, Odisseu mostrou-o a Diomedes:
“É este o homem, Diomedes, e são estes os cavalos
que nos indicou Dolão, aquele que nós matamos.
Mas vamos, mostre o teu poderoso vigor! Não há necessidade de
(480) ficares aí de pé, ocioso, com tuas armas. Solte, então, os cavalos,
ou mate os homens e os cavalos caberão a mim”.
Falou assim. E, em Diomedes, infundiu vigor Atena de olhos glaucos.
Ele começou a matar a torto e a direto. E deles se ergueu o gemido indigno,
dos que eram feridos pela espada, e avermelhou-se a terra com o sangue.
(485) E tal como um leão, ao atacar reses desprovidas de um pastor,
cabras ou ovelhas, salta sobre elas intentando maldades —
assim o filho de Tideu atacava os varões trácios,
até que matou doze. Mas Odisseu muita-astúcia,
àquele a quem o filho de Tideu, após se postar ao lado, golpeava com a espada,
(490) a esse Odisseu, após pegá-lo por traz, arrastava pelo pé,
meditando isso em sua mente para que os cavalos de belas crinas
passassem facilmente e não sentissem medo em seu coração
ao pisotear os cadáveres, pois ainda não estavam acostumados com eles.
Mas quando o filho de Tideu alcançou o rei,
(495) roubou-lhe, como o décimo-terceiro, a doce vida
enquanto ele arfava, pois um sonho ruim se postara junto a sua cabeça

durante a noite, o filho de Eneu por meio da astúcia de Atena.
Enquanto isso, o audacioso Odisseu soltava os cavalos de cascos sólidos,
os unia com as correias e os tangia para fora da turba,
(500) golpeando-os com o arco, já que não havia pensado
em retirar, com suas mãos, do carro variegado, o chicote brilhante.
Então ele assobiou, sinalizando para o divino Diomedes.
Mas este, imóvel, imaginava o que faria ainda de mais terrível:
se, ao tomar o carro (onde estavam as armas variegadas), havia de
(505) o puxar pelo timão ou, após erguê-lo, havia de o carregar dali,
ou se roubaria a vida de ainda mais trácios.
Enquanto ele revolvia essas coisas em seu espírito, Atena,
aproximando-se, disse ao divino Diomedes:
"Lembra-te do regresso, magnânimo filho de Tideu,
(510) para junto das côncavas naus, para que não vás afugentado.
Não aconteça de um outro deus despertar os troianos".
Falou assim. E ele reconheceu a voz da deusa que lhe falara.
Imediatamente subiu para os cavalos, Odisseu os golpeou
com o arco, e eles voaram na direção das rápidas naus dos aqueus.
(526) Mas quando eles chegaram ao lugar no qual mataram o espião de Heitor,
lá Odisseu, caro a Zeus, deteve os rápidos cavalos.
E o filho de Tideu, saltando para o chão, os espólios ensanguentados
colocou nas mãos de Odisseu e subiu para os cavalos.
(530) (Ele) os fustigou, e os dois de boa vontade voaram
para as côncavas naus, pois lá lhes era agradável ao coração.
E foi Nestor o primeiro a perceber a batida dos cascos, e disse:
"Amigos, líderes e comandantes dos argivos,
mentirei ou direi algo verdadeiro. É o ânimo que me ordena.
(535) O ruído de cavalos de rápidos pés me chegou aos ouvidos.
Oxalá Odisseu e o forte Diomedes
toquem para cá, súbito, cavalos de sólidos cascos de junto dos troianos.
Mas receio terrivelmente em meu coração que tenham sofrido algo
os melhores dos argivos, pela ação do tumulto dos troianos."
(540) E não tinha ainda dito tudo isso, quando os dois chegaram.
Eles saltaram, então, para o chão, e os outros, rejubilando-se,
os saudaram com apertos de mão e doces palavras.

Dentre os passos reproduzidos acima, o primeiro, um trecho da seção final do interrogatório do espião troiano Dolão por Odisseu e Diomedes (X, 374-457), já permite identificar uma particularidade do evento subsequente de razia ou roubo de gado. Refiro-me ao fato de ele ter como alvo uma parelha, uma dupla de bestas associada a uma carruagem, e não

um conjunto de animais que pastam agrupados em rebanhos ou bandos, como nas outras duas ocorrências de *boēlasía* que envolvem cavalos (e mulas) — aquela praticada por Nestor e o ataque contra os animais de Ífito aludido na *Odisseia* — e nos demais exemplos dessa atividade atestados no *épos* arcaico.[135]

Embora pareça banal, tal particularidade fornece indícios bastante significativos para nossa investigação, pois evidencia o afastamento do episódio em questão do ambiente pastoral que (como vimos) caracteriza os atos de razia ou roubo de gado já analisados e ao, mesmo tempo, permite aproximá-lo do contexto típico no qual parelhas são de regra conquistadas. Refiro-me aqui ao combate diurno entre hostes que costuma ocorrer em um campo aberto nas cercanias imediatas de uma *pólis* ou, para retomar a terminologia adotada por A. T. Edwards e Dué e Ebbott, ao *pólemos.* De fato, a captura das parelhas e carros dos vencidos, tal como aquela (bem mais frequente) das suas armas e armaduras, é um movimento ordinário do enfrentamento entre campeões nas narrativas de combate convencional iliádicas e contribui diretamente para o acréscimo do *status* (*timḗ*) e da reputação (*kléos*) dos vencedores.[136] É importante ressaltar, porém, que, apesar do plural *híppoi* denotar a captura conjunta dos cavalos e do carro ao qual estão atrelados, o elemento essencial aqui é a obtenção dessas bestas estimadíssimas, sendo aquela da carruagem apenas uma consequência.[137]

Na medida, então, em que apresenta uma parelha em vez de rebanhos como presa e, consequentemente, guerreiros inimigos no lugar de pastores como vítimas e o plaino

---

[135] Para a *boēlasía* de Nestor, conferir XI, 680-81 (ἵππους δὲ ξανθὰς ἑκατὸν καὶ πεντήκοντα/ πάσας θηλείας, πολλῇσι δὲ πῶλοι ὑπῆσαν) e, para o ataque contra os rebanhos de Ífito, xxi, 22-3 (Ἴφιτος αὖθ' ἵππους διζήμενος, αἵ οἱ ὄλοντο / δώδεκα θήλειαι, ὑπὸ δ' ἡμίονοι ταλαεργοί).

[136] Cf. Fenik (1968, p. 12) e Ready (2007, p. 13-17), que ressalta o fato de esses cavalos e armas, na qualidade de despojos adquiridos durante o curso de uma batalha, permanecerem como posse individual dos vencedores e não serem reunidos em um fundo comum (o butim) e posteriormente encaminhados para distribuição coletiva — como costuma acontecer com os itens adquiridos durante o saque de cidades (dentre os quais, figuram também cavalos, cf. XVI, 152-4).

[137] Cf. Hainsworth (1993, *ad* X, 436-41) e van Wees (1994), que chamam atenção para a natureza geralmente simples das carruagens homéricas (em comparação com aquelas do Antigo Oriente Próximo) e para a sua frequente falta de decoração. Nessa direção, o fato de Diomedes cogitar apoderar-se também do carro de Reso — mesmo já tendo a captura dos cavalos (que estavam desatrelados) assegurada — é mais uma indicação da natureza excepcional desse veículo, algo já enfatizado no discurso de Dolão. Acerca do valor especial dos cavalos, que os aproxima dos *keimḗlia*, cf. *supra* p. 25-6. Sobre o emprego de *híppoi* para designar uma parelha e, por extenção, o conjunto formado por cavalos e carro, conferir o LSJ e as expressões destacadas nas notas 125, 126, 127, 130, 131 e 133 *supra* (praticamente nunca empregadas em contexto pastoral).

imediatamente contíguo a uma *pólis* em vez de zonas pastorais isoladas como cenário, a rapina de cavalos da *dolonia* se aproximaria da captura da parelha do epeu Múlio em um combate campal presente na segunda parte do relato de Nestor acerca do conflito entre pílios e epeus (XI, 737-39). Na verdade, enquanto única situação de *boēlasía* integrante da narrativa principal da *Ilíada,* ela se aproximaria mais ainda dos outros eventos de captura de cavalos em batalha narrados diretamente por Homero, tal como os três que ocorrem ao longo da *aristeía* de Diomedes.[138] Trata-se, aqui, vale ressaltar, de um episódio que compartilha com o passo em questão dicção tradicional relativa a cavalos (cf. notas 126, 127, 128, 130 a 134 *supra*), parte dos protagonistas (Diomedes e Atena) e mesmo alguns elementos estruturais (como a sequência formada pela infusão de *ménos*, seguida por um símile leonino e por uma matança em série).[139]

Contudo, é preciso não insistir demais nessa busca por paralelos, pois, se as presas, os oponentes e parte das condições dessa façanha de Diomedes e Odisseu são aquelas da captura de cavalos típica do *pólemos*, as demais circunstâncias e o procedimento mesmo dos dois heróis estão totalmente inseridos naquilo que Dué e Ebbott chamam de poética do *lókhos*.[140] Com efeito, apesar da natureza oportunista e incidental da investida contra o campo trácio, importa observar que todos os movimentos — da emboscada anterior contra Dolão e o seu interrogatório à penetração no acampamento inimigo e à retirada rápida e eficiente com a parelha de Reso — são cuidadosamente dirigidos por essas duas potencias da *mḗtis* que são Odisseu e Atena,

---

[138] A saber: V, 9-26 (Diomedes captura a parelha dos dos troianos Fegeu e Ideu, após matar o primeiro), V, 164-165 (Diomedes abate Equemão e Crómio, os despoja de suas armaduras e captura seus cavalos) e V, 166-350 (confronto entre Diomedes e a dupla Pândaro e Eneias, que resulta na captura, pelo escudeiro do filho de Tideu e a mando deste, da valiosa parelha do líder troiano).

[139] Acerca desse último paralelo, comparar X, 482-88 e V, 133-165. Para as outras situações de captura de parelhas narradas na *Ilíada,* cf.: V, 576-89 (Menelau e Antíloco abatem os plafagônios Pilémene Midão e capturam seus cavalos); XIII, 384-401 (Otrioneu abate o troiano Ásio e seu cocheiro, e os cavalos deles são capturados por Antíloco); XVI, 505-7 (mirmidões capturam os cavalos de Sarpedão, abatido por Patroclo). Observe-se que o símile leonino mencionado e aqueles dos versos 180-193 e 296-7 constituem as únicas inserções do ambiente pastoral na *dolonia.*

[140] "*Poetics of ambush*", cf. Due e Ebbott (2010, p. 31-3). O mesmo se aplicaria, é claro, a todo o restante do décimo canto. Acerca das questões referentes ao lugar e *status* da *dolonia* em relação ao restante do texto iliádico, remeto o leitor para as discussões presentes em Martin (2003, p. 61-62), Malta (2006, p. 198-206) e Dué e Ebbott (2010, p. 3-29 e 102-3). Para uma interpretação recente do estilo alusivo e elíptico da narrativa da morte de Reso, cf. Malta (2010).

divindade sob cuja égide toda a *dolonia* se desenvolve.[141] Além disso, aqui o enfrentamento direto e aberto que caracteriza as situações de captura de cavalos no combate convencional dá lugar a uma investida noturna e furtiva que colhe as vítimas no momento preciso em que estão mais vulneráveis: enquanto dormem, exaustos, desprovidos de vigias e totalmente apartados de seus aliados.[142]

Portanto, ao invés de serem entendidos como elementos que invalidam a interpretação do roubo dos cavalos de Reso como um ato de *boēlasía* ou que permitem questionar o quadro (exposto acima) da estrutura e conteúdos tradicionais dessa atividade, a ausência de um cenário pastoril e a proximidade com situações de captura de parelhas na batalha convencional devem ser vistas como indícios que apontam para a natureza particular dessa narrativa, qual seja: uma multiforma do *lókhos/boēlasía* na qual os elementos e procedimentos furtivos que caracterizam essa estrutura temática são empregados para a obtenção de espólios típicos do *pólemos* ou combate convencional.

Nessa direção, o emprego, durante a retirada de Diomedes e de Odisseu, de dicção tradicional quase sempre associada à movimentação de carros no combate ordinário (cf. notas

---

[141] Como parece resumir a expressão "διὰ μῆτιν Ἀθήνης" no v. 497. Acerca da pertinência temática dessa expressão (e consequentemente da defesa desse verso, que não constaria na tradição textual consultada por Zenódoto e Aristófanes de Bizâncio), cf. Due e Ebbott (2010, *ad loc.*) e Malta (2010, p. 88-9). Para as atividades de direção efetuadas pelo herói e pela deusa, cf.: v. 272-76 (Atena envia um portento aos heróis, motivando preces de ambos), v. 336-348 (Odisseu planeja a emboscada contra Dolão), v. 365-377 (Atena insufla *ménos* em Diomedes e lhe inspira a efetuar um ataque de advertência com sua lança, procedimento que permite aos heróis capturarem o rápido Dolão), v. 384-445 (Odisseu interroga astutamente Dolão), v. 476-481 (Odisseu instrui Diomedes sobre o procedimento a ser adotado no campo trácio), v. 482-493 (enquanto Diomedes, sob o efeito do *ménos* que lhe insufla Atena, se ocupe de abater os trácios, Odisseu lida com os cavalos e elabora um estratagema para permitir uma retirada furtiva e eficaz) e v. 503-12 (Atena alerta Diomedes acerca do momento limite para a retirada, permitindo que a dupla grega escape dos efeitos da vigilância de Apolo). Conforme ilustram as menções ao *ménos* (e aos atos que ele possibilita) recuperadas por esse sumário rápido, também na *dolonia* a primazia da *mḗtis* não exclui de modo algum o emprego da força. Acerca desse ponto, cf. Werner (2004, p. 64-66). Por fim, para uma defesa bastante convincente da pertinência e organicidade da investida contra os trácios para a organização interna da *dolonia*, cf. Dué e Ebbott (2010, p. 98-101). Ainda acerca desse ponto, uma proposta alternativa (embora já aludida em Dué e Ebbott, *op. cit.*, *ad* X, 413, 416-22 e 435) é fornecida por Hesk (2013), que explora a possibilidade de Dolão salvar os troianos ao intencionalmente desviar as 'forças especiais' aqueias do seu alvo inicial (Heitor) mediante o aceno à possibilidade de um espólio excepcional e presas fáceis.

[142] Vale lembrar que os trácios são descritos por Dolão como *éskhatoi* dentre os aliados, v. 434.

132 e 133, *supra*) poderia ser interpretado como mais um *sêma* que aponta para esse entrelaçamento temático e não como uma indicação de que os heróis também teriam se apropriado do carro de Reso e o utilizariam em sua fuga — algo contradito tanto pela atitude de Odisseu, que sequer cogita apoderar-se da carruagem, como pela injunção de Atena, que aconselha Diomedes a partir de imediato e desistir tanto do carro como da matança adicional — ou como mais um exemplo da incapacidade de Homero de opor-se a um (alegado) automatismo derivado das limitações de sua dicção formular.[143]

3.5 Observações finais

Conforme defendido ao longo deste capítulo, o estudo das situações e episódios iliádicos de roubo ou razia de animais pastoris permite afirmar que tais passos podem ser compreendidos como multiformas de uma mesma estrutura temática do *épos* arcaico que, seguindo a denominação genérica fornecida pelo velho Nestor, passamos a denominar por meio do termo *boēlasía*.

Embora tais eventos, com exceção daquele presente na *dolonia*, compareçam no texto iliádico de forma breve e secundária em relação à narrativa principal (sob a forma de analepses curtas e de uma vinheta que integra a descrição do escudo de Aquiles), a observação de alguns dos seus padrões de fraseologia e elementos narrativos recorrentes permitiram associá-los a outras duas estruturas melhor representadas nos poemas: os símiles que põem em cena o ataque de feras contra gado e as situações de enfrentamento furtivo que podem ser agrupadas sob a alcunha geral de *lókhoi*. Tal associação, na medida em que significou um alargamento do escopo da investigação, possibilitou preencher as lacunas dos sintéticos eventos de *boēlasía*,

---

[143] Assim, Hainsworth (1993, *ad* v. 498), por exemplo, após apontar o uso de "*language of a hero mounting his chariot to withdraw from action*" nessa cena de cavalgada, afirma que "*the diction available to the poet does not include formulas for horse-riding as opposed to horse-driving*" e que, portanto, ele (aqui o compositor da dolonia, e não aquele do restante da *Ilíada*, conforme defende esse comentador) "*slips into the use, faute de mieux, of language that is a close but inexact approximation to the idea he wishes to express*". Para uma afirmação anterior da mesma posição, cf. Willcok (1998, *ad* v. 513). Quanto à querela acerca do roubo ou não da carruagem de Reso, conferir Shewan (1911, p. 180 e 274-278), para uma extensa defesa da tese do roubo e, para a posição contrária, *schol.* A *ad* v. 499 Ariston., *schol*. bT *ad* v. 499bc *ex.*, Leaf (1900, *ad* v. 513) e os comentários mencionados de Willcok e Hainsworth. Por fim, um resumo recente de toda a discussão pode ser conferido em Dué e Ebott (2010, *ad*.v. 513-14).

contribuindo, assim, para a formulação de um desenho geral das características dessa atividade, conforme pode ser conferido no quadro reproduzido na página seguinte (Quadro I).[144]

Ao final dessa exposição, a *boēlasía* surge, então, como uma estrutura temática dedicada à representação de uma situação de apropriação súbita e violenta de animais pastoris, ligada ao cenário marginal frequentado pelo pastor e seus rebanhos (e, portanto, contraposta à captura de parelhas típica das batalhas campais nas cercanias de uma *pólis*) e profundamente associada ao enfrentamento furtivo e à capacidade ambígua que lhe serve de suporte, a *mêtis* ou astúcia.

[144] Com ressalvas, devido à plasticidade e multiformidade características da poesia homérica, conforme mostrou a análise do evento de razia de cavalos da *dolonia*. Acerca dos perigos e dificuldades inerentes a qualquer tentativa de identificação e descrição das estruturas temáticas e dos padrões de enredo/narrativas padrão (*story-pattern*) de textos derivados de uma tradição de poesia oral, cf. Lord (2000 [1960], p. 94, para tema, e p. 100-101 para *song*).

Quadro 1

	Boēlasía	Apropriação de animais pastoris ao longo (ou em consequência de) uma batalha campal
Local	Zonas pastorais isoladas, seja a *eskhatiḗ* (ou borda, a zona montanhosa entre comunidades) ou porções do *agroû eskhatiḗ* (o extremo do campo), do *agrós(oí)* (campo(os)) ou do *pedíon* (planície) utilizados para a prática pastoril	Planície ou *pedíon* imediatamente contigua a uma *pólis*
Oponentes/vítimas	Pastores (geralmente servos/dependentes campônios, mas também jovens oriundos de famílias poderosas)	Campeões e tropas inimigas
Bens (*ktḗmata*) adquiridos	Animais pastoris agrupados em rebanhos ou bandos (bois, porcos, ovinos e caprinos, cavalos e mulas) e, por vezes, escravos (pastores capturados)	Parelhas, carros e implementos de guerra dos vencidos e, no caso da batalha campal que leva ao saque de uma *pólis*, outros objetos preciosos entesouráveis (demais *keimḗlia*) e escravos (geralmente mulheres e crianças, oriundas de famílias da elite ou não)
Modo de operação	Típico dos *lókhoi*: procedimento furtivo, caracterizado pela primazia da *mḗtis* (mas no qual a *bíē* não está de modo algum ausente), que pode resumido na sequência espreita seguida por ataque súbito e violento	Típico do *pólemos*: procedimento direto e aberto, cuja qualidade fundamental é a *bíē* (mas que também não dispensa a eventual ação surpresa contra oponentes desprevenidos ao longo do combate)[145]
Momento	Dia e noite	Dia
Atacantes	Geralmente pequenos grupos (um líder e seus camaradas) ou, no caso da *dolonia*, uma dupla.[146]	Campeões e tropas

[145] Acerca dessa interessantíssima questão, cf. Wees (2004, p. 160-2) e *contra* Mueller (2009, p. 76-8). De resto, vale notar que a própria presença de um episódio como a frechada sorrateira de Paris contra Diomedes, um *lókhos* conforme dito acima (*supra,* p. 84), ao longo de uma narrativa iliádica de combate campal mostra que a oposição entre enfrentamento direto e furtivo em Homero está longe de ser absoluta.

[146] Acerca desse ponto, supracf. nota 80 *supra*.

4 O tema da *boēlasía* na épica homérica, a *Odisseia*

4.1 Razias de gado 'iliádicas' na *Odisseia?*

No princípio do vigésimo canto da *Odisseia*, logo após a sua entrevista com Penélope, o mendigo cretense/Odisseu jaz insone, "cogitando / como desceria os braços nos aviltantes pretendentes, / ele, um só, contra muitos". [1] Nesse estado de inquietude, ele recebe a visita de Atena e, após exprimir para a deusa a sua apreensão quanto ao confronto iminente com seus inimigos e acerca de uma provável retaliação por parte das famílias destes, obtém dela a seguinte resposta (v. 45-53):

(45)"σχέτλιε, καὶ μέν τίς τε χερείονι πείθεθ' ἑταίρῳ,
ὅς περ θνητός τ' ἐστὶ καὶ οὐ τόσα μήδεα οἶδεν·
αὐτὰρ ἐγὼ θεός εἰμι, διαμπερὲς ἥ σε φυλάσσω
ἐν πάντεσσι πόνοισ'. ἐρέω δέ τοι ἐξαναφανδόν·
εἴ περ πεντήκοντα λόχοι μερόπων ἀνθρώπων
(50) νῶϊ περισταῖεν, κτεῖναι μεμαῶτες Ἄρηϊ,
καί κεν τῶν <u>ἐλάσαιο βόας</u>[2] <u>καὶ ἴφια μῆλα</u>[3].

---

[1] "μερμηρίζων, / ὅππως δὴ μνηστῆρσιν ἀναιδέσι χεῖρας ἐφήσει, / μοῦνος ἐὼν πολέσι," v. 28-30.

[2] **ἐλάσαιο βόας** (entre A2 e C1, v. 51): iii, 422* (ἔλθῃσιν, <u>ἐλάσῃ δὲ βοῶν</u> ἐπιβουκόλος ἀνήρ, preparação para um sacrifício em Pilo); xv, 235 (ἀλλ' ὁ μὲν ἔκφυγε κῆρα καὶ <u>ἤλασε βοῦς</u> ἐριμύκους / ἐς Πύλον ἐκ Φυλάκης, após um período de encarceramento, Melampo obtém os bois de Fílaco); *H. H. Hermes*, 355 (εἰς Πύλον εὐθὺς <u>ἐλῶντα βοῶν</u> γένος εὐρυμετώπων, Hermes tange as vacas roubadas a Apolo); *H. H. Hermes*, 379 (ὡς οὐκ οἴκαδ' <u>ἔλασσα βόας</u>, Hermes nega haver se apropriado das vacas do irmão). Conferir ainda p. 73-4, *supra*.

[3] **βόας καὶ ἴφια μῆλα** (após B2, v. 51): Hes. frag. 155 M/240 MW, v. 50* (τῶν ἔφατ' εἰλίποδάς τε <u>βόας κ[α]ὶ [ἴ]φια μῆλα</u> / <u>συνελάσας</u> δώσειν, Ájax promete capturar gado, *como hédna*, pela mão de Helena); V, 556* (τὼ μὲν ἄρ' ἁρπάζοντε <u>βόας καὶ ἴφια μῆλα</u> / σταθμοὺς ἀνθρώπων κεραΐζετον, símile: dupla de leões monteses devastam os paradouros dos homens, rapinando bois e ovelhas); VIII, 505* e 545* (ἐκ πόλιος δ' ἄξεσθε/ἄξαντο <u>βόας καὶ ἴφια μῆλα</u>, troianos preparam sacrifícios/banquetes); IX, 406* (λῃστοὶ μὲν γάρ τε <u>βόες καὶ ἴφια μῆλα</u>, Aquiles caracteriza bois e ovelhas como saqueáveis); xi, 108* e xii, 128* e 322* (respectivamente: Tirésias, Circe e Odisseu referem-se ao perigo representado pelo gado do sol); xviii, 278* (αὐτοὶ τοί γ' ἀπάγουσι βόας καὶ ἴφια μῆλα, Penélope alude aos pretendentes de outrora, que traziam animais para a família da noiva); xxiii, 304* (οἳ ἕθεν εἵνεκα πολλά, βόας καὶ ἴφια μῆλα / ἔσφαζον, Penélope narra a Odisseu seus sofrimentos, inclusive o consumo de suas reses pelos pretendentes); *H. H. Afrodite*, 169 (ἦμος δ' ἂψ εἰς αὖλιν ἀποκλίνουσι νομῆες / βοῦς τε καὶ ἴφια μῆλα

ἀλλ' ἐλέτω σε καὶ ὕπνος· ἀνίη καὶ τὸ φυλάσσειν
πάννυχον ἐγρήσσοντα, κακῶν δ' ὑποδύσεαι ἤδη".

(45) "Que tinhoso! Alguém já ouve o companheiro inferior,
que é mortal e não conhece tantos planos;
e eu sou uma deusa, que te guarda para sempre
em todos os labores. Vou te falar de forma explícita:
se uma emboscada de cinquenta homens mortais
(50) nos cercasse, sôfregos, em Ares, por matar-nos aos dois,
também deles tangerias vacas e robustas ovelhas.
Pois que também o sono te pegue; é irritante vigiar
toda a noite desperto, e já te esquivarás dos males".

É, portanto, mediante o recurso a uma situação hipotética de razia de gado que Atena renova a confiança de Odisseu e lhe afiança a vitória futura contra a multidão dos pretendentes e, porventura, contra os familiares deles. Tal fato, pouco notado, se mostra significativo para a narrativa da *Odisseia*, pois ecoa um dos seus principais motores, a saber: a necessidade de o protagonista retomar o controle sobre os rebanhos — e, por extensão, os outros bens — que são seus e de seu filho por direto, mas que são apresentados desde o princípio do poema como posse *de facto* dos pretendentes. Assim, a imagem de uma situação de *boēlasía* parece bem adequada para antecipar a *mnēstērophonía*, o evento por meio do qual Odisseu, com o auxílio da própria Atena, reconquista o patrimônio usurpado pelos pretendentes.

Na mesma direção, também se mostra significativo para o relato odisseico e bastante relevante para nossa investigação o fato de a razia de gado aludida pela deusa ser representada como um ato associado a um cenário de tocaia ou emboscada (*lókhos*). Ressalte-se, no entanto, que tal associação não é incontestável, pois depende da interpretação da expressão *pentḗkonta lókhoi merópōn anthrōpōn* (v. 49) no passo acima.

De fato, basta a consulta a uma pequena amostra da tradição interpretativa para notar que o termo *lókhos,* na expressão referida *supra*, foi muitas vezes entendido com

---

νομῶν ἐξ ἀνθεμοέντων**,** símile/indicação temporal: ao fim do dia, pastores recolhem bois e ovelhas do pasto para o abrigo); IX, 466 e XXIII, 166 (πολλὰ δὲ ἴφια μῆλα καὶ εἰλίποδας ἕλικας βοῦς, respectivamente: animais sacrificados em um banquete oferecido ao jovem Fénix e animais consumidos na pira fúnebre de Patroclo); xii, 263 (ἔνθα δ' ἔσαν καλαὶ βόες εὐρυμέτωποι, /πολλὰ δὲ ἴφια μῆλ' Ὑπερίονος Ἠελίοιο**,** Odisseu descreve sua chegada em Trinácia).

base em um valor genérico de 'bando, tropa', cujas principais atestações datam do V século, e não a partir do seu uso reiterado no *épos* arcaico para indicar o local, o próprio evento de uma emboscada/tocaia ou o conjunto dos seus participantes. Assim, a expressão em questão tem sido habitualmente glosada ou traduzida como 'cinquenta tropas/bandos de homens mortais'.[4]

Tal escolha, vale destacar, se mostra adequada para o contexto discursivo da intervenção de Atena, pois esses cinquenta bandos parecem corresponder bem à multidão de oponentes (os pretendentes e suas famílias) que angustia Odisseu. Além disso, ao possibilitar a sugestão de um confronto contra um número grande de opositores, a mesma leitura também nos permite interpretar toda a situação hipotética expressa pela deusa como uma retomada de uma hipérbole anterior empregada pelo próprio Odisseu. Refiro-me, aqui, a um trecho do episódio de encontro anterior entre o herói e a deusa no qual ele afirma poder enfrentar, com o auxílio dela, até trezentos varões (xiii, 389-91).[5]

Contudo, é preciso lembrar que essa leitura, embora proveitosa, peca por distanciar-se do campo semântico usual de *lókhos* (e daquele do verbo cognato *lokháō*) no *épos* arcaico. Ademais, conforme já sugerido, a opção por um sentido que recupere o conceito definidor desse campo (a noção de emboscada/tocaia) permite ressonâncias mais profundas em relação ao enredo da *Odisseia*.

Ora, conforme aponta A. T. Edwards, a tocaia ou emboscada é um procedimento central nesse poema, e uma das manifestações dessa centralidade é o fato de seu herói ser representado tanto como um mestre perpetrador de *lókhoi* quanto como vítima potencial desse tipo de estratagema.[6] No primeiro caso, essa representação é efetuada mediante um conjunto de analepses que recordam o protagonismo do filho de Laertes em eventos como

---

[4] Para o campo semântico de λόχος, conferir, dentre outros, os verbetes dedicados ao termo no LSJ, no léxico editado por Montanari (2013) e naquele de Cunliffe (1963), que apresentam, grosso modo, o mesmo conjunto de acepções e concordam na distinção entre os sentidos 'bando de emboscadores' ("*the men that form the ambush*", LSJ; "*truppa o schiera appostata in agguato*", Montanari) e 'qualquer bando de homens armados', ("*any armed band, body of troops*", LSJ; "*schiera, uomini armati*", Montanari), atribuindo o primeiro, por exemplo, a VIII, 522 e o segundo (na épica arcaica) apenas ao passo reproduzido acima. Para uma amostra da interpretação costumeira do passo em questão, conferir, *e.g.*, "cinquenta exércitos" em Lourenço (2003), "cinquenta coortes" em Nunes (2015), "*fifty batallions*" em Jong (2001), "*fifty bands*" em Fagles (2002).

[5] Para uma apreciação geral dos paralelos entre as duas cenas de encontro entre Odisseu e Atena mencionadas, cf. Jong (2001, *ad* xx, 30-57).

[6] Edwards (1985, p. 27-35).

a *ptokheía* (iv, 235-264), a ciclopia (ix, 105-566) e a artimanha do cavalo de madeira (iv, 265-89; viii, 483-521), mas também por meio dos *lókhoi* fictícios narrados pelo mendigo cretense/Odisseu aos seus interlocutores (xiii, 250-86; xiv, 459-506) e, finalmente, por meio da própria *mnēstērophonía.*[7]

Quanto à possibilidade de o herói sofrer uma tocaia ao retornar para sua terra e *oîkos*, ela é sugerida reiteradamente ao longo do poema mediante o cotejo constante entre o *nóstos* (*in fieri)* de Odisseu e aquele de Agamenão (emboscado em sua própria terra, pelo amante de sua mulher com o auxílio da mesma) e por meio dos planos e esforços dos pretendentes para tocaiar Telêmaco. Para Edwards (1985, p. 30), esses paralelos e situações ajudariam a criar, nos receptores externos da *Odisseia*, a expectativa de uma tocaia a ser praticada pelos pretendentes contra Odisseu. Ainda segundo esse comentador, embora tal expectativa não seja efetivada no relato, ela é evocada justamente por meio dos *lókhoi* presentes na fala de Atena, que devem ser entendidos, portanto, não como bandos/tropas genéricas, mas sim como um agrupamento composto por emboscadores.[8]

Dessa forma, os dois primeiros versos da imagem hipotética empregada pela deusa — que expressam o cenário adverso a despeito da qual a ação de *boēlasía* transcorreria (v. 49-50) — referem-se não a um contexto de enfrentamento aberto, mas sim a um evento de tocaia. Trata-se de um cenário, vale ressaltar, que se assemelha àquele presente nos relatos iliádicos das emboscadas frustradas dos cinquenta cádmios contra Tideu, que também vencera seus atacantes graças ao auxílio de Atena (IV, 370-400 e X, 283-290), e da elite dos lícios contra Belerofonte (VI, 187-190).

Assim, apesar da concisão que caracteriza a expressão da situação hipotética de razia de gado de Atena, a sua representação como um evento associado a um cenário (ainda que adverso) de *lókhos*, juntamente com o emprego de uma dicção tradicional já explorada, sugerem que tal passo pode ser interpretado como um indício de algum

---

[7] Para a *ptokheía*, a ciclopia, a artimanha do cavalo de madeira e a *mnēstērophonía* como *lókhoi*, cf., *supra*, p. 84-86.

[8] Assim, o valor defendido acima para *lókhos* é precisamente o mesmo que é comumente admitido para esse termo em VIII, 522 (cf. nota 4, *supra*). Quanto à opção pelo sentido 'tocaia como evento', preferida por Edwards (1985, p. 30), penso que ela implicaria uma multiplicidade de atos sucessivos que me parece difícil de harmonizar com o sentido geral do passo e, mesmo, com a sua sintaxe (particularmente com o emprego do aoristo em περισταῖεν, v. 50).

compartilhamento, na *Odisseia*, do tratamento dispensado à *boēlasía* na *Ilíada.*[9] Tal hipótese é reforçada por outros trechos odisseicos nos quais a simples referência ou a narrativa sumária de situações de razia de gado também apresentam elementos que parecem se alinhar ao retrato 'iliádico' dessa atividade. Passemos ao primeiro deles (xi, 397-411):

(397) " 'Ἀτρείδη κύδιστε, ἄναξ ἀνδρῶν Ἀγάμεμνον,
τίς νύ σε κὴρ ἐδάμασσε τανηλεγέος θανάτοιο;
ἦέ σε γ' ἐν νήεσσι Ποσειδάων ἐδάμασσεν
(400) ὄρσας ἀργαλέων ἀνέμων ἀμέγαρτον ἀυτμήν;
ἦέ σ' ἀνάρσιοι ἄνδρες ἐδηλήσαντ' ἐπὶ χέρσου
<u>βοῦς περιταμνόμενον</u>[10] ἠδ' <u>οἰῶν πώεα καλά</u>,
ἠὲ περὶ πτόλιος μαχεούμενον ἠδὲ γυναικῶν;"
ὣς ἐφάμην, ὃ δέ μ' αὐτίκ' ἀμειβόμενος προσέειπε·
(405) "διογενὲς Λαερτιάδη, πολυμήχαν' Ὀδυσσεῦ,
οὔτ' ἐμέ γ' ἐν νήεσσι Ποσειδάων ἐδάμασσεν
ὄρσας ἀργαλέων ἀνέμων ἀμέγαρτον ἀυτμήν,
οὔτε μ' ἀνάρσιοι ἄνδρες ἐδηλήσαντ' ἐπὶ χέρσου,
ἀλλά μοι Αἴγισθος τεύξας θάνατόν τε μόρον τε
(410) ἕκτα σὺν οὐλομένῃ ἀλόχῳ, οἶκόνδε καλέσσας,
δειπνίσσας, ὥς τίς τε κατέκτανε βοῦν ἐπὶ φάτνῃ."

(397) "Majestoso filho de Atreu, rei de varões, Agamêmnon,
que sina, que morte dolorosa te subjugou?
Estavas numa nau, e subjugou-te Posêidon,
(400) após instigar sopro não invejável de ventos difíceis?
Varões hostis causaram-te dano em terra firme,
ao quereres apartar bois ou belos rebanhos de ovelhas?
Ou então lutavas por uma cidade e mulheres?"
Assim falei, e ele, logo respondendo, disse-me:
(405) 'Divinal filho de Laerte, Odisseu muito-truque,
não estava numa nau, nem subjugou-me Posêidon,

---

[9] Acerca dos elementos de dicção e suas implicações, conferir o aparato de expressões tradicionais fornecido acima (notas 2 e 3).

[10] **βοῦς περιταμνόμενον/ομένους** ἠδ' **οἰῶν πώεα καλά** (XI, 402 e xxiv, 112): XVIII, 528-9 (<u>τάμνοντ' ἀμφὶ βοῶν ἀγέλας</u> καὶ <u>πώεα καλὰ</u> / ἀργεννέων οἰῶν, razia de gado representada na écfrase do escudo de Aquiles); *H. H. Hermes*, 74 (πεντήκοντ' ἀγέλης <u>ἀπετάμνετο</u> βοῦς ἐριμύκους, Hermes rouba as vacas de Apolo); xii, 129* (ἑπτὰ βοῶν ἀγέλαι, τόσα δ' <u>οἰῶν πώεα καλά</u>, Circe previne Odisseu acerca do gado do sol).

após instigar sopro não invejável de ventos difíceis;
nem varões hostis causaram-me dano em terra firme,
mas Egisto preparou o quinhão da morte
(410) e matou-me com a nefasta esposa, após me chamar à casa,
depois do banquete, como quem mata boi no cocho".

No passo acima, parte da série de encontros entre Odisseu e as *psykhaí* de seus camaradas de cerco troiano na primeira *nékyia*, o herói itacense questiona Agamenão acerca do seu fim e aventa três possibilidades para tal acontecimento, sem, contudo, atinar com a forma desonrosa e deplorabilíssima (*oíktistos*, v. 412) que ele tomou. Nesse contexto, a razia de gado figura como um evento alternativo em relação à investida contra uma *pólis*, e ambas essas situações, na qualidade de possíveis cenários terrestres de morte, são contrapostos à possibilidade de um fim no mar. Trata-se, portanto, de um pequeno 'catálogo' temático de modalidades de morte que é posteriormente retomado durante o episódio da segunda *nékyia,* quando é a *psykhḗ* do próprio filho de Atreu que inquire um dos recém-abatidos pretendentes acerca do fim dele e de seus camaradas (xxiv, 106-13, *supra*, p. 34-5).[11]

Em relação a essas passagens, dois elementos se destacam como relevantes para nossa investigação. O primeiro deles diz respeito aos paralelos entre o verso que condensa o tema da razia de gado no referido 'catálogo' (xxiv, 112 = xi, 402) e o segmento "τάμνοντ' ἀμφὶ βοῶν ἀγέλας καὶ πώεα καλά / ἀργεννέων οἰῶν" (XVIII, 528-9), que integra o evento de *lókhos/boēlasía* representado no escudo de Aquiles. Com efeito, em ambos os trechos, após um hemistíquio inicial construído em torno do verbo *témnō* e da indicação de um primeiro grupo de animais a serem roubados (os bois), segue-se outro cujo núcleo é a fórmula πώεα καλά que, encaixada após a diérese bucólica, introduz, ao ser modificada por *oiōn*, o segundo alvo da predação (as ovelhas). Assim, embora os versos odisseicos apresentem uma construção mais sintética (pois desprovida de

[11] Vale observar que os versos 399-403 do passo reproduzido acima são retomados, de forma quase idêntica, em xxiv, 109-13. Quanto as alterações, cumpre destacar a troca do sujeito do particípio integrante do último verso do bloco formular (μαχεούμενον, que passa a μαχεούμενοι na segunda multiforma), de modo a focalizar não o ato hipotético de ataque (frustrado) efetuado pelo indivíduo ao qual o questionamento é endereçado (*i.e.*, Agamenão), mas sim a ação de defesa da parte dos homens hostis que lutam por sua cidade e mulheres. Conforme aponta Heubeck (in: Russo *et alli*, 1992, *ad* xxiv, 109-13), tal alteração é significativa, pois reflete o fato de os pretendentes terem sido mortos justamente por alguém que defende sua cidade e mulheres, ou seja: Odisseu.

cavalgamento), as semelhanças entre eles e aquele da *Ilíada* indicam que todos são multiformas uns dos outros.

Quanto ao segundo elemento, ele refere-se ao fato de a razia de gado aludida acima, à semelhança daquilo que ocorre na maioria dos trechos iliádicos examinados, ser mencionada em conjunto com uma situação de ataque contra uma *pólis.* Cumpre destacar, no entanto, uma diferença fundamental: enquanto essas duas atividades costumam figurar, nos relatos e na descrição que compõem os passos iliádicos, como eventos distintos, mas imbricados — na medida em que uma é em geral apresentada como uma causa ou um prenúncio da outra; na estrutura em questão, elas integram uma listagem de situações alternativas. Trata-se, portanto, de uma forma de combinação entre *boēlasía* e investida contra uma *pólis* que é exclusiva da *Odisseia* e que recorre ainda uma terceira vez no poema, na forma de uma indagação do mendigo cretense/Odisseu ao fiel porqueiro Eumeu (xv, 381-8):

(381) "ὦ πόποι, ὡς ἄρα τυτθὸς ἐών, Εὔμαιε συβῶτα,
πολλὸν ἀπεπλάγχθης σῆς πατρίδος ἠδὲ τοκήων.
ἀλλ' ἄγε μοι τόδε εἰπὲ καὶ ἀτρεκέως κατάλεξον,
ἠὲ διεπράθετο πτόλις ἀνδρῶν εὐρυάγυια,
(385) ᾗ ἔνι ναιετάασκε πατὴρ καὶ πότνια μήτηρ,
ἤ σέ γε μουνωθέντα παρ' οἴεσιν ἢ παρὰ βουσὶν
ἄνδρες δυσμενέες νηυσὶν λάβον ἠδ' ἐπέρασσαν
τοῦδ' ἀνδρὸς πρὸς δώμαθ', ὁ δ' ἄξιον ὦνον ἔδωκε."

(381) "Incrível, quando eras tão pequeno, porqueiro Eumeu,
muito vagaste para longe de tua pátria e dos pais.
Mas vamos, dize-me isto e conta com precisão:
ou foi devastada a cidade de varões, com amplas ruas,
(385) na qual habitavam teu pai e a senhora mãe,
ou a ti, isolado junto a ovelhas ou junto a bois,
varões inimigos, com naus, pegaram e venderam
para a casa desse varão, que pagou preço digno?"

Tal como no trecho anterior, também aqui um personagem questiona seu interlocutor acerca dos eventos que o levaram a uma condição de infortúnio (no caso de Eumeu, a servidão) e sugere (erroneamente) situações alternativas de ataque contra uma *pólis* e *boēlasía* como prováveis respostas. Agora, contudo, os prováveis atos pregressos são representados como bem-sucedidos e o questionamento é endereçado a uma possível vítima, e não aos agressores frustrados.

Curiosamente, embora nenhuma das duas alternativas corresponda à real história de vida de Eumeu (um membro da elite da ilha Síria que fora raptado, ainda criança, por fenícios em conluio com sua ama), a segunda delas é bastante próxima daquela de sua raptora: a filha de um homem rico que havia sido capturada, ao voltar do campo (*agróthen erkhoménēn*, v. 428), por saqueadores táfios e depois vendida ao *oîkos* de Laerte (xv, 390-484). Portanto, tanto a razia de gado representada no questionamento supracitado como a biografia da ama infiel que o próprio Eumeu narra em sua resposta ao pedido do mendigo compartilham um cenário similar de ataque campestre contra uma vítima isolada.

Ora, conforme apontado no capítulo anterior, tal cenário figura, na *Ilíada*, como uma característica distintiva em um vasto conjunto de contextos relativos a situações de ataque súbito e furtivo contra alvos desprevenidos, tais como eventos de emboscada/tocaia (*lókhoi*), símiles que põem em cena a investida de feras contra pastores e rebanhos e episódios de razia de gado.[12] Assim, a simples presença desse cenário no sintético evento de *boēlasía* imaginado pelo mendigo ao mesmo tempo em que o insere no interior do referido conjunto também o aproxima daqueles passos iliádicos nos quais jovens pastores (em geral, membros das elites como Eumeu) são surpreendidos e capturados, ou mortos, ao apascentarem rebanhos em zonas isoladas. Refiro-me, em particular, ao episódio do ataque de Aquiles contra os irmãos de Andrômaca (VI, 405-34, *supra,* p. 46-8) e à investida do mesmo herói contra os rebanhos apascentados, no Ida, pelos irmãos Iso e Antifo (XI, 101-121, *supra,* p. 52-3).[13]

Por fim, resta comentar ainda um último passo que reforça essa impressão de continuidade entre representações iliádicas e odisseicas da *boēlasía*. Trata-se, aqui, de uma analepse externa que, ao recordar a história do arco utilizado por Odisseu para matar os pretendentes, alude a duas situações de razia de gado. Passemos ao texto (xxi, 8-41):

(8) βῆ δ' ἴμεναι θάλαμόνδε σὺν ἀμφιπόλοισι γυναιξὶν
ἔσχατον· ἔνθα δέ οἱ κειμήλια κεῖτο ἄνακτος,
(10) χαλκός τε χρυσός τε πολύκμητός τε σίδηρος.
ἔνθα δὲ τόξον κεῖτο παλίντονον ἠδὲ φαρέτρη
ἰοδόκος, πολλοὶ δ' ἔνεσαν στονόεντες ὀϊστοί,
δῶρα τά οἱ ξεῖνος Λακεδαίμονι δῶκε τυχήσας

[12] Cf., *supra*, p. 92-100.

[13] Quanto ao episódio da captura da escrava fenícia, a sua vinculação ao mesmo conjunto indicaria que ele apresenta características de uma emboscada, conforme já sugerido por van Wees (1992, p. 209).

Ἴφιτος Εὐρυτίδης, ἐπιείκελος ἀθανάτοισι.
(15) τὼ δ' ἐν Μεσσήνῃ ξυμβλήτην ἀλλήλοιϊν
οἴκῳ ἐν Ὀρτιλόχοιο δαΐφρονος. ἦ τοι Ὀδυσσεὺς
ἦλθε <u>μετὰ χρεῖος</u>, τό ῥά οἱ πᾶς δῆμος <u>ὄφελλε</u>·[14]
μῆλα γὰρ ἐξ Ἰθάκης Μεσσήνιοι ἄνδρες ἄειραν
νηυσὶ πολυκλήϊσι <u>τριηκόσι' ἠδὲ νομῆας</u>. [15]
(20) τῶν ἕνεκ' ἐξεσίην πολλὴν ὁδὸν ἦλθεν Ὀδυσσεύς,
παιδνὸς ἐών· πρὸ γὰρ ἦκε πατὴρ ἄλλοι τε γέροντες·
Ἴφιτος αὖθ' ἵππους διζήμενος, αἵ οἱ ὄλοντο
<u>δώδεκα θήλειαι, ὑπὸ δ' ἡμίονοι ταλαεργοί</u>·[16]
αἳ δή οἱ καὶ ἔπειτα φόνος καὶ μοῖρα γένοντο,
(25) ἐπεὶ δὴ Διὸς υἱὸν ἀφίκετο καρτερόθυμον,
φῶθ' Ἡρακλῆα, μεγάλων ἐπιίστορα ἔργων,
ὅς μιν ξεῖνον ἐόντα κατέκτανεν ᾧ ἐνὶ οἴκῳ,
σχέτλιος, οὐδὲ θεῶν ὄπιν αἰδέσατ' οὐδὲ τράπεζαν,
τὴν ἥν οἱ παρέθηκεν· ἔπειτα δὲ πέφνε καὶ αὐτόν,
(30) ἵππους δ' αὐτὸς ἔχε κρατερώνυχας ἐν μεγάροισι.
τὰς ἐρέων Ὀδυσῆϊ συνήντετο, δῶκε δὲ τόξον,
τὸ πρὶν μὲν ἐφόρει μέγας Εὔρυτος, αὐτὰρ ὁ παιδὶ
κάλλιπ' ἀποθνῄσκων ἐν δώμασιν ὑψηλοῖσι.
τῷ δ' Ὀδυσεὺς ξίφος ὀξὺ καὶ ἄλκιμον ἔγχος ἔδωκεν,
(35) ἀρχὴν ξεινοσύνης προσκηδέος· οὐδὲ τραπέζῃ
γνώτην ἀλλήλω· πρὶν γὰρ Διὸς υἱὸς ἔπεφνεν
Ἴφιτον Εὐρυτίδην, ἐπιείκελον ἀθανάτοισιν,
ὅς οἱ τόξον ἔδωκε. τὸ δ' οὔ ποτε δῖος Ὀδυσσεὺς

---

[14] **ἦλθε <u>μετὰ χρεῖος</u>, τό ῥά οἱ πᾶς δῆμος <u>ὄφελλε</u>** (v. 17): XI, 686, 688 e 698 (respectivamente χρέως ὠφείλετ(ο), χρεῖος ὄφειλον e χρεῖος μέγ' ὀφείλετ(ο), referências aos débitos dos epeus para com muitos dos pílios e ao grande débito que havia para Neleu na Élide); iii, 367 (ἀτὰρ ἠῶθεν μετὰ Καύκωνας μεγαθύμους / εἶμ' ἔνθα <u>χρεῖός μοι ὀφέλλεται</u>, Mentor/Atena anuncia a sua partida, alegando a necessidade de cobrar uma dívida junto aos Caucônes).

[15] **τριηκόσι' ἠδὲ νομῆας** (v. 19): XI, 697* (animais e escravos escolhidos por Neleu como sua parte do butim conquistado por Nestor e companhia aos epeus).

[16] **δώδεκα θήλειαι, ὑπὸ δ' ἡμίονοι ταλαεργοί** (v. 23): iv, 636* (itacense Noemão descreve a Antínoo os cavalos que possui nas pastagens da Élide), XI, 681* (ἵππους δὲ ξανθὰς ἑκατὸν καὶ πεντήκοντα / <u>πάσας θηλείας</u>, πολλῇσι δὲ πῶλοι ὑπῆσαν, parte do butim conquistado por Nestor junto aos epeus); *H. H. Hermes*, 192* (βοῦς ἀπὸ Πιερίης διζήμενος ἐνθάδ' ἱκάνω / <u>πάσας θηλείας</u>, πάσας κεράεσσιν ἑλικτάς, / ἐξ ἀγέλης, Apolo questiona um ancião acerca dos seus animais perdidos); XX, 222 (τοῦ τρισχίλιαι ἵπποι ἕλος κάτα βουκολέοντο / θήλειαι, πώλοισιν ἀγαλλόμεναι ἀταλῇσι, Eneias descreve a riqueza de seu antepassado Erictônio).

ἐρχόμενος πόλεμόνδε μελαινάων ἐπὶ νηῶν
(40) ᾔρεῖτ', ἀλλ' αὐτοῦ μνῆμα ξείνοιο φίλοιο
κέσκετ' ἐνὶ μεγάροισι, φόρει δέ μιν ἧς ἐπὶ γαίης

(8) Pôs-se rumo ao quarto com as servas mulheres,
o bem no fundo; lá estavam os haveres do senhor,
(10) bronze, ouro e ferro muito trabalhado.
E lá estavam o arco estica-e-volta e a aljava
porta-flecha, e nela havia muitas setas desoladoras,
dons que lhe deu o aliado, ao topá-lo na Lacedemônia,
Ífito, filho de Eurito, semelhante aos imortais.
(15) Os dois, na Messênia, encontraram-se um ao outro
na casa do atilado Ortíloco; quanto a Odisseu,
viera atrás de uma dívida que todo o povo lhe devia:
reses, de Ítaca, os varões messênios levaram,
trezentas, em naus muito-calço, e pastores.
(20) Por isso fora Odisseu em missão pela longa rota,
ainda menino: enviaram-no o pai e os outros anciãos.
Já Ífito buscava as éguas que perdera,
doze fêmeas com lactentes mulas robustas.
Essas então também se tornaram destino de matança para ele
(25) quando encontrou o filho ânimo-potente de Zeus,
o herói Héracles, experto em grandes feitos.
Matou a Ífito, que hospedava em sua própria casa,
Héracles, terrível, desrespeitando os deuses e a mesa
que a seu lado pusera; ainda assim, até o matou,
(30) e ele mesmo manteve as éguas forte-casco no palácio.
Perguntando por elas, Ífito encontrou Odisseu e deu-lhe o arco
que, no passado, carregava o grande Eurito, e esse ao filho
deixara, ao morrer na casa de alto pé-direito.
A ele Odisseu deu espada afiada e brava lança,
(35) o início de confiável aliança. Não junto à mesa
conheceram-se um ao outro. Antes o filho de Zeus matou
Ífito, filho de Eurito, semelhante aos imortais,
que lhe dera o arco. A este nunca o divino Odisseu,
quando ia para a guerra sobre as negras naus,
(40) escolhia, mas aí mesmo, lembrança do caro aliado,
guardava, no palácio, e carregava-o em sua própria terra.

No trecho acima, Penélope, após um estímulo da parte de Atena, começa a preparar o concurso (*âthlos*) que deverá definir, dentre os pretendentes, o seu novo marido.[17] Conforme ela mesma havia antecipado ao mendigo cretense/Odisseu na noite anterior (xix, 570-587), tal concurso consiste em um teste de força e perícia no manejo do grande arco de Odisseu. Trata-se, aqui, de uma arma única, cuja posse e manuseio eficaz associam o filho de Laertes a uma geração gloriosa (e um tanto transgressora) de varões de outrora e, ao mesmo tempo, simbolizam o seu vínculo profundo com Ítaca.[18] Não por acaso, a representação inicial da descida de Penélope ao armazém logo dá lugar a uma história embutida que, na forma de uma analepse externa a cargo do poeta (ou seria extradiegética?), põe em cena as recordações da esposa de Odisseu acerca do referido arco.[19]

Em relação ao primeiro evento de razia de gado mencionado, o ataque messênio contra os rebanhos de Ítaca (v. 15-21), vários estudiosos já apontaram que tal ato e suas consequências apresentam similitudes com o episódio iliádico da *boēlasía* retaliatória praticada pelo jovem Nestor. De fato, além dos elementos de dicção compartilhados, em ambos os passos um ou mais atos de agressão iniciais têm como resposta uma iniciativa pública por meio da qual o jovem (e único) filho do líder da comunidade ofendida busca obter reparação (*khréos,* v. 17) pelos danos sofridos.[20]

---

[17] Para outros exemplos de *âthloi* como modo de seleção de um genro, cf. p. 28, *supra.*

[18] Vale lembrar que, em outro passo do poema (viii, 215-28), Héracles e Eurito são mencionados conjuntamente por Odisseu como grandes arqueiros de outrora que chegavam a competir até com os próprios deuses. Ainda segundo o filho de Laertes, no caso de Eurito, tal comportamento teve como resultado a sua morte precoce como consequência de um desafio lançado a Apolo.

[19] Trata-se, portanto, de uma instância de focalização secundária (implícita), conforme defende S. Schein (2015, p. 41) ao afirmar que "*it makes sense that the whole story of the bow reflects Penelope's memory of Odysseus as well as her consciousness of the possibility of a new husband*". Tal hipótese é reforçada pelo choro subsequente que a visão do arco evoca em Penélope (v. 53-56) e, em especial, pelo emprego de *skhétlios* no passo reproduzido acima (v. 28). Trata-se, aqui, de um termo valorativo exclusivo do discurso dos personagens nas suas demais ocorrências homéricas (cf. Jong, 2001, *ad loc.*). Acerca das dificuldades inerentes à identificação de uma focalização secundária implícita, cf. Jong (2014, p. 50-56). Para uma análise do passo em questão e do seu entorno como elementos de uma (extensa) cena típica de descida ao armazém (*'storeroom' type-scene*), cf. Jong (2001, *ad* v. 5-52).

[20] Para os elementos de dicção, cf. n. 14 e 15, *supra*. Acerca da natureza pública da razia de gado de Nestor, cf., *supra*, p. 70, nota 55. Por fim, para *khréos* como compensação, *supra* p. 70, nota 54.

Tais similitudes se mostraram particularmente sugestivas para alguns dos adeptos da interpretação iniciática dos feitos de Nestor, que tenderam a ver também na *eksesíē* efetuada pelo garoto Odisseu, sob as ordens do soberano e dos anciões de Ítaca, uma expedição ritual e iniciatória de razia de gado. Assim, se Peter Walcot (1979, p. 339-40), um dos primeiros defensores da tese iniciática, se mostrava ainda um tanto vago quando afirmava identificar, nas experiências do jovem Nestor e naquelas do par Odisseu e Ífito, "*evidence of a pattern in the form of a type of adventure which might be enjoyed by more than one hero*", autores mais recentes, como J. Petropoulos e Cecilia Nobili, são bem mais assertivos.

Dentre esses comentadores, o primeiro é taxativo ao afirmar que tanto Nestor como Odisseu conduziram, em suas juventudes, "*vindictive debt collecting raid(s)"* por ocasião de suas respectivas *eksesíai*, termo que ele entende como missões ao estrangeiro (*foreign missions*) rituais e iniciáticas.[21] Já para Cecilia Nobili, não só as experiências supracitadas de Nestor, Odisseu e Ifito, mas também quase todos os eventos de razia ou roubo de gado presentes na épica arcaica supérstite, e/ou suas consequências, poderiam ser entendidos como expedições iniciáticas para capturar de volta gado previamente roubado. Segundo a estudiosa italiana, tal fato resultaria da incorporação, nessa poesia pan-helênica, de um conjunto preexistente de tradições épicas do Peloponeso Ocidental centradas em torno do reino micênico de Pilo. Ainda de acordo com Nobili, essa "*koinḗ* poética ocidental" teria narrativas iniciáticas de razias de gado como temática recorrente e tenderia:

> *a omologare i riti di iniziazione in un'única modalità: un personaggio anziano, definibile come 'iniziatore', invia um giovane, pronto ad assumere lo status di adulto e guerriero, a compiere un'azione di abigeato volta al recupero di bestiame che era stato in precedenza rubato o sottratto ai legittimi proprietari: il giovane eroe mostra il próprio valore nel corso dell'impresa, il cui premio può configurarsi com le nozze del vincitore o semplicemente com la sua reintegrazione all' interno dela comunità*. [22]

---

[21] Cf. Petropoulos (2011, p. 105-28). Para Petropoulos, essas missões ao estrangeiro constituiriam a segunda etapa ("*a grade-two test", op. cit.,* p. 120) de um processo ritual de educação aristocrática que teria como momento inicial uma prova de caça ao javali, conforme atestada no episódio da visita de Odisseu a Autólico (xix, 392-466).

[22] Nobili (2011, p. 77, grifo meu e, para a argumentação geral, p. 23-77 *passim*). Dentre as outras situações de razia ou roubo de gado do *épos* arcaico que Nobili vincula a sua tradição epicórica hipotética, constam o episódio hesiódico de Héracles e as vacas de Gerião, as narrativas odisseicas das desventuras de

Para além dos problemas (já apontados) referentes a um emprego pouco criterioso do paradigma antropológico dos ritos de puberdade/de iniciação tribal, essas tentativas de equiparar a *eksesía* do garoto Odisseu à *boēlasía* do jovem Nestor esbarram em um obstáculo fundamental.[23] De fato, nada no passo reproduzido acima nos autoriza a pensar que Odisseu teria praticado um ato hostil de razia de gado durante sua estada na Messênia. Pelo contrário, a referência, aqui, ao seu encontro com Ífito no *oîkos* de Ortíloco (v. 15-16) indica que ambos eram hóspedes deste soberano messênio e que foi justamente na qualidade de *kseînos* que Odisseu teria se dirigido ao próprio Ortíloco, e/ou aos demais *basileîs* e *dêmos* de Feras, para obter reparação pelas reses e pastores arrebatados de Ítaca por prováveis membros daquela comunidade.

Guardadas as devidas proporções, tal situação encontra um paralelo importante nas narrativas acerca da embaixada efetuada por Odisseu e Menelau junto aos troianos para solicitar a restituição de Helena e dos bens roubados por Páris (III, 204-24 e XI, 122-74). Segundo o primeiro desses relatos, antes de apresentarem seu caso diante de uma assembleia troiana, os dois heróis foram acolhidos como hóspedes e estimados por Antenor, um dos principais líderes de Tróia.[24] Ainda acerca dessa questão, vale notar que também a *eksesía* efetuada por Príamo junto aos trácios (cf. XXIV, 232-7, trecho que apresenta a outra atestação remanescente desse termo na épica arcaica) parece ter envolvido uma acolhida hospitaleira, conforme pode ser depreendido a partir da referência à copa esplendida ofertada ao troiano na ocasião.[25]

Portanto, longe de comportar um ato hostil de contrarrazia retaliatória, a *eksesía* de Odisseu parece consistir em uma embaixada para solicitar, por meio do discurso,

---

Melampo com o gado de Íficles/Fílaco e do ataque dos companheiros de Odisseu contra as vacas de Hélio, a narrativa hínica do roubo do gado de Apolo (o foco principal do estudo) e o episódio do ataque dos Dióscuros contra os rebanhos de Idas e Linceu (*Cypria*, arg. 3). Ressalte-se que, como sói ocorrer em estudos que postulam largas estruturas originárias desse tipo, Nobili se vale de uma pletora de fontes provenientes de vários períodos (da Grécia micênica ao Período Bizantino) e que, em relação especificamente ao nexo entre roubo de gado e iniciação, ela se apoia em uma bibliografia (em parte) já comentada nesta tese, a saber: Vidal Naquet (1986 e 2009), Walcot (1979), Lincoln (1976), Bader (1980) e Vallabela (2003) — cujas conclusões, por vezes um tanto disparatadas, ela raramente se propõe a reexaminar.

[23] Acerca dos problemas relativos ao emprego do paradigma iniciático, cf. *supra* p. 76-77.

[24] Cf. "τοὺς δ' ἐγὼ ἐξείνισσα καὶ ἐν μεγάροισι φίλησα", III, 207.

[25] Talvez como um presente de despedida. Acerca dessa prática, cf., *supra*, p 25, n. 17.

reparação pelas perdas sofridas e, assim, evitar a deflagração de um confronto armado entre as comunidades de Ítaca e Feras.[26] Ora, é justamente a presença desse pano de fundo 'internacional' que explica parte das similaridades entre o relato da razia de gado messênia e da consequente embaixada do garoto Odisseu e aquela do ataque retaliatório praticado pelo jovem Nestor; e não o compartilhamento de algum componente ritual. [27] Em ambos os casos, a *boēlasía* (sempre representada como uma agressão contra membros de outra comunidade) aparece como um evento totalmente inserido na dinâmica das relações intercomunitárias, seja na forma de uma causa frequente de conflitos (caso da razia messênia), seja como um modo habitual de praticar retaliações (caso do ataque de Nestor).[28]

Mas e quanto ao roubo das éguas de Ífito (v. 22-38)? Aqui quase nada é dito acerca do evento de *boēlasía per se,* já que o relato se concentra apenas nas suas consequências: a busca de Ífito pelas éguas; a sua acolhida por Ortíloco; o seu encontro com Odisseu na casa desse herói; o estabelecimento de um pacto de *kseinosýne* (hospitalidade/aliança, v. 35) com o itacense (simbolizado pela troca de dádivas); e, por fim, a sua acolhida fatal por Héracles.[29] Contudo, embora a narrativa das perambulações de Ífito não acrescente

---

[26] Cf. Bader (1980, p. 958-9), Donlan (1982, p. 144), van Wees (1992, p. 170-1) e especialmente Raaflaub (1997b). Para Féras como a *pólis* de Ortíloco e de seus descendentes (Díocles e Orsíloco), cf. V, 545-49 e iii, 488-89.

[27] Além, é claro, da presença, nos respectivos atos de razia de gado (e também naquele das éguas de Ífito), do costumeiro cenário de ataque campestre contra pastores isolados e seus numerosos rebanhos, conforme apontam os elementos de dicção (cf. notas 15 e 16 *supra*).

[28] Ainda acerca dessa questão, conferir o discurso no qual Aquiles afirma não ter vindo a Tróade para vingar investidas troianas contra os rebanhos de sua Ftia natal (I, 149-160, *supra*, p. 35) e as observações de McInnery (2010, p. 112) acerca da razia de gado como um tropo narrativo (típico de sociedades pastoris e derivadas) que encapsula antagonismo e, assim, é empregado para explicar (e, portanto, autorizar) um estado permanente de conflitos entre comunidades e povos. Vale lembrar, ainda, que a situação de emboscada/razia de gado representada no escudo de Aquiles (XVII, 509-540, *supra* p. 78-81) também está inserida em um contexto de conflito entre comunidades.

[29] Note-se que a narrativa em questão também não esclarece como Héracles teria obtido inicialmente os animais de Ífito ou se os seus atos (incluindo o assassinato de um hóspede) seriam motivados por algo além do mero desejo pelo gado. Já em boa parte das outras narrativas, referências e representações imagéticas arcaicas e clássicas relacionadas a esse conjunto de mitos (dentre elas, fragmentos do *corpus* hesiódico, da *Captura de Oicália* de Creófilo de Samos, da *Heracléia* de Paniasis, das *Históriai* de Ferécides, além de passos das Traquínias de Sófocles), as ações do filho de Zeus aparecem sempre como relacionadas a uma hostilidade prévia para com o soberano de Oicália e culminam na tomada (posterior)

muito para uma investigação acerca dos componentes e características do ato de razia ou do roubo de gado, vale lembrar que a observação das múltiplas ressonâncias possíveis entre essa analepse e certos eventos da narrativa principal é bastante proveitosa para explorar as consequências e implicações de outro ato de usurpa de animais também praticado por violadores das regras de comensalidade e de *keinía* e, simultaneamente, de outra ação de ataque surpresa contra comensais. Refiro-me, aqui, ao consumo do gado de Odisseu pelos pretendentes de Penélope e à matança dos mesmos pelo filho de Laertes, efetuada (em parte) com o auxílio do arco que este recebera de Ífito.[30]

4.2 O roubo ou razia de gado no contexto dos *apólogoi*

Conforme apontado acima, parte das narrativas e referências odisseicas a situações de razia ou roubo de gado apresenta continuidades em relação à representação dessas atividades perceptível na *Ilíada*. Mas e quanto aos episódios de apropriação de reses que integram o relato principal da longa narrativa de Odisseu aos feácios (ix-xii), uma seção do poema tradicionalmente considerada como aquela mais distante dos temas, componentes, preocupações e mesmo da ambientação que marcam o texto iliádico?[31] Nas

---

dessa cidade e no morticínio de Eurito e todos os seus filhos restantes. Tal hostilidade, por sua vez, costuma ser explicada por meio de uma humilhação anterior imposta por Eurito e sua progênie a Héracles, que fora expulso de um banquete promovido pelos primeiros e/ou tivera frustrado seu desejo de desposar (ou tomar como concubina) Iole, embora ele a tivesse legitimamente conquistado (como prêmio) em um concurso de manejo do arco organizado pelo próprio Eurito. Ressalte-se que, em outras fontes (a saber: Apolodoro, *Biblioteca*, II, 6, 1-2; *schol.* BQ *ad* xxi, 22; Eustácio. *Commentarii ad Homeri Odysseam,* II, 246, 32) o roubo das éguas (ou vacas) é creditado a Autólico, apesar da menção ao desentendimento original entre Héracles e Eurito. Por fim, vale notar que a referência odisseica a uma morte prematura de Eurito (*supra*, n. 18) parece se alinhar com o relato do trecho em questão (cf. v. 31-3) e, portanto, costuma ser usada para argumentar que tanto a paixão de Héracles por Iole como o ataque desse herói a Oicália seriam desenvolvimentos estranhos aos poemas homéricos (uma opinião já defendida pelo autor do escólio mencionado acima e por Eustácio). Acerca de todas essas questões, cf. Gantz (1993, p. 434-37).

[30] Acerca desse ponto, cf. Crissy (1997) e Schein (2015).

[31] Refiro-me, aqui, somente às desventuras sofridas pelo próprio Odisseu, sem considerar aquelas que ele atribui a outrem ou somente relata, tais como a (já mencionada) razia de gado hipotética que integra o seu questionamento a *psykhḗ* de Agamenão (um claro retorno ao universo típico da *Ilíada*) e o episódio da conquista da boiada de Filaco por Melampo, uma micronarrativa que expande o relato de Odisseu

páginas seguintes, nos dedicaremos à análise dos dois primeiros desses episódios, a saber: aquele do ataque cefalênio contra a *pólis* de Ísmaros, que termina em um banquete com o gado obtido, e a narrativa do roubo incidental das reses do ciclope Polifemo. Passemos ao episódio ismárico (ix-39-61):

“ Ἰλιόθεν με φέρων ἄνεμος Κικόνεσσι πέλασσεν,
(40) Ἰσμάρῳ· ἔνθα δ' ἐγὼ πόλιν ἔπραθον, ὤλεσα δ' αὐτούς.
ἐκ πόλιος δ' ἀλόχους καὶ κτήματα πολλὰ λαβόντες
<u>δασσάμεθ', ὡς μή τίς μοι ἀτεμβόμενος κίοι ἴσης</u>.[32]
ἔνθ' ἦτοι μὲν ἐγὼ διερῷ ποδὶ φευγέμεν ἡμέας
ἠνώγεα, τοὶ δὲ μέγα νήπιοι οὐκ ἐπίθοντο.
(45) ἔνθα δὲ πολλὸν μὲν μέθυ πίνετο, <u>πολλὰ δὲ μῆλα</u>
<u>ἔσφαζον παρὰ θῖνα καὶ εἰλίποδας ἕλικας βοῦς</u>·[33]
τόφρα δ' ἄρ' οἰχόμενοι Κίκονες Κικόνεσσι γεγώνευν,
οἵ σφιν γείτονες ἦσαν, ἅμα πλέονες καὶ ἀρείους,
ἤπειρον ναίοντες, ἐπιστάμενοι μὲν ἀφ' ἵππων
(50) ἀνδράσι μάρνασθαι, καὶ ὅθι χρὴ πεζὸν ἐόντα.
ἦλθον ἔπειθ', ὅσα φύλλα καὶ ἄνθεα γίνεται ὥρῃ,
ἠέριοι· τότε δή ῥα κακὴ Διὸς αἶσα παρέστη
ἡμῖν αἰνομόροισιν, ἵν' ἄλγεα πολλὰ πάθοιμεν.
στησάμενοι δ' ἐμάχοντο μάχην παρὰ νηυσὶ θοῇσι,
(55) βάλλον δ' ἀλλήλους χαλκήρεσιν ἐγχείῃσιν.
ὄφρα μὲν ἠὼς ἦν καὶ ἀέξετο ἱερὸν ἦμαρ,
τόφρα δ' ἀλεξόμενοι μένομεν πλέονάς περ ἐόντας·
ἦμος δ' ἠέλιος μετενίσετο βουλυτόνδε,

---

acerca do seu encontro com à heroína Clóris (xi, 281-297). Para uma rápida síntese das várias formas por meio das quais os *apólogoi* se afastam da *Ilíada* e, por vezes, também da segunda metade da própria *Odisseia*, cf. Romm (*s.v.* Odysseus’ Wanderings. In: Finkelberg, 2011, p. 584-88) e Heubeck (In: Heubeck *et alii*, 1989, p. 3-11).

[32] **δασσάμεθ', ὡς μή τίς μοι ἀτεμβόμενος κίοι ἴσης** (v. 42): ix, 549* (distribuição, entre Odisseu e seus homens, das reses roubadas a Polifemo), XI, 705* (δαιτρεύειν, μή τίς οἱ ἀτεμβόμενος κίοι ἴσης, distribuição, entre os pílios, dos animais obtidos na razia de gado retaliatória praticada pelo jovem Nestor).

[33] **πολλὰ δὲ μῆλα / ἔσφαζον παρὰ θῖνα καὶ εἰλίποδας ἕλικας βοῦς (v. 45-46):** IX, 466 e XXIII, 166 (πολλὰ δὲ ἴφια μῆλα καὶ εἰλίποδας ἕλικας βοῦς, / ἔσφαζον, respectivamente: animais sacrificados em contínuos banquetes (de desagravo?) no *oîkos* paterno do jovem Fénix e animais consumidos na faustosa pira fúnebre de Patroclo); i, 92 e iv, 320 (μῆλ' ἀδινὰ σφάζουσι καὶ εἰλίποδας ἕλικας βοῦς, descrição do consumo dos animais de Odisseu pelos pretendentes).

καὶ τότε δὴ Κίκονες κλῖναν δαμάσαντες ᾽Αχαιούς.
(60) ἓξ δ' ἀφ' ἑκάστης νηὸς ἐυκνήμιδες ἑταῖροι
ὤλονθ'· οἱ δ' ἄλλοι φύγομεν θάνατόν τε μόρον τε.”

“Levando-me de Ílion, o vento achegou-me dos cícones,
(40) de Ismaros; lá eu saqueei a cidade e os matei.
Da cidade tendo tomado esposas e muitas posses,
dividimos para eu ninguém deixar sem sua parte.
Então pedi que recuássemos com pé ágil,
e esses grandes tolos não obedeceram.
(45) Lá bebiam muito vinho, junto à costa abatiam
muitas ovelhas, e lunadas vacas trôpegas.
Nisso os remanescentes cícones outros cícones chamaram,
esses que eram seus vizinhos, muitos e melhores,
habitando no interior, sabendo com carros
(50) combater contra varões e, se necessário, a pé.
E vieram, em número de folhas e flores na primavera,
na aurora; então veio o sinistro destino de Zeus
até nós, desventurados, para sofrermos muita aflição.
Postados, combateram junto às naus velozes,
(55) atingindo-se uns aos outros com brônzeas lanças.
Durante a manhã, enquanto crescia o sacro dia,
firmes, resistimos a eles, embora em maior número;
quando Sol se curvou rumo à hora de soltar os bois,
então os cícones, subjugando-os, vergaram os aqueus.
(60) Seis de cada nau, companheiros belas-grevas,
pereceram; o restante, escapamos do quinhão da morte”.

Apesar da narrativa do ataque de Odisseu e seus camaradas contra os cícones ainda empregar dicção, convenções e um cenário típicos da *Ilíada*, ela apresenta algumas particularidades que a afastam dos padrões iliádicos e a aproximam de temas e desenvolvimentos presentes no relato posterior dos *apólogoi* e/ou em trechos da *Odisseia* referentes ao conflito itacense.[34]

[34] Para um repertório dos elementos iliádicos presentes no texto reproduzido acima (com destaque para o emprego de dicção tradicional na batalha campal entre os aqueus e a os integrantes da expedição retaliatória dos cícones, v. 51-59), cf. Heubeck (In: Heubeck *et alii*, 1989, *ad* ix, 39-61). Acerca do episódio do ataque a Ísmaros como uma transição da ‘realidade militar’ associada ao conflito troiano

Em primeiro lugar, cumpre observar que, aqui, a distinção 'iliádica' habitual entre uma situação de investida contra uma *pólis* e um evento de razia de gado parece se dissolver. Assim, em contraste com a taxonomia do butim observável na *Ilíada*, a tomada da *pólis* costeira dos cícones, além de propiciar aos seus conquistadores o costumeiro espólio de cativas e (imagina-se) objetos preciosos entesouráveis (inclusos nos *ktḗmata pollá,* v. 41), também fornece as reses variadas e numerosas (e o vinho, cf. ix, 161-5) que os ocupantes das doze naus da frota cefalênia se põem imediatamente a consumir (v. 45-6).[35] Tal fato faz do assalto contra Ísmaros um evento misto, ao mesmo tempo uma investida contra uma *pólis* e um ato de *boēlasía*.

Na mesma direção, também o próprio ato de consumo imediato das reses conquistadas pode ser interpretado como um movimento simultâneo de afastamento em relação a padrões iliádicos e de antecipação ou resgate de elementos presentes em outros passos da *Odisseia.* De fato, a simples ocorrência dessa atividade no passo em questão já permite contrastá-lo com a sequência observável na narrativa iliádica de Nestor acerca do conflito entre pílios e epeus, na qual o relato da razia de gado termina com a descrição da partilha do butim e não há qualquer representação que enfatize, de modo explícito, o consumo dos animais adquiridos (cf. XI, 670-707).[36] Além disso, o consumo intempestivo e funesto dos rebanhos ismáricos também antecipa o banquete sacrílego e

---

para o mundo fantástico dos *apólogoi,* cf. o comentário já citado de Heubeck, Jong (2001, *ad* ix 39-66) e Most (1989, p. 21-24).

[35] Os animais, portanto, também estariam incluídos nos *ktḗmata pollá* mencionados por Odisseu. Para a contraposição 'iliádica' entre cativas e *keimḗlia*, por um lado, e escravos e animais pastoris, por outro, como produtos respectivamente da tomada de uma *pólis* e de um ataque campestre contra pastores isolados, cf., *supra,* p. 82-3 e 112. Os (já abordados) questionamentos de Odisseu à *psykhḗ* de Agamenão (xi, 397-402) e dessa última àquela do pretendente Amfimedonte (xxiv, 106-13) fornecem exemplos odisseicos dessa contraposição. Para uma outra avaliação do episódio de Ísmaros como uma razia de gado, cf. Newton (2005).

[36] Apenas somos informados, de passagem e na junção entre o episódio do ataque campestre e aquele do cerco retaliatório epeu a Trioessa, que os pílios, após a partilha, 'dispunham cada coisa e faziam sacrifícios aos deuses' ("ἡμεῖς μὲν τὰ ἕκαστα διείπομεν, ἀμφί τε ἄστυ ἔρδομεν ἱρὰ θεοῖς", v. 706-7), sem a indicação da origem dos animais sacrificados (aqueles do butim ou provenientes dos próprios rebanhos pílios?) ou uma representação dos prováveis banquetes subsequentes. Vale ressaltar que o referido contraste entre a sequência observável no relato de Nestor e aquela presente na tomada de Ísmaros adquire destaque adicional por meio da presença, em ambos os passos e também naquele do evento da partilha e posterior consumo das reses subtraídas a Polifemo, de multiformas de um mesmo verso referente à partilha do butim, cf. *supra*, n. 32.

contínuo dos companheiros desse herói (também amotinados, como no episódio em questão) às custas da boiada usurpada a Hélio (xii, 352-398 e i, 6-9). Por fim, diante do frequente compartilhamento de dicção tradicional e de elementos temáticos entre a representação dos companheiros e aquela dos pretendentes, essa mesma cena de consumo (juntamente com aquelas referidas *supra*) também parece guardar uma relação estreita com os festins organizados pelos pretendentes às expensas do *oîkos* de Odisseu.[37]

Continuando a nossa investigação, vale notar que também o roubo das reses do ciclope Polifemo (ix, 106-566) apresenta traços que parecem distanciá-lo da representação 'iliádica' da *boēlasía*. A bem da verdade, um dos principais elementos estruturantes dessa representação, a contraposição entre um evento campestre de razia de gado e uma situação de batalha campal nas cercanias de uma *pólis*, é totalmente estranha à narrativa desse episódio. Tal característica — já antecipada de certa forma pela fusão dessas categorias observável no relato do saque de Ísmaros — deriva do fato do referido episódio ter como cenário um ambiente totalmente diverso daquele no qual se desenrola a ação da *Ilíada* e de boa parte da *Odisseia*.

Trata-se, aqui, de uma região remota e exótica, de um espaço habitado e frequentado apenas por animais e por gigantes monstruosos e canibais. Tais gigantes, para além da sua aparência e de seu gosto por carne humana, apresentam várias outras características que os distinguem da humanidade ordinária. Em primeiro lugar, eles não cultuam os deuses nem respeitam as práticas resguardadas por estes, tais como a *ksenía* e a *hiketeía* (ix, 266-78). Além disso, apesar de viverem em um mesmo território, não têm laços comunitários entre si, sendo, portanto, desprovidos de assembleias e normas (ix, 112-115). Por fim, não dispõem das técnicas relativas a qualquer tipo de tectônica nem daquelas referentes à agricultura ou à navegação, vivendo, assim, em cavernas naturais e ocupando-se apenas com o pastoreio de ovelhas e cabras (ix, 107-114).

---

[37] Cf., *e.g.* a nota 33, *supra*, e as observações de Jong (2001, *ad* ix, 44) acerca da caracterização dos companheiros (em i, 8 e no v. 44 do passo reproduzido) e dos pretendentes (em xxii, 32 e 370) como *nḗpioi* e como praticantes, juntamente com Egisto, de atos que se desenvolvem sob o signo da *atasthalía*, "*outrageous or reckless behaviour, which breaks social or religious rules, and which people pursue despite specific warnings*" (cf. Jong, *op. cit., ad* i, 32-43). Acerca da tomada de Ísmaros como uma duplicação antecipatória (*antecipatory doublet*) dos eventos em Trinácia e como o momento inicial da representação de uma tensão entre Odisseu e seus camaradas, cf., dentre outros, Jong (*op. cit.,* p. 223 e 226-7) e Louden (1999, p. 76-81).

Historicamente a percepção dessas diferenças levou vários estudiosos a considerarem o evento do roubo do gado do ciclope como algo fundamentalmente distinto das situações de apropriação de reses iliádicas. Para vários deles, tais particularidades seriam o resultado da incorporação, no texto da épica arcaica, de material proveniente de contos populares tradicionais internacionais (*folktales*) bastante anteriores aos processos de gênese dos poemas homéricos.[38]

Dentre esses estudiosos, Walter Burkert afirma ver no relato do roubo das reses de Polifemo a permanência de uma estrutura narrativa antiquíssima na qual um herói deve deslocar-se para um misterioso além (em geral representado seja pelo mundo dos mortos, por uma caverna ou ainda por uma região longínqua e exótica) para confrontar um senhor ou mestre dos animais e obter dele (ou à revelia dele) a liberação dos animais edíveis para a sua comunidade. Trata-se, aqui, de uma estrutura narrativa que, conforme o estudioso alemão, se conforma à sequência proppiana relativa as aventuras de um herói para suprir um estado de falta ou carência inicial, correspondendo, grosso modo, aos itens 9-20 ou 11-22 da série de trinta e uma funções identificadas por Propp no seu *corpus* de contos populares russos. [39]

Ainda segundo Burkert, as origens desse tema/motivo da obtenção ou recuperação de animais retidos no além estariam relacionadas a rituais de sociedades de caçadores-coletores paleolíticos para garantir poder sobre os animais e, assim, assegurar o sucesso da caçada. Tais rituais, provavelmente realizados em um contexto de escassez de caça, envolveriam a penetração em cavernas de difícil acesso para lá — no interior dessas câmaras subterrâneas e com a ajuda de representações pictográficas das bestas desejadas — obter a liberação do fluxo da caça por meio do confronto ou negociação com entidades ínferas ou extramundanas. Ainda segundo o autor, essa busca/jornada ritualizada — que encontrou uma primeira expressão verbal justamente no padrão narrativo ora em

---

[38] Para a ciclopia como uma combinação de pelo menos dois contos populares, o primeiro relativo ao cegamento de um ogro por um herói e o segundo ao estratagema do nome falso, cujos análogos modernos e medievais atingem mais de duas centenas de atestações entre povos de diversos grupos linguísticos, cf. Heubeck (In: Heubeck *et alii*, 1989, *ad* ix, 105-566), Glenn (1971) e Hansen (1997, p. 449-51)

[39] Cf. Burkert (1979, p. 31-34, para a ciclopia, e p. 78-98, para o padrão do mestre dos animais em geral), Propp (2010, p. 36-22) e, para uma aplicação recente dos argumentos desse folclorista russo aos *apólogoi* e à estrutura da *Odisseia* como um todo, Bakker (2013, p. 13-35), que vê no sacerdote Marão e no vinho especial fornecido pelo mesmo a Odisseu os elementos proppianos do doador e do objeto mágico que auxilia a vitória do herói sobre seu antagonista.

discussão — passaria posteriormente a ser efetuada não mais por meio de um aparato de cavernas e pinturas rupestres, mas mediante os talentos de xamãs, indivíduos capazes de contatar diretamente as divindades ou potências ínferas através do transe mediúnico.[40]

Por fim, um momento crucial no desenvolvimento da estrutura narrativa ora em questão teria ocorrido quando ela foi integrada à cultura de povos que já se dedicavam ao pastoreio. Nesse novo contexto socioeconômico, a obtenção dos animais que asseguravam a subsistência não dependia mais das incertezas da caça, e, assim, o tema/motivo 'importado' passou a receber novas aplicações. Como consequência, o antigo mestre dos animais (agora não mais o verdadeiro senhor das bestas desejadas) se tornou, então, um malfeitor ou ladrão, uma entidade que se apossa do gado pertencente a outrem e o mantém escondido. Tal modificação, contudo, não alterou o esquema narrativo básico do tema/motivo, que continuou a ser estruturado na forma de uma 'busca'. Assim, também nessa nova configuração, o gado apenas pode ser obtido por meio da ação de um poderoso aliado dos homens, seja ele um herói ou divindade, que se dispõe a entrar na morada ou no território do senhor dos animais para vencê-lo e, assim, recuperar as reses originalmente roubadas.[41]

Segundo Burkert, uma profusão de narrativas desse tipo pode ser encontrada no conjunto de mitos que foram gradativamente integrados sob a forma das aventuras de Héracles, um herói profundamente relacionado aos animais. Para o estudioso alemão:

> *[Heracles] transfers the mastership of animals to man, animals difficult to get, dangerous, and cared for by superhuman owners (...). Some of Heracles' exploits remain close to shamanism in the narrower sense going: to the Underworld to overcome Cerberus, getting the fruit of immortality, and traveling up to the gods of Olympus. (...) On the other hand, there is one decisive difference which separates Heracles, as well as Indra or Trita, from the background evoked. The master of animals may be tricked or even forced*

---

[40] Cf. Burkert (*op. cit.*, p. 88-94). Vale notar que o argumento de Burkert é um tanto confuso, especialmente em relação as correlações precisas entre a figura do mestre dos animais, o emprego de *hunting magic* entre os xamãs paleolíticos e a catábase em cavernas. Acerca da significação profunda do mestre dos animais, vale conferir o seguinte comentário do autor (*op. cit.,* p. 33): "*To be eaten, or not to be eaten but to eat, these are the two sides of the basic process of life. Man eats animals, and consumes them, disturbing the balance of life; to make up for this, myth introduces an agent who preserves the flocks and eats men. The ogre, master of animals, is a term necessitated by structural logic, as it were, not childlike fantasy*".

[41] Burkert (1979, p. 94-98).

> *by a powerful shaman, but he cannot be killed, or else the balance of life would collapse. Heracles makes a deal with (...) Augeas (....)* [para obter uma parte dos seus rebanhos]*; but with Geryon, Cacus, Diomedes, Alcyoneus, he destroys the antagonist once and for ever, as Indra destroyed Visvarupa. The Indo-European nomads, it seems, have become possessors of animals themselves, they have no need to plead with some power of the Beyond again and again. The primordial helper now appears to be the hero who has definitely transferred the mastership of animals from the Beyond to man; his exploit becomes in fact a 'cattle raid'. Heracles 'civilizes' the earth by destruction.*[42]

Retornando, agora, à ciclopia, convém ressaltar que a proposta de Burkert, apesar de todo o seu potencial explicativo, favorece uma interpretação demasiadamente diacrônica para o episódio. De fato, ao conceder prioridade analítica a uma eventual estrutura originária, tal proposta acaba por desconsiderar elementos importantes da narrativa atual. Assim, ao contrário do que sugere o estudioso alemão por meio do seu motivo/tema hipotético, o roubo dos animais de Polifemo não constitui o motor principal da ciclopia, mas figura nesta apenas como um evento incidental, como um resultado secundário e oportunista de uma estratégia (*boulḗ*, v. 424) de Odisseu para escapar da vigilância e do antro de seu monstruoso anfitrião.[43]

Ora, acerca dessa questão, convém lembrar que, antes de se aventurarem no território dos ciclopes, os cefalênios haviam atracado em uma ilha vizinha, ocupada

---

[42] Para uma outra proposta interpretativa que, restringindo-se a fontes indo-europeias, procura explicar as aventuras de Héracles com o gado de Gerião, o seu confronto com Caco, e o conflito entre Indra e Viśvarūpa como variações de uma estrutura mítica protoindo-europeia relativa ao combate de um herói contra um monstro de natureza ofídica e a consequente recuperação de gado roubado, cf. Lincoln (1976) e Mallory & Adams (1997, *s.v.* Cow, p. 138b).

[43] Registre-se que o mesmo ocorre nos raros contos populares análogos ao episódio de Polifemo que apresentam eventos de roubo de reses. Tanto nesses últimos, como naqueles em que o herói e seus eventuais companheiros apenas escapam entre os animais, sem levá-los (a imensa maioria), o encontro com o monstruoso antagonista não é motivado pelo desejo de roubar gado, ocorrendo muitas vezes por acaso. Acerca dessas questões, cf. Glenn (1971, p. 172-3), Burgess (2001, p. 97), Reece (1993, p. 127-8) e o apanhado de análogos disponível em Frazer (1921, vol II, p. 404-455). Já no tema/motivo hipotético de Burkert, a necessidade ou o desejo de obter animais edíveis é fundamental, pois corresponde à carência inicial que dá início ao esquema proppiano da 'busca'. Sobre esse ponto, cf. Burkert (1979, p. 33) e os comentários de Bakker (2013, p. 22 e 66-67) acerca do desejo pelos animais pastoris dos ciclopes como *"the real underlying lack"* que explicaria a partida de Odisseu da ilha das cabras.

apenas por inumeráveis (*apeirésiai*, v. 118) cabras selvagens. Essas, de todo ignorantes do contato humano, se revelam presas muito fáceis de caçar, de modo que o reconhecimento da ilha logo dá lugar a um copioso banquete, regado com um abundante suprimento de vinho tomado aos cícones, no qual são imolados cento e nove animais. É justamente nesse contexto de consumo continuado (até o pôr do sol) e abundante de "carnes sem-fim e doce vinho" ("κρέα τ' ἄσπετα καὶ μέθυ ἡδύ", v. 162) que os cefalênios percebem que o território vizinho é habitado, ao avistarem a fumaça das fogueiras dos ciclopes e escutarem balidos de cabras e de ovelhas. Diante dessa constatação, logo ao nascer do outro dia, Odisseu reúne seus companheiros de frota e anuncia sua intenção de explorar o território vizinho (v. 172-6):

> "ἄλλοι μὲν νῦν μίμνετ', ἐμοὶ ἐρίηρες ἑταῖροι·
> αὐτὰρ ἐγὼ σὺν νηῒ τ' ἐμῇ καὶ ἐμοῖσ' ἑτάροισιν
> ἐλθὼν τῶνδ' ἀνδρῶν πειρήσομαι, οἵ τινές εἰσιν,
> ἤ ῥ' οἵ γ' ὑβρισταί τε καὶ ἄγριοι οὐδὲ δίκαιοι,
> ἦε φιλόξεινοι, καί σφιν νόος ἐστὶ θεουδής."
>
> "Os outros, vós aqui ficai, meus leais companheiros;
> mas eu, com minha nau e meus companheiros,
> vou verificar esses homens, de que tipo eles são,
> se desmedidos, selvagens e não civilizados,
> ou hospitaleiros, com mente que teme o deus".

Assim, a razão que leva Odisseu a deixar a segurança e a abundância da ilha das cabras e que acaba por determinar o seu encontro com Polifemo não é a proximidade (e o consequente apelo) de animais pastoris mais desejáveis do que as bestas selvagens de que ele dispõe, mas o desejo de travar contato com estrangeiros e de, assim, obter *kseínia,* dons hospitaleiros.[44] É claro, não devemos esquecer as condições de possibilidade da própria narrativa, que constitui um relato efetuado pelo próprio Odisseu aos feácios. Ainda assim, não há por que imaginar que o narrador, aqui, escamoteie um possível propósito original, afinal os eventos da ilha das cabras mostram que a frota cefalênia estava, de fato, bem provida de víveres. Ademais, a curiosidade e o desejo de proveitos

[44] Para a defesa do apelo dos animais pastoris, conferir Bakker (2013, p. 66-7), para quem o episódio pode ser lido, na esteira de Burkert, como "*a mythical representation of the rise of civilization from hunting to herding, with game animals being less desirable than domestic animals*".

que transparecem em tal projeto são traços bem conhecidos da personalidade do filho de Laertes.[45]

Contudo, embora esteja longe de constituir o motor do episódio, o roubo dos animais do ciclope o atravessa quase por inteiro. De fato, tal ato é mencionado por duas vezes, como possibilidade, em pontos-chave do confronto entre Odisseu e Polifemo (v. 216-233 e v. 399-414). Além disso, após a sua efetivação na narrativa (v. 415-445 e 461-472), ele proporciona as reses que serão consumidas na cena final do episódio (v. 543-557). Passemos, agora, ao primeiro desses trechos (v. 216-233):

> "καρπαλίμως δ' εἰς ἄντρον ἀφικόμεθ', οὐδέ μιν ἔνδον
> εὕρομεν, ἀλλ' ἐνόμευε νομὸν κάτα πίονα μῆλα.
> ἐλθόντες δ' εἰς ἄντρον ἐθηεύμεσθα ἕκαστα·
> ταρσοὶ μὲν τυρῶν βρῖθον στείνοντο δὲ σηκοὶ
> (220) **<u>ἀρνῶν ἠδ' ἐρίφων</u>**· διακεκριμέναι δὲ ἕκασται
> ἔρχατο, χωρὶς μὲν πρόγονοι, χωρὶς δὲ μέτασσαι,
> χωρὶς δ' αὖθ' ἕρσαι· ναῖον δ' ὀρῷ ἄγγεα πάντα,
> γαυλοί τε σκαφίδες τε, τετυγμένα, τοῖσ' ἐνάμελγεν.
> **ἔνθ' ἐμὲ μὲν πρώτισθ' ἕταροι λίσσοντ' ἐπέεσσι**
> **(225) τυρῶν αἰνυμένους ἰέναι πάλιν, αὐτὰρ ἔπειτα**
> **καρπαλίμως ἐπὶ νῆα θοὴν <u>ἐρίφους τε καὶ ἄρνας</u>**
> **σηκῶν ἐξελάσαντας ἐπιπλεῖν ἁλμυρὸν ὕδωρ·**
> ἀλλ' ἐγὼ οὐ πιθόμην, – ἦ τ' ἂν πολὺ κέρδιον ἦεν, –
> ὄφρ' αὐτόν τε ἴδοιμι, καὶ εἴ μοι ξείνια δοίη.
> (230) οὐδ' ἄρ' ἔμελλ' ἑτάροισι φανεὶς ἐρατεινὸς ἔσεσθαι.
> ἔνθα δὲ πῦρ κήαντες ἐθύσαμεν ἠδὲ καὶ αὐτοὶ
> τυρῶν αἰνύμενοι φάγομεν, μένομέν τέ μιν ἔνδον

[45] Acerca da curiosidade como uma das características marcantes da personalidade de Odisseu e sobre o papel da mesma na ciclopia, cf. Jong (2001, *ad* v, 150-9; p. 233; e ix, 244-5). Para o apetite do filho de Laertes por dádivas materiais (e pelo acréscimo de estima social que elas demonstram e/ou provocam), conferir sua provável estratégia para fomentar a generosidade dos feácios por meio do *intermezzo* da primeira *nékuia* (xi, 328-359 e Jong, 2001, *ad* xi, 330-84) e o discurso fictício (mas verossímil) do mendigo/Odisseu a Penélope no qual ele afirma que Odisseu ainda não havia voltado para casa porque estaria coletando dádivas entre os tesprótios (xix, 261-307). Acerca da natureza altamente tendenciosa dos *apólogoi* e de como o herói narrador os utiliza para justificar o seu estado atual de infortúnio e, acima de tudo, antecipar e responder (de modo implícito) eventuais críticas acerca da perda total dos seus companheiros, garantindo assim a benevolência dos feácios, cf. Olson (1995, p. 43-64). Por fim, para uma exploração de certas 'brechas' no relato que permitiriam problematizar a imagem de comandante ideal construída por Odisseu, cf. Werner (2005).

ἥμενοι, εἶος ἐπῆλθε νέμων (...).”

“Céleres, nos dirigimos ao antro e dentro não
o achamos, mas apascentava no pasto gordos rebanhos.
Após entrar no antro, a tudo contemplamos,
cestos abarrotados de queijo, cercados repletos
(220) de ovelhas e cabritos: separados por categorias,
encerrados, à parte os mais velhos, à parte medianos,
à parte filhotes. Todas as vasilhas transbordavam de soro,
e baldes e tigelas, fabricadas, com as quais ordenhava.
Lá os companheiros suplicaram-me para, primeiro,
(225) pegar algum queijo e voltar, e depois,
ligeiro, até a nau veloz, cabritos e ovelhas
dos cercados arrastar, e navegar pela água salgada;
mas não obedeci (e teria sido muito mais vantajoso)
para poder vê-lo, esperando que me desse regalos.
(230) Pois, após surgir, não seria amável com os companheiros.
Tendo lá aceso o fogo, sacrificamos e também nós
comemos parte do queijo e, dentro, o esperamos,
sentados, até voltar com ovelhas (...)”.

No passo acima, após terem atravessado o braço de mar que os separava do território dos ciclopes e terem deixado junto à nau o restante dos seus camaradas, Odisseu e doze companheiros se dirigem para uma caverna, precedida de um alto e grosseiro redil (*aulḗ,* v. 184), que tinham avistado no ponto de desembarque. Ao chegarem lá, como não encontram quem os receba e lhes proporcione a refeição (ou qualquer outro dos atos) que costuma ser oferecida aos hóspedes, os cefalênios simplesmente entram sem convite e servem-se, sozinhos, da abundância de queijos disponível. Ora, conforme já apontado por vários comentadores, ao penetrarem no ‘*oîkos*’ de Polifemo durante sua ausência e se apropriarem de parte das suas vitualhas (*bíotos*), Odisseu e seus camaradas se distanciam do padrão de comportamento observável na maior parte das sequências de recepção do *épos* arcaico. Conforme sintetiza Steven Reece:

The negation of this single element of the type-scene — that is, not finding the host at home — precludes the sequence of events that normally follows. Instead of standing at the threshold (...) and waiting for the host to catch sight of them, rise from his seat, approach them, take them by the hand, bid them welcome, and lead them into the house (...), Odysseus and his men enter the cave

> *uninvited and take a look around (9.218). There is no host to invite them to take part in sacrifice (...), as Nestor does in Pylos (Od. 3.31-66), or to offer them seats and a meal (...), so Odysseus and his men start a fire and perform a sacrifice themselves; then, making a meal of their host's cheeses (9.231-32), these "guests", in an ironic inversion of the norm, sit down within and wait for their "host" to arrive (9.232-33).*[46]

Para Reece, essa conduta negativa dos itacense é apenas a parte inicial de um processo de violações recíprocas dos costumes de hospitalidade que se estende por todo o episódio e tem na inclinação de Polifemo para comer os hóspedes, em vez de oferecer-lhes uma refeição, seu ponto culminante.[47] Já para van Wees, tal conduta não significaria propriamente uma violação aberta dos costumes de *kseinía*, mas indicaria uma disposição para explorá-los de maneira oportunista para garantir ganhos. Assim, em um comentário acerca do avanço dos cefalênios sobre a morada e os bens de Polifemo, esse estudioso afirma:

> *Perhaps this is not so much an indication of high standards of hospitality (so Heubeck 1989: ad 9.231) as a measure of the men's self-confidence: seven* [*sic,* na verdade doze, cf. v. 195] *armed men can take what they like and disregard their host's wishes. This, in combination with Odysseus' blunt request for a gift (...), suggests that a host may be intimidated into making gifts.*[48]

Assim, conforme aponta van Wees, tanto os atos praticados pelos cefalênios no interior da gruta de Polifemo como o fato de eles terem se dirigido para lá em um número tão expressivo sugerem que a intenção inicial de seu comandante era forçar sua presença na morada do eventual hospedeiro e garantir, pela intimidação, a oferta de (mais e melhores?) dádivas. Portanto, o que estaria representado, aqui, é a imposição de uma acolhida forçada e oportunista que beira um ato de razia. Trata-se, então, de uma acolhida que se assemelha, *mutatis mutandis*, àquela imposta pelos pretendentes à mulher e ao filho de Odisseu.[49]

---

[46] Reece (1993, p. 131-2). Cf. também Olson (1995, p. 51).

[47] Reece (*op. cit.*, p. 123-143) e, para um resumo conveniente, Jong (2001, *ad* ix, 195-542).

[48] van Wees (1992, p. 399, n. 147 e, acerca do uso oportunista dos costumes de hospitalidade, p. 232-37). Vale notar que, assim como Newton (*infra*, n. 52), van Wees entende que Odisseu e seus camaradas teriam consumido também alguns animais do ciclope.

[49] Acerca da comparação com os pretendentes, cf. Bakker (2013, p. 53, 71-2). Para uma interpretação diferente, mas que também vê nos atos de Odisseu e seus camaradas uma combinação entre os protocolos

Diante desse quadro, não parece estranho que, uma vez constatada a ausência dos eventuais residentes, os camaradas do filho de Laertes proponham abandonar qualquer vestígio de comportamento hospitaleiro e entregar-se à pilhagem direta dos bens de Polifemo (v. 225-7). Acerca desse passo, embora o texto não explicite as motivações de tal proposta, o fato de ela ser formulada como uma súplica (cf. *líssonto*, v. 224) sugere que os camaradas pressentiram algo da natureza monstruosa de seu anfitrião.[50] Por outro lado, convém notar que tal apreensão (se real) não parece ser um elemento realmente determinante para os camaradas, pois eles não sugerem a evasão com aquilo que fosse possível carregar de imediato, mas sim a tomada inicial de parte dos queijos e, na sequência, o retorno para furtar reses. Portanto, o fator atuante aqui parece ser bem mais do que apenas receio. Na verdade, o que está em jogo é a oportunidade de praticar uma pilhagem fácil e, assim, se apoderar dos magníficos frutos do trabalho do ciclope.[51]

Porém, como revela a sequência do texto, Odisseu resolve frear os impulsos predatórios imediatos de seus homens e tenta manter as relações entre os cefalênios e o seu eventual anfitrião sob a cobertura dos costumes da hospitalidade. Assim, embora ele se permita invadir a morada de Polifemo com um numeroso bando armado, ele respeita os preciosos animais e se contenta apenas com a predação de parte dos queijos, tomando o cuidado de dar a esse ato de usurpa uma forma pia ao precedê-lo de uma oferta aos

---

de hospitalidade e um ato de pirataria, cf. Newton (2005, p. 139 e 144, n. 17). A título de comparação, ressalte-se que, durante a visita de Telêmaco a Pilos, apenas ele e Atena/Mentor se dirigem ao grupo de Nestor e, posteriormente, a morada deste (iii, 12-35, 386-89). Os restantes companheiros permanecem junto à nau e apenas são acolhidos entre os pílios por ocasião do sacrifício solene à Atena (v. 418-32; xv, 202-17). Uma situação parecida ocorre no relato fictício (mas verossímil) da estadia de Odisseu e seus camaradas como hóspedes de Aetão/Odisseu em Creta (xix, 183-202). Também nesse caso, é feita uma clara distinção entre a hospitalidade concedida a Odisseu, acolhido na própria morada do cretense (v. 194-5), e aquela ofertada aos seus sócios. Estes, talvez permanecendo junto ao navio, recebem apenas víveres (196-98). Vale recordar ainda que, tanto no retorno dos cefalênios à morada de Eolo (x, 56-60) como nos episódios dos lotófagos (ix, 87-90) e dos lestrigões (x, 100-3), o grupo de suplicantes ou de batedores é composto apenas por três homens. Por fim, ressalte-se que a única outra situação na qual um grupo numeroso dirige-se à morada de outrem é aquela da acolhida funesta dos vinte e dois batedores cefalênios por Circe (x, 203-38). Nesse caso, o envio de uma quantidade tão numerosa de batedores talvez possa ser relacionada mais ao estado de espirito temeroso dos (já escaldados) cefalênios do que a um desejo de demostrar força.

[50] Talvez ao atentarem para as dimensões da caverna e do cercado, cf. *hýpsēlón* e *hýpsēlḗ*, v. 183 e 185.

[51] Para uma leitura atenta da admiração de Odisseu e seus camaradas diante dos bens de Polifemo, cf. Bakker (2013, p. 66).

deuses.[52] Contudo, vale notar que, apesar do tom moralista conferido pelo filho de Laertes ao relato, ele não apresenta a sua recusa da solicitação dos companheiros como baseada em algum preceito moral relativo à sacralidade do *oîkos* de seu anfitrião ou como resultante do temor de uma punição da parte de Zeus *kseínios*.[53] Antes, ele a justifica com base nas mesmas motivações expressas anteriormente, a saber: o desejo de encontrar o forasteiro e, assim, obter dele *kseínia* (v. 228-9).

À primeira vista, essa atitude de Odisseu pode parecer estranha e um tanto inconsistente com o caráter oportunista da sua visita ao ciclope, afinal é difícil imaginar quais dádivas ele poderia obter de Polifemo que seriam mais valiosas do que os cabritos e ovelhas que ele se recusou a levar. Contudo, cumpre lembrar que uma dádiva de hospitalidade comporta mais do que um valor estritamente material, já que constitui um símbolo visível do grau de deferência/estima (*timḗ*) atribuído por um anfitrião ao seu hóspede.[54] O mesmo se aplica também quando os *kseínia* não são bens móveis, mas são representados pela oferta básica da recepção, cujos componentes — alimento, abrigo, proteção e ajuda para prosseguir a jornada — podem variar bastante, em quantidade e/ou qualidade, de acordo com o grau de deferência atribuído ao hóspede.[55]

Tais fatos explicam por que a perspectiva de *kseínia* pôde parecer mais atraente para o filho de Laertes do que o roubo imediato dos queijos e reses de Polifemo.[56] Ao

---

[52] Cf. *thýo* no v. 231. Nessa leitura, a oferenda de queijos praticada por Odisseu e seus homens se aproximaria, de certa forma, do sacrifício cínico das vacas do sol efetuado apenas pelos companheiros sob a instigação de Euríloco (xii, 339-365). Ainda acerca desse ponto, cf. Newton (2005, p. 144, n. 17), que levanta a hipótese de a oferenda em questão envolver não apenas queijo, mas constituir "*a euphemistic cover-up for his killing and eating o fone or more of the Cyclops' lambs*". Trata-se, aqui, de uma hipótese que não encontra suporte nem no sentido específico de *thýo* (cf. Chantraine, 1999, *s.v.* e *schol.* H *ad* ix, 231), nem na sequência do texto, que especifica que os homens consumiram apenas os queijos.

[53] Para a noção de que a supervisão acordada por Zeus as relações de hospitalidade também envolveria a proteção do anfitrião (*kseinodókon*) contra eventuais crimes de seu hóspede, cf. III, 349-54. Para o tom moralista da narrativa de Odisseu, cf. Jong (2001, p. 233) e Olson (1995, 50-53).

[54] Acerca desse ponto, cf. *supra*, p. 25-26. Para uma exploração das qualidades e condições que atuam na determinação da deferência/estima/honra (*timḗ*) de um determinado indivíduo, entre elas o temor que ele é capaz de inspirar, cf. van Wees (1992, p. 69-77).

[55] Para os diversos graus de recepção atestados em Homero, cf. van Wees (1992, p. 235-6).

[56] Conforme aponta van Wees (1992, p. 247). Cf. também Olson (1995, 49-53), que vê na frequente diferença de propósitos entre Odisseu e seus homens um reflexo de divisões sociais, e Louden (1999, p. 14-16, 76-81, 94 e 157, n. 49), que entende o mesmo fenômeno como resultante de uma polaridade de

mesmo tempo, eles também ajudam a entender por que, após ter seu pedido de "recepção ou mesmo um regalo" (ξεινήϊον ἠὲ καὶ ἄλλως ... δωτίνην, v. 267-8) desconsiderado e ridicularizado — além de ter a sua condição de suplicante ignorada, presenciar seis de seus companheiros serem comidos e ter sido tratado por 'vil' e 'nulo' (κακός e οὐτιδανός, v. 453 e 460) —, Odisseu, logo que tem a chance, resolve acatar a sugestão inicial de seus camaradas e se apoderar dos animais do ciclope, como mostra o passo abaixo (v. 462-472):

"ἐλθόντες δ' ἠβαιὸν ἀπὸ σπείους τε καὶ αὐλῆς
πρῶτος ὑπ' ἀρνειοῦ λυόμην, ὑπέλυσα δ' ἑταίρους.
καρπαλίμως δὲ τὰ μῆλα ταναύποδα, πίονα δημῷ,
(465) <u>πολλὰ περιτροπέοντες ἐλαύνομεν</u>, ὄφρ' ἐπὶ νῆα
ἱκόμεθ'· ἀσπάσιοι δὲ φίλοισ' ἑτάροισι φάνημεν,
οἳ φύγομεν θάνατον· τοὺς δὲ στενάχοντο γοῶντες.
ἀλλ' ἐγὼ οὐκ εἴων, ἀνὰ δ' ὀφρύσι νεῦον ἑκάστῳ,
κλαίειν· ἀλλ' ἐκέλευσα θοῶς καλλίτριχα μῆλα
(470) πόλλ' ἐν νηῒ βαλόντας ἐπιπλεῖν ἁλμυρὸν ὕδωρ.
οἱ δ' αἶψ' εἴσβαινον καὶ ἐπὶ κληῖσι καθῖζον·
ἑξῆς δ' ἑζόμενοι πολιὴν ἅλα τύπτον ἐρετμοῖς."

"Afastados um pouco da gruta e da cerca,
primeiro do carneiro me soltei e soltei os companheiros.
Ligeiro, os carneiros e bodes pé-fino, fartos em gordura,
(465) muitos rodeando, guiamos até à nau
chegar: nossos companheiros ficaram felizes conosco,
que escapamos da morte; aos outros deploravam, gemendo.
Mas não permiti – com as celhas, negava a cada um – que
chorassem, e ordenei que, rápido, o rebanho bela-pelagem
(470) se lançasse na nau, e se navegasse pela salsa água.
Logo embarcaram, sentaram-se junto aos calços,
e, alinhados, golpeavam com remos o mar cinzento."

Curiosamente, essa natureza oportunista da razia de gado pretendida e, depois, efetuada pelos cefalênios tem sido em geral desconsiderada ou mal compreendida por

naturezas entre o filho de Laertes e seus camaradas: enquanto o primeiro é geralmente capaz de exercer autocontrole; os últimos (assim como os pretendentes) seriam caracterizados pela ausência dessa capacidade e, consequentemente, por um apetite exagerado e pela incapacidade de observar preceitos ou interdições divinas (tal como a proibição de consumir o gado do sol).

parte da tradição interpretativa. Assim, Heubeck, ao comentar que as razões para o roubo final dos animais não são claras, procura explicá-lo com base em uma homologia com a ação típica de despojamento dos vencidos nas *aristeíai*. Já Bakker afirma que esse ato é "*contrary to all common sense if Odysseus wants total silence in order not to betray their whereabouts to the cyclops*" e, dessa forma, apenas pode ser explicado com base no tema/motivo burkertiano do mestre dos animais. Ademais, esse mesmo autor vê no pedido inicial dos companheiros para roubar gado uma incitação ao "*unlawful consumption of someone's else livestock*" e chega a defender que o banquete final de Odisseu e seus camaradas com o gado surrupiado apresentaria uma natureza transgressiva e, assim, não seria sancionado por Zeus.[57]

Ora, essas interpretações parecem desconsiderar a naturalidade e legitimidade (observadas certas limitações) do ato de razia não retaliatória nos poemas homéricos e o profundo impulso de acumulação de riquezas que caracteriza o comportamento de vários de seus heróis e de Odisseu em particular.[58] Trata-se, aqui, de um personagem, vale lembrar, que havia pouco antes atacado e destruído a *pólis* costeira dos cícones aparentemente apenas para angariar butim (ix, 39-42) e que, em um discurso posterior a Penélope, afirma que pretende repor parte das reses consumidas pelos pretendentes por meio de rapinas (xxiii, 350-58), cito:[59]

(350) "ὦ γύναι, ἤδη μὲν πολέων κεκορήμεθ' ἀέθλων
ἀμφοτέρω, σὺ μὲν ἐνθάδ' ἐμὸν πολυκηδέα νόστον
κλαίουσ'· αὐτὰρ ἐμὲ Ζεὺς ἄλγεσι καὶ θεοὶ ἄλλοι
ἱέμενον πεδάασκον ἐμῆς ἀπὸ πατρίδος αἴης.
νῦν δ' ἐπεὶ ἀμφοτέρω πολυήρατον ἱκόμεθ' εὐνήν,
(355) κτήματα μέν, τά μοί ἐστι, κομιζέμεν ἐν μεγάροισι,
μῆλα δ', ἅ μοι μνηστῆρες ὑπερφίαλοι κατέκειρον,
πολλὰ μὲν αὐτὸς ἐγὼ ληΐσσομαι, ἄλλα δ' Ἀχαιοὶ

[57] Cf. Heubeck (In: Heubeck *et alii*, 1989, *ad* ix, 464-6) e Bakker (2013, p. 67, grifo meu).

[58] Acerca do profundo impulso de acumulação que caracterizaria os heróis homéricos, cf. van Wees (1992, p. 105-106).

[59] Vale lembrar que os cícones são citados no catálogo das naus como aliados dos troianos (II, 846-7). Apesar disso, não há nenhuma indicação de que o ataque cefalênio seria motivado pelo papel dos cícones no conflito troiano. Pelo contrário, o emprego da fórmula φέρων ἄνεμος ... πέλασσεν (em ix, 39, comparar com iii, 300, vii, 277 e xv, 482) mostra que a frota cefalênia chegou a Ísmaros de forma involuntária, o que sugere que o assalto seria uma agressão oportunista e motivada apenas pelo desejo de butim.

δώσουσ', εἰς ὅ κε πάντας ἐνιπλήσωσιν ἐπαύλους."

(350) "Mulher, já estamos saciados de muitas provas,
os dois, tu aqui, meu retorno muita-agrura
pranteando; mas Zeus e outros deuses a mim, aflito,
ansiando, longe me seguravam da terra pátria.
Agora, após alcançarmos, os dois, o leito desejado,
(355) dos bens que tenho cuida no palácio,
e ovelhas, as que soberbos pretendentes devastaram,
muitas eu mesmo apresarei, e outras os aqueus
nos darão até terem enchido todos os currais".

Conforme aponta van Wees, tais apresamentos possivelmente teriam lugar ao longo de expedições privadas e não retaliatórias de obtenção de butim contra alvos externos à comunidade cefalênia.[60] O fato de esse tipo de empreendimento — um ato de *lēisteía,* rapina ou pirataria (cf. *egò* *lēíssomai*, v. 357) — não constituir um demérito ou um motivo de opróbio para um membro da elite como Odisseu é ilustrado pela primeira parte do relato (fictício, mas verossímil) que o mendigo/Odisseu faz ao porqueiro Eumeu acerca de seu passado em Creta (xiv, 199-239).

Em tal relato, o mendigo cretense — filho de um membro da elite e de uma escrava, preterido pelos irmãos na divisão da herança do pai, mas que obteve um casamento vantajoso devido ao seu valor (*aretḗ*) — relata com orgulho como a sua capacidade guerreira, particularmente apta para planejar emboscadas (*lokhoí*), lhe permitiu liderar nove expedições de razia contra homens de outras terras. E relata, ainda, como o sucesso em tais empreendimentos, e o consequente enriquecimento do seu domínio (*oîkos*), o tornaram temido e respeitado (*deinós t' aidoîós te*, v. 234) entre seus conterrâneos, acabando por lhe garantir um lugar na elite local e a obrigação, imposta

[60] "*Since the booty is meant to compensate him for the livestock lost during his absence, he probably intends to take the initiative and rustle some foreigner's sheep, rather than wait for a war to breakout and provide him with an opportunity to take booty. But we cannot be sure*", van Wees (1992, p. 390, n. 92). Ao afirmar que Odisseu "*will not conduct these raids by himself but anticipates receiving a heftier share of the booty*", Ready (2007, p. 22, n. 44) fornece um claro testemunho de uma tendência da tradição interpretativa para forçar nos heróis homéricos uma moralidade que é estranha ao texto dos poemas.

pelo *dêmos* de sua comunidade, de comandar o contingente cretense em Troia juntamente com Idomeneu.[61]

Mas se esse tipo de atividade, como mostra a gloriosa carreira do filho de Castor, parece proveitosa e totalmente legítima, ela comporta alguns limites? A esse respeito, vale citar por extenso os comentários precisos de Jackson:

> *"unprovoked piratical raiding was in principle widely acceptable (...). There were limits: those closely linked to the gods* [ou os próprios deuses, como demonstra o caso do ataque contra a boiada de Hélio] *or to oneself were out of bounds* [*e.g.,* membros da mesma comunidade ou de comunidades aliadas]. *Odysseus does not crudely rob the priest of Apollo at Ismarus, instead he accepts prestigious and valuable gifts from him (Od. IX 196-211). And when Antinous' father Eupeithes in company with Taphians raided the Thesprotians, who were friends of the Ithacans (Penelope has to stress this), the conspicuous rage of the Ithacan demos nearly lead to the death of this basileus (Od. XVI 421-430). This was partly no doubt because the Ithacans feared Thesprotian reprisals but also surely because of outraged feelings and awareness of the importance of friendship and the danger of betrayal. (...) Thus in the Homeric world and so probably in the early Greek one, one could raid but had to watch very carefully whom one raided. Raiding was not itself held to be evil, nor was it universally thought to be condemned by the gods."*[62]

---

[61] Assim, a primeira parte desse relato trata justamente de um caso de ascensão social efetuado por meio da prática da *lēisteía.* Acerca do valor dessa passagem para uma descrição daquilo que van Wees chama de *predatory warfare* — ou seja, a mobilização privada de combatentes, por parte de um líder local, para a participação em expedições não retaliatórias de aquisição de butim — e para o entendimento da diferença entre esse tipo de atividade bélica e aquela do *status warfare* — referente à mobilização pública (*i.e.,* autorizada ou sancionada pelo *dêmos* de uma dada comunidade) dos mesmos combatentes para atuarem em conflitos cujo pano de fundo é a competição por *status* entre comunidades (como o conflito troiano) — cf. van Wees (1992, p. 198-99 e 207-214).

[62] Jackson (1995, p. 97-8). Acerca de atos (reprováveis) de razia contra conterrâneos, conferir a fala de Príamo (XXIV, 253-264) na qual ele caracteriza seus filhos sobreviventes como mentirosos, dançarinos, peritos em coro e (talvez metaforicamente, cf. van Wees, *op. cit.*, p. 85-6) como predadores/rapinadores (*harpaktêres*) de cordeiros e cabritos do próprio povo. Em relação a essa última acusação, trata-se de uma queixa (conforme aponta Richardson, 1993, *ad* XXIV, 260-2) que aproxima tais personagens dos pretendentes de Penélope, também dedicados à rapina dos bens de um integrante da sua própria comunidade.

Retornando, agora, ao episódio em questão, a consideração do roubo dos animais do ciclope a partir do quadro esboçado acima retira desse ato qualquer indício de estranheza ou, mesmo, de ilegalidade (como parece sugerir Bakker). Pelo contrário, o comportamento de Odisseu e de seus camaradas, aqui, é perfeitamente compatível com padrões discerníveis em outros passos dos poemas homéricos, e o desejo deles pelos animais excepcionais do ciclope não precisa ser explicado como o reflexo de uma estrutura mítica original referente à obtenção do gado de uma criatura ínfera.[63] Ora, conforme observou atentamente Glenn, após dizer aos seus companheiros (na ilha das cabras) que desejava testar os habitantes do território vizinho e perder seis homens no processo, Odisseu simplesmente não podia voltar de mãos vazias.[64] Na verdade, essa chave de leitura para o comportamento dos cefalênios já havia sido antecipada pelo próprio Polifemo, quando, ao encontrar seu antro invadido por doze desconhecidos, lhes dirigiu as seguintes palavras (v. 252-5):

> '"ὦ ξεῖνοι, τίνες ἐστέ; πόθεν πλεῖθ' ὑγρὰ κέλευθα;
> ἤ τι κατὰ πρῆξιν ἦ μαψιδίως ἀλάλησθε
> οἷά τε ληϊστῆρες ὑπεὶρ ἅλα, τοί τ' ἀλόωνται
> ψυχὰς παρθέμενοι, κακὸν ἀλλοδαποῖσι φέροντες;"

> " 'Estranhos, quem sois? Donde navegastes por fluentes vias?
> Acaso devido a um assunto ou, levianos, vagais
> tal qual piratas ao mar? Esses vagam
> arriscando suas vidas, levando dano a gentes alheias"

---

[63] "*Ever since I was a child I have been angry with Odysseus for his sacrificing the good ram to whom he owes his life. But if the tale is seen within the general structure of the 'quest,' the object to be gained is precisely the flocks themselves, edible animals, and the solemn meal is the logical conclusion; the sacrifice",* Cf. Burkert (1979, p. 33).

[64] Glenn (1971, p. 172-3). É possível pensar que o roubo dos animais do ciclope também seria motivado por um desejo de vingança. De fato, uma intenção de vingança é indicada por Odisseu no v. 317 ("εἴ πως τεισαίμην"), após o ciclope comer pela primeira vez seus companheiros. Posteriormente, o herói vai além, procurando não só reafirmar sua honra e ampliar sua reputação, mas também chegando a se apresentar como o instrumento da retribuição divina pelas faltas cometidas por Polifemo contra os costumes de *kseínia* (v. 475-479, 502-5). Vale notar, contudo, que nessas duas altercações finais com o ciclope, a razia de gado sequer é mencionada. Tal omissão, ao meu ver, sugere que, ao contrário do cegamento, o roubo das reses não seria concebido por seu perpetrador como uma retaliação, mas apenas como uma consequência menor dessa.

Ao contrário de Polifemo, o público interno e externo dos *apólogoi* sabe que os cefalênios têm um propósito definido (voltar para Ítaca) e não vagam em busca de presas. Contudo, durante as suas errâncias forçadas, ao aproveitarem a oportunidade de saquear a *pólis* dos cícones e se apossar dos animais do ciclope, Odisseu e seus camaradas acabam por se comportar como *lēïstêres*, como saqueadores ou piratas.[65]

Resta comentar, ainda, um último aspecto do roubo dos animais de Polifemo que, tal como aquele referente a sua motivação, também contribui para dissipar a impressão inicial de alteridade total em relação às práticas de *boēlasía* perceptíveis na *Ilíada* e em outras partes da *Odisseia.* Refiro-me, aqui, ao fato de esse ato de apropriação de reses ocorrer sob o signo da *mêtis* e tomar a forma de um "*stratagem employing a small number of picked men and relying upon planning and dissimulation rather than speed and force*", ou seja, de um *lókhos*.[66]

A bem da verdade, a fuga e o consequente furto dos animais são apenas a última parte de uma série de estratagemas e ardis que permeiam toda a interação de Odisseu com Polifemo. Assim, Odisseu precisa, primeiro, resistir dolosamente (δολίοισ' ἐπέεσσι, v. 282) ao questionamento inicial (e nada ingênuo) de Polifemo quanto à localização de sua nau, a fim de evitar a destruição desta e dos companheiros que a guardam (279-286). Em seguida, após Polifemo começar a devorar os seus visitantes e decidir mantê-los presos

---

[65] Acerca do uso do mesmo bloco formular citado acima no contexto da recepção de Atena/Mentor e Telêmaco por Nestor (iii, 71-74), cf. van Wees (1992, p. 214), que interpreta o fato de esse questionamento não ser encarado como ofensa pelos seus destinatários como mais uma evidência da naturalidade, da ubiquidade e da falta de estigma da prática da razia ou do saque não retaliatório, seja ele marítimo ou terrestre, na poesia homérica. Vale notar que o mesmo bloco também é empregado no *H. H. a Apolo* (v. 453-6), durante a epifania do filho de Zeus aos marinheiros cretenses. Além dessas três instâncias, o termo *lēïstḗr* — cognato do substantivo *lēḯs* ('butim, saque'), do verbo *lēízdomai* ('levar como butim, saquear') e do adjetivo *lēïstós* ('saqueável') — ocorre em mais cinco passagens do *corpus* conservado da épica arcaica: em xv, 427 e xvi, 426 (aplicado a saqueadores táfios); em xvii, 425 (aplicado aos companheiros de razia do Odisseu/mendigo); no *H. H. a Deméter*, 125 (aplicado aos fictícios raptores de Deméter, disfarçada de anciã); no extenso *H. H. a Hermes*, 14 (aplicado ao pequeno deus ladrão); e no segundo *H. H. a Dioniso* (aplicado a saqueadores tirsênios). Acerca desse termo e das relações entre ele e o seu sinônimo posterior *peiratḗs*, cf. Pritchett (1991, 316-318) e Souza (1999, p. 1-12). Para as possíveis práticas de *lēisteía* (incluindo razias de gado) lideradas por Aquiles na Tróade, cf. *supra*, p. 45, n. 3.

[66] Para a definição de *lókhos* reproduzida acima, a cargo de E. Edwards, e toda a problemática relativa à caracterização desse tema e das suas relações com a *boēlasía* e a ciclopia, cf. *supra* p. 84-91.

por meio do bloqueio da entrada com um rochedo descomunal, o filho de Laertes é compelido a encontrar um modo de impedir que o ciclope continue a matança sem, no entanto, incapacitá-lo para remover a rocha da entrada.[67]

Esse complexo desafio é resolvido por meio do estratagema do cegamento, um *lókhos* em si mesmo (v. 315-335 e 375-395), associado ao ardil da oferta prévia, ao ciclope, de um vinho irresistível e extremamente forte (345-361).[68] Tal vinho desempenha uma dupla função. Em primeiro lugar, ele facilita o ato do cegamento ao induzir na vítima um sono profundo (v. 371-74, 454 e 516). Além disso, ao embriagar Polifemo, também permite a Odisseu aproveitar-se de uma deixa fornecida pelo mesmo para plantar o famoso ardil do nome falso. Trata-se, aqui, de um ardil que aliena ainda mais o ciclope de seus semelhantes e, assim, impossibilita o recebimento de qualquer ajuda da parte deles.[69]

Vale notar que é justamente no momento em que esses ardis e estratagemas prévios se cruzam, produzindo resultados, que a *boēlasía* é mencionada pela segunda vez no episódio, como possibilidade. Passemos ao texto (v. 396-416):

> (396) "ἡμεῖς δὲ δείσαντες ἀπεσσύμεθ'. αὐτὰρ ὁ μοχλὸν
> ἐξέρυσ' ὀφθαλμοῖο πεφυρμένον αἵματι πολλῷ.

---

[67] Vale notar que, quando Odisseu e seus homens penetraram na caverna no dia anterior, a entrada estava livre (v. 215-224). Tal fato sugere que Polifemo costumava selar sua morada apenas durante a noite, talvez como uma precaução para evitar que as reses fêmeas recolhidas no interior (mas não em cercados, como os filhotes que os cefalênios encontraram imediatamente) saíssem. Desse modo, o bloqueio da entrada durante o dia seguinte, associado a alguns sinais de comportamento astuto por parte do ciclope (*e.g.,* o questionamento anterior que ele dirige a Odisseu e a sua tentativa de atrair o herói de volta com a oferta de *kseínia*) permitem questionar a imagem de tolo que a tradição interpretativa muitas vezes lhe atribuiu. Acerca desse ponto, cf. Werner (2004 p. 72).

[68] Cf. também ix, 196-215. Esses versos sugerem que a oferta do vinho de Marão fora concebido por Odisseu como um ato ambíguo desde a sua partida da ilha das cabras. De fato, dada a qualidade divina dessa bebida, ela se configura como uma oferta excepcional. Por outro lado, devido a sua forte concentração e potencial embriagante, ela se revela um artifício poderoso para 'circundar o juízo' (cf. περὶ φρένας ἤλυθεν, v. 361) e, assim, facilitar o contato com (ou a derrota de) um eventual anfitrião pouco amistoso. Contudo, conforme aponta Werner (2005, p. 12), é preciso não esquecer aqui que a natureza retrospectiva do relato permite ao herói conduzi-lo de modo a ressaltar sua *mêtis*. Acerca desse ponto, cf. também Jong (2001, *ad* v. 196-215).

[69] Cf. Jong (2001, *ad* v. 345-74). Para uma proveitosa análise de todos esses elementos (e dos restantes) a partir da comparação com os contos populares análogos conhecidos, cf. Glenn (1971).

τὸν μὲν ἔπειτ' ἔρριψεν ἀπὸ ἕο χερσὶν ἀλύων,
αὐτὰρ ὁ Κύκλωπας μεγάλ' ἤπυεν, οἵ ῥά μιν ἀμφὶς
(400) ᾤκεον ἐν σπήεσσι δι' ἄκριας ἠνεμοέσσας.
οἱ δὲ βοῆς ἀΐοντες ἐφοίτων ἄλλοθεν ἄλλος,
ἱστάμενοι δ' εἴροντο περὶ σπέος, ὅττι ἑ κήδοι·
'τίπτε τόσον, Πολύφημ', ἀρημένος ὧδ' ἐβόησας
νύκτα δι' ἀμβροσίην καὶ ἀΰπνους ἄμμε τίθησθα;
(405) **ἦ μή τίς σευ μῆλα βροτῶν ἀέκοντος ἐλαύνει;**
ἦ μή τίς σ' αὐτὸν κτείνει δόλῳ ἠὲ βίηφι;'
τοὺς δ' αὖτ' ἐξ ἄντρου προσέφη κρατερὸς Πολύφημος·
'ὦ φίλοι, Οὖτίς με κτείνει δόλῳ οὐδὲ βίηφιν.'
οἱ δ' ἀπαμειβόμενοι ἔπεα πτερόεντ' ἀγόρευον·
(410) 'εἰ μὲν δὴ μή τίς σε βιάζεται οἶον ἐόντα,
νοῦσόν γ' οὔ πως ἔστι Διὸς μεγάλου ἀλέασθαι,
ἀλλὰ σύ γ' εὔχεο πατρὶ Ποσειδάωνι ἄνακτι.'
ὣς ἄρ' ἔφαν ἀπιόντες, ἐμὸν δ' ἐγέλασσε φίλον κῆρ,
ὡς ὄνομ' ἐξαπάτησεν ἐμὸν καὶ μῆτις ἀμύμων."

(396) "Nós, com medo, recuamos. Mas ele a estaca
puxou do olho, salpicada de muito sangue.
Depois lançou-a para longe com as mãos, fora de si,
e alto chamava os ciclopes, que nas cercanias
(400) moravam em cavernas entre os picos ventosos.
Tendo ouvido o grito, cada um acorria de um lado,
e, de pé em torno da gruta, indagavam o que o afligia:
'O quê, Polifemo, tanto te perturba para assim gritares
através da noite imortal e tirar-nos do sono?
(405) **Por certo ninguém tange teus rebanhos contra tua vontade, não é?**
Por certo ninguém tenta matar-te com ardil ou violência, não é?'
A eles, então, do antro falou o poderoso Polifemo:
'Amigos, Ninguém tenta com ardil, e não com violência'.
Eles, em resposta, falavam as palavras plumadas:
(410) 'Se então ninguém a ti, que estás sozinho, violenta,
de modo algum, é possível evitar a doença de Zeus;
mas, tu, faze uma prece ao pai, o senhor Posêidon'.
Assim falaram, afastando-se, e meu coração sorriu,
pois meu nome enganou-os, e a impecável astúcia".

Além de fornecer o desenvolvimento mais memorável do motivo da oposição entre força e astúcia do *épos* arcaico, note-se que o trecho reproduzido acima antecipa o

furto das reses de Polifemo de maneira especial.[70] De fato, ao fazer os próprios ciclopes aventarem incredulamente a possibilidade de os sofrimentos do colossal (*pelōrios*, v.187) Polifemo terem sido motivados por uma razia de gado praticada por um mortal (*tis ... brotōn,* v. 405), o poeta engrandece de forma antecipada a futura façanha de Odisseu e realça (mais uma vez) a incrível potência de uma *mêtis* capaz de promover tamanha peripécia.[71]

Por fim, convém ressaltar que o passo em questão constitui uma juntura importante no relato da ciclopia, pois fornece as condições que motivarão o próximo, e mais tenso, embate entre o herói e o seu monstruoso anfitrião. Refiro-me aqui à sequência formada pela tentativa de Polifemo de capturar os cefalênios ao induzi-los a escapar da caverna (v. 415-19) e pela artimanha de Odisseu para burlar essa arapuca e evadir-se com seus companheiros (420-45), passo que reproduzo abaixo:

(415) "Κύκλωψ δὲ στενάχων τε καὶ ὠδίνων ὀδύνῃσι,
χερσὶ ψηλαφόων, ἀπὸ μὲν λίθον εἷλε θυράων,
αὐτὸς δ' εἰνὶ θύρῃσι καθέζετο χεῖρε πετάσσας,
εἴ τινά που μετ' ὄεσσι λάβοι στείχοντα θύραζε·
οὕτω γάρ πού μ' ἤλπετ' ἐνὶ φρεσὶ νήπιον εἶναι.
(420) αὐτὰρ ἐγὼ βούλευον, ὅπως ὄχ' ἄριστα γένοιτο,
εἴ τιν' ἑταίροισιν θανάτου λύσιν ἠδ' ἐμοὶ αὐτῷ
εὑροίμην· πάντας δὲ δόλους καὶ μῆτιν ὕφαινον,
ὥς τε περὶ ψυχῆς· μέγα γὰρ κακὸν ἐγγύθεν ἦεν.
ἥδε δέ μοι κατὰ θυμὸν ἀρίστη φαίνετο βουλή·
(425) ἄρσενες οἴιες ἦσαν ἐϋτρεφέες δασύμαλλοι,
καλοί τε μεγάλοι τε, ἰοδνεφὲς εἶρος ἔχοντες·
τοὺς ἀκέων συνέεργον ἐϋστρεφέεσσι λύγοισι,
τῇσ' ἔπι Κύκλωψ εὗδε πέλωρ, ἀθεμίστια εἰδώς,
σύντρεις αἰνύμενος· ὁ μὲν ἐν μέσῳ ἄνδρα φέρεσκε,
(430) τὼ δ' ἑτέρω ἑκάτερθεν ἴτην σώοντες ἑταίρους.
τρεῖς δὲ ἕκαστον φῶτ' ὄϊες φέρον· αὐτὰρ ἐγώ γε, –
ἀρνειὸς γὰρ ἔην μήλων ὄχ' ἄριστος ἁπάντων, –
τοῦ κατὰ νῶτα λαβών, λασίην ὑπὸ γαστέρ' ἐλυσθεὶς
κείμην· αὐτὰρ χερσὶν ἀώτου θεσπεσίοιο

[70] Acerca da oposição entre força e astúcia no passo em questão e do conjunto de trocadilhos que a enfatiza, cf. Jong (2001, *ad* v. 396-414).

[71] Acerca do emprego da combinação ἦ μή com um indicativo em orações interrogativas para exprimir *"l' incredulité dans des questions, où l'on attend le réponse non*", Cf. Chantraine (2015 [1953], § 483 b).

(435) νωλεμέως στρεφθεὶς ἐχόμην τετληότι θυμῷ.
ὣς τότε μὲν στενάχοντες ἐμείναμεν Ἠῶ δῖαν.
ἦμος δ' ἠριγένεια φάνη ῥοδοδάκτυλος Ἠώς,
καὶ τότ' ἔπειτα νομόνδ' ἐξέσσυτο ἄρσενα μῆλα,
θήλειαι δὲ μέμηκον ἀνήμελκτοι περὶ σηκούς·
(440) οὔθατα γὰρ σφαραγεῦντο. ἄναξ δ' ὀδύνῃσι κακῇσι
τειρόμενος πάντων ὀΐων ἐπεμαίετο νῶτα
ὀρθῶν ἑσταότων· τὸ δὲ νήπιος οὐκ ἐνόησεν,
ὥς οἱ ὑπ' εἰροπόκων ὀΐων στέρνοισι δέδεντο.
ὕστατος ἀρνειὸς μήλων ἔστειχε θύραζε,
(445) λάχνῳ στεινόμενος καὶ ἐμοὶ πυκινὰ φρονέοντι".

(415) "E o ciclope, gemendo e contorcendo-se em dores,
apalpando-a com as mãos, afastou a pedra da entrada
e ele, na entrada, sentou-se, após estender os braços,
esperando pegar um de nós entre as ovelhas que saíam.
Assim esperava, em seu juízo, que eu fosse tolo.
(420) E eu refletia como se daria a melhor solução,
se descobriria soltura da morte para mim e os demais
companheiros; todos os ardis, um plano eu tramava,
lutando pela vida, pois perto grande perigo havia.
Este, em meu ânimo, mostrou-se o plano melhor:
(425) havia carneiros machos, bem-nutridos, de espesso velo,
belos e grandes, carregados de roxa lã;
eles, quieto, juntos eu prendia com vime bem-trançado,
sobre o qual dormia o portento ciclope que ignorava regras –
e tomava três a três: o do meio levava um homem,
(430) os outros iam de cada lado, salvando os companheiros.
Três carneiros levavam cada herói; quanto a mim –
pois macho havia, de longe o melhor de todo o rebanho –,
agarrei-lhe as costas, sob o ventre felpudo enrolei-me
e me estendi; com as mãos, no prodigioso velo
(435) enroscado, sem cessar segurei-me com ânimo resistente.
Assim, gemendo, aguardamos a divina Aurora.
Quando surgiu a nasce-cedo, Aurora dedos-róseos,
então ao pasto disparavam carneiros e bodes,
e as fêmeas baliam nos cercados, não ordenhadas,
(440) os úberes a explodir. O senhor, torturado
por dor sinistra, apalpava o dorso de toda ovelha,
cada uma, de pé; isto ele, tolo, não percebeu:

> que os homens se agarravam ao peito das ovelhas lanosas.
> Último do rebanho, o carneiro passava pela entrada,
> (445) repleto de lã e de mim, com pensamentos cerrados".

No passo acima, os cinco primeiros versos dão o tom de toda a sequência, pois revelam que aquilo que está em curso é (mais uma vez) um *agōn* entre Odisseu e seu monstruoso anfitrião.[72] Trata-se, aqui, de uma disputa que contrapõe, por um lado, a força colossal e a astúcia grosseira de Polifemo — afinal, remover a pedra da entrada de modo a instigar uma fuga desesperada e, em seguida, bloquear a passagem com o próprio corpo constituem, sim, um estratagema para compensar a deficiência causada pela perda da visão — à astúcia imensa e (por comparação com aquela do ciclope) força diminuta de Odisseu — que necessita dessa última para manter-se agarrado ao velo de seu carneiro.

Como dito anteriormente, o procedimento empregado por Odisseu para vencer esse *agōn* — o que lhe permitirá não só escapar, mas também apropriar-se dos animais — se conforma ao esquema narrativo caracterizador dos *lókhoi*, conforme descrito por E. Edwards e também por C. Dué e M. Ebbott.[73] Assim, é importante notar, aqui, que o trecho reproduzido acima concentra vários dos elementos integrantes desse esquema, tais como:

a) uma etapa de planejamento, na forma de uma cena de deliberação (v. 420-24), que ressalta o caráter extremo da situação enfrentada e, assim, enfatiza a natureza antiaporética do plano (*boulḗ/mêtis/dólos*) a ser adotado;
b) uma etapa de ocultação, aqui na forma do disfarce sob os carneiros, e de espera penosa (especialmente no caso de Odisseu) pelo momento certo para o ato de fuga (v. 425-436);[74]
c) o momento da ação propriamente dita (v. 437-445) que, no trecho atual, não se caracteriza como um ataque súbito, mas como uma duplicação da etapa anterior: os cefalênios devem aguardar o momento certo para se

---

[72] Vale ressaltar que essa leitura do trecho em questão por meio de uma chave agônica é sugerida pelos comentários do próprio Odisseu nos v. 419 e 441-2.

[73] Cf., *supra*, p. 84-88.

[74] Para outro *lókhos* no qual animais são empregados como disfarce, conferir a tocaia de Menelau e seus camaradas, escondidos sob peles de focas, contra Proteu (iv, 360-464). Acerca do emprego de animais vivos ou (a solução mais frequente) peles nos contos análogos atestados, cf. Glenn (1971, p. 167-9). Por fim, para um tratamento desse elemento a partir do esquema interpretativo do Mestre dos Animais, cf. Burkert (1979, p. 33).

> desvencilhar das ovelhas, suportando toda a pressão física e psicológica até que os animais tenham atravessado a entrada e atingido uma distância segura de Polifemo.

Vale notar que o ordálio de Odisseu, aqui, é bem mais difícil do que aquele de seus companheiros. Afinal, como resultado da sua condição de líder, ele é o único a ter que suportar todo o processo de fuga pendurado sob o ventre do seu carneiro, e não amarrado como os companheiros. Além disso, ao selecionar para si a melhor (*áristos*, v. 433) rês, ele calhou de escolher o animal preferido do ciclope, o que resultou em um período adicional de sofrimentos durante o longo desabafo de Polifemo ao seu carneiro favorito (v. 446-461). Trata-se, aqui, de um desenvolvimento consistente tanto com a estrutura geral do *lókhos* como com a caracterização tradicional de Odisseu como o herói *polýtlas* (muito-resistente).[75]

Por fim, na sequência do episódio (v. 462-472, já reproduzidos), o escape dos cefalênios do antro do seu monstruoso anfitrião dá lugar a um evento totalmente furtivo e oportunista de apropriação de reses.[76] Tal transformação, vale ressaltar, é enfatizada por meio de dicção típica de situações de *boēlasía*. Assim, note-se que o segmento πολλὰ περιτροπέοντες ἐλαύνομεν, que ocupa a maior parte do v. 465 até a diérese bucólica, reúne em si dois elementos também associados a essa atividade em outros passos do *épos* arcaico. O primeiro deles é relativo ao emprego de *elaúnō* para indicar a ação de tanger o gado conquistado, um elemento também presente nas outras duas menções ao roubo potencial do gado de Polifemo.[77] Conforme apontado anteriormente, trata-se de um verbo frequente em contextos de *boēlasía* (mas não exclusivo), em especial quando os animais a serem tomados são bois.[78]

---

[75] Para um tratamento anterior (e mais amplo) dos elementos associados aos *lókhoi* presentes na ciclopia, cf. Dué e Ebbott (2010, p. 84-87).

[76] Acerca da raridade desse motivo nos contos populares análogos conhecidos, cf. nota 43 *supra*. Recorde-se que, no restante do episódio, se Polifemo é informado da fuga por Odisseu, por outro lado ele continua totalmente ignorante do roubo das reses.

[77] Cf. v. 224-5 (ἐρίφους τε καὶ ἄρνας /σηκῶν ἐξελάσαντας) e v. 405 (τίς σευ μῆλα βροτῶν ἀέκοντος ἐλαύνει).

[78] Conferir as passagens citadas nas p. 73-74, *supra*, que incluem também situações de razia conjunta de bois e *mêla*. Para a combinação entre *elaúnō* e *mêla* em contextos apenas de movimentação de rebanhos, cf. ix, 237 e 337 (εἰς εὐρὺ σπέος ἤλασε πίονα μῆλα, depois de A1, Polifemo faz seu rebanho entrar na gruta), ix, 312 (δειπνήσας δ' ἄντρου ἐξήλασε πίονα μῆλα, Polifemo toca seu rebanho para fora da gruta)

Quanto ao segundo, é preciso confessar, aqui, que ele é um tanto controverso, pois depende da interpretação da fórmula πολλὰ περιτροπέοντες. Essa estrutura, que recorre praticamente na mesma sede métrica (embora em um formato mais curto) em um passo do *H. H. a Hermes* (v. 542), tem sido frequentemente entendida como "voltando-se muitas vezes" e veicularia, assim, o temor dos cefalênios quanto a uma eventual perseguição do ciclope.

Contudo, outra proposta interpretativa — que encontra algum apoio em testemunhos da recepção antiga de Homero — sugere que a expressão em questão pode ser entendida como referente a um ato de cercamento das reses para reuni-las em um grupo compacto e, assim, facilitar a sua condução. Tal hipótese, se correta, aproximaria a fórmula em questão de expressões semelhantes presentes na descrição do evento de razia de gado do escudo de Aquiles e nos questionamentos dirigidos por Odisseu à *psykhḗ* de Agamenão e pela mesma àquela do pretendente Anfimedão, a saber: "ὦκα δ᾽ ἔπειτα/ τάμνοντ᾽ ἀμφὶ βοῶν ἀγέλας καὶ πώεα καλὰ / ἀργεννέων οἰῶν" (XVIII, 528-9, *supra* p. 79-80) e "βοῦς περιταμνόμενον/ομένους ἠδ᾽ οἰῶν πώεα καλά" (xi, 402 e xxiv, 112, *supra.* p. 117 e 34-35). Em ambos esses passos, o ato de *boēlasía* parece envolver um movimento de rodeio ou cercamento, expresso por *amphí ou perí*, por meio do qual os animais são apartados (de outras reses ou de seus pastores), reunidos e apropriados.[79]

Seja qual for a verdade acerca desse último ponto, o fato essencial é que a apropriação dos animais de Polifemo é o resultado direto de um procedimento totalmente inserido na "poética do *lókhos*".[80] Ora, se lembrarmos que esse procedimento é apenas o último de uma série de estratagemas e ardis empregados por Odisseu (incluindo o *lókhos*

---

e IV, 279 (ὑπό τε σπέος ἤλασε μῆλα, depois de B1, símile, pastor abriga seu rebanho em uma gruta ao perceber a aproximação de uma tempestade).

[79] Para a primeira possibilidade, cf. Heubeck (In: Heubeck *et alii*, 1989, *ad* v. 465), que cita, como paralelo, a outra única atestação de *peritropéō* (uma forma épica de *peritrépō*) em Homero, a saber: "ἡμῖν δ' εἴνατός ἐστι περιτροπέων ἐνιαυτὸς/ ἐνθάδε μιμνόντεσσι" ("mas para nós, que permanecemos aqui, esse é o nono ano revolvente"). Para a segunda, cf. Stanford (1996, *ad* ix, 465), *schol.* D *ad* ix, 465 ("περιτροπέοντες: περιτρέποντες, <u>συγκλείοντες</u>", grifo meu) e, especialmente, Mooney (1964, *ad Argonautica*, II, 143), que aponta as três estruturas homéricas citadas como modelos para o verso "ἤδη δ' ἄσπετα μῆλα περιτροπάδην ἐτάμοντο" ("[os heróis] já apartavam em um círculo/roda as reses inumeráveis"), integrante da narrativa da razia de gado praticada pelos argonautas contra os bébrices. Vale notar que a primeira possibilidade é aquela originalmente acatada por Werner (2014) em sua tradução, como mostra sua versão da estrutura em questão por "amiúde olhando em volta".

[80] Para essa expressão, cf. Due e Ebbott (2010, p. 31-3).

do cegamento) e que tal série se desenrola ao longo de uma 'cena' (a)típica de recepção resultante, por sua vez, de uma missão de reconhecimento/exploração, a estrutura polimórfica da ciclopia fica patente assim como sua semelhança com outro trecho do *épos* arcaico também coroado por uma apropriação furtiva, incidental e oportunista de animais. Refiro-me, aqui, à Dolonia, um episódio no qual, conforme já apontado no capítulo anterior, duas missões paralelas de reconhecimento/espionagem (da parte de Odisseu e Diomedes contra os troianos e de Dolão contra os aqueus) dão lugar a uma emboscada (de Odisseu e Diomedes contra Dolão), seguida, por sua vez, por uma investida razia em campo inimigo e, ao cabo, pelo furto dos magníficos cavalos de Reso.

4.3 Observações finais

Ao cabo de nossa análise, as semelhanças estruturais apontadas entre ciclopia e dolonia surgem como uma confirmação adicional de que a narrativa do furto das reses de Polifemo, apesar das suas várias idiossincrasias, não difere fundamentalmente, em motivações e modo de operação, da representação atribuída à *boēlasía* no texto iliádico.

Adicionalmente, o fato de um diagnóstico semelhante também poder ser formulado para a maior parte das situações odisseicas de razia de gado examinadas (com exceção daquela referente ao ataque contra Ísmaros e do roubo das éguas de Ífito) não parece surpreendente, tendo em vista que o modo de operação que caracteriza essa representação (o *lókhos*) ocupa um papel central tanto na economia narrativa da Odisseia como na carreira de seu principal herói: o astucioso e oportunista Filho de Laertes.

5 Conclusão

Ao longo desta tese, nos esforçamos por verificar se as constantes referências e narrativas de atos de roubo ou de razia de animais pastoris presentes na *Ilíada* e na *Odisseia* forneceriam indícios suficientes para afirmar que tal atividade, para além de um motivo frequente em vários testemunhos da cultura mitopoética grega, também poderia ser descrita como um tema do sistema poético subjacente à tradição do *épos* arcaico. Ao nos propormos tal objetivo, tínhamos a intenção de buscar uma 'chave de leitura' alternativa às abordagens demasiadamente diacrônicas e fragmentadoras que procuram explicar a presença e a função desses elementos, no *medium* poético da épica arcaica, a partir de uma incorporação (mais ou menos bem-sucedida) de estruturas míticas originárias.

Conforme apontado já na introdução desta tese, o primeiro e essencial passo para a execução de tais objetivos consistiu na decisão de empregar de maneira flexível o conceito oralista de 'tema', originalmente proposto por Albert G. Lord. Tal decisão — de modo algum uma originalidade, pois inspirada na prática usual (embora nem sempre explicitada) da crítica oralista contemporânea — acabou por se revelar acertada, pois permitiu a inserção, no campo de possibilidades coberto pelo referido conceito, de estruturas do *épos* arcaico que são recorrentes e apresentam um certo grau de dicção tradicional, mas que não são tão formalizadas e estruturadas como as famosas cenas típicas.

De fato, uma vez de posse de tal ferramenta analítica, empreendemos uma análise exaustiva das referências e narrativas de razia de gado iliádicas que mostrou ser justamente esse o estatuto da *boēlasía*, a saber: uma estrutura ou elemento do sistema poético homérico que, embora apresentando um grau não muito grande de regularidade em relação ao emprego de dicção estereotipada, apresenta uma forte consistência em relação a procedimentos narrativos e conteúdos tradicionais. Como efeito secundário, tal análise revelou ainda que esse (agora de pleno direito) tema está intimamente relacionado aos procedimentos de enfrentamento furtivo e ardiloso que costumam ser agrupados sob a alcunha *lókhoi*, a ponto de talvez se configurar como um subconjunto do mesmo.

Ainda acerca da relação entre *boēlasía* e *lókhos*, é importante registrar que a observação desse 'parentesco' permitiu caracterizar a primeira como um item do repertório poético do *épos* arcaico dedicado à representação de uma situação de

apropriação súbita e violenta de animais pastoris, mas também furtiva e, assim, profundamente associada à capacidade ambígua da *mêtis* ou astúcia.

Por fim, na última etapa de nossa investigação, a realização de um cotejo (ainda que breve) entre o modelo anteriormente proposto para a *boēlasía* e a evidência disponível no texto odisseico acabou por funcionar como uma confirmação adicional da razoabilidade e validade hermenêutica do primeiro. Tal resultado mostrou-se particularmente claro no tratamento do extenso episódio do roubo incidental dos animais de Polifemo.

De fato, uma vez consideradas a partir dessa nova 'chave hermenêutica', as particularidades desse episódio não precisam mais ser explicadas como o resultado da incorporação, no tecido épico, de uma estrutura mítica original referente à obtenção ou recuperação de gado retido no além. Pelo contrário, uma vez visto como mais uma multiforma dos temas vinculados do *lókhos/boēlasía*, o evento de razia de gado que integra esse episódio não parece diferir fundamentalmente, em motivações e modo de operação, dos padrões observáveis em outros passos da *Odisseia* e nos exemplares iliádicos da *boēlasía*.

Ao cabo, portanto, deste percurso analítico, gostaria de terminar esta tese com a indicação de dois possíveis objetos de investigação futura que permitirão aprofundar questões apenas aludidas ou totalmente não exploradas no texto atual, quais sejam:

1) A exploração das possíveis relações entre as diversas situações de razia de gado iliádicas e odisseicas e a narrativa-padrão (*story-pattern*) de cada um dos poemas.

   Trata-se aqui de um empreendimento mais palpável (e, por isso, talvez menos interessante) para a *Odisseia* do que para a *Ilíada*, tendo em vista que boa parte da narrativa do primeiro poema — conforme já amplamente documentado pela tradição interpretativa — é organizada de modo a provocar um efeito de espelhamento entre a conduta dos pretendentes (rapinadores/consumidores vorazes do gado de Odisseu) e aquela dos companheiros do líder cefalênio (rapinadores/consumidores vorazes do gado ismárico e daquele de Hélio).

   Já as possíveis ressonâncias entre os episódios de razia de gado da *Ilíada* e os padrões de enredo desse poema parecem mais difíceis de apreender. Em parte, isso pode ser um efeito do fato de, na *Ilíada*, o ato de

rapina não ser geralmente apresentado como um problema, afinal o pano de fundo do poema é uma situação de guerra. Além disso, em comparação com a *Odisseia*, a razia de gado aparece, aqui, como um tipo de acontecimento essencialmente lateral em relação às preocupações principais do enredo.

2) A ampliação do atual *corpus* odisseico por meio da inserção dos episódios relativos às desventuras de Melampo com o gado de Íficles/Fílaco (xi, 281-297; xv, 221-257) e da predação das vacas de Hélio pelos companheiros de Odisseu (xii, 261-414).

Em relação a esses dois (ou três) episódios, o primeiro ponto a considerar é o fato de eles terem sempre sido estudados por meio das abordagens 'extratextuais' criticadas nesta tese, seja com referência ao esquema burkertiano da obtenção do gado do além, seja com base nos hipotéticos esquemas míticos de razias de gado iniciatórias.

Contudo, tal como no caso dos episódios efetivamente abordados nesta tese, acreditamos que uma investigação oralista e pedestre desses dois (ou três) episódios pode se mostrar proveitosa. Com efeito, dado o fato de que, em ambos, o sucesso não propriamente do ato de razia, mas do retorno (de Melampo para Pilo, de Odisseu para casa) parece estar vinculado à capacidade de suportar passivamente sofrimentos (no caso de Odisseu, a fome; no caso de Melampo, o aprisionamento), é possível pensar que eles podem constituir um tipo especial de multiforma odisseica da *boēlasía,* que tomaria a forma de um *twist* radical desse tema.

Referências

Edições dos textos antigos

BERNABÉ, A. *Poetae epici graeci, testimonia et fragmenta.* Pars I. Stuttgart/Leipzig: Teubner, 1996.

DINDORF, Wilhelm/Guilelmus (ed.). *Scholia graeca in Homeri Odysseam.* Oxford: E. typographeo Academico, 1855, 2 vols.

ERBSE, H. (ed.). *Scholia graeca in Homeri Iliadem (scholia vetera)*. De Gruyter, 1969-88, 7 vols.

ERCOLANI, A. *Esiodo, Opere e giorni*. (introduzione, traduzione e commento). Roma: Carocci editore, 2010.

ERNST, N. *Die D-Scholien zur Odysee*. Kritische Ausgabe. Tese (Doutorado em Filologia Clássica) – Universität zu Köln: 2004.

EUSTATHII archiepiscopi Thessalonicensis commentarii ad Homeri Iliadem pertinentes (ed. M. van der Valk. Leiden: Brill, 1971-1987). In: PANTELIA, M. (ed.). *Thesaurus Linguae Graecae Digital Library*. Irvine: University of California. Disponível em: <http://stephanus.tlg.uci.edu/ >. Acesso em: 2012-2016.

FRAZER, J. G. *Apollodorus' Library*. Harvard University Press, 1921, 2 vols.

JONES, W. H. S; ORMEROD, H. A. *Pausanias' Description of Greece:* books III-V. London: William Heinemann/New York: G. P. Putnam's Sons, 1926. (Loeb Classical Library).

MERKELBACH, R.; WEST. *Fragmenta hesiodea*. Oxford University Press, 1967.

MOST, G. W. *Hesiod's Theogony, Works and Days, Testimonia*. Harvard University Press, 2006. (Loeb Classical Library).

MOST, G. W. *Hesiod's The Shield, Catalogue of Women, Other Fragments*. Harvard University Press, 2007. (Loeb Classical Library).

PERTUSI, A. *Scholia vetera in Hesiodi Opera et Dies.* (Milano: Vita e pensiero, 1955). In: PANTELIA, M. (ed.). *Thesaurus Linguae Graecae Digital Library*. Irvine: University of California. Disponível em: <http://stephanus.tlg.uci.edu/ >. Acesso em: 2012-2016.

RICHARDSON, N. *Three Homeric Hymns:* to Apollo, Hermes, and Aphrodite. Cambridge University Press: 2010.

THIEL, H. *Homeri Odyssea*. Hildesheim: Olms, 1991.

THIEL, H. van. *Homeri Ilias*. Iterum recognovit. Hildesheim: Olms, 2010.

WAGNER, R. *Mythographi Graeci, vol. I*: Apollodori bibliotheca. Editio Stereotypa/Editionis alterius. Stuttgart/Leipzig: Teubner, 1996.

WEST. M. L. *Hesiod's Theogony*. Edited with prolegomena and commentary. Oxford University Press, 1966.

WEST, M. L. *Hesiod's Works & Days*. Edited with prolegomena and commentary. Oxford University Press, 1978.

WEST, M. L. *Greek epic fragments*. Harvard University Press, 2003a. (Loeb Classical Library).

WEST, M. L. *Homeric Hymns, Homeric Apocrypha, Lives of Homer*. Harvard University Press, 2003b. (Loeb Classical Library).

Referências gerais

ADKINS, A. W. H. Homeric gods and the values of homeric society. *Journal of Hellenic Studies*, v. 91, p. 1-19, 1972.

ALDEN, M. *Homer beside himself:* para-narratives in the *Iliad*. Oxford University Press, 2000.

AMMONE, Stefano Dentice di Accadia. Omero e i suoi oratori: tecniche di persuasione nell'*Iliade*. De Gruyter, 2012.

ASSUNÇÃO, T. R. Boa comida como razão para arriscar a vida: o discurso de Sarpédon a Glauco (*Ilíada* XII, 310-328). *Nuntius Antiquus*, n. 1, 2008, p. 1-16.

AUSTIN, N. The function of the digressions in the *Iliad. Greek, Roman and Byzantine Studies,* vol. 7, p. 295-312.

BADER, F. Rhapsodies homériques et irlandaises. In: BLOCH, R. (ed.) *Recherches sur les religions de l'Antiquité classique*. Genebra: Librarie Droz/Paris: Librarie Champion, 1980 , p. 9-83.

BAKKER, E. J. *The meaning of meat and the structure of the Odyssey.* Cambridge University Press, 2013.

BENVENISTE, É. *Vocabulário das instituições indo-européias*. Trad. portuguesa por Denise Bottmann. São Paulo: Editora da Unicamp, 1995, 2 vols.

BRAVO, B. Les saisies licites dans le 'Monde Homérique'. In: Sulân: Représailles et justice privée contra des étrangers dans les cités grecques. *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa (Classe di Lettere e Filosofia),* serie III, vol. 10, 1980, p. 953-960.

BURGESS, J. S. *The tradition of the Trojan War in Homer and the Epic Cycle*. Jonhs Hopkins University Press, 2001.

BURKERT, W. *Sructure and history in Greek mythology and ritual.* California University Press, 1979.

BURKERT, W. *Religião grega na época clássica e arcaica*. Trad. portuguesa por M. J. Simões Loureiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

BUXTON, R. Imaginary Greek mountains. *Journal of Hellenic Studies,* v. 112, 1992, p. 1-15.

CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la Langue Grecque* (avec un *Supplément* sous la direction de Alain Blanc, Charles de Lamberterie e Jean-Louis Perpillou). Paris: Klincksieck, 1999. (1ere édition, 1968-80, 2 vols).

CHANTRAINE, P. *Grammaire homérique*. Tome II: Syntaxe. Nouvelle édition revue et corrigée par Michel Casevitz. Paris: Klincksieck, 20015.

CLARK, M. Formulas, metre and type-scenes. In: FOWLER, R. (ed.) *The Cambridge companion to Homer*. Cambridge University Press, 2004. p. 117-138.

CLAY, J. S. *The politics of Olympus.* 2nd ed. Bristol Classical Press: 2006 (1st ed., 1989).

CINGANO, E. A catalogue within a catalogue: Helen's suitors. In: HUNTER, R. (ed.) *The hesiodic Catalogue of Women:* constructions and reconstructions. Cambridge University Press, 2005, p. 118–52.

CINGANO, E.The death of Oedipus in the epic tradidion. *Phoenix,* v. 46, n. 1, 1992, p. 1-11.

CRISSY, K. Odysseus and the Bow: "Odyssey. *Classical Journal*, v. 93, n. 1, 1997, p. 41-53.

CUNLIFFE, R. J. A *Lexicon of the homeric dialect*. Oklahoma University Press, 1963.

CURTIS, P. *Stesichoros's Geryoneis.* Leiden: Brill, 2011.

DETIENNE, M.; VERNANT, J-P. *Métis*: as astúcias da inteligência. Trad. portuguesa por Filomena Hirata. São Paulo: Odysseus, 2008.

DICKEY, E. *Ancient Greek scholarship*: a guide to finding, reading, and understanding scholia, commentaries, lexica, and grammatical treatises, from their beginnings to the Byzantine period. Oxford University Press, 2007.

DONLAN, W. Homeric τέμενος and the land economy of the Dark Age. *Museum Helveticum*. v. 46, p. 129-145, 1989.

DONLAN, W. Reciprocities in Homer. *The Classical World,* v. 75, n. 3, p. 137-175, 1982.

DONLAN, W. The homeric economy. In: MORRIS, I. e POWELL, B. (eds.). *A new companion to Homer.* Leiden: Brill, 1997, p. 649-659.

DUÉ, C. e EBBOTT, M. *Iliad 10 and the poetics of ambush*. Washington: Center of Hellenic Studies/Harvard University, 2010.

DUMÉZIL, G. *Gods of the Ancient Northmen*. Edited by Einar Haugen. California University Press, 1973.

EDWARDS, A. T. *Achilles in the Odyssey.* Königstein: Anton Hain, 1985.

EDWARDS, A. T. *Hesiod´s Ascra.* Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 2004.

EDWARDS, M. W. *The Iliad:* a commentary. Vol. V. Cambridge University Press, 1991.

EDWARDS, M. W. Homer and Oral Tradition: The Type-Scene. *Oral Tradition*, n. 7/2, 1992, p. 284-330

FAGLES, R. *Homer's Odyssey*. Translated by Robert Fagles. Penguin Books, 2002 (ebook).

FENIK, B. *Typical battle scenes in the Iliad*: studies in the narrative techniques of homeric battle description. Wiesbaden: Franz Steiner, 1968

FINKELBERG, M. (ed.). *The Homer encyclopedia.* Blackwell, 2011, 3 vols.

FINLEY, M. I. Marriage, sale and gift in the homeric world. *Seminar,* School of Canon Law/The Catholic University of America*,* v. 12, 1954, p. 7-32.

FINLEY, M. I., *The World of Odysseus.* 2nd ed. New York: Penguin Books, 1978.

FOLEY, J. M. Oral tradition and its implications. In: MORRIS, I. e POWELL, B. (eds.). *A new companion to Homer.* Leiden: Brill, 1997, p. 146-173.

FOLEY, J. M. *Homer's traditional art.* Pennsylvania State University Press, 1999.

FRAME, D. *Hippota Nestor.* Washington: Center for Hellenic Studies/Harvard University Press, 2009

GANTZ, T. *Early greek myth:* a guide to literary and artistc sources. Johns Hopkins University Press, 1999, 2 vols.

GENNEP, Arnold van. *The rites of passage.* Tradução inglesa. Chicago: Chicago University Press, 1960.

GLENN, J. The Polyphemus Folktale and Homer's *Kyklôpeia*. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*. Baltimore, v. 102, 1971, p. 133-181.

GRAF, F. Initiation: a concept with a troubled history. In: DODD, D. B; FARAONE, C. A. (eds.) *Initiation in ancient Greek rituals and narratives*. Routledge, 2003, p. 3-24.

GRAZIOSI, B. e HAUBOLD, J. *Homer:* The resonance of epic. London: Duckworth, 2005.

GRAZIOSI, B. e HAUBOLD, J. *Iliad:* book VI. Cambridge University Press, 2010.

GUTZWILLER, K. The herdsman in early Greek poetry and myth. In: *Theocritus' pastoral analogies:* the formation of a genre. Wisconsin University Press, 1991, p. 23-44.

HAINSWORTH, B. *The Iliad:* a commentary. Vol. III. Cambridge University Press, 1993.

HANSEN, W. Homer and folktale. In: MORRIS, I.; POWEL, B (ed.). *A new companion to Homer*. Leiden: Brill, 1997, p. 442-462.

HAUBOLD, J. *Homer's people*: epic poetry and social formation. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HEUBECK, A; HOESKSTRA, A. A *Commentary on Homer's Odyssey*. Vol. II. Oxford University Press, 1989.

HEUBECK, A; WEST, S; HAINSWORTH, J. B. A *Commentary on Homer's Odyssey*. Vol. I. Oxford University Press, 1988.

HESK, J. Seeing in the dark: *kleos,* tragedy and perception in *Iliad* 10. In: LOVATT, H. e VOUT, C. *Epic visions*: visuality in Greek and Latin epic and its reception. Cambridge University Press, 2013, p. 32-59.

HESLIN, P. J. *Diogenes.* Disponível em https://community.dur.ac.uk/p.j.heslin/Software/Diogenes/

HORNBLOWER, S.; SPAWFORTH, A. *The Oxford classical dictionary*. 3rd. ed. Oxford University Press, 2003 (CD-ROM).

HOWE, T. *Pastoral politics:* animals, agriculture and society in Ancient Greece. Claremont, California: Association of Ancient Historians/Regina Books, 2008.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009 (1 CD-ROM).

ISAGER, S.; SKYDSGAARD, J. E. *Ancient Greek agriculture*: an introduction. London/New York: Routledge, 1992.

JACKSON, A. H. An oracle for raiders? *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, n. 108, 1995, p. 95-99.

JANKO, R. *The Iliad*: a commentary. Vol. IV. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

JENSEN, M. S. *Writing Homer:* a study based on results from modern fieldwork. Copenhagen: Det Kongelige Danske Videnskabernes Selskab, 2011.

JONG, Irene de. *A narratological commentary on the Odyssey*. Cambridge University Press, 2001.

JONG, Irene de. *Narratology & Classics:* a practical guide. Oxford University Press, 2014.

KAHANE, A; MUELLER, M.; et alii (eds.) *The Chicago Homer*. Northwestern University. Disponível em: <http://digital.library.northwestern.edu/homer/>. Acesso em: 2014.

KELLY, A. *A referential commentary and lexicon to Iliad VIII*. Oxford University Press, 2007.

KIRK, G. S. *The Iliad*: a commentary. Vol. I. Cambridge University Press, 1985.

KIRK, G. S. *The Iliad*: a commentary. Vol. II. Cambridge University Press, 1990.

KNOX, M. O. Huts and farm buildings in Homer. *The Classical Quarterly*, v. 21, n. 1, 1971, p. 27-31.

LACEY, W. K. Homeric ΕΔΝΑ and Penelope's ΚΥΡΙΟΣ. *Journal of Hellenic Studies,* v. 86, 1966, p. 55-68.

LEAF, W. *The Iliad*. 2nd ed. London: Macmillan, 1900-1902, 2 vols.

LIDDELL, H. G; SCOTT, R.; JONES, H. S. *Greek-English lexicon*. 9 ed. (with a revised supplement). Oxford University Press, 1996.

LINCOLN, B. The Indo-European cattle-raiding myth. *History of Religions*, n. 16, 1976, p. 42-65.

LONSDALE, S. *Creatures of speech:* lion, herding, and hunting similes in the *Iliad*. Stutgart: Teubner, 1990.

LORD, A. B. Epic singers and oral tradition. (edited by Gregory Nagy). Cornell University: N.Y. 1991.

LORD, A. B. *The singer of tales*. 2nd ed. (edited by Stephen Mitchell & Gregory Nagy). Harvard University Press, 2000 (1st ed., 1960).

LOUDEN, B. *The Odyssey*: Structure, Narration, and Meaning. 1999.

LOURENÇO, F. (trad.) *Homero, Odisseia*. Lisboa: Cotovia, 2003.

MALLORY, J.P.; ADAMS, D.Q. *Encyclopedia of Indo-European culture*. Routledge, 1997

MALTA, A. *A selvagem perdição:* erro e ruína na *Ilíada.* São Paulo: Odysseus, 2006.

MALTA, A. Sonho, realidade e a morte de Reso (*Ilíada 10,* v. 494-497). *Phaos.* Campinas, n. 10, 2010, p. 85-102.

MARTIN, R. Wrapping Homer up: cohesion, discourse and deviation in the *Iliad*. In: SHARROCK, A. e MORALES, H. (ed.). *Intratextuality: Greek and Roman textual relations*. Oxford University Press, 2003, p. 43-65.

McINERNEY, J. *The cattle of the Sun*: cows and culture in the world of the ancient Greeks. Princeton University Press, 2010.

MINCHIN, E. *Homeric Voices:*discourse, memory, gender. Oxford University Press, 2007.

MONTANARI, F. *Vocabolario della lingua greca*. 3 ed. Torino: Loescher, 2013 (1 CD-ROM).

MOONEY, George. *The Argonautica of Apollonius Rhodius*. Amsterdam: Adolf M. Hakkert, 1964.

MORRIS, I.; POWEL, B (ed.). *A new companion to Homer*. Leiden: Brill, 1997.

MOST, G. W. The Structure and function of Odysseus's *Apologoi. Transactions and Proceedings of the American Philological Association*. Baltimore, v. 119, 1989, p. 15-30.

MUELLER, M. *The Iliad*. 2nd ed. London: Bloomsbury, 2009.

NAGY, G. *Greek mythology and poetics*. Cornell University Press, 1990.

NEWTON, R. M. The ciconians, revisited (Homer, *Odyssey* 9.39-66). In: RABEL, J. (ed.) *Approaches to Homer, ancient and modern*. Swansea: Classical Press of Wales, 2005, p. 135-146.

NOBILI, C. *L´Inno omerico a Ermes e le tradizioni locali*. Milano: LED, 2011.

NUNES, C. A (trad.) *Homero, Odisseia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

NÜNLIST, R.; JONG, I. Homeric poetics in keywords. In: OLSON, D (ed.). *Homer's Iliad:* The Basel commentary, Prolegomena. De Gruyter, 2015, p. 164-176.

OLSON, D. *Blood and iron:* stories and storytelling in Homer's *Odyssey*. Leiden: Brill, 1995.

PANTELIA, M. (ed.). *Thesaurus Linguae Graecae Digital Library*. Irvine: University of California. Disponível em: <http://stephanus.tlg.uci.edu/ >. Acesso em: 2012-2016.

PAPAKONSTANTINOU, Z. Prizes in early archaic Greek sport. *Nikephoros,* n. 15, 2002, p. 51-67.

PARRY, A. (ed.) *The making of homeric verse*: the collected papers of Milman Parry. Oxford University Press, 1971.

PAVESE, C. O.; BOSCHETTI, F. A complete formular analysis of the homeric poems. 3 vols. Amsterdam: Adolf M. Hakkert, 2003.

PEABODY, B. *Winged Word*: a study in the technique of ancient Greek oral composition as seen principally through Hesiod's *Works and Days*. Albany: State University of New York Press, 1975.

PEDRICK, V. The paradigmatic nature of Nestor's speech in *Iliad* 11. *Transactions of the American Philological Association*. Baltimore, v. 113, 1983, p. 55-68.

PERRY, T. P. J. Sport in the Early Iron Age and Homeric Epic. In: CHRISTESEN, P.; KYLE, D. (eds.) *A companion to sport and spectacle in the Greek and Roman Antiquity.* Blackwell, 2014, p. 55-67.

PERYSINAKIS, I. N. Penelope's ΕΕΔΝΑ again. *The Classical Quarterly,* v. 41, n. 2, 1991, p. 297-302.

PETROPOULOS, J. C. B. *kleos in a minor key:* the homeric education of a litle prince. Washington: Center of Hellenic Studies/Harvard University Press, 2011.

PROPP, V. L. *Morfologia do conto maravilhoso* (seguida de *O estudo tipológico-estrutural do conto maravilhoso,* de E. M. Meletínski, de *Estrutura e a forma,* de Lévi-Strauss, e da resposta de Propp ao texto de Lévi-Strauss). 2 ed. Tradução portuguesa por Lúcia Pessôa da Silveira; organização e prefácio por Boris Schnaiderman. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

RAAFLAUB, K. A. Homeric society. In: MORRIS, I.; POWEL, B. (eds). *A new companion to Homer*. Leiden: Brill, 1997a, p. 624-646.

RAAFLAUB, K. Politics and interstate relations in the word of early Greek poleis: Homer and beyond. *Antichthon.* v. 31, 1997b, p. 1-27.

READY, J. Toil and trouble: the acquisition of spoils in the *Iliad*. *Transactions of the American Philological Association*. Baltimore, v. 137, n. 1, 2007, p. 3-43.

REDFIELD, James. *Nature and culture in the Iliad*: the tragedy of Hector. 2nd ed. Durhan/London: Duke University Press, 1994 (1st ed., 1975).

REECE, S. *The stranger's welcome*: oral theory and the aesthetics of the homeric hospitality scene. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1993.

RICHARDSON, N. *The Iliad*: a commentary. Vol. VI. Cambridge University Press, 1993.

RUNDIN, J. A politics of eating: feasting in early Greek society. *The American journal of Philology,* v. 117, n. 2, 1996, p. 179-215.

RUSSO, J.; FERNANDEZ-GALIANO, M.; HEUBECK, A. *Commentary on Homer's Odyssey*. Vol. III. Oxford University Press, 1992.

SAÏD, S. Les crimes des prétendants, la maison d' Ulysse et les festins de l' Odyssée. In: SAÏD, S.; DESBORDES, F. *et alli Études de littérature ancienne.* Paris : Presses de l' École normale supériore, 1979, p. 9-49.

SCHEID-TISSINIER, E. L'usage du concept de don dans la poésie homérique. *Métis*, v. 9-10, p. 401-416, 1994.

SCHEIN, S. L. Mythological allusion in the *Odyssey*: Heracles and the bow of Odysseus. In: *Homeric epic and its reception:* interpretative essays. Oxford University Press, 2015, p. 40-54.

SCHNAPP-GOURBEILLON, Annie. *Lions, héros, masques:* les representations de l' animal chez Homère. Paris: François Maspero, 1981.

SEAFORD, R. Introduction. In: GILL, C.; POSTLETHWAITE, N.: SEAFORD, R. *Reciprocity in Ancient Greece*. Oxford University Press, 1998, p. 1-11.

SEAFORD, R. *Money and the early Greek mind:* Homer, philosophy, tragedy. Cambridge University Press, 2004.

SERRA, O. *Hino Homérico a Hermes IV*. São Paulo: Odysseus, 2006.

SHERRAT, S. *Feasting in homeric epic. Hesperia,* v. 73, n. 2, 2004, p. 301-337.

SHEWAN, A. *The lay of Dolon.* London: Macmillan, 1911.

STANFORD, W. B. *Homer Odyssey* I-XII. Bristol Classical Press; 2nd edition, 1996.

TAPLIN, O. The shield of Achilles within the *Iliad*. *Greece and Rome*, v. 27, n. 1, 1980, p. 1-21.

TSAGALIS, C. *Epic grief*: personal laments in Homer's *Iliad.* De Gruyter, 2004.

ULF, C. The world of Homer and Hesiod. In: RAAFLAUB, K; WEES, H. van (eds). *A companion to Archaic Greece*. Blackwell, 2009, p. 88-9.

VALLEBELLA, M. G. Razzia di bestiame e iniziazione virile nei poemi omerici. *Sandalion,* v. 23-25, 2000-2002, p. 5-38.

VERGADOS, A. *The Homeric Hymn to Hermes.* Introduction, text and commentary. De Gruyter, 2013.

VIDAL-NAQUET. The black hunter and the origin of the Athenian *ephebia*. In: *The Black Hunter*: forms of thought and forms of society in the Greek world. Johns Hopkins University Press, 1986, p. 106-128.

VIDAL-NAQUET, P. Retour au chasseur noir. In VERNANT, J-P.; VIDAL-NAQUET, P. *La Grèce ancienne 3:* rites de passage et transgressions. Paris: Éditions Points, 2009, p. 215-252.

WALCOT, Peter. Cattle raiding, heroic tradition, and ritual: the Greek evidence. *History of Religions,* v. 18, n. 4, 1979, p. 326-351.

WATKINS, C. *How to kill a dragon: aspects of Indo-European poetics.* Oxford University Press, 1995.

WECOWSKI, M. *The rise of the Greek aristocratic banquet*. Oxford University Press, 2014.

WEES, H. van. *Status warriors*: war, violence and society in Homer and History. Amsterdam: Gieben, 1992.

WEES, H. van. The homeric way of war: the *'Iliad'* and the hoplite phalanx (I). *Greece & Rome*, v. 41, n. 1, 1994, pp. 1-18.

WEES, H. van. Princes at dinner: social event and social structure in Homer. In: CRIELAARD, J. P. (org.) *Homeric questions*: essays in philology, ancient history and archaeology, including the papers of a conference organized by the Netherlands Institute at Athens (15 May 1993). Amsterdam: Gieben, 1995, p. 147-182.

WEES, H. van. Homeric warfare. In: MORRIS, I. e POWELL, B. (eds.). *A new companion to Homer.* Leiden: Brill, 1997, p. 668-693.

WEES, H. van. Growing up in early Greece: heroic and aristocratic educations. In: SOMMERSTEIN, A.; ATHERTON, C. *Education in Greek Fiction.* Bari: Levante Editori, 1997, p. 1-20.

WEES, H. van. The law of gratitude: reciprocity in anthropological theory. In: GILL, C.; POSTLETHWAITE, N.: SEAFORD, R. (ed.). *Reciprocity in Ancient Greece.* Oxford University Press, 1998, p. 13-49.

WEES, H. van. *Greek warfare*: myths and realities. Bristol Classical Press, 2004.

WEES, H. van. The economy. In: RAAFLAUB, K; WEES, H. van (eds.). *A companion to Archaic Greece*. Blackwell, 2009, p. 444-467.

WEES, H. van. The invention of the female mind: women, property and gender ideology in Archaic Greece. In: WESTBROOK, R.; LYONS, D. *Women and property in Ancient Near Eastern and Mediterranean Societies.* Washington: Center of Hellenic Studies, 2005. Disponível em: < http://chs.harvard.edu/CHS/article/display/1219>. Acesso em: 2013.

WERNER, C. *Manobras poéticas entre a Ilíada e a Odisséia:* o caso de Odisseu. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – FFLCH-USP, São Paulo: 2004.

WERNER, C. Os limites da autoridade de Odisseu na Odisseia. *Calíope*. Rio de Janeiro, n.13, 2005, p. 9-29.

WERNER, C. Wives, widows and children: war victims in *Iliad* Book II. *L'Antiquité Classique.* Bruxelles, n. 77, 2008, p. 1-17.

WERNER, C. (introd. e trad.) *Homero, Odisseia.* São Paulo: Cosac Naify, 2014.

WEST, M. L. *Indo-European poetry and myth*. Oxford University Press, 2007.

WEST, M. L. *The Epic Cycle:* a commentary on the lost Troy epics. Oxford University Press, 2013.

WILLCOCK, M. *Homer's Iliad (I-XII).* Bristol Classical Press, 1998 (1st ed., 1978).

WILLCOCK, M. *Homer's Iliad (XIII-XXIV).* Bristol Classical Press, 1999 (1st ed., 1978).